

CRAIG
SILVEY

O SEGREDO DE

JASPER
JONES


intrínseca

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

CRAIG SILVEY

O segredo de Jasper Jones

TRADUÇÃO DE DOMINGOS DEMASI



Copyright © 2009 Craig Silvey

TÍTULO ORIGINAL

Jasper Jones

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Julio Moreira

PREPARAÇÃO

Ana Julia Cury

Elisa Nogueira

REVISÃO

Cristhiane Ruiz

REVISÃO DE EPUB

Letícia Féres

GERAÇÃO DE EPUB

Intrínseca

E-ISBN

978-85-8057-166-0

Edição digital: 2012

Todos os direitos reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-022 — Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



I

Jasper Jones veio até a minha janela.

Não sei por que, mas veio. Talvez esteja enrascado. Talvez não tenha outro lugar aonde ir.

De qualquer maneira, ele simplesmente me deixou borrado de medo.

Este é o verão mais quente de que consigo me lembrar, e o calor espesso parece penetrar e permanecer no meu quarto. É como se o centro da Terra fosse aqui. O único alívio é o ar mais frio que se infiltra por entre as ripas finas da minha única janela. É quase impossível dormir, portanto passei a maior parte das minhas noites lendo à luz do meu lampião a querosene.

Hoje não foi diferente. E, quando Jasper Jones bateu abruptamente nas ripas com o nó do dedo e sussurrou meu nome, pulei da cama, derrubando meu exemplar de *Pudd'nhead Wilson*.

– Charlie! *Charlie!*

Ajoelhei-me como um corredor, alerta e temeroso.

– Quem é?

– Charlie! Venha aqui fora!

– Quem é?

– É o Jasper!

– O quê? *Quem?*

– Jasper. *Jasper!* – Ele pressionou o rosto na direção da luz. Os olhos eram verdes e selvagens. Franzi o cenho.

– O quê? *Sério?* O que é?

– Preciso da sua ajuda. Venha aqui fora e eu explico – sussurrou ele.

– O quê? Por quê?

– *Jesus Cristo*, Charlie! Depressa! Venha aqui fora.

E, assim, aqui está ele.

Jasper Jones está à minha janela.

Tremendo, subo na cama e removo as ripas de vidro empoeiradas, empilhando-as sobre o travesseiro. Rapidamente, enfio uma calça jeans e apago o lampião com um sopro. Ao me espremer para fora do quarto, a cabeça primeiro, algo invisível puxa minhas pernas. É a primeira vez que ousa sair escondido de casa. A emoção, junto ao fato de que Jasper Jones precisa da *minha* ajuda, já faz desse momento algo maravilhoso.

Minha saída pela janela é um pouco como o nascimento de um potro. Uma queda estabanada e desajeitada sobre o canteiro de gérberras da minha mãe. Levanto-me rapidamente e finjo que não doeu.

É uma noite de lua cheia muito tranquila. Os cachorros da vizinhança provavelmente estão com calor demais para latir seu alerta. Jasper Jones está no meio do nosso quintal. Ele muda o pé de apoio do direito para o esquerdo, como se o chão estivesse se desfazendo.

Jasper é alto. Tem só um ano a mais do que eu, mas parece muito mais velho. Tem o corpo magro, mas bem-definido. Seu físico e seus músculos já foram trabalhados. O cabelo é uma confusão de tufos duros. É evidente que ele mesmo o corta.

Jasper Jones é grande demais para suas roupas. Sua camisa de botões está suja e prestes a rebentar, e a bermuda foi cortada logo abaixo dos joelhos. Não usa sapatos. Parece um náufrago numa ilha.

Ele dá um passo na minha direção. Dou um passo para trás.

– Tudo bem. Você está pronto?

– O quê? Pronto para quê?

– Já falei. Preciso da sua ajuda, Charlie. Vamos. – Seus olhos movem-se rapidamente; ele coloca o peso do corpo para trás.

Estou empolgado, mas tenho medo. Queria muito dar meia-volta, me enfiar pelo cu de cavalo do qual acabei de cair e me sentar em segurança no ventre quente que é meu quarto. Mas esse é Jasper Jones, e *ele* veio até *mim*.

– Tudo bem. Espere – digo, notando que meus pés estão descalços. Vou até a escada nos fundos da casa, onde estão minhas sandálias, bem-lavadas e perfeitamente alinhadas. Ao calçá-las, percebo que aquilo, usar sandálias afrescalhadas, é minha primeira demonstração de afeminação, e não demorou muito. Portanto, volto com o máximo de masculinidade que consigo reunir, o que, mesmo sob a luz da lua, deve lembrar algo como uma galinha com artrite.

Cuspo, fungo e assoo o nariz.

– Tá tudo bem? Você tá pronto?

Jasper não responde. Simplesmente se vira e caminha.

Eu o sigo.

Após escarmos a cerca nos fundos do quintal, seguimos morro abaixo para Corrigan. As casas se amontoam, cada vez mais próximas, e, então, param bruscamente quando chegamos ao meio da cidade. Tarde assim, a arquitetura é desolada e sem cor. Parece que perambulamos por um cartão-postal. Em direção à orla leste, após a estação ferroviária, as casas florescem novamente, e seguimos silenciosamente sob as luzes das ruas, que iluminam gramados e jardins. Não faço ideia sobre aonde vamos. Quanto mais avançamos, mais intensamente cresce minha apreensão. Contudo, há alguma coisa encorajadora em estar acordado quando o resto do mundo está dormindo. Como se eu soubesse algo que ninguém mais sabe.

Caminhamos por uma eternidade, mas não faço perguntas. Um pouco além da cidade, passando a ponte e a parte larga do rio Corrigan e entrando na área das fazendas, Jasper para e coloca um

cigarro na boca. Calado, ele agita o maço amarfanhado na minha direção. Eu nunca fumei. Certamente nunca me ofereceram um cigarro. Sinto um acesso de pânico. Querendo ao mesmo tempo recusar e impressioná-lo, por algum motivo decido apertar as palmas das mãos contra a barriga e inflar as bochechas enquanto balanço negativamente a cabeça para sua oferta, sugerindo já ter fumado tanto naquela noite que simplesmente estava cheio demais para mais um cigarro.

Jasper Jones ergue uma sobrancelha e dá de ombros.

Ele se vira e apoia o quadril em uma estaca de um portão. Enquanto Jasper traga a fumaça, olho além dele e reconheço o lugar. Dou um passo para trás. Ali, fantasmagoricamente ao luar, está a velha cabana de Mad Jack Lionel. Rapidamente, olho para Jasper. Mad Jack é um personagem responsável por muita especulação e intriga entre a garotada de Corrigan. Nenhuma criança nunca o viu de verdade. Há quem afirme, de peito estufado, tê-lo visto ou encontrado, mas essas pessoas são rapidamente expostas como mentirosas. Contudo, as falsas histórias e os boatos se entrelaçam delicadamente em torno de um único fato irrefutável: Jack Lionel matou uma jovem alguns anos atrás, e, desde então, nunca mais foi visto fora de casa. Ninguém entre nós conhece as verdadeiras circunstâncias do acontecido, mas teorias surgem regularmente. É claro que a extensão e a natureza dos seus crimes pioraram com o tempo, o que apenas acrescenta mais feno ao palheiro e enterra a agulha ainda mais fundo. Mas, enquanto o mito cresce, o mesmo acontece com o nosso medo do assassino louco escondido em sua casa.

Um teste popular de coragem, em Corrigan, é roubar algo da propriedade de Mad Jack Lionel. Pedras, flores e escombros de todo tipo são trazidos rapidamente e com orgulho da extensão de capim seco e alto do seu jardim para serem examinados com espanto. O feito mais raro e venerado, porém, é roubar um pêssego da enorme árvore, que parece a mão de um zumbi irrompendo da sepultura, e

fica ao lado da cabana. Roubar e comer um pêsego da propriedade de Mad Jack Lionel garante majestade instantânea. O caroço do pêsego é guardado como lembrança de um ato heroico e é admirado e invejado.

Fico pensando se estamos ali para cada um roubar um pêsego. Espero que não. Por mais que eu goste da ideia de elevar a minha posição, nasci sem velocidade ou coragem, ambas qualidades essenciais à operação. Além do mais, mesmo que por milagre eu conseguisse pegar um pêsego, tenho certeza de que ninguém, nem mesmo Jeffrey Lu, acreditaria em mim.

Entretanto, noto que Jasper olha atentamente para a casa. Ele joga o cigarro no chão com um peteleco e pisa-o.

– É isso? É para lá que a gente está indo? – pergunto.

Jasper se vira.

– O quê? Não. Não, Charlie, só paramos para um cigarro.

Tento ocultar o meu alívio enquanto olhamos para a propriedade de Lionel.

– Você acha que é tudo verdade? – pergunto.

– Sim, acho. É tudo besteira, a maior parte do que as pessoas dizem, mas acho que ele é mesmo maluco.

– Certeza – digo. Depois, fungo e cuspo outra vez. – Completamente maluco.

– Eu vi ele, sabe. Várias vezes. – afirma Jasper tão naturalmente que acredito nele. Abro um sorriso.

– Sério? Como ele é? É alto? Tem mesmo uma longa cicatriz descendo pelo rosto?

Mas Jasper apenas chuta um pouco de terra sobre o cigarro e dá meia-volta como se não me ouvisse. Estamos andando novamente.

– Vamos logo – diz ele.

Sigo, arrastando os pés.

•

Voltamos a caminhar junto ao rio. Seguimos por algum tempo para leste, ao longo das margens erodidas. Não falamos. Os cajeputes e eucaliptos que nos protegem parecem misteriosos e etéreos sob a luz prateada, e me flagro acompanhando o passo de Jasper.

Reconheço menos e menos a paisagem. As margens se tornam mais sujas e bagunçadas à medida que o rio se estreita, e pequenos arbustos se salpicam nas bordas. Em pouco tempo, estamos limitados a seguir um atrás do outro ao longo das estreitas trilhas de cangurus afastadas da água.

As passadas de Jasper são compridas e fortes. Sigo atrás dele, observando suas panturrilhas se contraírem na escuridão. Sua certeza e sua presença tornam fácil segui-lo. Ainda estou com medo, é claro, mas algo sobre estar na presença de Jasper é tranquilizador. Confio nele, mesmo, embora não tenha motivos, e isso me torna um entre poucos.

Jasper Jones tem uma péssima reputação em Corrigan. É um Ladrão, um Mentiroso, um Bandido, um Vagabundo. É preguiçoso e não se pode confiar nele. É selvagem e órfão, ou é como se fosse. Sua mãe está morta e seu pai não presta. Ele é o péssimo modelo que os pais usam para assustar os filhos: *Você vai acabar assim, se for desobediente*. Jasper Jones é o exemplo de até onde a falta de ambição pode levar.

Em famílias por toda a Corrigan, ele é o primeiro nome a ser culpado por qualquer problema. Seja qual for o delito, e a obviedade da culpa dos próprios filhos, os pais perguntam imediatamente: *Você esteve com Jasper Jones?* E, é claro, na maioria das vezes, os filhos mentem. Confirmam com a cabeça, pois o envolvimento de Jasper absolve-os instantaneamente. Significa que foram desencaminhados. Caíram na armadilha. E quando os casos são encerrados, o recado é simples: *Fique longe de Jasper Jones*.

Eu tinha ouvido Jasper Jones ser descrito como mestiço, o que nunca havia entendido realmente até mencionar isso certa noite, à

mesa do jantar. Meu pai é um homem sereno e razoável, mas essas palavras fizeram ele bater com os talheres na mesa e me encarar através dos seus óculos de grossos aros pretos. Ele me perguntou se eu sabia o que significava o que acabara de dizer. Eu não sabia. Então ele se acalmou e explicou.

Mais tarde, naquela noite, ele foi ao meu quarto com uma pilha de livros e, baixinho, me ofereceu o que desejei durante toda a minha vida: permissão para ler o que eu quisesse da sua biblioteca. As fileiras e pilhas de romances do meu pai me deixaram admirado desde que ele me ensinou a ler, mas ele sempre escolheu os livros que achava apropriados. Portanto, aquilo me pareceu importante, e ficou claro para mim que também era algo significativo para ele. Contudo, fiquei imaginando se ele fizera aquilo foi porque achava que eu estava crescendo ou se estava preocupado que Corrigan pudesse me seduzir a coisas que o perturbavam.

De qualquer modo, algo proibido fora liberado. Para começar, ele me deu uma pilha de volumes de escritores sulistas, encadernados em couro. Welty, Faulkner, Harper Lee, Flannery O'Connor. A maior parte da pilha, porém, eram obras de Mark Twain. Devia ter uma dúzia de livros dele.

Enquanto colocava os livros delicadamente sobre minha escrivaninha, meu pai me disse que Twain era o único motivo pelo qual ele ensinava literatura. Ele disse que não havia nada que esse escritor não pudesse nos ensinar e nada sobre o que não tivesse uma opinião. E que Twain era tão sábio quanto qualquer conselho e que, se cada homem, em algum momento da sua vida, lesse pelo menos um dos seus livros, o mundo seria muito melhor.

Em seguida, pressionou o polegar no meu topete, como às vezes fazia, passou a mão pelo meu cabelo e sorriu.

Era inverno. Agora, estou na metade da pilha de livros. Entendo por que ele os escolheu. Gostei muito do livro de Harper Lee, mas disse ao meu pai que *Huckleberry Finn* era o meu favorito. Comecei a ler *O som e a fúria*, mas tive de abandoná-lo. Para ser honesto,

não entendi nada do livro. Mas me recusei a perguntar ao meu pai. Não queria que ele pensasse que eu não sou inteligente o bastante.

Porque, na verdade, isso é tudo o que sempre tive. Corrigan é uma cidade cuja moeda social é o esporte. É nele que a maioria dos garotos encontra e mantém sua identidade. A mina emprega a maioria das pessoas, e a estação elétrica arrebanha o restante, o que significa que não há muita divisão de classes. Assim, os garotos estabeleceram uma hierarquia baseada em suas habilidades com uma bola, em vez das suas roupas ou do carro da família. Sou péssimo em esportes, e melhor do que a maioria nos estudos, o que me garante apenas raiva e ressentimento por parte dos meus colegas quando os boletins são distribuídos. Mas, pelo menos, sou superior a eles em alguma coisa, embora seja uma comemoração solitária.

É claro que isso também significa ser ignorado na maior parte do tempo. É pior para Jeffrey Lu, meu melhor e único amigo, que é mais novo, e menor e, para ser honesto, mais inteligente do que eu. Jeffrey pulou um ano e é meu principal adversário na disputa pelo primeiro lugar da classe, além de Eliza Wishart. Mas não me incomodo com eles. Muito menos com Eliza.

Os pais de Jeffrey são vietnamitas, então ele sofre um *bullying* impiedoso e apanha dos garotos na escola. Provavelmente, ele tem uma reputação ainda pior que a de Jasper. Mas lida com tudo isso espantosamente bem, o que sempre ameniza minha culpa, considerando que não sou corajoso o suficiente para intervir. Jeffrey é imperturbável. Tem um sorriso que você não consegue apagar, estapear ou arrancar do seu rosto. E, diferentemente de mim, ele nunca apela para delações ou ofensas. De certa maneira, ele é mais confiante do que qualquer um daqueles desgraçados vingativos com caroços de pêssego nos bolsos. Mas eu jamais lhe disse isso.

•

Quando Jasper Jones para e segura meu ombro, estremeço como se tivesse levado um choque. Empurro meus óculos para o alto do nariz e espero. Jasper abre caminho por entre um arbusto e me conduz. Estamos saindo da trilha. Hesito.

– Aonde vamos? Para que você precisa de mim?

– Não está muito longe, Charlie. Você vai descobrir.

Confio nele. Tenho de confiar. Vim longe demais. Se ele me deixasse aqui agora, eu jamais conseguiria voltar.

Não consigo ouvir o rio, e os galhos acima de nós encobriram o luar. Ao seguirmos adiante, acho cada vez mais difícil imaginar de que tipo de ajuda Jasper precisa. Não entendo que habilidade em particular posso oferecer. É uma estranha união, Jasper Jones e eu. Nós nunca nos falamos antes. Estou surpreso que ele saiba o meu nome, quanto mais onde eu moro. Ele raramente vai à escola; apenas o suficiente para se qualificar para o futebol. Eu só o vi a distância, por isso não posso deixar de me empolgar com esse senso de inclusão. Na minha cabeça, já estou compondo o que contarei para Jeffrey.

Estamos agora numa mata bem densa. O silêncio é sobrenatural. Jasper ainda não disse uma palavra sem que eu o incitasse, e suas respostas não passaram de explosões bruscas. Apesar da ausência de pontos de referência, ele parece saber exatamente aonde vai, e me sinto agradecido por isso. Mantenho-me próximo, atrás dele, como um cachorro fiel e sem coleira. Minha expectativa cresce. Pergunto-me se meus pais me ouviram sair. Não tenho certeza do que eles fariam se encontrassem meu quarto vazio. Lençóis embolados, cama exposta, ripas de vidro empilhadas. Precisariam deduzir que fui levado. Sequestrado. Nunca acreditariam que eu escapuli por vontade própria. Essa é, de longe, minha pior transgressão. Provavelmente, minha única transgressão.

E, se eu for pego, provavelmente serei o único garoto em Corrigan que poderá argumentar honestamente ter sido desencaminhado por Jasper Jones.

Ele está andando mais depressa. Galhos e arbustos batem em mim com mais força. Meu braço foi arranhado por samambaias. Não reclamo. Apenas ajusto minha velocidade para acompanhá-lo. Nossos pés dividem o mesmo ritmo militar. Suo.

Então, Jasper Jones para.

Bem aqui. Ao pé de um enorme e velho eucalipto. A árvore tem uma circunferência espantosa. Não consigo evitar olhar acima, para ver até onde ela alcança. Posso sentir minha pulsação batendo nas têmporas. Estou ofegante. Preciso limpar meus óculos. Quando olho novamente para baixo, noto que Jasper Jones olha para mim. Não consigo distinguir sua expressão. É como se fosse pular de algum lugar muito alto. Inclino a cabeça para o lado e, subitamente, sinto muito medo. Sou assaltado por um terrível pressentimento. Algo está errado. Algo aconteceu. Meu peso está sobre os calcanhares. Não quero mais estar aqui.

Ele gesticula em direção a uma cortina de acácias, à esquerda do eucalipto.

– É por aqui – diz ele.

– O quê? O *que* é?

– Você vai ver, Charlie. Merda. Vai querer não ter visto, mas vai ver. Não é muito tarde, mas... Tem certeza de que vai me ajudar?

– Você não pode simplesmente me *dizer*? O que é? O que tem depois dali?

– Não posso. Não posso, parceiro. Mas posso confiar em você, Charlie. Acredito que posso confiar em você.

Não é uma pergunta, mas parece.

E eu acredito que, se fosse outra pessoa, eu teria recuado e me virado na mesma hora. Jamais abaixaria minha cabeça e avançaria por entre aquelas acácias, e seus globos dourados jamais se soltariam e se aninhariam em meu cabelo como confete. Jamais

agarraria seu tronco áspero para não cair. Jamais separaria suas tranças de folhagem. E jamais ergueria a cabeça para ver aquela agradável clareira. Eu jamais teria olhado além de Jasper Jones para descobrir seu segredo.

Mas não me viro. Fico. Sigo Jasper Jones.

E vejo aquilo.

E tudo muda.

O mundo se rompe, gira e se sacode.

Estou gritando, mas os gritos são abafados. Não consigo inspirar. Sinto como se estivesse debaixo d'água. Surdo e afogando-me. Jasper Jones pressiona uma das mãos sobre minha boca, e a outra está atravessada pelos meus ombros, puxando-me em sua direção. Meu quadril se força para trás, para trás, para trás e fora dali, mas meus pés estão enraizados na clareira. Felizmente, meus olhos se enchem de lágrimas e obscurecem tudo, até elas serem expulsas pelo pestanejar. E está ali novamente, diante de mim. Jasper me segura com força. Ele envolve facilmente minha magra estrutura. É horrível. Horrível demais para palavras.

É uma garota.

É uma garota que veste uma suja camisola de renda creme. Está pálida. Sob a luz prateada, posso ver que tem arranhões descendo pelos braços. E pelas panturrilhas. E seu rosto está manchado, machucado e ensanguentado. E ela está pendurada pelo pescoço numa corda grossa amarrada a um dos galhos principais de um eucalipto prateado. Está imóvel. Está mole. Seus pés estão nus e voltados para dentro. Seu cabelo longo está preso firmemente sob o laço. Sua cabeça está caída para o lado, como uma obra de arte bíblica. Ela parece decepcionada e triste. Resignada.

Não consigo desviar o olhar. Jasper não consegue olhar. Ele me segura daquele modo, com as costas viradas para a garota, absorvendo meus movimentos até eu ficar quieto. Respiro muito rapidamente. E estremeço. Não entendo. Ele *sabia* daquilo. Ele sabia e me trouxe aqui. Para ver uma garota enforcada pendendo

de uma árvore. Ela está morta. Ela morreu. Jasper tira a mão do meu ombro quando falo. Mal consigo ficar de pé.

– Quem é?

Jasper Jones demora algum tempo para responder.

– Laura Wishart. É Laura.

Também demoro um momento.

– Ah, meu Deus. Ah, meu Deus. É mesmo. É ela.

– É – diz Jasper, com suavidade. Agora ele a observa. Com o canto do olho, vejo sua cabeça balançar levemente. Ele agora parece tão magro. E desengonçado. Como um menino. Estou completamente perdido. Tudo parece lento e como num sonho. Parece, mesmo. Como se eu não estivesse aqui e isso não estivesse acontecendo. É tudo uma visão. Estou fora dela. Assistindo, fora do meu corpo, vendo tudo numa tela.

– Sinto muito, Charlie. Desculpe por isso, parceiro. Não sei o que fazer.

Abraço meus cotovelos. Viro-me para Jasper Jones.

– Por que você me trouxe aqui? Eu não deveria estar aqui. Tenho de voltar para casa. Você precisa contar isso a alguém.

– Espere. Charlie, ainda não, parceiro. Ainda não. – É um pedido determinado. Ficamos em silêncio.

– Por que ela fez isso? O que é...? Quero dizer, *o quê?* Não entendo. O que *aconteceu?* – Estou quase sussurrando.

– Não foi ela. Quer dizer, ela mesma. Não foi ela.

– O que você quer dizer?

– Quero dizer que não pode ter sido ela, Charlie.

– O quê? Por quê?

– Não pode. Para começar, olhe. Olhe para aquela corda. Viu? É minha. É minha corda. Uso para me balançar e mergulhar ali na represa. Olhe. Viu? Mas sempre a escondo. Enrolo ela no alto, naquele galho, para ninguém ver.

Jasper fala depressa. Rápido demais para absorver. E, pela primeira vez, observo a área ao redor. Atrás do eucalipto, que é

largo e oco na base, como uma tenda aberta, há um pequeno poço. Diante dele, o espaço onde estamos é perfeitamente amplo e rodeado por arbustos altos e árvores. É um pequeno e estranho enclave. Imagino que, durante o dia, deve ser algo extraordinário e assombroso. Um tranquilo oásis no mato. Agora, porém, parece simplesmente sinistro e sufocante. Preciso ir embora. Não posso ficar ali. Laura Wishart está morta. E está bem aqui. Não consigo olhar.

O eucalipto se ergue nu por cerca de cinco metros antes de estender o grosso braço em que a corda está amarrada. Exceto por uma gorda rebarba escura a meio caminho, não há onde apoiar os pés ou se agarrar.

– É uma puta dificuldade subir ali – prossegue Jasper. – Você precisa quase subir abraçado à árvore. Como naqueles coqueiros ou algo parecido. Está vendo? Impossível Laura ter subido ali e se jogado. Impossível.

– E se ela usou um galho ou qualquer coisa? Ou a corda talvez tenha se soltado. Com o vento. Sei lá.

– Não vejo nenhum galho por perto, Charlie. Você vê? Nem vento. E a corda não pode ter se soltado, porque eu enrolei e amarrei. Porque não quero que ninguém saiba sobre este lugar.

Concordo com a cabeça, tonto. Não consigo pensar direito.

Tudo volta a ficar silencioso.

– Então o que você está dizendo? O que *significa* isso?

– Charlie. Escute. Estou dizendo que *ela não fez isso*.

– Então quem fez? – pergunto, antes que uma sensação fria de terror e apreensão subitamente faça com que eu me afaste dele. Engasgo na palavra: – Você?

Ele se vira para mim. Parece perplexo e desdenhoso. Balança a cabeça com impaciência. Seu queixo treme.

– O quê? Que merda, Charlie. Pensei que você fosse inteligente, parceiro. Acha que fui *eu*? Acha que *eu* fiz isso? É isso o que você pensa?

– Não *sei*. Não sei o que pensar.

E é verdade. Não sei. Apenas me sinto mal e muito cansado. Quero ir embora.

Mas Jasper se vira e balança novamente a cabeça. Ele cospe.

– Escute, Charlie. Preciso explicar. Este lugar aqui, este espaço, é como se fosse meu. Olhe, não sou o único que já esteve aqui, mas sou o único que sabe como chegar. Ninguém esteve aqui sem mim. Nunca. Bem, até agora. Até esta noite. Mas é aqui onde eu fico. Durmo e como aqui quando não estou em casa. É tipo minha casa. Entende?

Ele faz uma pausa para coçar a parte de trás da cabeça e desliza o braço pela testa. Pigarreia.

– Pois bem, vim para cá esta noite. E a primeira coisa... – Jasper para e arrasta os pés. Sua voz engrossa. – Puta merda, a primeira coisa que vi foi ela lá em cima. Vi que era Laura imediatamente. E corri até lá, agarrei as pernas dela e tentei levantá-la. Tentei impedi-la. Mas ela já tinha partido, Charlie. Pude sentir que já tinha partido, sabe?

Tudo vem a mim numa torrente confusa. Minha boca está entreaberta.

– E o que você fez? – pergunto.

– Bem, eu não sabia o que fazer. Eu só recuei e olhei para ela. Mas não pude ficar aqui. Simplesmente não pude. Fui embora. E então fui até sua casa.

– E você acha que alguém fez isso? Alguém a enforcou?

– Acho, Charlie. Olhe para o rosto dela. Está todo machucado. Ela não fez isso consigo mesma, fez? Alguém fez isso com ela.

– Quem?

– Não sei.

Nesse momento, eu me retraio e analiso as árvores. Meus joelhos tremem. Isso é um pesadelo. Precisa ser. Não estou vivendo isso.

– Cristo, Jasper! E se eles ainda estiverem por aí? E se ele estiver nos observando? No que você estava pensando? Por que me trouxe aqui?

Ainda analiso tudo. Parece que as árvores estão se fechando à minha volta.

– Calma, *calma*. Tá tudo bem. Charlie, tá tudo bem. Não tem ninguém aqui.

– Como? Como você sabe? – Estou guinchando. Como uma menina.

– Não sei. Apenas sei. Posso sentir – diz ele, calmamente.

Meu medo, porém, causa comichões. Um horrível formigamento na minha pele. Sinto-me como se alguém nos observasse. Ouvisse-nos atentamente. O corpo de Laura Wishart é assombroso e surreal. Está tão *perto*. Ainda não assimilei completamente sua morte. Que aquela não é mais Laura Wishart. É um saco vazio. Uma boneca de cera. Uma casca descartada. É tão estranho. Não consigo reunir qualquer ternura por ela. É como se houvesse uma parte de mim ali em cima, flácida e insensível.

Mas está claro que algo muito violento aconteceu neste lugar tranquilo. E estamos aqui na sua vigília, na sua passagem. Abalados pelas suas vibrações. Laura Wishart está morta. Veja. Morta. Está bem ali, pendurada naquela árvore. Bem ali. No centro da parte do mundo que pertence a Jasper Jones. Suspensa sobre seu pedaço de terra.

Dois garotos e um cadáver.

Tambores soam na minha cabeça. Bum, bum, bum. É difícil respirar nessa pequena clareira. Algo mudou. Uma bolha estourou. Quero sair. Sinto-me fraco. Preciso me afastar. Quero estar em casa, mas ela parece muito distante. E estou tão ameaçado pelo fato que, mesmo que eu consiga fugir, não chegaria à minha casa.

Não, é tarde demais. Como Jasper Jones, eu vi o que vi. Estou envolvido.

– Jasper, não sei o que fazer. Não sei por que estou aqui – falo, observando os pés nus e imundos de Laura Wishart. – Isso é horrível. Temos de contar para alguém.

Jasper me olha com uma intensidade desalentadora.

– Não, não podemos. Não podemos contar para ninguém. Não podemos contar para *ninguém*, Charlie. – Jasper pressiona firmemente os lábios, com os olhos arregalados e brancos. – Precisamos descobrir, Charlie.

– O que você quer dizer com *descobrir*?

– Precisamos descobrir quem fez isso. Quem matou Laura. Precisamos descobrir quem veio aqui e fez isso com ela.

Sacudo a cabeça brevemente antes de responder.

– Do que você está *falando*? Não, não precisamos! Vamos à polícia! É isso o que vamos fazer. Vamos ao sargento e contamos para ele o que aconteceu e onde ela está, e a *polícia* descobre. É o trabalho deles. Não podemos manter segredo. A família dela precisa saber. Isso não tem nada a ver com a gente.

– Merda, Charlie. Você não faz ideia, faz?

– O quê? Por quê?

– Abra os olhos, parceiro.

– O que isso *significa*? Eles *estão* abertos. O que está tentando me dizer?

Jasper suspira fortemente.

– Porra. Escute, Charlie, não podemos contar para *ninguém*. De jeito nenhum. *Especialmente* à polícia. Porque eles dirão que fui eu. De cara. Entendeu? Eles virão aqui, verão que é o meu lugar, verão o rosto dela, verão que ela apanhou, verão que é a minha corda. E dirão que fui eu quem matou ela. Eles me acusarão e me prenderão, parceiro. Sem perguntas.

– O quê? *Por quê*? Isso é besteira, Jasper. Isso não vai acontecer.

– É mesmo? – Jasper aponta para mim, erguendo-se como uma cobra. – Qual foi a primeira pessoa em quem *você* pensou? Qual foi

o primeiro nome que saiu da *sua* boca?

E aconteceu assim. Como quando você se dá conta de que não existe algo como mágica. Ou que, na realidade, nada responde às suas preces nem mesmo as ouve. Aquele momento frio de desalento, quando seus pés somem sob você, quando você é desarmado por um fragmento de entendimento. Ele tem razão. Jasper Jones tem razão. Ele está realmente encrencado.

É claro que esta cidade o culpará. É claro que Corrigan o acusará. E não importa o que ele disser. Sua palavra não vale merda nenhuma. Tudo o que importa é a morte dessa garota e a imaginação da cidade. Ele será algemado e preso. O pária que matou a filha do presidente do condado. Ele não tem a menor chance.

– Então, o que vamos fazer? E Laura? – pergunto. – Começarão a procurar assim que notarem sua falta. Encontrarão ela aqui de qualquer maneira.

Jasper balança brevemente a cabeça enquanto pega um cigarro. Noto que treme ligeiramente. Ele não responde à minha pergunta. Em vez disso, inicia outra linha de raciocínio.

– É isso o que eu não entendo, Charlie. Por que *aqui*? Como aconteceu *aqui*? Alguém me enganou. Alguém sabe sobre este lugar. Não acho que foi por acaso. Não pode ser.

– O quê? Você acha que alguém está tentando incriminar você? – pergunto. Jasper me oferece um cigarro e, novamente, por algum motivo, gesticulo sugerindo que estou cheio demais para aceitar.

– É, eu acho que pode ser, Charlie.

Estreito os olhos.

– Mas você disse que outras pessoas vieram aqui. Com você. Como eu, esta noite.

– Sim. Eu sei. Mas você é o único cara que esteve aqui, e posso contar nos dedos as outras pessoas.

– Você já trouxe Laura Wishart aqui?

Jasper Jones enfia as mãos nos bolsos e olha para o chão.

– Sim. Sim, eu trouxe. Algumas vezes, Charlie. Na verdade, muitas vezes. Mas sempre por um caminho diferente através da mata, para que ela nunca soubesse como chegar aqui sozinha.

– Por que você faria isso?

– Bem, o que você acha? Não quero que ninguém saiba como chegar aqui. É difícil explicar. Tudo bem dividir o lugar algumas vezes, mas também quero manter ele só para mim.

Concordo com a cabeça.

– Mas, com Laura, não era o que você está pensando – prossegue ele rapidamente, embora eu não tenha ideia do que ele está supondo. – Ela não era como outras garotas da cidade. Ela era inteligente, Charlie. Não era inteligente como você. Diferente. Tipo, *sábia*. A gente se dava muito bem. Ela sempre queria vir aqui. Sempre me pedia. Mas eu gostava de deixar ela vir. Sabe quando você encontra uma pessoa e sente que a conheceu durante toda a vida? Era assim. Muito fácil. Não era como as outras garotas que vêm aqui. A gente nunca se pegou muito, embora ela fosse mais velha. Ela era estranha em relação a essas coisas. Mas eu nunca me importei. Não era por isso que eu trazia ela aqui.

Nada disso clareou minha confusão. Os ombros de Jasper estavam encurvados. Ele parecia derrotado e triste.

– Quem faria isso? Quem? Você conhecia ela... Há alguém que poderia ter feito isso? Que gostaria de fazer isso?

– Tenho uma suspeita – diz ele, e acende outro cigarro. Apesar do ar parado nesse lugar, ele protege a brasa com a mão em concha. Jasper não me oferece um, mas, dessa vez, quase desejo que o tivesse feito. – Acho que sei quem pode ter feito isso. Foi o primeiro nome que me veio à mente e não consigo esquecer. Fico pensando nisso. E acho que posso estar certo.

– Quem? – Inclino-me para a frente.

Ele bate o cigarro, baixa-o até a coxa e vira-se para mim.

– Jack Lionel. Acho que foi Jack Lionel.

Meus olhos se arregalam.

– Veja, Charlie, quando digo que o vi várias vezes é porque ele está atrás de mim, mais do que qualquer pessoa nesta cidade. Com certeza. Ele é um maldito de um maluco. Todas as vezes que passo pela casa dele a caminho daqui, *todas* as vezes, ele sai para a varanda, gesticulando e gritando, chamando meu nome. Muito estranho. Ele sabe meu *nome*, Charlie. Acho que ele está atrás de mim. Só pode estar. Com certeza.

É demais. É rápido demais. Estou desesperadamente perdido. E com medo. Agora eu gostaria mesmo daquele cigarro. Observo sua brasa âmbar crescer e cair a cada tragada. Parece reconfortante. Sinto-me cansado. Quero me sentar. Ou me deitar nesse pedaço macio de terra. Mas não posso. Estou envolvido. É isso o que não entendo: que, de alguma forma, fui enredado.

– Mas o que isso tem a ver com Laura? Se Mad Jack Lionel quer *você*, por que ele faria isso?

– Porque ele estava na varanda e gritava sempre que eu passava com Laura. Portanto, ele a viu. Sabia que passávamos muito tempo juntos. Ela também o viu. Ela tinha muito medo dele. Ele a deixava toda perturbada e tensa. Então, talvez ele tenha *seguido* a gente. Ele é o único em quem consigo pensar que poderia ter nos seguido. Ou talvez ele soubesse, de alguma forma, para onde íamos. Talvez ele saiba sobre este lugar. Talvez tenha sido ele, Charlie.

Jasper antecipa minha próxima pergunta.

– Toda noite que ele me vê, ele corre, grita e berra sem parar. Toda noite. Toda noite, exceto *esta*, Charlie. Você se lembra? Nenhuma luz acesa. Nadinha. E a gente ficou ali fora, *esperando*. Nenhuma palavra.

Franzo a testa. Não me sinto mais tão deslocado. Mordo a parte interna das bochechas. Lágrimas repentinas ardem em meus olhos. Realmente não quero chorar, mas estou irritado. E atordoado. E com muito medo. Não sei. Sinto-me traído. Ou algo parecido. Na

maior parte, porém, apenas apavorado. Minha voz falha e se enfraquece.

– Espere, depois de suspeitar que Mad Jack Lionel *matou* alguém, você me buscou e me levou direto à casa dele? Sem me dizer *por quê?* E então me trouxe aqui para ver isso! E há uma chance de que esse louco ainda esteja por aí, esperando por você ou por nós? Por quê? Por que você faria isso comigo? Sai fora. E... *foda-se*. Estou indo embora. Estou indo *embora*, porra.

Trinco os dentes com força para evitar que as lágrimas brotem. Minhas narinas queimam, minha língua se dilata e minha boca tem um gosto azedo. Nunca xinguei assim antes. É estranho. E, é claro, não vou a lugar algum. Estou preso aqui. Não há como escapar. De coisa alguma. Desse lugar, dessa confusão. Jasper Jones é a minha passagem de volta.

E ele caminha na minha direção, com o cigarro repousando entre os lábios. Estende uma das mãos até meu ombro e é imediatamente tranquilizador.

– Não vá ainda, Charlie. Por favor, parceiro. Preciso que você me ajude. Não sei o que fazer. Realmente não sei. Eu sinto muito. Sinto, mesmo.

Pisco muitas vezes. Fungo, cuspo e ajeito meus óculos. A mão de Jasper permanece no meu ombro.

– Escute. Você está seguro aqui, comigo, Charlie. Confie em mim. Você precisa confiar em mim. Como eu confio em você. Sei que você é um cara bom. Eu sei. Vamos fazer a coisa certa. Vamos, sim.

Balanço a cabeça.

– Mas o *quê?* O que vamos fazer? Não percebe quão inútil é tudo isso? Não somos detetives! Isso não é Nancy Drew! Isso é sério. Não podemos fazer investigações. Não podemos *falar* com as pessoas. Não podemos *fazer* nada.

– Mas podemos tentar. E isso é mais do que a polícia de Corrigan fará se eu for até lá agora e contar a eles o que

aconteceu. O caso será encerrado antes de ser aberto, Charlie. Eles marcarão a porra da data do julgamento antes do enterro. Você sabe. Você *conhece* esta cidade. Eu não preciso fazer nada para estar encrencado. Por isso a gente precisa descobrir quem fez isso. A gente *precisa* descobrir.

E, por mais que seja absurdo e ilógico, há algo irresistível no raciocínio de Jasper. É fácil aceitar que ele realmente pode estar certo. Que ele *irá* para a cadeia por algo que não fez. Que esta cidade é tão desonesta e baixa. Que Mad Jack Lionel pode ser responsável por isso. Que depende *mesmo* de nós. Que a maldição sobre a cabeça de Jasper é tão densa e má. E talvez nós *possamos* resolver isso e acertar as coisas. Talvez eu seja a única pessoa em Corrigan que acreditaria em Jasper Jones. Talvez tenha sido por isso que ele veio a mim. Talvez tenha sido por isso que ele me procurou. O que significa que, por algum motivo, ele confiou em mim desde o momento em que pulou a cerca dos fundos da minha casa e se aproximou do meu quarto feito com tábuas de madeira impermeáveis. Ele deve me considerar verdadeiro e justo. Como Atticus Finch: digno, sensato e sábio. Ou, nesta cidade, a coisa mais perto disso. Ou talvez ele simplesmente saiba que não tenho coragem para trair sua confiança. Talvez seja uma mistura de ambos. Segurança e confiança. Embora eu prefira a ideia de estar sentado tarde da noite, absorvendo Mark Twain, enquanto Jasper Jones corria até mim em busca do meu equilíbrio e da minha sabedoria. Como se eu fosse o próprio Salomão. A pessoa a quem você recorre quando tudo dá horrivelmente errado.

Porém, estou longe da verdade. Não sei que ajuda posso oferecer. Estou perdido. Não consigo olhar para a esquerda. Bloqueei o cadáver de Laura da minha visão e da minha mente, mas ela continua pressionando, continua insistindo. Ela está tão perto. É muito em que pensar. É demais para absorver. É muito rápido. Muito, muito rápido. Parecemos ignorar intencionalmente Laura Wishart. Enforcada. Pendendo. A poucos metros de distância.

Se não olharmos, se não falarmos perto dela, ela se dissolverá na noite. E isso não terá acontecido. E poderei voltar para casa, dormir e acordar sem o peso dessa descoberta.

Após um silêncio considerável, viro-me para Jasper e solto uma corrente de ar pelas narinas. Falo, em voz baixa:

– Tudo bem. E se *eu* avisar? Apenas eu. Sem você. E se eu for à polícia, ou meus pais, agora mesmo, e contar a eles o que vi? Não menciono seu nome. Jamais.

Jasper Jones belisca o queixo. Então, balança a cabeça abruptamente.

– Não vai funcionar, Charlie. Primeiro, por que você estaria aqui, sozinho? Não faz sentido.

Dou de ombros.

– Eu poderia dizer que estive à toa o verão inteiro. Pescando e fazendo coisas assim. Explorando. O que for. Qualquer coisa. Nada demais.

– Com todo o respeito, Charlie, acho que ninguém vai acreditar nisso, muito menos seus pais e especialmente o sargento.

– Eles poderiam acreditar – retruco indignado.

– E, em segundo lugar, assim que descobrirem onde ela está, meia dúzia de garotas na cidade vai reconhecer este lugar e contar para a polícia quem trouxe elas aqui. Eles notarão um padrão, certo? E aí saberão que você me acobertou. Eles descobrirão, não se preocupe. E, depois disso, Charlie, você será apenas um acessório. Com certeza. E aí eu não terei chance.

Limpei o suor da minha testa. Passei a mão atrás da cabeça.

– Ok. Tudo bem. Suponha, então, que a gente tire ela daqui. Se é principalmente o fato de Laura estar *aqui* o que causará problemas, suponha que levemos o corpo para outro lugar, mais perto da cidade para que outra pessoa o encontre. Descubra o corpo. Você sabe... pela primeira vez. Desse jeito, você tem uma chance, certo? Desse jeito, você não será ligado a ela.

Mal posso acreditar no que estou dizendo. Sinceramente, não posso estar propondo isso. Certamente. Mas, pelo modo como está coçando o queixo, Jasper parece considerar a possibilidade. Meu estômago se embrulha. Quero retirar o que disse imediatamente.

– Entendo o que está dizendo, Charlie. Mas é arriscado demais, parceiro. Se alguém nos vir, nos pegar, estamos acabados na mesma hora. Eles nem farão perguntas, seremos culpados no ato. Mesmo se não formos pegos, a polícia não é idiota. Eles vão saber. Eles vão saber que ela foi transportada. Podemos deixar pistas ou qualquer coisa. Merda, eles podem até seguir nosso rastro até aqui.

– É arriscado demais – concordo imediatamente.

– Mas gosto do seu raciocínio. Eu não tinha pensado nisso.

Viro-me.

– Tudo bem, Jasper. E se descobrirmos quem fez isso? Suponha que, de algum modo, a gente encontre provas para condenar Mad Jack. E aí? O que vamos fazer? Dizer a ele que confesse? Enviar uma carta anônima?

Jasper Jones mexe nos pelos de um dos braços e funga.

– Acho que a gente atravessa essa ponte quando chegar no rio. Quero dizer, ainda não sabemos as circunstâncias nem nada, certo? Quem sabe? Podemos nem precisar tomar essa decisão. Mas precisamos *tentar*, Charlie. Precisamos. Nós devemos a verdade a ela, certo?

Balanço suavemente a cabeça e suspiro. Aquilo não faz sentido: encobrir o ocorrido com mentiras para descobrir a verdade. Tento argumentar com ele, como Atticus faria.

– Jasper, ainda há uma chance de que não culpem você. Há uma *chance*, não há? Escute, ainda podemos fazer isso direito. Contar às pessoas certas. Às autoridades. Agir de acordo com a lei. Quer dizer, você ainda está protegido pela *lei*, pelo...

– Cristo, Charlie! Não estou protegido por merda nenhuma. Olhe, você está com medo. Você está lavando as mãos. Você sabe que isso não é honesto. Você *sabe* o que vai acontecer. Esta

cidade... Eles pensam que sou um maldito animal. Eles acham que meu lugar é numa jaula, e isso aqui é apenas uma desculpa para me trancar. Eles não precisam mais do que verão aqui. Tudo o que importa é a aparência. Estou *encrencado*, Charlie. Encrencado, de verdade. E não posso fugir, porque eles encontrarão Laura e me encontrarão. Tenho que aguentar. A gente precisa fazer isso.

Aninhei a cabeça nas mãos, levantei os óculos e esfreguei os olhos com as palmas.

– *Fazer? Fazer o quê? O que diabos vamos fazer?*

– Só consigo pensar em uma coisa. Só uma coisa que vai me salvar por enquanto.

Ergo os olhos. Minha visão está embaçada e estou cansado.

– O quê?

– Temos de enterrar ela. Esconder ela. Aqui. Nós.

– *O quê?* – Olho para Jasper, horrorizado.

– É a única maneira, Charlie.

– Não é a única maneira! *Você* está com medo!

– É, eu *sei*. Mas tenho algo de verdade para sentir medo. É a única maneira, por enquanto, para eu me livrar de uma encrenca. Você não vê?

Balanço a cabeça. Incrédulo. Tento desesperadamente imaginar alternativas, modos para escapar.

– Não. Não podemos. Não podemos enterrá-la aqui e agora. Ok? Não sei. Não temos pás. Nem nada. De qualquer modo, levará horas. O sol terá saído antes que a gente termine. E vai parecer terrivelmente suspeito se eu chegar em casa, depois de ter saído escondido, sujo como merda por ter cavado uma *sepultura*, e aí, de repente, todo mundo souber que Laura Wishart sumiu.

– Não é no chão, Charlie. É ali.

E Jasper Jones gesticula em direção à represa e sua superfície imóvel como um lençol. Meu estômago dá um nó.

Nós afogaremos a morta.

– A represa?

– É.

Estou preso numa corrente, sendo arrastado contra minha vontade para lugares cada vez mais fundos e distantes.

– Mas, e a família dela? Eles não têm o direito de enterrar a própria filha? De se despedir? E Eliza? E quanto aos últimos rituais e sacramentos e todas essas coisas? E quanto às crenças da família?

– *Você* acredita nisso?

– Não importa em que *eu* acredito! Não é essa a questão.

– Escute. Eu sei que o pai dela não é bom. É um imprestável e bebe mais do que o meu pai. E a mãe dela é quase um zumbi. A mulher mais estranha que já vi. Com certeza. E eu sei que não tem nada a ver. Mas, no fim do dia, acho que eles estarão mais preocupados com a verdade do que com o modo como ela foi enterrada. E isso é tudo o que vamos fazer, Charlie. Vamos ganhar tempo para descobrir quem fez isso. E, não sei, depois que isso acabar, quando Mad Jack for preso, talvez a gente ainda possa ajeitar as coisas. Nós saberemos onde ela estará, certo?

Não consigo acreditar naquilo. Estou sendo puxado ainda mais para baixo. Olho de relance para a figura pendurada de Laura Wishart e sinto um novo fluxo de enjoo e medo. Ela é um fantasma tênue. Não é real. Nem esse lugar.

– Não sei, Jasper. E se *não* descobrirmos? Nunca? E se os Wishart nunca souberem *nenhuma* parte da verdade? E se você estiver enganado? Se estivermos enganados a respeito de Corrigan? A respeito de Mad Jack? A respeito de tudo?

Subitamente, Jasper levanta-se, abanando a cabeça e assomando-se, enorme. Ele ataca o ar como se tentasse pegar um inseto que passava.

– O que você prefere, parceiro? Quer que eu vá para a prisão por nada, só para que os Wishart possam se despedir apropriadamente? Eu não *planejei* isso, planejei? Só estou tentando fazer a coisa certa sem acabar enforcado daquele jeito. – Ele aponta para Laura, com os olhos grudados furiosamente em mim. –

Porque é essa porra o que vai acontecer. E você *sabe*. E eu *juro* a você, novamente, por minha mãe, que eu não sabia nadinha a respeito disso. Que venho aqui esta noite e, encontro ela e não sei o que fazer além de salvar meu próprio traseiro e depois, talvez, tentar resolver o caso. E é por isso que preciso da sua ajuda. Porque você é inteligente e é diferente dos outros, e pensei que, com toda a certeza, você entenderia. Quero dizer, *merda*, eu corri um grande risco quando procurei você, Charlie.

Baixei os olhos e permaneci calado.

– Para mim, é uma coisa séria confiar em você, Charlie. É perigoso. E estou pedindo a você para fazer o mesmo. Não posso forçar você a ficar quieto. Mas esperava que você pudesse ver as coisas pelo meu lado. É o que você faz, certo? Quando está lendo. Você vê como é para outra pessoa.

Concordo.

– Bem, Charlie, pense neste espaço aqui e pense no que isso significa para mim. E pense no que tenho de fazer. O que é a coisa certa.

Sinto-me cruelmente resignado. Como as coisas podiam ser tão confusas e complexas fora dessa sossegada bolha de terra? Laura Wishart, seu corpo pendurado, não deveria ser nossa responsabilidade. Não deveria ser nosso problema. Deveríamos poder falar com as pessoas certas. Deveríamos poder fugir como meninos assustados, apontar, ofegar e nos esconder num lugar seguro. Não deveríamos descobrir a verdade. Laura Wishart foi enforcada, e Jasper Jones está numa séria enrascada. De algum modo, estou no meio disso.

Jasper se acalma. Ele se agacha e mexe grosseiramente no cabelo.

– Mas, Charlie, só para você saber... Se ficar do meu lado, se me ajudar, nada vai acontecer com você. Nada. Falo sério. Se algo acontecer, farei tudo o que for preciso para limpar sua barra, ok? Você não precisa se preocupar. E isso é uma promessa.

Concordo novamente.

– Você precisa ser corajoso, Charlie. É o que tem de fazer. Sei que você entende o que eu disse e por que estou tão encrencado. Eu... eu precisei criar coragem cedo. Desde que me lembro. Tive de fazer isso bem depressa, Charlie. Tem dias em que me sinto tão *velho*, sabe?

– Sim, eu sei – digo.

– Sabe, todo mundo aqui tem medo de alguma coisa e de nada. Nessa cidade é assim que eles vivem, e nem sabem. Eles se prendem ao que conhecem, ao que contaram a eles. Não entendem que é apenas uma escolha que você faz.

Ergo a cabeça e olho Jasper nos olhos.

– Quer dizer, sei que as pessoas sempre tiveram medo de mim. Crianças, principalmente, mas velhos também. Cautelosos. Eles acham que sou metade animal e tenho metade de um voto. Que não presto. E eu sempre pensei: *por quê?* Eles nem me *conhecem*. Ninguém me conhece. Nunca fez sentido. Mas então me dei conta de que é exatamente por isso. É só isso. É tão estúpido, Charlie. Mas significa que não odeio mais eles.

Como essa noite é estanha e provocadora. Como me sinto diferente, abandonado e agitado. Como um globo de neve que foi sacudido. Há uma nevasca no meu globo. Tudo no meu mundo que era firme, seguro e forte foi sacudido, e agora está à deriva, e rodopiando em uma cascata de escombros. Um livro que eu conhecia de cor foi rasgado e jogado no ar. Tudo foi agitado com rigor e tumulto. Tudo foi desenraizado e quebrado. Uma dúzia de desastres ao mesmo tempo. Não consigo começar a juntar os pedaços e tentar colocá-los onde estavam. É como se eu tivesse de rastejar para fora da minha própria casca de ovo e emergir. E, um pouco como Jasper Jones, não tenho mais o luxo de escolher o momento certo. Não posso me desenrolar do meu casulo quando estiver bem e pronto. Fui arrancado antes e deixado no frio.

Nutrimos aquele silêncio estranho e vazio por algum tempo. Nossas cabeças viradas para longe da árvore.

Jasper finalmente sugere darmos uma última olhada ao redor. Uma inspeção final dos arredores antes que o perturbemos para sempre. Não protesto, mas fico bem perto dele, encolhendo-me quando nos aproximamos do corpo de Laura.

Estou distraído demais para me concentrar realmente em detalhes. Nem sei o que devo procurar. Pegadas, acho. Provas. Uma confissão rabiscada. Qualquer coisa. Mas, de todo modo, tudo é tão estranho para mim que não faço ideia do que é inconsistente. Isso simplesmente reafirma quão irremediável é esta confusão. Quão firmemente as desvantagens estão empilhadas contra nós. Jasper franze a testa e se curva ligeiramente enquanto anda.

Percorremos toda a área sob o luar. Não demora muito. Quando termina de inspecionar o último dos arbustos, passando as mãos pelos galhos esqueléticos, Jasper assente, satisfeito.

– Bem, eles devem ter vindo pelo caminho que eu uso. Como a gente veio – diz ele, finalmente, gesticulando em direção às acácias, absorto em pensamentos. Ele aponta. – Mas, olhe, o capim parece ter sido pisado até aquele arbusto. Mas não muito. Não sei. Pode significar qualquer coisa. Talvez ela tenha tentado fugir. Não sabemos. Não sabemos nada. Nem sabemos se eles enforcaram ela. Quer dizer, propriamente.

– O que você quer dizer?

– Quero dizer que qualquer coisa pode ter acontecido aqui, Charlie. Eles podem ter matado ela e pendurado o corpo para parecer que ela se enforcou. A gente simplesmente não sabe.

Balanço a cabeça distraidamente, distante. É muito para pensar. Pergunto-me como Jasper continua tão firme e equilibrado. Como é capaz de fazer esse tipo de consideração aqui e agora. Eu simplesmente o acompanho num torpor mudo.

Ergo os olhos e Jasper está me olhando. Pacientemente. O mundo está girando.

– Está pronto, Charlie?

Encaro-o inexpressivamente.

Jasper Jones me observa por mais um momento. Então, ele me diz para esperar onde estou, o que me deixa aliviado. Meus pés, minhas sandálias afrescalhadas estão enraizados na terra.

Observo Jasper caminhar em direção ao eucalipto. Ele se inclina no oco cavernoso da sua base. Assim que some da minha vista, sou atacado pela ansiedade. Meu rabo tenta rastejar para dentro de si mesmo e minha cabeça é uma espiral branca. Ele emerge, segurando uma faca larga pelo cabo.

Observo-o prendê-la na bermuda através dos passadores do cinto. Ele está tão perto do cadáver de Laura, tão perto, que poderia tocá-la, mas mantém a cabeça abaixada.

Jasper começa a escalar a árvore. Apesar da minha proximidade em relação à cena, apesar da pressão nauseante desse pequeno enredo e seu ar sufocante, sinto-me quase totalmente deslocado enquanto a presencio. Como se assistisse a uma aranha subindo por uma parede. Jasper se agarra à saliência resistente e dá impulso para cima, e eu penso em Jeffrey Lu. Lembro-me de que amanhã é a estreia do seu jogador favorito, Doug Walters. Aposto que Jeffrey mal conseguirá dormir essa noite por causa da expectativa. Imagino se Doug Walters está tão sem ar e nervoso quanto eu agora. Pergunto-me se ele conseguirá dormir. Pergunto-me se alguma vez ele viu uma pessoa morta.

A escalada de Jasper fica mais vagarosa à medida que ele se aproxima do galho. Ele se move aos poucos. É verdade: parece uma escalada difícil. É preciso ser forte e ágil.

Observando a tensão e o esforço nos braços e nas panturrilhas de Jasper, me pergunto como Jack Lionel pode ter feito o mesmo. Parece um feito improvável. Eu nunca chegaria perto daquele galho, nem da saliência, como um velho conseguiria? Mas não pergunto a Jasper Jones. Fico parado aqui e espero.

Aproximando-se do enrugado começo do galho, Jasper contorce o corpo e se eleva, soltando as pernas numa demonstração de confiança que eu nunca conseguiria exhibir. Ele parece destemido. Como um acrobata de circo, experiente e seguro. Ele se balança, ergue-se e posiciona-se no galho. Então, move-se em direção à corda.

Meu coração se agita. E, subitamente, estou um pouco menos deslocado, e insuportavelmente ansioso enquanto ele busca sua faca. Estou cansado e nervoso. Com medo e paralisado. Acho que sinto tudo ao mesmo tempo, recordo-me de tudo. No entanto, não penso mais em Jeffrey. E não penso nos Wishart. Minha cabeça se resume a batidas rítmicas enquanto observo Jasper serrar cuidadosamente o grosso laço que suspende Laura. Posso ouvir minha respiração. Meus dedos estão cerrados, mas não consigo soltá-los.

E ela cai de repente. Rápido. Como uma pipa branca caindo no chão, sua comprida rabiola balançando preguiçosamente. Ela se dobra e se enrugam. Como uma boneca. Como um saco de ossos molhados. Com um baque suave e horrível quando encontra a terra. Um som que me lembra que ela é apenas carne morta. E acho que não deveria estar, mas estou chocado com sua falta de vida. Ela parece tão pesada. Tão desamparada. Meu corpo efervesce. Parece que há formigas andando por mim. Jasper joga sua faca; a lâmina penetra facilmente o chão. Ele começa a deslizar pelo tronco.

Quando chega ao solo, curva-se e se aproxima dela muito cautelosamente. Eu não me mexi. Espero que ele não queira que eu me mova.

Jasper ajoelha-se. E ajeita ternamente os braços e pernas de Laura, alinha seu corpo. Como se ela apenas dormisse profundamente e ele tomasse cuidado para não a despertar. Penso que o vejo limpar o rosto dela com as costas de uma das mãos, mas não tenho certeza. Seus movimentos são lentos e pensados. Respeitosos. Sinto-me estranho, como se presenciasse algo muito

peçoal. Como se tivesse ido sorrateiramente até a janela do quarto de Jasper e bisbilhotasse algo íntimo ali dentro. Eu deveria virar o rosto e desviar o olhar. Não devo compartilhar aquilo. Mas estou misteriosamente preso. Cuidadosamente, Jasper Jones desfaz o nó em volta do pescoço dela. Aquilo é tórrido demais para assistir. Meus ouvidos estão atentos. Acho que Jasper está ficando frustrado. Ele puxa o nó, mas este não cede.

Então, meus pés se movimentam. Não sei como. Vejo-me ajoelhando-me cautelosamente.

Jasper ergue o olhar brevemente.

– Oi, Charlie – diz ele, como se eu estivesse apenas passando por ali.

Não respondo. Estou paralisado. E aterrorizado. A cor do rosto dela. Seu inchaço. O olhar vidrado. Sinto-me mal. Seu olho direito está escuro e dilatado. Há um pequeno corte no seu queixo, outro na sobrancelha. Ela apanhou. Muito. É verdade. Meu estômago se embrulha. Estou tremendo enquanto ajeito meus óculos.

– Não quero isso no pescoço dela – diz Jasper em voz baixa, com a cabeça baixa. – Mas não consigo desfazer o nó. Nem é um nó corredo. Olhe. É apenas um nó. É tudo aparência. Talvez ela só tenha sido enforcada depois. Talvez ela tenha morrido antes. Preciso cortar o nó, Charlie. Mas preciso tomar cuidado.

Concordo com a cabeça.

Jasper levanta-se para pegar a faca. Imediatamente, quero que ele volte.

Ele serra a corda com a precisão de um cirurgião, como se pudesse machucá-la. Tudo o que consigo ouvir são aqueles talhos leves. Thic. Thic. Thic. Finalmente, a corda cede. Salto ligeiramente. É como se tivéssemos conquistado algo significativo. E Jasper retira a corda devagar. Como se soltasse um colar precioso.

Não creio que nenhum de nós esteja preparado para os sulcos escuros no pescoço dela. Sinto minha pele se arrepiar. Minhas mãos

ficam dormentes. Nós inspiramos profundamente e prendemos a respiração. Jasper faz um ruído como se houvesse algo preso na sua garganta. Ele está contraindo a mandíbula.

Jasper inspeciona ligeiramente o corpo de Laura. Toca os arranhões finos na bochecha e no ombro. Corre os dedos por seus macios braços de alabastro. É um exame estranho e silencioso. Espero que ele não queira que eu faça o mesmo. Ele olha para as pernas, as coxas e os pés dela. Franze a testa. Então, levanta a bainha da camisola. Imediatamente, me esquivo. Viro-me e olho para o chão. Acho que sei o que ele está olhando. E acho que sei o que está procurando.

Quando olho novamente, Jasper não está ali. Desapareceu.

É claro que entro em pânico. Nervoso, viro a cabeça de um lado para o outro, depois para trás. Outra onda de arrepios cobre minhas costas como uma capa. Não consigo vê-lo em lugar algum. Estou sozinho nessa clareira. As paredes de folhas se assomam. Elas avançam na minha direção. Encolho-me, agachando-me. Olhos arregalados. Estendo o braço para me equilibrar e toco o ombro de Laura; ela está morna e recuo como se tivesse tocado em algo que queima. Grito com medo. Ela está *morna*. Acho que vou desmaiar. Bem aqui. Bem ao lado dela. Aquela neblina está abaixando novamente.

Estou tonto e enjoado. E é como se tocá-la tivesse selado meu destino. Estou nesta história. Laura não pode ser ignorada. Ela é real. Eu a toquei agora. Presenciei seus últimos momentos de calor, seus momentos finais. Por algum motivo, forço-me a olhar para seu rosto. Olho-o profundamente. Sua expressão é estranha. Um pouco intrigada e surpresa e triste e aterrorizada, tudo ao mesmo tempo. E imagino se essa era sua expressão quando a vida a deixou. Congelada no tempo. Imagino se era isso que ela estava sentindo. Penso em como ela se parece com sua irmã Eliza. E penso no momento em que Eliza saberá sobre isso, o que me quebra em duas partes.

Ouço um farfalhar indistinto do outro lado do eucalipto. Não sei se sinto medo ou alívio. Levanto-me com um salto.

– *Jasper!* – sussurro.

E ele emerge, carregando, com ambas as mãos, um pedaço considerável de granito. Coloca-o ao lado da coxa de Laura. Se eu não soubesse para o que serviria aquela pedra, se não estivesse atordoado pelo que faríamos, estaria gritando com ele por me deixar sozinho daquela maneira.

Balanço a cabeça devagar, abatido. Estou perto do meu limite. Estou mesmo. Jasper para por um momento e nos entreolhamos. Não resta nada a ser dito.

Após algum tempo, ele se ajoelha. Inclinando-se, rola a pedra em direção aos pés de Laura. Observo-o pegar a corda e enrolá-la firmemente em volta da pedra, fazendo um nó na ponta. Jasper pigarreja e, delicadamente, ergue os pés nus de Laura. Eles são pequenos, magros e sujos. Com a outra extremidade da corda ele cuidadosamente amarra seus tornozelos juntos. Isso lhe dói. Acho que o ouço murmurar um pedido de desculpas.

Jasper puxa com força para apertar os nós. Os pés de Laura se erguem. Como se amarrasse os cadarços dos sapatos de uma criança desatenta. Suas palmas devem estar suadas, pois a todo momento as esfrega na camisa. Está abafado e sufocante neste lugar. O ar é espesso e quente. Difícil de respirar.

Quando levanta as pernas dela, a bainha da camisola sobe, e Jasper faz uma pausa para ajustá-la, puxando-a até o lugar correto. Ele a ajeita por cima dos joelhos. Mesmo agora, embora estejamos apenas nós aqui, embora estejamos nos preparando para nos livrar dela, ele tenta lhe propiciar alguma dignidade. Tenta tratá-la como sempre deve ter feito. E me parece que talvez eles fossem mais próximos do que Jasper indicou. Ele parece um tanto familiarizado em tocá-la delicadamente. Talvez eles estivessem apaixonados. Talvez ela fosse a garota dele.

Jasper puxa a corda habilmente, em cada extremidade com nós. Ele corre a mão pela pedra e parece sombriamente satisfeito.

Laura Wishart está morta e ancorada a um pedaço de granito. E Jasper Jones está ajoelhado, observando-a em silêncio. Seus olhos se semicerram; ele respira profundamente e fica ali por um longo tempo. Apenas olhando. Como se tivesse cantado suavemente para ela dormir e estivesse simplesmente sentado à cabeceira da sua cama durante algum tempo, antes de sair do quarto dela.

E eu não sei o que sentir ao absorver tudo aquilo. É triste e é afetuoso, mas é tão arrepiante e surreal. Não preciso me lembrar de que ela está morta. Vi seus olhos. Toquei-a. Ela não está mais aqui. Sem dúvida. Pode estar morna, porém não está mais nesta dimensão. Posso perceber, posso sentir sua ausência. E se ela passou para outro lugar ou se simplesmente foi desligada como uma luz, não sei. Mas, de repente, tudo isso, de qualquer modo, não parece importante.

Jasper Jones move-se, aproximando-se mais do rosto dela. Corre as costas da mão pela face de Laura. Dessa vez, vejo com certeza. E me dói. Ele passa a mão aberta pelo rosto, um toque suave e a expressão dela muda. Seus olhos são fechados, mas ela não parece tranquila. Quero rearrumá-la, esculpi-la. Ela parece tensa, com uma preocupação distante, como se estivesse assustada no meio de um sonho horrível. E não quero que ela carregue essa sensação para sempre. Não quero fazer isso. Não quero afundá-la naquele poço, condená-la a essa represa. Mas sou parte disso. Sou o aliado de Jasper Jones. Estou cometendo um crime. Esse não é um ato honroso. Olhe para ela! Olhe o que nos diz com sua testa, com sua boca retesada! Ela não quer isso! Ela não quer ir!

Jasper ergue-se, e eu recuo um passo. Ele se vira.

– Tudo bem, Charlie – diz ele.

E não sei o que isso quer dizer até ele apontar para ela. Ele está atrás da pedra. Devo segurá-la entre os ombros, sob os braços.

Essa é minha tarefa. Devo erguê-la. Pesada e rendida. Devo carregá-la em direção à água.

E é o que faço. Curvo-me sobre ela, agarrando-a e lutando contra seu peso. Arrasto os pés para me equilibrar. Ah, ela está morna. Sua cabeça pende para um lado. Trinco os dentes e puxo o ar pelas narinas. Olho para Jasper, que segura a pedra firme contra a barriga. Estamos parados. Ela está curvada no meio. Como se estivesse deitada numa rede. Está escorregando. E a bainha da camisola sobe, novamente. E sei que incomoda Jasper Jones, pois ele franze a testa.

– Você está pronto? – pergunta ele.

– Ela está escorregando – digo. – Ela vai cair.

– Ponha seus cotovelos sob os braços dela e abrace seu peito. É mais fácil.

Mas não quero. Agora, estou segurando-a pelas axilas e perdendo a força nas mãos. Não quero segurar nenhuma outra parte dela. Não quero abraçar seu peito. Quanto mais eu a toco, mais sou culpado por aquilo. Ela está escorregando. Abano a cabeça.

– Ela vai cair! Ponha ela no chão! Ponha ela no chão! – digo, em pânico.

– Cuidado! Cuidado! – instrui Jasper, como se ela fosse uma mobília frágil e pudéssemos quebrá-la facilmente. Nós nos curvamos juntos e a deitamos no chão. Estou ofegando. Minha boca está tensionada e seca. Respiro fortemente pelo nariz. Jasper espera pacientemente, embora eu sinta que ele tem pressa.

Preciso ser corajoso.

Enxugo a testa. Balanço os ombros e tento endurecer as costas. Então, seco minhas palmas na camisa. Estufo as bochechas. Jasper se abaixa e ergue a pedra.

Seguro Laura Wishart sob os braços. Mais ou menos. Ela está escorregando novamente. Arrasto-me para o lado. Estamos

levando-a para a água. A poucos metros. Estamos na beira, que, mesmo no verão, é ampla e cheia. É uma nascente larga e serena.

Jasper fala baixinho:

– Conte até três, Charlie, tudo bem?

E nós a balançamos. Nós a balançamos como se fosse uma brincadeira inocente, como se jogássemos nossa amiga na água por diversão.

Um. Dois. Três.

Não sou forte o bastante para jogá-la. E, então, a pedra que Jasper joga alto e com força simplesmente arranca o corpo do meu fraco aperto. E é um mergulho denso e profundo. Uma pancada. E quase sou levado junto. Quase a sigo. Há um tranco brusco e nauseante quando ela é arrancada, mas Jasper me equilibra colocando uma das mãos no meu ombro. E observamos. Por um momento, ela boia. Então, vemos ela afundar. É bagunçado e sem elegância. A bolha inchada da sua camisola. Nós, os coveiros. Nós a observamos ir embora. Não podemos salvá-la. Observamos as marolas chegarem aos nossos pés. E ela se vai. Ela realmente se vai.

Nós a afogamos.

Nós somos monstros.

Fico imóvel. Minhas mãos caídas ao lado do corpo. E observo as últimas vibrações da água, o suavizar do rastro. Observo-o até sumir. E fico fascinado, por algum tempo, pela superfície lisa e sombria, como vidro. É estranho pensar que naquela tarde Laura Wishart talvez tivesse passeado por Corrigan, despreocupada e ingênua. Com suas amigas. Com sua irmã. Agora está ancorada ao fundo desse tanque escuro pela corda que a executou. Laura Wishart foi engolida pela água. Para nunca mais voltar. E eu a ajudei em seu caminho.

Temo que eu possa cambaleiar para a frente e seguir a descida de Laura. Sinto até um leve puxão na direção da água.

Até ouvir Jasper Jones. Ele não está ao meu lado. Viro-me rapidamente. Está de costas para mim. Uma das mãos está apoiada no tronco da árvore. E minha boca se abre quando vejo seus ombros se sacudindo, quando ouço o tremor da sua respiração.

Há uma dor na minha garganta. Eu deveria andar até ele e dizer alguma coisa forte, confiante e sensata. Olhá-lo nos olhos. Mas não vou. Apenas espio. Sua outra mão toca o rosto. Aquilo é real. Seus joelhos estão curvados e os músculos, retesados. Meu lábio começa a tremer nas extremidades.

E me sento pesadamente e choro, com a cabeça entre as coxas. Muito silenciosa e comedidamente. Tiro os óculos e limpo os olhos com as costas do punho. Não entendo o que aconteceu. Preciso cagar. Preciso tomar banho. Preciso dormir. Esta noite me roubou coisas preciosas que jamais recuperarei. Sinto-me roubado, mas não me sinto enganado por Jasper Jones. É um vazio curioso. Como quando você se muda para uma casa nova e não há móveis nem paredes familiares; o mesmo tipo de mistura esquisita de desamparo e transtorno. É uma sensação de solidão.

Aperto bem os olhos. Não quero fungar, pois Jasper saberá que também estive chorando; por isso, aperto o nariz e o desentupo.

Quando ergo o olhar e coloco os óculos, vejo que Jasper está sentado, apoiado na base encurvada da árvore. Ele parece exausto. Há uma garrafa no seu colo. Está cheia. Não tem rótulo. Seus olhos estão vidrados. Ele ergue o rosto e balança a cabeça lentamente de um lado para outro.

Bebe um gole rápido. Então, olha para baixo e agita a garrafa para mim. Estou extremamente tentado, mas abano a cabeça e mostro uma das palmas.

Jasper passa a mão grosseiramente pelo rosto e puxa a pele no queixo. Acende um cigarro. Descansa os braços sobre os joelhos.

– Pode me dar um? – pergunto.

Jasper sorri. Retira um cigarro do maço e o endireita. Enfia o cigarro com força entre os lábios enquanto ele me oferece fogo. E

me inclino, hesitante, em direção à chama, como se fosse beijar o traseiro de um cavalo e esperasse um coice.

– Peraí, peraí! – interrompe Jasper, ainda sorrindo. – A outra ponta, Charlie. Essa é o filtro, está vendo?

Jasper tira o cigarro de minha boca, acende-o e devolve-o.

Eu esperava tossir, mas não tanto. Uma tragada espreme meus pulmões como se fosse uma pequena toalha. Pigarreio e cuspo. Tento me acalmar e fracasso.

– É a... asma e essas coisas. Toda a... umidade. É. Normalmente, eu... – Olho por cima do nariz para o cigarro na minha mão como se ele tivesse dito algo para me confundir. Sem necessidade, bato a cinza, queimo a ponta do dedo indicador e largo o cigarro. É claro que meu instinto é alcançá-lo e pegá-lo, o que, para minha surpresa, consigo fazer, e, então, queimo a palma da mão esquerda. Odeio esse cigarro. E agora tenho de fumá-lo.

Arranco o capim macio entre minhas pernas. Parece que fomos abatidos por uma tempestade e estamos sentados entre os destroços. Permanecemos por muito tempo sentados sob aquele cobertor de silêncio.

Jasper continua entornando sua garrafa. Não sei o que dizer. Está tão sinistramente silencioso que consigo ouvir o crepitar do papel quando ele traga o cigarro. O leve toque dos seus lábios. Deixo meu cigarro queimar discretamente entre meus dedos.

– Parece que estou sonhando com tudo isso – digo.

Jasper ergue as sobrancelhas.

– É. Eu sei. Toda essa noite. Toda essa noite maluca. Puta merda, eu queria que fosse um sonho, Charlie. Não sei como dizer. É como se alguma coisa tivesse sido arrancada de mim.

Ele esmaga o cigarro e guarda-o no bolso. Aproveito a oportunidade para fazer o mesmo. Ele acende outro e prossegue.

– Laura era a única pessoa que já senti que *conhecia*. Tipo, eu nem precisava fazer perguntas. Eu simplesmente me sentia à vontade. Ela era como minha namorada, minha mãe e minha

família, tudo ao mesmo tempo, sabe? Tudo era sempre fácil. Quer dizer, às vezes ela tinha umas coisas e ficava sentada ali, sem dizer nada, mas, por algum motivo, eu também entendia. E, de qualquer modo, eu também fico assim. Mas, na maioria das vezes, ela era muito divertida. E inteligente, Charlie. Como eu disse.

Jasper está virando a garrafa. A metade já se foi. Franzo o rosto. Preocupo-me por ele ficar bêbado demais e a gente não conseguir voltar pelo mato.

Jasper lê minha mente.

– Tá tudo bem, Charlie. Eu aguento beber. Não sou como meu coroa, e ele é branquelo. Quer um pouco? Toma, vai.

Hesitante, estendo o braço para a garrafa fria e úmida, mais para ele ir devagar do que para saciar um desejo. Cheiro o gargalo e recuo.

– O que é isso?

– Uísque. Tem gosto de mijo e óleo.

Bebo um gole incendiário. É claro que a bebida ataca minha boca e queima toda a garganta. Engasgo imediatamente, secando os lábios e tentando manter meus pulmões controlados. Inclino a cabeça e finjo ler, com olhos enevoados, um rótulo que não está ali. Essa porcaria é um veneno. E me dou conta de que fui traído pelos dois vícios que a ficção prometeu que eu adoraria. Sal Paradise demarcava garrafas de bebida como uma dona de casa num comercial de detergente. Holden Caulfield buscava seus cigarros como um ato de fé. Mesmo Huckleberry Finn fumava seu cachimbo com alívio e satisfação. Não posso confiar em nada. Se sexo for tão ruim assim, nunca mais leio. A essa altura, provavelmente queimarei meu pau e acabarei lesionado.

Olho para minhas sandálias e tento disfarçar minha repugnância.

– Que merda. Normalmente eu bebo... o que é isso... *puro...* malte?

– Não faço ideia, parceiro. Não tive muito tempo para ler o rótulo. Quem pede não pode escolher, Charlie. Você pega o que

consegue.

– Você quer dizer que *roubou* isso? – pergunto, devolvendo a garrafa para seus dedos estendidos.

– Bem, eu não *paguei* por isso. Roubei do meu coroa. Bem na frente dele. Ele estava apagado, abraçado a uma garrafa vazia, então peguei a cheia, que estava na mesa.

Balanço lentamente a cabeça enquanto Jasper faz uma pausa para engolir.

– Mas provavelmente alguém já disse a você que sou um ladrão, certo? Sou um larápio. Roubo coisas.

Faço uma pausa, tentando escolher as palavras certas.

– Está tudo bem, Charlie. Você não pode evitar o que ouve. Mas foi *isso* que ouviu, não foi?

– É, acho que sim.

– Bem, o que você não sabe, Charlie, o que ninguém dirá, além de mim, é que, fora o bolso do meu coroa, eu *nunca* roubei algo de que não precisasse. Com certeza. Estou falando de comida, fósforos, às vezes roupas, essas coisas. Nada importante, nunca. Nada que fizesse falta às pessoas. E, veja, são essas pessoas que esperam três refeições por dia, têm roupas passadas, uma esposa, um carro e um emprego que olham para mim como se eu fosse lixo. Como se eu tivesse escolha. Como se eu fosse um nada que precisasse evoluir. E são essas pessoas que dizem aos seus filhos que eu não presto. Elas não sabem merda nenhuma sobre o que significa ser eu. Nunca perguntam por quê. Por que ele rouba? Acham que é minha natureza. Como se eu não soubesse ser melhor. E sabe o que mais, Charlie? Nunca fui pego. Nem perto disso. Todos eles apenas suspeitam. *Esperam*. É claro que ele é um ladrão, dizem. É claro que ele incendiou a agência dos correios. É claro que ele enforcou aquela pobre garota. Aquela pobre garota.

Os lábios de Jasper estão úmidos. Ele está começando a enrolar as palavras.

– Seu pai não compra nem comida? – pergunto, e me arrependo da minha incredulidade.

– Está brincando, não é?

– Bem, não sei. Em que ele gasta dinheiro?

– Na maior parte, bebida, putas e cavalos. Mas tudo diminuiu desde que ele ficou desempregado. Faz meses que ele não trabalha. O imprestável devia entrar para o exército. Ir para a porcaria do Vietnã ou qualquer coisa e ficar por lá. Eu me ajeitaria.

– Então, o que você rouba do seu pai? – pergunto, pressionando-o.

– Bem, principalmente as coisas que quero. Cigarros, bebida, dinheiro, quando tem. O que houver nos bolsos dele. O truque é pegar quando ele está totalmente apagado, porque assim ele não pode ter certeza se perdeu, bebeu, fumou ou gastou o dinheiro. Se estiver realmente de porre, ele nem nota. É sempre diferente. Às vezes, após ter sido roubado, se suspeita de que fui eu, ele deixa passar, porque se sente culpado, mas não é sempre.

– Alguma vez *você* se sentiu culpado? Por pegar as coisas dele?

– Nenhuma vez, parceiro. Sabe, da parte dele, eu simplesmente acho que ele me deve. Ele é meu pai, merda. Eu *tenho* de pegar, Charlie, porque ele nunca vai me oferecer. Em toda a minha vida, tudo foi tirado de mim, então estou equilibrando a balança.

Concordo com a cabeça. Jasper continua.

– Mas você não pode pensar assim o tempo todo. É um jeito venenoso de pensar. Não tem sentido ficar sentado, sentindo pena de si mesmo, porque outros garotos ganham presentes de Natal ou seus coroas se importam com eles ou eles têm mães que cozinham bem ou sei lá o quê.

– É, mas você tem o direito de...

– Não, esqueça isso, Charlie. Eu já disse que não quero pensar assim. Não há nada nisso. Não sei. Não quero levar a vida como esses vagabundos que vivem esperando que sua sorte seja uma merda porque ela sempre foi assim. Não. A gente sempre acha que

as coisas serão diferentes quando sairmos dessa cidade, sabe? É quando a gente acha que tudo vai mudar. A gente vai se mudar para a cidade grande e faturar milhões. Com certeza.

– A gente?

– É. A gente.

Jasper olha para baixo e cobre o gargalo da garrafa com o polegar. A sensação de opressão me ataca novamente. Quero mantê-la distante, o que é mais fácil quando ele está falando.

– Qual é o seu plano? Quando você sair daqui quero dizer? – pergunto.

– Bem, ainda não pensei muito bem, mas vou achar alguma coisa. Tenho algumas ideias. Futebol, talvez. Quem sabe? Ostras, no norte. Dá para ganhar um bom dinheiro com essas sacaninhas. Ou talvez eu possa trabalhar numa mina, botar um pouco de ouro nos bolsos. Aprender um ofício. Não sei. Qualquer coisa, menos engraxate. E você? Provavelmente a universidade, certo?

Eu me retraio um pouco. Sem jeito. De repente, parece desrespeitoso falar sobre isso agora, falar sobre o futuro quando Laura Wishart foi roubada do seu. Não parece *importar*. Mas talvez seja essa a questão. Talvez toda essa conversa seja para Jasper. Talvez ela esteja fazendo a mesma coisa que aquela garrafa horrível: tentando acalmar nossas mentes, destruir um pouco do pânico.

– Não sei – respondo. – Sempre adorei ler e tal. Livros, poemas. Então, talvez escrever. Sempre achei que seria isso. Escrever livros. Inventar histórias.

Tento me expressar com um dar de ombros ambivalente, como se fosse um pensamento fugaz, como se não fosse a única coisa em meu coração desde que aprendi a ler.

Para minha surpresa, Jasper assente em aprovação.

– É. Acho que com certeza, Charlie.

– Você acha?

– Sem dúvida. Acho que você vai ser ótimo. Vai se mudar para alguma cidade grande, com uma máquina de escrever. Conhecer pessoas, contar suas histórias. Talvez você possa escrever minha história algum dia. Aí faremos um filme baseado nela, com certeza. Imagine só.

E imagino. Jasper faz soar tão possível e plausível que eu possa deixar Corrigan para ser escritor. Contar histórias inventadas para sobreviver. Fazer literatura importante, verdadeira. Quando tenho vontade, gosto de me imaginar como um autor famoso num austero salão de baile, iluminado por candelabros, onde brinco com poetas *beat* e romancistas como Harper Lee e Truman Capote.

Mas Jasper Jones interrompe meu devaneio. Ele está de pé e balançando o corpo, curvado como se tivesse sido baleado na barriga. Antes que eu entre em pânico, ele começa a expulsar aquele líquido nocivo na forma de um fluxo grosso que parece quase brilhar. Ele agarra a garrafa vazia. Seu vômito tem um cheiro azedo. Está irrompendo dele. Jasper comprime o corpo violentamente, como se estivesse sendo agarrado e socado na barriga por agressores invisíveis. Ele vomita e tosse, respirando pesadamente, acororado. Cospe e geme baixinho antes de vomitar novamente. Então, finalmente se levanta.

– Achei que você tivesse dito que aguentava beber. – falo.

Jasper cospe novamente, limpa a boca e sorri.

– É, eu aguento, mas não por muito tempo.

Ele se vira e cambaleia em direção à represa. Ajoelhando-se, enche a garrafa com água. Parece debilitado. E desaba contra a árvore e mais uma vez, antes de conseguir beber alguma coisa. A garrafa cai. Ele apaga. Absorto e entregue. Talvez seja tudo o que ele quisesse.

Noto que, subitamente, aquele espaço parece mais claro. Primeiro, penso se me acostumei à escuridão, se me adaptei. Então, levanto-me correndo e sacudo-o para acordá-lo.

– Jasper, *merda!* Está quase amanhecendo! A gente tem de voltar. Agora! Se meus pais souberem que saí, estou ferrado!

Jasper Jones pisca e olha lentamente para cima.

– O quê? – Ele parece ponderar. – É, você tem razão. Ok, Charlie. Só um segundinho.

Sua fala é arrastada. Agora realmente receio que a gente se perca na volta. Mas não tanto quanto temo que meus pais encontrem minha cama vazia. Nem consigo imaginar.

– Não. Temos de ir agora!

Jasper se levanta, instável e caminha, pesado. Ele coloca uma das mãos no meu ombro. Olha-me com atenção, mas vagamente. Cheio de tristeza. Seu bafo é como ácido.

– Tá bom. Vamos.

Ele faz uma pausa. E oscilando ligeiramente, continua ali e olha para cima, para o eucalipto fantasmagórico. Apesar da minha urgência preocupada, não o apresso. Ele encara a árvore uma última vez antes de nos virarmos para ir embora.

A caminhada parece muito mais rápida do que quando viemos. Talvez porque eu saiba aonde vou, ou porque, na minha pressa, estou quase pisando nos calcanhares de Jasper.

Seus ombros caíram ligeiramente para a frente. Ele não caminha com aquela intensidade ou atitude de costas eretas que tinha antes. Sacode o maço de cigarros. Vazio. Por esse motivo, enfia as mãos nos bolsos. Caminhamos silenciosa e rapidamente. Acima de nós, passarinhos se agitam e gorjeiam seu canto matinal. O sol surge como um arauto da condenação. Estranhamente, quanto mais fácil é enxergar e andar, mais receoso e apreensivo eu fico. Mas, pelo menos, a noite acabou. Há algum alívio nisso. Não preciso enterrar mais ninguém. Em breve, poderei dormir. Talvez. Por pelo menos duas horas.

Chegamos à trilha estreita. E, quando caminhamos por ela tenho uma estranha sensação de afinidade, como se fôssemos velhos amigos. Ela não vem sem uma parcela de conforto. Eu sei onde

estamos. Não há nada além de familiaridade diante de mim. O mesmo acontece quando saímos do mato para a estrada. É como se eu estivesse fora por muito tempo e finalmente chegasse em casa. Com um terrível segredo que preciso cauterizar e esconder.

A luz é cinzenta e sombria, mas se intensifica rapidamente. Talvez consigamos chegar antes que o mundo acorde. Talvez.

Agora, ando lado a lado com Jasper Jones. Pondero se devemos ou não nos separar, se é perigoso sermos vistos juntos. Ou, mais precisamente, entendo que, se eu for visto com Jasper Jones, poderá levantar suspeita. Respiro rapidamente, prestes a abordar o assunto, mas me confiro antes. Subitamente, não quero. E não é uma questão de bravura. Não sei. Parece que, por termos passado por algo sério e importante, tenho um verdadeiro senso de lealdade. Sinto que, se nos separássemos ali, mancharíamos uma espécie de pacto tácito. Somos companheiros em uma espécie de guerra particular. De repente, parece importante permanecermos juntos, lado a lado.

E, quando chegamos ao centro sépia de Corrigan – o Sindicato dos mineradores, o Sovereign Hotel, a recém-reformada agência dos correios, em seguida o assomar da humilhante delegacia –, eu me dou conta de que estou envolvido nisso. Muito envolvido. Qualquer que seja o resultado. É claro que estou com medo. Mas, caminhando à sombra dele, também sou atingido por uma espécie de antecipação. Jasper Jones e eu, detetives e parceiros. Cúmplices. Apesar de tudo, me empolga um pouco saber que certamente o verei de novo. Que ele precisa da minha ajuda. Não me sinto mais tão ridículo caminhando ao lado dele. Não me sinto como um aliado incompatível. Enquanto o resto dessa cidade olha para Jasper Jones como se ele não prestasse, me anima que ele me trate como um igual.

Ao virarmos finalmente na minha rua e caminharmos depressa diante de largos jardins, marginando a lateral da minha casa, permito-me algum alívio. Aparentemente, meus pais ainda estão

dormindo. Não fui pego por ninguém. Ainda. Não imagino que terei essa sorte por muito tempo. Os acontecimentos dessa noite ainda se espreitam em mim, frios e inquietos. Ancorados e presos, como aquela pobre garota que amarramos a uma pedra. Quando eu estiver menos atordoado e cansado, vai doer. Vai borbulhar e irromper, eu sei.

Amanhece. Está claro. Mas ainda parece noite.

Viro-me para Jasper. Ele parece exausto. E me ocorre que, nessa coisa, não há folga para ele, não há conforto, nenhum lugar aonde ele possa ir, se deitar e ser cuidado. Não mais. Se ele tinha algum lugar nesse mundo, era o lugar de onde viemos; o lugar que partiu seu coração e o colocou em perigo. Ele tem razão: por toda a sua vida, tudo foi tirado dele.

Ele parece esgotado e bêbado, mas arqueia as costas com um tranco, projetando novamente aquela força.

Pergunto-me aonde ele vai. Se ele vai se sentar em algum lugar tranquilo e esperar a agitação, ou se vai para casa, se pudéssemos chamar aquilo de casa.

Sinto-me podre pelo que tenho. Pelo que sempre tive. Sinto-me estúpido e mesquinho por ter me queixado de qualquer coisa. Sinto-me como um babaca mimado, prestes a voltar para meu ninho seguro enquanto Jasper Jones suporta sua carga sozinho. Não é justo. Não é justo, de jeito nenhum. Quero convidar Jasper para entrar, dar-lhe minha cama, e me odeio porque não posso e não vou fazer isso. Sinto-me enjoado porque vou acordar e encontrar meu café da manhã pronto. Porque minha mãe está viva e porque meu pai é um bondoso abstêmio. Não é certo. Simplesmente não é certo que eu tenha tantas coisas que ele não tem. Eu poderia chorar novamente, mas acho que estou cansado demais até para fazer isso. Sinto-me tão exausto e oprimido.

Enxugo a testa. Eu tinha razão: meu alívio foi breve.

Jasper Jones me mostra um fraco e rápido sorriso e segura meu braço. Então, enfia as mãos nos bolsos. Não dizemos qualquer

palavra. Apenas nos olhamos, assentimos e movemos os pés. Não há o que dizer.

Tiro minhas sandálias afrescalhadas e ando silenciosamente até a janela. Ergo o corpo e me seguro, como se estivesse num cavalo de pau, mas estou empacado. Viro a cabeça e sussurro:

– Dá uma força?

E Jasper se aproxima e me levanta facilmente. Atravesso. Consegui. De volta à minha cama.

– Obrigado – sussurro pela janela.

– É, o mesmo para você – diz ele. – A gente se vê, Charlie. – Ele hesita, como se tivesse algo mais a dizer, mas apenas acena ligeiramente.

E some.

Recoloco as ripas de vidro. Sinto que invadi meu próprio quarto. Não parece o mesmo lugar que deixei. Não parece meu lar, mas parece seguro. Já posso sentir o calor do dia, e a luz ainda tem um tom azulado. Noto quão sujo estou, suado e arranhado, quão urgentemente meu coração bate contra as costelas. Laura Wishart se foi. Realmente. Foi morta numa estranha clareira conhecida apenas por Jasper Jones. E eu a vi, pendurada por uma corda. Já morta. Ajudei a carregá-la para um poço e joguei-a e ela afundou como uma pedra. Isso é irrefutável. Isso é verdade. Isso é o que sabemos. Estou com sede. Estou enrascado. Sinto-me mal e não consigo conter esse tremor. Por algum motivo, simplesmente sei que, se eu ficar junto a Jasper Jones, estarei bem. Que há alguma espécie de proteção e de retidão. Deito-me. E, por enquanto, acabou-se.

Quando acordo, estou coberto de suor. Deve ser tarde. O sol brilha diretamente nos meus olhos. Pestanejo. Sinto-me como se acordasse após uma cirurgia. Certamente parece que minhas entranhas foram puxadas e arrancadas. Pergunto-me que horas são.

A noite anterior volta em estranhos cacos e fragmentos. Não demora muito para se acomodar. Um momento irascível, um vestido branco pesado. Então, me lembro de tudo.

Eu me sento, assustado. Espero policiais com apitos e ordens urgentes. Sirenes. Campainhas. Aviões de reconhecimento. Cães farejadores. Fitas amarelas e pessoas que parecem ocupadas. Espero um céu vermelho e nuvens agourentas. Olho pela janela. Nosso quintal está totalmente tranquilo, a não ser por um coro de cigarras. Mesmo assim, desconfio de que estou sendo vigiado. Espio por muito tempo pela janela, tendo certeza de que não sou observado.

Levanto-me e olho para minha cama. Há uma mancha escura onde dormi. Toco-a. Está úmida. Suor. Mas, em volta dela, há uma fina camada de sujeira. Parece o contorno a giz de um assassinato. Como se eu tivesse morrido durante a noite. Ou trocado minha pele, como uma cobra.

Preciso mijar. Urgentemente. Mas, cruelmente, meu pau se aperta contra a cueca, tentando se afirmar. Está duro como uma pedra e desobediente. Recomponho-me e apanho uma toalha; então escapo depressa para o banheiro, esperando não encontrar

ninguém no caminho. Felizmente, a barra está limpa. Bato a porta e jogo a toalha. Minha mira é terrível, mas o alívio força um leve sorriso.

Sento-me na beira da nossa banheira cor de limão. Nu e solene, abro o registro da água, esquivando-me quando os primeiros esguichos escaldam meus dedos. A água empoça e queima meus pés. Eu os mantenho erguidos. Merda. Alguém acendeu uma fogueira debaixo do nosso reservatório de água? Quero gritar com meus pais por causa disso. Finalmente, a água se torna uma corrente morna. É o melhor que posso esperar. Jogo água no rosto, esfrego o pescoço. Lavo-me com sabão de granito. É uma sensação boa arranhar e raspar minha pele. Não me importo que doa um pouco.

E me sento. A cabeça abaixada e zunindo. Gotejando. Envergonhado pela falta de carne no meu corpo. Sou pele e ossos de cima a baixo. É o corpo sem graça de um menino. Sem saliências, curvas, linhas ou cicatrizes. Nada como Jasper Jones.

Fico ali. Está mais fresco. E, para ser honesto, alimento um desejo distante de chorar. Ainda me sinto cansado. E irritado e triste. Como quando estou prestes a ficar resfriado ou coisa parecida. Triste e esquisito. Meu estômago está sensível. É como se eu tivesse sido sacudido, socado e esticado. Quero aninhar a cabeça nas mãos, mas não o faço. Não o farei. Se o fizer, vou chorar.

Minha cabeça gira.

E se realmente *foi* Jasper Jones? E se ele fez aquilo? E se ele matou Laura Wishart? E se ele a matou e eu não disse nada? Eu posso ir para a cadeia? Ele pode realmente ter enforcado aquela garota naquela clareira tranquila? A ideia parecia implausível na companhia dele, mas quão bem o conheço realmente? Ele pode ter me enchido de conversa fiada. Pode ter sido ele, o tempo todo. Cutuco o ouvido com o nó de um dos dedos.

Mas, então, por que ele me procuraria? Não faz sentido. Não há chance de que alguém execute um assassinato e depois procure uma testemunha. É simplesmente burrice. Portanto, não pode ter sido ele. Com certeza não foi ele.

Mas, além disso, eu confio nele. Confio de verdade. E não é porque preciso. Eu acho que, provavelmente, ele é a pessoa mais honesta nessa cidade. Ele não tem motivo para mentir. Não tem uma reputação a proteger. Ontem à noite, não desconfiei que ele estivesse me enganando. Nenhuma vez. A maneira como ele fala, é como se ele fosse incapaz de enganar alguém. Ele fala com tal convicção que você tem certeza de que ele acredita nas próprias palavras. É a sensação que você tem.

Veja, a maioria das pessoas que você conhece conversará através de cinquenta camadas de tinta. Às vezes, você sabe que elas estão mentindo antes mesmo de começarem a falar. E parece que, quanto mais velhas, mais descaradas e desesperadas as pessoas se tornam, e mentem sobre coisas que sequer importam. Como meu pai, com seu modo de pentear o cabelo para cobrir a careca, ou minha mãe, com sua tintura de cabelo vermelha. Ou quando meu pai insiste em que gosta do desafio de ensinar as crianças de Corrigan a gostarem de literatura, ou quando minha mãe garante às suas irmãs na cidade grande que ela adora isso aqui e que, não, não é tão quente assim, é simplesmente adorável e uma comunidade maravilhosa. Não sei. Talvez eles se acostumem tanto que nem percebam. Talvez seja como uma praga que se espalha, e, quanto mais você pratica, mais fácil se torna. O espantoso é que eles acham que estão enganando alguém.

Sim. Acho que Jasper Jones fala toda a verdade numa cidade de mentirosos. Posso perceber. Sabe, são essas mentiras que o precedem, essas histórias nebulosas da comunidade pelas quais fui levado – elas são a fonte dessas dúvidas mesquinhas na minha cabeça. Quer dizer, se fosse Jeffrey Lu quem tivesse me acordado ontem à noite para me conduzir silenciosamente àquela cena

horrível, eu não duvidaria da sua história por um só momento. Nem o questionaria. Então, por que deve ser diferente em relação a Jasper Jones?

Ergo-me para fora da banheira, inquieto e pesado. E não me sinto muito mais limpo do que quando entrei.

•

Quando chego à cozinha, hesitante, meus pais param e me olham desconfiados, com as sobrancelhas erguidas. É como eles exigem uma explicação sem pedi-la. Por um momento breve e terrível, penso que eles sabem alguma coisa. Talvez minha mãe já tenha inspecionado seu canteiro de gérberas pisoteado e notado as impressões digitais nas ripas de vidro empoeiradas da minha janela, presumindo instantaneamente, com sua misteriosa facilidade de acusar sem ter provas, que passei a noite toda com Jasper Jones, que vi e fiz algo terrível e que estou metido em todo tipo de encrenca.

Mas, então, meu pai abre um sorriso e estende a mão para me dar um tapinha nas costas.

– Rip Van Winkle! O defunto levantou-se! Quanta bondade sua se juntar a nós.

Sento-me e ofereço um sorriso amarelo.

Minha mãe prepara uma xícara quente de café com uma dose generosa de leite condensado. Ela se inclina, colocando as mãos nos joelhos.

– Creio que está desfrutando sua estada no nosso hotel, Sr. Bucktin. Devo lembrá-lo de que nosso serviço de quarto se encerra às dez horas em ponto. O senhor quer ovos para o almoço?

Meu pai ri, bufando. Minha mãe é a pessoa mais sarcástica do universo. Meu pai a chama de Hilária, mas acho que é, mais ou menos, uma oportunidade de me encher o saco sem parecer

insensata. Ela é mais dura quando está ligeiramente chateada com alguma coisa, o que acontece a cada hora do dia.

– Não, obrigado – digo. – Que horas são?

– Quase meio-dia. Portanto, você só desperdiçou metade do dia. Para alguns, ele está lindo.

Ela está de costas para mim. Usa um vestido fino com estampa floral, que cola no seu corpo por causa do calor. Tenho de admitir que ela está bonita hoje. Em geral, ela só está bonita quando volta da cidade, aonde tem ido com mais frequência. Quero abraçá-la, ser abraçado por ela, mas seria muito embaraçoso e incomum. Mesmo assim, o cabelo dela está bonito hoje.

– Seu cabelo está bonito hoje – digo.

Isso a faz se virar. Ela me olha como se eu tivesse cuspidado seu café na mesa e chamado-a de cortesã.

– O que você disse?

– Eu disse que seu cabelo está bonito hoje.

– Ah – diz ela, e franze a testa, à procura de um significado mais profundo. Desvia o olhar. – O que você quer?

– O quê? Nada. Eu só disse que seu cabelo está bonito.

– Mas por que você diria isso?

– Não sei. Porque seu cabelo está bonito.

Exasperado, viro-me para meu pai. Ele está assentindo e rindo baixinho, de costas para ela.

Após uma pausa breve, ela diz quase do modo como diria: “Bem, *não diga*”.

– Bem, obrigada.

Dou de ombros.

Meu pai sorri e dobra o jornal.

– Não conseguiu dormir ou não conseguiu acordar, meu rapaz?

Ajeito os óculos e fungo. É difícil desempenhar esse papel. *Charlie Bucktin no café da manhã: Cena Um.* Não pareço o mesmo. Sinto-me desconfortável na minha própria pele.

– É, não dormi essa noite. Estava muito quente. Fiquei lendo, eu acho.

– Sei. E o que você está lendo?

– *Pudd'nhead Wilson*. É muito bom.

– Ah. – E meu pai se inclina para a frente. – Eu o li há anos. Está gostando?

– Estou. Bem, é como eu disse. É muito bom.

Contraio os lábios e ergo as sobrancelhas. Não quero interpretar essa cena. O café está me deixando com muito calor. Estou suando. Estou grudado nesse assento de vinil.

Mesmo assim, não consigo abrandar aquela sensação incômoda de que estou prestes a ser pego. Há insetos rastejando pelos meus ombros. A qualquer momento, espero tropas vestidas de azul invadirem nossa casa e me algemarem pelas costas. Os vizinhos se enfileirarão pela rua, vaiando e cuspiendo enquanto serei violentamente levado para um furgão com luzes brilhantes.

Gesticulo com a cabeça em direção ao jornal do meu pai.

– Quais são as novidades? Alguma coisa boa?

– O mesmo de sempre, meu rapaz.

– Ah, tudo bem – digo, bebendo o café e desviando o olhar.

– Você está bem, Charlie? – Meu pai muda o tom.

Estende a mão, sente minha testa e corre o polegar pelo meu topete. Quero lhe contar tudo. Quero que ele me envolva nos seus braços e me tranquilize.

– Sim, estou bem. Apenas cansado, eu acho.

– Bem, se não está comendo, meu jovem – diz minha mãe –, sugiro que visite Jeffrey. Ele já esteve aqui umas cinco vezes essa manhã, preocupado com alguma coisa. Disse a ele para acordar você, mas ele simplesmente voltava para casa e dizia que tentaria mais tarde. É um rapaz muito educado.

Merda. A estreia. Esqueci completamente. Não me admira que ele não quisesse entrar. Ele não estava sendo educado, simplesmente não queria perder nenhum lance. Nesse momento,

Jeffrey deve estar agarrado ao rádio, concentrado e imóvel como se ele derramasse segredos de Estado. Nunca entendi. Não é como se a mesma coisa não acontecesse várias e várias vezes. Críquete é o negócio mais repetitivo da história. Mas Jeffrey ouvirá as palavras: *Lance fora do wicket, taco no ombro, Lawry* com tanta alegria e intensidade pela octogésima vez como se fosse a primeira.

Não quero o resto do café, mas desperdiçá-lo não vale a ira da minha mãe. Engulo-o rapidamente, vacilando nos pedacinhos amargos ao fundo. Eles queimam minhas entranhas, mas se vão. Enxáguo os sedimentos na pia e deixo o palco pela esquerda, oferecendo um adeus despreocupado.

•

Jeffrey mora do outro lado da rua, quatro casas acima. Se fosse um pouco mais adiante, duvido que eu conseguisse chegar. Esse só pode ser o dia mais quente da história. Ou a Terra está sendo devorada pelo Sol ou ele se lançou na nossa direção como um enorme meteoro. A grama quebra sob meus pés. Ao longo da rua, posso ver estranhas ondulações de calor. Chego à porta de Jeffrey como se tivesse corrido uma maratona e bato rapidamente, vasculhando a varanda. Cumprimento o irritado gato malhado de Jeffrey, Presidente Meow, que me ignora e se instala sob a gaiola branca do afável periquito, Presidente Wow.

A Sra. Lu atende.

– Olá, Chully – diz ela, e então seu largo sorriso desaparece e, subitamente, ela parece desanimada. Ela sacode a cabeça solenemente. – Não é nada bom. Chove no jogo de cliquete. Entre, entre.

Jeffrey irrompe da sala. Está vestindo roupas brancas.

– Onde você *estava*? Você é um *idiota*.

– Não sei. Dormindo. Está chovendo?

A Sra. Lu ri novamente.

– Não, Chully, está muito *quente!* – Ela aperta meu braço, assente uma vez e se afasta, dando risadinhas.

– O que isso *significa?* – pergunta Jeffrey, observando-a ir embora.

Sigo Jeffrey para a sala. O rádio está ligado.

Sento-me no sofá; Jeffrey se empoleira na banquetta do piano, que ele arrastou até o rádio. Está muito mais fresco aqui. Jeffrey relata os fatos do dia com desnecessária atenção aos detalhes. Ele está claramente decepcionado. Doug Walters está estreando, é o primeiro jogo dos Ashes e parece que vai chover durante o resto da tarde. Nesse momento, a ideia da chuva me parece incrivelmente convidativa. Um banho gelado, forte e estimulante.

A Sra. Lu entra, com uma travessa de doces e frutas e dois copos altos com suco de lichia gelado. Eu agradeço, e Jeffrey mergulha na travessa. Ela se vira e guincha algo ríspido para Jeffrey, em vietnamita.

Jeffrey, com a boca ainda cheia, diz:

– *Não* é indelicado! É só o Chuck! Ele não se importa!

Mas sua reclamação feroz continua enquanto ela se afasta. Jeffrey sorri. Ele levanta a bandeja e curva o corpo.

– Por favor, Ó Sagrado Ombuuuudsman, servi-vos primeiro da nossa bandeja de iguarias, eu vos implooro.

– Assim é melhor – digo.

Pego uma coisa redonda, laranja e brilhante. É delicioso.

– O que é isso? É incrível.

Jeffrey me olha de lado.

– É Bang Chow Pow.

– Mentira.

– Incorreto. É um *fato*. Não seja ignorante.

– Você é um idiota.

– Você é um comunista.

Jeffrey derrama sua bebida ao gesticular. Ele seca o chão com uma almofada.

– Tenho uma pergunta: você preferiria morrer de calor ou de frio?

Recosto-me e coloco os pés para cima.

– Você quer dizer queimado ou congelado imediatamente ou numa exposição constante?

Ele passa o polegar pelo queixo.

– Exposição constante.

– Bem, não sei. Nenhum dos dois.

– Mas tem de escolher uma opção.

– Por quê?

– Chuck! Você é retardado? É hipotético.

– Mas *quando* eu poderia precisar fazer essa escolha?

– Bem, *digamos* apenas que tem de escolher.

– Por que eu precisaria escolher?

– Porque eles têm um revólver hipotético contra sua cabeça.

– Quem são eles?

Jeffrey está sorrindo. Ele está empoleirado impacientemente na beirada da banquetta de piano.

– Não sei. Os russos.

– Por que os russos me querem morto?

– Porque eles são maus e hipotéticos! E você é um espião. Você vendeu segredos deles.

– Para quem?

– *Los alemanes*.

– Sei. Bem, eu escolheria ser hipoteticamente baleado na cabeça. Quero dizer, se vou morrer, por que sofrer hipoteticamente?

– Ok. Um: você é um idiota. Dois: você está dificultando demais

– Jeffrey pensa um pouco. – Tudo bem. Eles também pegaram seus pais.

– Jeffrey, você só está facilitando a transação.

Nós rimos. Pego outra bola laranja. Então Jeffrey estala os dedos e me olha furtivamente, ainda sorrindo.

– Tudo bem. Tudo bem. E se eles pegaram também, digamos, Eliza Wishart. Hein, Chuck? O que você faria? Você pode salvá-la escolhendo um ou outro.

A menção do nome dela me abala. Percebo o quanto me afastei de Laura, desde que cheguei aqui. Largo o doce. Sinto vontade de vomitar.

Mando Jeffrey se ferrar. É claro que deixo isso escapar no momento em que a Sra. Lu volta, com mais comida. Fico congelado, com os olhos arregalados, esperando ser repreendido, mas, aparentemente, ela não ouviu. Jeffrey está sufocando de rir silenciosamente à minha custa.

– Aqui, Chully – diz ela, alegremente, voltando a encher meu copo. Ela se vai tão velozmente quanto entrou. Observo-a ir embora, imaginando como evitei a morte certa por um triz.

– Está tudo bem, ela não conhece palavrões – diz Jeffrey, após se recuperar. – Você devia ter visto a sua cara!

– É mesmo?

– É. Escute isso... – Jeffrey grita na direção da cozinha: – Mãe! Chuck achou essas bolas de laranja do caralho! *Ele ama mesmo essas bolas do caralho!*

Há uma pausa pesada enquanto esperamos uma resposta.

– Tudo bem! Que bom! Obrigada, Chully! – grita ela, do corredor.

Temos de morder os punhos para parar de rir.

Eu me recosto. Mas, subitamente, lembro novamente, e aquele acesso de náusea me sacode para a frente. É uma montanha-russa no meu estômago. Gostaria de contar tudo a Jeffrey. Gostaria, mesmo. Pergunto-me por que guardar um segredo dói tanto. Quero dizer, contar a Jeffrey não muda nada, não traz nada de volta. É apenas informação. Não draga aquela pobre garota das profundezas da represa, não lhe devolve a vida. Então, por que

sinto como se precisasse botar tudo para fora? É apenas o fato de contar a ele? Afrouxar os parafusos, tirar essa sujeira horrível do meu corpo? Talvez, se eu derramar um pouco o fardo que preciso carregar fique um pouco menos pesado. Por essa lógica, se eu contar a todos em Corrigan, ou na Austrália, ou no Mundo, se eu compartilhar um pouco com todos, talvez o fardo se torne suportável.

Mas, de qualquer modo, não posso. Está bem trancado dentro de mim. Não é que eu não confie em Jeffrey, é que Jasper Jones confia em mim. É uma contorção incomum das minhas lealdades. Sei que não posso contar.

Jeffrey, de repente, estala os dedos e aponta para mim.

– Ok. Tenho uma. – Ele abre as mãos, mostrando-me as palmas como um mímico, como faz quando conta uma piada. – Tudo bem. Como os piratas contam até três?

Olho-o inexpressivamente.

– *Rum*, dois, três.

Ele morre de rir. Quase sufoca. Precisa parar para tossir.

– Jeffrey, essa foi a pior de todas. E falo sério. *A pior*.

– Ah, fala sério! Chuck! Você está sendo *rum-im!*

Rio. Não consigo evitar.

– Sério. Pare. É péssimo.

– Nem pensar! Pode ficar para você. Conte para Eliza Wishart!

– Jeffrey, vou colocar um revólver não hipotético na sua cabeça. Se tiver de matar você, eu matarei.

– *Pffft!* Você não conseguiria fazer isso. Não com esse rostinho bonito.

•

Ficamos na sala da casa de Jeffrey até terminar a transmissão. Apesar do fato de que não há chance de que o jogo continue

naquele dia, Jeffrey não quer correr o risco de perder qualquer acontecimento.

Jeffrey me derrota completamente no ludo, e depois eu acabo com ele nas Palavras Cruzadas. Ele dá de ombros e diz:

– Meu inglês. Num é bão.

Ficamos agitados. Jeffrey sugere que a gente vá até as redes na cidade. Eu preferiria ficar aqui, fazendo nada na sala de estar de Jeffrey, mas sei que não tenho chance. Jeffrey me conduz para a porta como se escapássemos de um incêndio. Ele berra atrás de si:

– Mãe! Vamos à cidade jogar a porra de uma partida de críquete!

Fazemos uma pausa.

– Jeffrey! Espele! Sim? Espele! – grita sua mãe, severamente. Detecto um momento de pânico no rosto de Jeffrey, quando a Sra. Lu avança pelo corredor. Mas ela carrega dois frascos de água gelada e sorri enquanto fecha a porta.

– Você devia ter visto a sua cara – digo.

Ele ri enquanto corremos para a rua.

•

Enquanto caminhamos para a cidade, Jeffrey joga para o alto e pega com as mãos uma lustrosa bola vermelha, movendo-a com os pulsos e os dedos, e fazendo-a sibilar no ar. A bola em movimento é uma mancha zunidora.

Não desgosto especialmente de críquete, mas é necessário sofrer de alguma patologia especial para se ter a devoção que Jeffrey demonstra. Não sei. Talvez seja porque sou horrível nesse jogo. Sou realmente ruim. É claro que nascer sem coragem se provou um obstáculo significativo, mas, principalmente, é o fato de que meus membros nunca agiram de acordo com o que pretendo

para eles. É como se fossem controlados por algum titereiro vingativo.

Jeffrey Lu, porém, é incrível. Suas habilidades são tão impressionantes que nem sinto inveja. As coisas que consegue fazer com aquela pedra vermelha nas mãos são espantosas. Mesmo. E sua batida é incrível, ele é compacto e forte. Embora seja um pouco maior do que um anão de jardim, Jeffrey consegue ser intimidador. Ele não é nada afável quando usa caneleiras e tem o taco na mão. É como um animal, agressivo e concentrado. Ou uma espécie de herói com uma espada. Ninguém consegue colocar a bola em lugar algum, quando seus olhos estão nela.

Certamente não sou páreo para Jeffrey, mas acho que se ele tiver a chance de disputar um jogo de verdade, será brilhante.

Andamos lentamente, preferindo as sombras. Embora seja o fim de tarde, ainda está estupidamente abafado. É um calor seco e inerte que parece esmagar, vindo de todos os lados. Jeffrey parece diminuído pela sacola com o equipamento.

– Sabe, estive pensando... – diz ele, pegando a bola e erguendo um dedo no ar. – O negócio sobre o Homem-Aranha é que ele é completamente inútil fora de Nova York.

– Por que você acha isso?

– Bem, vamos lá, por exemplooooo: se ele fosse combater o crime aqui em Corrigan, ele seria uma droga. Não tem nada onde ele se balançar. Ele precisa de...

– Um ambiente urbano?

– Exatamente, senhor. Quer dizer, quem o Homem-Aranha pode salvar no deserto de Gobi? Ou na Antártida? Ele ficaria preso.

– É verdade – concordo. – Mas ele ainda tem poderes legais.

– Eu entendo *isso*, Chuck, mas esses poderes são praticamente anulados segundo o ambiente. Ele ficaria imobilizado. Tudo de que você precisa é um camelo ou um trenó puxado por cães para escapar dele. Ele é nada. E ficaria com a língua de fora, balançando

como o saco de um cachorro. De repente ele é apenas um sujeito esquisito disparando muco a partir dos pulsos.

Penso a respeito.

– Boa questão – digo.

– É claro que é. E é por isso que o Super-Homem é o *melhor* super-herói – afirma Jeffrey, e joga a bola alto no ar. – Ele luta em qualquer terreno. Pode circular o globo num segundo. Ele é o melhor. E ponto.

– Discordo.

Jeffrey deixa a bola cair.

– O quê? Como é? Você o *quê*? Como você pode discordar disso? Você é um idiota.

– Pense bem, seu baixinho intolerante. O Super-Homem é chato. Ele é perfeito *demais*. Não tem nada interessante nele. Não há história. Ele é bom demais. Nem é um esforço, para ele, prender criminosos ou salvar crianças de incêndios. No final, tiveram de inventar arbitrariamente um mineral verde idiota para dar a ele uma fraqueza. É ridículo. Você sabe.

Jeffrey olha para o sol, com os olhos meio fechados, e geme com a boca aberta.

– Chuck, você é um *comunista*, porra. Em primeiro lugar, ele *tem* outras fraquezas.

– O quê? Besteira. Diga uma.

– O amor, *tá*, seu *babaca*. Obviamente. Sua família. Lois Lane. Elas podem ser usadas contra ele.

– Não me importo com a Lois – intervenho.

– Porque você é veado?

– Não sou veado. Idiota.

– Em segundo lugar, o fato de que ele não *interessa* a você não indica que ele não é o melhor. Você não é o dono da razão. Só significa que você é bobo e tacanho.

– Não. Significa que você não tem gosto. E não faz ideia do que está falando.

Jeffrey ri.

– Bem, quem é melhor, então? – pergunta ele.

– Batman. Fácil. O maior super-herói.

– *Batman?* – Jeffrey para e olha em volta como se estivesse se dirigindo a um júri. – *Você é veado!*

– Estou dizendo, Jeffrey. O maior.

– Chuck, você é um *idiota!* É a coisa mais idiota que *já ouvi*. Batman nem é um super-herói!

É a minha vez de parar.

– Cale a boca! – Derrubo a bola das suas mãos com um tapa. Ela saltita rua abaixo.

– É verdade! Ele não é um super-herói!

– Jeffrey, você é um idiota!

– *Você é um idiota!* Batman não tem superpoderes. Não é super-humano. Ele não é *super*. Portanto, não pode ser *super-herói*.

– Jeffrey, do *que* você está falando? Ele é o *Batman!*

– O que isso significa? Batman é apenas um bilionário excêntrico com insônia! Ele é um justiceiro, não um super-herói. Porque ele não tem *superpoderes*. Ele tem apenas um carro legal e um cinto com ferramentas.

– Jeffrey, você é maluco. Para começo de conversa, discordo fundamentalmente de que é preciso ter superpoderes para ser um super-herói. Mas argumento que, de qualquer maneira, ele é super, pois “super” significa apenas *melhor do que o normal*. Então, em todos os aspectos, ele é super-humano.

– Então Doug Walters é um super-herói porque possui habilidades super-humanas?

– Não, Doug Walters é um maluco. Está me ouvindo? Batman é *o ser humano supremo*. É perfeito, mas capaz de não ser. Dominou a arte dos ninjas. É um dos maiores cientistas e detetives do mundo. Seu corpo está no auge da forma. É um homem de imensa resistência mental. Ele é a perfeição humana. É um homem da Renascença. E é o fato de que ele é apenas um sujeito normal

cheio de dinheiro e com uma vingança abrasadora que o torna o maior. E porque é capaz de lutar contra e ao lado de pessoas *com* superpoderes. Ele é um super-herói, e você, *senhor*, é um idiota.

– Charles, você é a própria *essência* da estupidez. Direi isso lentamente: *Batman não tem superpoderes. Ele não pode ser um super-herói.*

Sei que estou ganhando quando ele me chama de Charles.

– Ele não *precisa* de superpoderes. Essa é minha *questão*. Você é um *idiota*. Ele se garante. Tem uma identidade secreta. Tem um uniforme. Luta pela Verdade e pela Justiça. Tem aqui-inimigos. E faz tudo sem qualquer mutação esquisita. É apenas muito *determinado*. É o que o torna interessante. O fato de que, com dedicação e desejo, todos podemos ser o Homem-Morcego. *Homens-Morcego. Pessoas-Morcego.* E é isso o que o torna o melhor.

Jeffrey fecha os olhos e infla as bochechas.

– Você sabe que estou certo, Jeffrey. É como Lex Luthor, que não precisa de superpoderes para ser um supervilão. Isso se chama *contexto*. Analise. É uma puta história em quadrinhos. Eu venci. Você está errado. Doug Walters é um herói. Muhammad Ali é um herói. Batman é um *super-herói*. Simples. E o que o torna o *melhor* super-herói é exatamente sua afirmação estúpida e ignorante: que ele é apenas um sujeito comum. Ele é falível. E, diferentemente do Super-Homem, ele precisa ter coragem.

– Charles, que *porra* você está dizendo? O Super-Homem é *claramente* o super-herói mais corajoso. Você ficou *maluco*. O Super-Homem *inventou* a coragem. Ele se coloca diante de balas. Não leva em conta os riscos. Ele mergulha no perigo sem pensar duas vezes.

Abro os braços.

– É claro! Ele é o Super-Homem, seu idiota! Jeffrey, ele é *invulnerável*.

– E daí? – Jeffrey contrai o rosto.

– E daí que isso não é *coragem*. Ele é um homem de *aço*, seu retardado. É invencível. Não precisa ser corajoso. Se uma bala não pode machucá-lo, como pode ser corajoso se colocar na frente de uma?

Jeffrey franze a testa, duvidoso, e permanece em silêncio.

– Veja, Batman é diferente. Ele é mortal. Tem uma vida para arriscar. O Super-Homem só precisa evitar a criptonita. Grande coisa. O Super-Homem não teme nada porque, fora poucas circunstâncias muito específicas, onde ele pode se deparar com uma pedra idiota, nada é capaz de afetá-lo. O Batman tem as mesmas vulnerabilidades que nós, portanto, ele teme as mesmas coisas. Por isso ele é o mais corajoso: porque pode esquecer os medos e, mesmo assim, lutar. Meu argumento é este: quanto mais você tem a perder, mais corajoso é ao enfrentar os medos. Por isso o Batman é superior ao Super-Homem e por isso sou infinitamente mais inteligente do que você.

Sou um gênio. Venci.

– *Pffft!* Tanto faz. Aposto que o Batman não se vangloriaria sobre sua superioridade quando o Super-Homem estivesse fazendo ele se cagar de medo em sete cores.

Jeffrey executa uma série de golpes esquisitos de kung-fu, então dá de ombros e faz uma careta. Ele arrasta os pés quando alcançamos a extremidade leste da cidade. De repente, sorri dissimuladamente.

– Espero que *você* esteja se sentindo corajoso. – Ele aponta.

É Eliza Wishart.

O tijolo no meu estômago se afunda um pouco.

Ela usa um vestido creme simples, sem mangas, com listras verdes. Seu cabelo parece ter perdido o volume. Talvez seja o calor. Sua pele está corada, cor-de-rosa. E ela está em frente à livraria, na sombra de um jacarandá, examinando os livros de bolso usados empilhados em mesas sobre cavaletes. Há um livro aberto nas suas mãos. Gostaria de poder ver o título.

Ninguém sabe sobre Laura. É o que isso significa. Exceto Jasper e eu. Mas me pergunto como Eliza Wishart pode estar aqui, quando, claramente, sua irmã está desaparecida. Como pode estar folheando livros? Com a mesma aparência de sempre, tão distante e impassível?

Os modos de Eliza sempre me intrigaram. Ela parece perturbada, mas infinitamente imperturbada. Às vezes, na escola, seu coração bate rápido demais e ela precisa se sentar. Ela fica imóvel e pálida e diz a todo mundo que está bem, embora esteja sem fôlego e suada. E eu só quero segurar sua mão, diminuir sua pulsação e acalmá-la.

Pergunto-me como ela não está em pânico hoje. Como não está batendo na porta de vidro da delegacia? Como não está gritando o nome da sua irmã pelas ruas secundárias, batendo panelas, interrogando os habitantes locais?

Empurro os óculos e dou um puxão na minha orelha. Estamos nos aproximando dela. A ânsia de botar tudo para fora surge novamente. Extravasar essa doença. Parece idiota, mas quero segurar a mão dela e levá-la à margem coberta de folhas do rio Corrigan. A algum lugar mais fresco e silencioso. Contar-lhe o que vi, o que fiz, do que desconfio. Quero dizer a ela, assegurar-lhe, que não foi Jasper Jones. Quero lhe pedir que não escute o que as pessoas dizem. Com o peito estufado, eu lhe direi que conheço ele. Que ele é um amigo e que o conheço bem. Que ele *não pode* ter feito aquilo. Que não faz sentido. Que eu acho que ele amava Laura. E quero lhe dizer que me sinto horrível. Quero me desculpar. Quero lhe contar como era o rosto da irmã dela na noite passada. Que, antes de movermos o corpo, ela parecia estranhamente serena. Quero lhe perguntar se ela sabe quem fazia aquilo. Se foi apenas a merda do azar ou algo mais sinistro. Quero olhá-la nos olhos quando lhe contar. Quero segurá-la com firmeza quando ela chorar. Esperarei até ela se acalmar. Então, lhe farei promessas. Direi todas as coisas certas.

Observo-a enquanto nos aproximamos. Cauteloso. Como se ela pudesse explodir. Jeffrey, por ser um babaca, pigarreia bastante e arrasta os pés, enquanto nos aproximamos. Quero apertar a cabeça dele em ambos os lados e espremer até explodir.

Ela ergue o olhar. Meu corpo dá um nó.

– Tarde, Srta. Eliza – entoa Jeffrey, e tira um chapéu invisível. Vou matá-lo por isso.

As sobrancelhas de Eliza se erguem ligeiramente. Seu nariz é pintado por sardas pouco visíveis. E seus lábios simplesmente parecem perfeitos. Vermelhos e brilhantes. Mas não consigo me livrar da semelhança com sua irmã. Ela tem aqueles mesmos olhos e as mesmas luas escuras sob eles. Isso me causa pânico. Meus dedos tremem muito mais do que quando a encontro normalmente.

– Olá, Jeffrey – diz ela, com a voz melodiosa, e então olha para mim. Ela inclina a cabeça e se apoia numa perna. – Olá, Charlie – cumprimenta.

Minha boca está seca, então minha resposta é um sussurro mudo seguido por um aceno e um sorriso duro. Sou um idiota. Penso em tentar novamente, mais uma vez, com sentimento, mas no tempo que levo para decidir já passei por ela. Devo voltar? Devo. Provavelmente, devo voltar. Vou voltar.

Mas não volto. Olho para baixo. Não vou segurar a mão dela. Não vou levá-la à margem do rio.

Jeffrey está sorrindo. Quando ela não pode nos ouvir, ele diz:

– Está poupando todo o seu vocabulário para o jogo de Palavras Cruzadas?

– Não enche.

Ele joga a cabeça para trás e ri.

– Você a *ama*, Chuck.

– Vou matar você, Jeffrey. Um dia desses, juro, vou acabar com sua vida com minhas próprias mãos. Eu prometo. Você é o homenzinho mais irritante da história.

Estamos nos aproximando do campo oval. Quero voltar e tentar novamente com Eliza Wishart. Dessa vez, sem estranheza. Firme e direto. Quero olhar para seu rosto e ver se consigo detectar alguma coisa fora do comum. Algo errado. Algo suspeito. Quero saber o que ela está lendo. Talvez seu livro tenha respostas. Seu cheiro era bom. Muito bom. Melhor do que bom. Ela sempre cheira bem. Pensar nisso torna meu sangue mais fino e minha cabeça mais leve.

Chegamos ao campo. É uma visão exuberante, pura; a única parte bem-cuidada em Corrigan. No centro, um velho com roupa cáqui rega a linha do *wicket*.

As redes estão ocupadas pelo Corrigan Countryweek. Sinto-me intimidado e decepcionado. Posso ouvir as batidas e os golpes surdos que vêm daquelas duas faixas. De longe, os times parecem uma espécie de motor movido a pistões. Paro e ensaio uma meia-volta.

– Que merda, hein? – digo.

– Tudo bem, Chuck. A gente ainda pode jogar.

– Está brincando, não está? Jeffrey, eles não vão deixar! Nunca deixam. Venha, vamos voltar. Podemos jogar na rua.

– Ah, eles vão deixar, Chuck. Vamos.

Jeffrey desce rapidamente o gramado em direção às redes.

– Em que planeta você vive? – grito atrás dele e balanço a cabeça, mas ele sorri preguiçosamente e se apressa com infinito otimismo, carregando a bolsa com o equipamento. Permaneço parado, mas hesito. Ele é doido. Ou não tem memória.

Decido segui-lo, mas a distância.

Ao me aproximar, não me surpreendo ao notar que o time está cheio de rivais meus. O principal, Warwick Trent, está ao fundo, esfregando lentamente a bola nos seus ovos. Ele tem os ombros mais largos e o arremesso mais longo entre eles. É um desses garotos que sempre foi dois anos maior e mais largo do que qualquer outro da sua idade. Ele provavelmente nasceu com barba e pelos no peito, chorando e fedendo como a merda que é.

Warwick Trent possui o maior número de pêssegos roubados do pé de Mad Jack Lionel. Tem quatro caroços no bolso, de incursões diferentes. Já fez sexo mesmo, de verdade. Mais de uma vez. Participou de mais brigas do que qualquer um, e venceu a maioria delas, inclusive contra um mineiro de meia-idade, fora do Sovereign. É temido e respeitado, e sabe disso. Tem uma tatuagem. É rabugento e explosivo. Eu o detesto como se fosse veneno.

E, provavelmente devido ao fato de que a maior parte dos seus recursos físicos são desviados diretamente para sua glândula pituitária, ele também é uma afronta ao mundo acadêmico. Isso raramente é alardeado, mas ele também possui o recorde de anos repetidos na escola (dois). É um pequeno fato que faz com que eu me sinta vaidoso, mas também desgostoso, pois sua burrice o colocou na minha classe.

Por exemplo, na aula, se eu usar uma palavra que ele acredita ser inteligente demais, ou que não seja um entre a meia dúzia de comandos monossilábicos que ele entende imediatamente, ele e seus capangas me perseguirão, na hora do almoço ou depois da escola, e repetirão a palavra ofensiva como um mantra a cada vez que me socarem nos ombros.

Monossilábico. Ai. Monossilábico. Au. Monossilábico. Uhn.

Se corro, sou alcançado, deitado no chão e socado. Se tento reagir, me arrisco à aniquilação total. Se os insulto, a mesma coisa. Se conto a alguém, é uma sentença de morte em suspenso. Se choro e apanho como uma menina, sou morto no ato.

Portanto, fico parado e, mudo, aceito o castigo que é aplicado à vontade deles. Na maior parte das vezes, é rápido e doloroso. Mas, se fui particularmente inteligente ou se agradei especialmente ao nosso professor, terei os óculos estapeados para fora do rosto e minhas coxas espancadas com um taco de críquete, com alguma outra humilhação pública.

O recado deles é simples: não seja muito inteligente.

Tudo o que isso fez, na verdade, foi fortalecer minha decisão de ser mais inteligente. E não sem um pouco de despeito. Fiquei sedento por novas palavras. Sempre que encontro uma pela primeira vez, procuro seu significado e guardo-a. Cada palavra nova é como dar um soco de volta. Não importa quão obscura ou arcaica, eu as ingiro e deixo que se assentem. E prometo não as esquecer. Coleciono palavras e tranco-as, entesouradas como pedras preciosas.

Todas as noites eu as uso. Todas as noites arrombo a fechadura. Tenho canetas pretas e cadernos amarelos. E todas as noites escrevo histórias e poemas. Dou polimento às minhas joias. Às vezes, imagino cuspir meus poemas nesses garotos, embora eu saiba que seria como agredi-los com uma pena. Sei que eles simplesmente ririam. E, é claro, sei que me agrediriam com algo significativamente mais duro. Mas há uma satisfação cruel em saber algo que eles não sabem, em ter algo que eles não têm. É no que penso quando aceito seus socos silenciosamente.

Posiciono-me no final das redes. Estou longe o bastante para permanecer razoavelmente imperceptível. Ficarei aqui e apanharei as bolas que baterem ou passarem por cima das redes e as rolarei de volta com a cabeça abaixada. Não espero acenos de agradecimento, mas espero poupar Jeffrey de algum pesar.

Mas ainda estou nervoso. Olho para Jeffrey, pousando despreocupadamente sua bolsa com o equipamento junto a eles. Juntando-se tão laconicamente e se enturmando entre os arremessadores como se fizesse parte do time. Ele parece minúsculo. É como observar um cachorrinho atravessar uma rua movimentada. Jeffrey pisoteia e arranha sua marca de arremesso, mas é empurrado com força para fora da rede que escolheu. Ouço alguém dizer "Vá se foder, babaca", e minhas entranhas dão um nó.

Não entendo, já que Jeffrey já tentou o mesmo e nunca acabou sem algum tipo de humilhação. Observo-o circundar a área de

arremesso, sem se posicionar e esperando uma vaga para arremessar.

Mas eu sei que vai acontecer a mesma coisa. Jeffrey faz arremessos ortodoxos e giratórios com a mão esquerda, de modo que quem quer que esteja rebatendo invariavelmente tentará devolver a bola o mais longe possível. Se a pessoa errar, o que geralmente acontece com os arremessos de Jeffrey, o rebatedor vai jogar a bola para cima, sobre as redes. E Jeffrey, animadamente, correrá atrás da bola e voltará, estalando-a com os dedos.

Às vezes Jeffrey calcula mal seu trajeto e é mais ou menos atropelado por um dos arremessadores velozes. Por isso, é claro, ele é furiosamente empurrado e repreendido – às vezes, entre todos os arremessadores, que o empurram como num *pinball*, derrubam-no e chutam sua bola para longe.

Muito raramente permitem que Jeffrey use caneleiras. Bem no final, quando está quase escurecendo. Nunca, porém, é um ato indulgente. Eles apostam em que partes do corpo acertarão, arremessando a curta distância e sobre a linha de arremesso, com a máxima velocidade possível. Jeffrey, é claro, é resiliente e quer impressionar, mas ocasionalmente é atingido no peito ou no ombro e há um urro de comemoração e trocas de dinheiro ou de objetos de valor. Jeffrey, porém, continua ali, sobre o pé de apoio, até eles se cansarem e irem embora.

Observo Jeffrey arremessar sua primeira bola e ela acerta em cheio. Aliás, a bola mergulha e faz uma curva fechada, derrubando o taco de Jacob Irving, que firmou o pé e rebateu de forma ridícula. Vaias e gargalhadas irrompem, vindas dos arremessadores. Como eu esperava, Irving se curva, arranca a bola da rede e a golpeia com toda a força. Ele cospe na direção de Jeffrey, bate as mãos enluvadas e escarnece: “Ah, mil *peldões!*”

Todos riem, observando Jeffrey correr para apanhar sua bola, em suas roupas brancas. Ele é empurrado entre o pessoal. Ele é tão pequeno. Alguém chuta seu tornozelo e diz “Vá se *foder*, congue”.

Ele cambaleia, mas continua, com a cabeça erguida. Sinto muita vergonha. Dói-me assistir àquilo. Quero correr até ele e dizer que é melhor irmos embora. Mas não o faço. Até mesmo o treinador está gargalhando. Um homem corado, com uma prancheta e um cigarro. Ele tem uma película oleosa de suor na testa. Quando ri, parece que está tossindo.

Tudo continua quase igual. Jeffrey recupera a bola, sai da área e espera pacientemente outra rodada. Eu espero e observo. Nenhum rebatedor consegue defender bem seus arremessos: eles batem na bola com a ponta do taco ou a atingem violentamente. Por que o treinador idiota não vê isso? Jeffrey é o único arremessador que manda uma bola em rotação... E ele está mandando bombas vermelhas. Lança a bola com impulso e efeito num caminho certo, e eles não conseguiriam rebatê-la com a porta de um celeiro. Ele já arremessou três bolas que não foram rebatidas e conseguiu uma porção de desvios. E sempre apanham sua bola e arremessam-na das redes, cada vez mais longe. E, todas as vezes, eles riem.

Veja, eu sempre achei que, por fim, haveria uma espécie de respeito resiliente pelo talento de Jeffrey. Como o que há por Jasper. O time de futebol americano de Corrigan não venceria um jogo se não fosse por Jasper Jones. Ele surpreende até o torcedor mais determinado. É um fenômeno, um jogador acima da média. É impossível não ficar impressionado. Ele não treina, não ouve o treinador, não se prende a uma posição, ele simplesmente faz o que deve fazer. É simplesmente fora de série. Jasper é o defensor mais forte que já vi. Para alguém cinco anos mais novo do que o restante dos jogadores, ele intimida seus rivais mais do que qualquer monstro parrudo com fogo nos olhos. Jasper possui mãos incríveis e um instinto espantoso para o jogo. E tem um salto vertical e uma explosão de velocidade capazes de tirar o fôlego de uma multidão.

É difícil entender. As pessoas que veem Jasper jogar, que torcem como se ele fosse uma delas, são as mesmas capazes de desviar o

olhar se cruzarem com ele algumas horas depois do jogo. Mas sorrirão e aplaudirão e, admiradas, balançarão a cabeça se ele fizer uma corrida pelo centro do campo ou se agarrar uma bola no ar. Seu colegas também. Eles o cercarão e bagunçarão seu cabelo em comemoração, aplaudirão e lhe darão tapinhas na bunda, mas, assim que o jogo termina, o padrão antigo retornará. Ele voltará a ser evitado pelos garotos e particularmente insultado e adorado pelas garotas. Jasper devolverá os sapatos e a camisa e os deixará no vestiário deles.

É difícil não acreditar que algo naquele uniforme é poderoso e que seu número é significativo. Quando alguns desgraçados gordos e furiosos gritam conselhos para os melhores atletas da cidade e mulheres berram protestos esganiçados, é difícil não pensar que Jasper Jones forjou para si uma espécie de paz momentânea, porque é evidente que é um vencedor entre eles. Todos são forçados a aceitar. Que ele é o melhor ali. Ele é um deles. Jasper Jones é o jogador em quem eles depositam suas esperanças.

Pergunto-me por que isso não pode continuar. Por que Jasper Jones precisa tirar a camisa e devolvê-la ao final do jogo. E me pergunto por que Jeffrey não pode ter nem uma fração disso, por mais fugaz que seja. Talvez seja porque ele não consegue se impor como Jasper, que quebrou três clavículas e dois narizes nessa temporada.

O arremesso seguinte de Jeffrey se desvia e a bola passa por ele na extremidade onde não há rebatedores. A maioria dos arremessadores deixa-a passar; um deles chuta-a. Ela quica na minha direção. Pego-a e rolo-a de volta. Ouço-os falar.

Trouxe seu namorado, congue?

Charlie gosta de levar na bunda!

Ei, congue, você ama muito ele?

Alguém empurra o rosto de Jeffrey. Outro lhe dá uma forte dedada na bunda.

Ei, pensei que *e/e* deveria ser Charlie, não é mesmo?

Todos riem, com os lábios torcidos. Principalmente o treinador, que ergue os olhos da prancheta. Seus dentes têm cor de arenito. Com um dos braços Warwick Trent, agarra Jeffrey pelo colarinho. O pessoal vibra, e ele joga Jeffrey para trás, seus braços finos pendentes. Mais gargalhadas. Jeffrey levanta-se rapidamente e retoma sua posição.

Não quero mais olhar aquilo.

Gostaria que Jasper Jones estivesse aqui. Gostaria que estivesse ao meu lado. Então, eu poderia gritar tudo o que desejo. Poderia apontar e xingar. Poderia chamar o treinador e lhe dizer que é uma desgraça completa. Que não sabe nada sobre o jogo. Então, diria a Warwick Trent que ele é um idiota presunçoso e fedorento que nunca deixará essa cidade e que ficará preso aqui para sempre pela sua própria estupidez, como um hamster numa roda. Eu o olharia com desprezo e lhe diria que ele tem a habilidade mental de uma ameba e me deliciaria com seu olhar confuso. Então, eu o socaria, com força, no ombro, repetindo essas palavras: *Mental. Mental. Mental. Ameba. Ameba. Ameba.* Depois, eu mandaria Jeffrey colocar as caneleiras e faria com que arremessassem a bola para ele, e todos perceberiam que ele é o melhor. Jeffrey rebateria as bolas com tanta facilidade que não teriam escolha a não ser admirá-lo.

Mas isso nunca vai acontecer.

Coço o queixo com o ombro. Está anoitecendo. E, no brilho cor de cobre, vejo Eliza Wishart circundando o campo. Ela ainda carrega aquele livro.

Tudo parece tão acentuado hoje. Todos os meus sentidos estão sensíveis e zunindo. O mais leve tremor parece um terremoto. Sinto-me incomodado pelo som agitado dos insetos à minha volta, como se estivesse preso numa enorme colmeia. Observo Eliza Wishart caminhar e fico paralisado – ela é tão segura e reservada ao mesmo tempo.

Acho que ela me vê. Ela ergue os olhos. Eu baixo os meus. Não consigo evitar. E, quando volto a olhar, ela está acenando brevemente. Eu retribuo com um sorriso. Eu deveria ir até lá. Eu deveria ir até lá e dizer algo espirituoso sobre ela me seguir. E nós riríamos. Depois, eu perguntaria sobre seu livro. E, então, conversaríamos. Talvez déssemos as mãos. Eu perguntaria se ela gostaria de me encontrar depois, à beira do rio. Eu a olharia nos olhos, como se fosse importante. E ela ficaria tão aturdida e impressionada por eu ter sido tão direto que concordaria imediatamente.

Portanto, eu deveria ir. Deveria ir até lá agora, como Jasper Jones; peito aberto, com passadas largas e um sorriso intencional. Vou até lá. Agora.

Enfio as mãos nos bolsos.

Atrás de mim, alguém assobia. Então, todos eles assobiam. Eu me viro bruscamente. Eles estão rindo. Warwick bota a mão ao redor da boca.

– Mostra o peitão! Vai!

Eliza baixa os olhos e caminha mais depressa.

Estou horrorizado. Espero que ela não pense que estou com eles. Warwick Trent colocou o pau para fora e agita-o para ela. Todos eles vibram. Felizmente ela já tinha se virado.

Eles riem. Eles se viram. Eles perdem o interesse. Eliza Wishart está quase sumindo. Observo-a desaparecer. Eu deveria ter dito alguma coisa, deveria ter reagido. Defendido a honra dela. Sou um idiota. Quero ir embora. Sento-me, um pouco zozzo.

Laura Wishart está morta. Sua irmã não sabe. Em breve, porém, todos em Corrigan saberão. Estou no olho do furacão. O mundo desmoronou. Não sei o que essa cidade vai fazer. É como se, em silêncio, eu esperasse a batalha começar, sabendo que, lentamente, sou emboscado. Há uma corda enrolada em meu peito sendo cada vez mais apertada. Pela primeira vez, não há conforto em saber algo que ninguém sabe.

Como Jasper Jones pode esperar que a gente volte e descubra tudo? Nós a amarramos a uma pedra. Nós a *afundamos* na água. Nós *fizemos* isso. Não podemos ter esperanças de solucionar esse mistério. É demais. É grande demais e difícil demais. Por onde começaríamos?

Laura Wishart está morta. E está a poucas horas de ser dada como desaparecida, se já não o foi. E não a encontrarão. A não ser que alguém confesse. A não ser que Mad Jack Lionel apareça na cidade com os pulsos prontos para as algemas. Portanto, o que vai acontecer? Conseguimos algum tempo para Jasper Jones. Mas quanto? Quanto tempo até eles desistirem? Até onde se espalhará a busca? Quão minuciosa ela será?

O que realmente não consigo entender é como aconteceu. Como alguém pôde fazer isso. Como alguém pôde matar uma garota. Como puderam levá-la para o mato, agredi-la e pendurá-la num galho desfolhado, de camisola. Como puderam vê-la morrer. Como puderam deixá-la ali. Como puderam ser capazes. Mato um mosquito diante do meu rosto. Limpo-o na calça. Esquivo-me. Eles estão por toda a parte. Detesto insetos.

Laura Wishart está morta e toquei seu corpo morno, e ela me amaldiçoou com medo e dor. E somente posso esperar que eles não a encontrem até descobrirmos a verdade.

Jeffrey se vira e olha em volta. Ninguém foi para a linha de arremesso. Um dos outros lançadores gesticula para ele. Jeffrey sorri. Ele se vira para avançar e arremessar. E no instante em que ele passa, alguém rapidamente puxa sua calça branca até os tornozelos. Ele tropeça e cai, pesadamente. Eles explodem novamente. O treinador ofega. A bola se desvia para o gramado. Jeffrey levanta-se e ergue a calça, sua bunda como uma ameixa bronzeada.

Enquanto isso, o bateador apanhou a bola. Ele se vira e a arremessa alto e com força por cima das redes, para um terreno repleto de árvores e arbustos. Um lance imenso. É uma bola

perdida. Jeffrey a observa ir embora, e meu coração se despedaça porque aquela bola foi um presente de aniversário pelo qual ele lutara durante meses.

E franzo minhas sobrancelhas e minhas narinas queimam enquanto vejo Jeffrey aceitar a derrota e caminhar em direção à sua bolsa com o equipamento. Observo-os bagunçarem seu cabelo e lhe darem leves empurrões.

E olho para o treinador desgraçado. Como ele se posiciona, como, intermitentemente, ele cutuca o pau e troca o peso de um pé para outro. Como seus escuros olhos de roedor inspecionam preguiçosamente aquela matilha de valentões. Como seus dedos nodosos prendem o cigarro. E penso: se ele é capaz de assistir a isso com um ligeiro sorriso, a que mais ele assistiria? A que outras coisas cruéis ele assistiria sem intervir?

Mordo minha bochecha e meu rosto está quente. Desvio o olhar. Parte de mim sente-se ligeiramente ressentida com Jeffrey por ter se juntado a eles, em primeiro lugar, e me fazer sentir assim. Pisco fortemente.

Jeffrey permanece imperturbável. Como se houvesse perdido num jogo limpo. E eles ainda cospem palavras enquanto ele apanha sua bolsa, mas não quero ouvir. Quero apenas ir embora. Jeffrey caminha na minha direção. Há grama em seu cabelo.

Sua cabeça está abaixada quando ele se aproxima. Mas, ao chegar mais perto, seu rosto se levanta e se abre num sorriso.

– Você viu aquela primeira bola? Voou para dentro e girou para fora. Bang! Acertou em cheio! Muito obrigado. – Ele abre os braços como se a bola realmente tivesse explodido no centro do campo.

– É verdade. Ela foi boa – digo, e me sinto instigante e provocador.

– *Boa?* Foi incrível, Chuck. Aquele penúltimo cara tinha uma boa tacada, mas consegui uma posição próxima ao perímetro, então estava garantido.

– Aposto que você tem vários apanhadores fictícios na posição certa assim que a bola é rebatida. – Estou ansioso para continuar falando e me desviando.

– Charles, se você soubesse alguma coisa sobre o jogo, entenderia que você *precisa* ter um ponto próximo ao perímetro. É fundamental. Você quer pegá-los no pé de apoio para atrair essa rebatida. Então, bang! Você ficou encurralado na frente. Ou você lança um bola alta e pega o cara no primeiro deslize. – Jeffrey executa uns movimentos frenéticos de boxe com a própria sombra, pontilhada por efeitos sonoros.

– Calma, Muhammad.

– Voa como uma borboleta, dói como uma picada. Seu taco não consegue acertar se seus olhos não veem nada. Bang! – Ele beija os punhos.

– Você é maluco.

– O que, Chuck? Eu sou o melhor?

– Não, você é um...

– Provavelmente você tem razão. Eu *sou* o melhor. – E Jeffrey parte para o segundo *round*, golpeando e fazendo fintas, com a bolsa se sacudindo em suas costas. Mesmo assim, balanço a cabeça, irritado.

– Odeio aqueles desgraçados.

Jeffrey suspira.

– Chuck, se ninguém tivesse roubado a bicicleta dele, Muhammad Ali não teria batido em ninguém. – Então, ele para e aponta para mim. – Mas você é um idiota.

– Por quê?

– Porque não foi falar com Eliza.

– E daí? – Dou de ombros.

– Chuck, você é o *rei* dos idiotas. Não é como se ela não tivesse vindo por este caminho porque sabia que você estava aqui. Ela *ama* você.

Balanço a cabeça.

– Você está vermelho! – diz Jeffrey dramaticamente, apontando como uma testemunha diante de uma fila de suspeitos. – Você me *enoja!*

– Jeffrey, em primeiro lugar, *não* estou vermelho. Estou com calor. O dia está quente. É o calor. No meu rosto. Em segundo lugar, não havia como Eliza saber que a gente iria para o campo de críquete, portanto ela não pode ter ido por aquele caminho somente para me ver. O que significa, *essencialmente*, que você não sabe o que está falando.

Jeffrey joga a cabeça para trás e zune, cambaleando como um zumbi.

– Charles, você não sabe *nada* sobre o mundo da sedução. Precisa ser orientado por um especialista; isto é, eu. Sei *tudo* sobre garotas. Elas são burras demais para serem um mistério.

– Jeffrey, você não sabe nada sobre garotas.

– Até parece! O que eu não sei?

– Muita coisa.

– Eu sei por que elas usam maquiagem e perfume.

– Por quê? – suspiro.

– Porque são feias e fedem!

Jogamos conversa fora durante o caminho para casa. Jeffrey avista um arbusto frutífero que ainda não foi saqueado. Ele apanha um punhado de frutinhas, que dividimos enquanto ponderamos sobre os motivos que levaram uma pessoa a descobrir leite numa vaca, quem ordenou as letras no alfabeto e por que escolheram aquela ordem. Também questionamos por que pilotos camicases usam capacete. Meu coração, porém, nunca está realmente na conversa.

Quando viramos na nossa rua, descubro-me escorregando para trás de Jeffrey, esperando que veículos escuros e intimidadores estejam estacionados em ângulos irregulares nos nossos gramados enquanto homens usando terno e óculos escuros aguardam,

apontando ao me verem chegar. Alto-falantes. Aviões. Espectadores chocados.

Estou seguro, mas não sinto alívio. No mínimo, a inquietação se instala. Acrescenta carga ao peso.

– Pare de olhar para a minha bunda! – diz Jeffrey. Distraidamente, volto para o lado dele.

Nossa rua está um pouco mais movimentada do que quando a deixamos. No ar mais fresco, vizinhos batem papo por cima das suas cercas, regando as plantas com mangueiras ou regadores de zinco. Criancinhas cambaleiam por ali, nuas, enquanto as crianças maiores, em roupas de baixo, soltam gritinhos agudos e passeiam em volta dos regadores automáticos. Perfumes de jantares escapam das portas abertas. Você pode ouvir o balbucio de televisões, broncas de pais e risadas.

O pai de Jeffrey, An, está ao ar livre, trabalhando com cuidado em seu jardim. Ele cultiva várias frutas e legumes estranhos nos fundos, mas aqui há uma apresentação de cores perfeita e organizada.

An Lu é engenheiro na mina, mas, ao anoitecer, ele cuida obsessivamente da sua horta ou das suas flores, mesmo se precisou trabalhar até tarde. O jardim de Jeffrey é como o jardim botânico de Corrigan. É facilmente o cenário mais impressionante da rua. Jeffrey diz que An encomenda sementes e mudas em todo o mundo, e mantém um livro de registro indicando como e quando cada uma deve ser plantada. A terra de An é planejada com a precisão de uma sinfonia. Durante o ano todo, há nuances de cores, mesmo no inverno de Corrigan, mas, na primavera, o lugar explode como fogos de artifício congelados. E An está sempre ali, estimulando e incitando suas plantas como um maestro.

Muitas pessoas planejam sua caminhada vespertina em torno da erupção de cores de An. Gostam de apontar e destacar as glicínias, as papoulas silvestres, o jasmim, as rosas tradicionais. Gostam de

se perguntar em voz alta quais seriam as plantas mais exóticas e se maravilham com a seleção e o perfume.

Mas, é claro, tudo o que sempre consigo ver é a mutante constelação de insetos que paira sobre as explosões de pétalas, e me mantenho o mais longe possível. Tenho um medo mortal deles. Abelhas. Vespas. Marimbondos. Tudo o que voa, rasteja, salta ou ferroa. Minha mãe se diverte especialmente com minha fobia, mas Jeffrey é pior. Uma das suas piadas favoritas no mundo é dizer que há uma abelha nas minhas costas ou uma viúva-negra no meu ombro. Ele para, com os olhos arregalados, e diz "Não se mexa", como se eu fosse pisar numa mina terrestre. Eu caio todas as vezes.

Um dia, talvez eu consiga apreciar o belo jardim de An Lu pelo que ele é sem que minha pele se arrepie ao aterrorizante zumbido de um milhão de assassinos com ferrões envenenados. Mas, por enquanto, meu ponto de observação mais confortável é onde estou agora: em frente à minha casa.

Jeffrey puxa sua bolsa sobre os ombros. Desvio-me para meu gramado.

– Eu convidaria você para jantar, mas realmente não gosto de você – digo.

– *Pfft!* Eu prefiro lambar minha bunda a jantar com sua laia.

– O caralho! – digo. – Você prefere lambar sua bunda porque gosta.

Jeffrey ri.

– O sabor é melhor do que a comida da sua mãe!

– *Touché* – Eu rio.

Jeffrey se vira para ir embora, mas gira o corpo, sorrindo.

– Ei, Chuck?

– O quê?

– Sabe qual é a coisa difícil em se gostar do Batman?

Fecho os olhos e suspiro.

– Não sei. O que é?

– Contar aos pais que você é veado!
É claro que ele morre de rir.
– Você é um idiota. Isso nem faz sentido.
– *Você* é um idiota. Isso é hilário.
– Não sou eu que lambo a própria bunda.
– Se você tivesse *essa* bunda, você lamberia. – E, enquanto se afasta, Jeffrey recomeça sua luta de boxe com a sombra. – Eu sou muito lindo. Muito *lindo*.
– Tchau, Muhammad.
– Rum, dois, três, Charlie! Rum, dois, três!
Jeffrey saltita para sua casa. Ao chegar, An levanta-se abruptamente e agita a tesoura de podar na sua direção, berrando algo severo e amedrontador. Jeffrey permanece imóvel. Parece que está ferrado. Observo-o baixar a cabeça e se arrastar para dentro de casa.
Faço o mesmo.

•

Durante o jantar, tento sondar meus pais sobre alguma notícia, mas eles não têm novidades. Depois, levo meu café para meu quarto. Não estou no clima de televisão ou conversa. Meu pai pergunta se há algo errado, e eu apenas dou de ombros e digo que quero ler.

Pouso minha bebida e abro a janela com ripas de vidro. Observo através delas por algum tempo, esperando ver Jasper Jones à espera em nosso quintal. Ele não está lá.

Tento ler, mas não consigo me concentrar. Largo *Pudd'nhead*. Uso uma camisa suja para enxugar o suor do meu rosto. Penso naquela mesma hora na noite passada, que parece a um mundo de distância. É como se antes eu habitasse alguma outra dimensão, algum outro corpo.

Inquieto, puxo minha velha mala marrom que fica sob a cama, destranco-a e tiro meu bloco de anotações amarelo. Acomodo-me na escrivaninha, cheio de expectativa. Estou pronto para tecer o fio de seda preta. Preciso disso. A necessidade é urgente. Preciso extravasar um pouco. Preciso contar alguns dos meus segredos. Mas a caneta não avança. Está imóvel, seca e inútil. Encaro a página.

Acho que ouço algo. Pulo para a cama, olho pela janela. Sussurro o nome de Jasper. Nada.

Então, volto a me sentar. Limpo os óculos, bato no abajur com a caneta. Nada ainda. O estranho é que estou fervendo com palavras, elas são como um enxame na minha cabeça, apenas não consigo ordená-las. Elas giram e mergulham como insetos insidiosos. Assombrando, ruidosos e sem sentido.

Suspiro, jogo a caneta de lado e descanso o rosto em uma das mãos.

Preciso ver Jasper Jones. E logo. Não é justo ter tudo comigo. Laura Wishart está morta. E nós a afundamos. Num poço. Nós a amarramos a uma pedra. Nós fizemos isso.

E enquanto não vir Jasper Jones novamente, não posso começar a entender o que aconteceu. Não posso esperar chegar à raiz das coisas. Preciso conversar com ele sobre as probabilidades, contingências, estratégias e problemas que borbulham e se espalham na minha cabeça e na minha barriga. É como se eu tivesse começado a ler um livro trágico pela última página e precisasse preencher as lacunas, escrever o que aconteceu antes. Mas não consigo. Não sem Jasper. Não sem a verdade. E simplesmente há muito que não sei.

De repente enrugo a testa e tensiono minhas entranhas. Saio do quarto e sento no vaso sanitário um momento antes que meu cu ejete algo fedorento e derretido. E há uma mariposa. Bem ali. No teto. Uma mariposa enorme, como um pássaro. Elas mordem? Fecho os olhos e finjo que ela não está ali.

O que faremos se alguém realmente surgir com uma informação? É improvável, mas e se alguém estivesse armando para Jasper? E se eles viram o que fizemos? E se Mad Jack Lionel aparecer, contar à polícia onde ela está e Laura não estiver lá? O que acontece com a gente? Qual o tamanho da encrenca em que nos metemos? Jasper cumpriria sua palavra? Eu continuaria a salvo?

A mariposa bate as asas sobre o globo de luz acima de mim, projetando sombras estranhas e distorcidas. Ela é enorme. É uma mariposa gigante. Provavelmente tem presas. Poderia comer um rato de uma só vez. Na Amazônia, há centopeias que comem morcegos. Elas se penduram nos tetos das cavernas e os agarram quando eles passam, voando. Trinco os dentes e viro o rosto enquanto mais ácidos jorram de mim.

E por que ainda não houve uma denúncia? Os Wishart não estão preocupados? Ela é filha de um figurão da classe alta: cadê os grupos de busca e o pessoal da imprensa? Esfrego a palma da mão na testa. É essa tensão quente que não aguento. O gigante adormecido. A bomba tiquetaqueando.

Retorno ao meu quarto. Verifico novamente através da janela.

Engulo rapidamente minha caneca de café, que me provoca uma vertigem leve. Tento novamente o *Pudd'nhead*, forçando-me a seguir as palavras, olhando intermitentemente pela janela.

Algo me detém no início do capítulo doze. Do calendário de Pudd'nhead: Coragem é resistência ao medo, domínio do medo, não ausência de medo. Minha cabeça pende. Exatamente. Era o que eu queria dizer a Jeffrey sobre o Super-Homem. Gostaria que ele estivesse aqui; eu agitaria essa citação como uma bandeira vermelha.

Corro o polegar sobre essas palavras. Talvez meu pai tenha razão. Mark Twain tem algo inteligente a dizer sobre tudo.

Passo para a escrivadinha e anoto essas palavras. Então, escrevo em volta e abaixo delas, escudando minhas palavras com a

mão em concha, do mesmo modo que faço na escola. E prossigo, estabelecendo um ritmo, e a sensação é ótima.

Veja, acho que é mais difícil, para mim, ficar zangado. É mais difícil para mim engolir em seco, me preparar para o confronto e cerrar os punhos. Acho que quanto menos carne há em você, quanto mais você sabe, quanto mais é capaz de apanhar, mais você se detém. Quanto menor a sua categoria de peso, mais frequentemente você é jogado para o alto. Acho que quanto mais você tem para defender, mais difícil é avançar sem olhar para trás. Eu teria a atitude do Super-Homem se não pudesse ser machucado, mas tenho a postura de Charles Bucktin. Porque me machuco como um pêssigo. E tenho medo de insetos. E não sei brigar.

Isso significa que é mais fácil para Jasper Jones do que para mim? Mas, e Jeffrey Lu? Não sei. Talvez ele seja o mais corajoso entre todos nós.

Minha escrita é interrompida.

– *Jesus Cristo, Charles Bucktin! O que você comeu?*

Minha mãe entrou no banheiro. Sorrio para mim mesmo. Tenho uma dúzia de piadas sobre a comida dela formigando na ponta da língua, mas cada uma seria uma sentença de morte.

Continuo escrevendo. É algo sem sentido e incoerente, mas me sinto bem. Como se tivesse afrouxado uma válvula. Como se eu tivesse compartilhado parte dessa bagunça, separado-a de mim.

É tarde quando me acalmo, exausto. A casa está quente e silenciosa. Escorrego para a cama e verifico a janela mais uma vez. Sussurro o nome de Jasper para o espaço onde quero que ele esteja e dou aos meus olhos mais do que o tempo suficiente para se ajustarem. Nada. Suspiro.

Limpo a escrivaninha. Coloco o bloco de anotações na mala. Antes de fechar o cadeado com o segredo, folheio as páginas finas dos meus blocos já cheios, só para tocar suas ranhuras e seus sulcos. No fundo, um grosso pacote de papel pardo me faz sorrir. Desamarro o cordão vermelho e passo as páginas.

Nesse inverno, Jeffrey e eu passamos os dias chuvosos escrevendo um romance. Era uma aventura boba que rapidamente saiu de controle, mas não por minha culpa. Eu me sentava com o bloco no colo enquanto Jeffrey Lu caminhava diante da lareira, com um braço atrás das costas, gesticulando com um cachimbo vazio, tagarelado ideias malucas. O enredo tinha mais voltas do que um furacão. Jeffrey cuidava da ação e da intriga, na maior parte em forma de lutas de kung-fu e perseguições desenfreadas, enquanto a minha responsabilidade era criar uma história de verdade (o que Jeffrey apelidou de Coisa de Mulherzinha) em torno dessas sequências. Eu também fui apelidado de Ministro do Diálogo Espirituoso.

Nossa aventura agitada envolvia um ex-tira calejado de Detroit, chamado Verdade McJustiça, que, após o misterioso desaparecimento da sua mulher, se demite da polícia com uma impecável ficha de combate ao crime e mergulha no seu primeiro amor: a arqueologia.

O que se seguia era uma série de enredos em que mal era possível acreditar, com Verdade descobrindo o Santo Graal, Josef Stálin disfarçado como um furioso falso papa após sequestrar o verdadeiro, e a esposa desaparecida de Verdade emergindo como vítima de lavagem cerebral, sendo uma assassina chamada Ivana Chutosuacabeçov, contratada para executar o ex-tira e recuperar o precioso artefato.

É claro que terminou numa pancadaria de artes marciais nos aposentos do papa. Verdade se reconciliou apaixonadamente com sua esposa enquanto Stálin foi enforcado na praça de São Pedro por heresia.

Não concordei realmente com o linchamento de Stálin, mas Jeffrey alegou que era preciso para que seu título funcionasse. Ele queria chamar nossa obra-prima de *Papa no papo*. Eu estava mais inclinado para *A Verdade o libertará*. No fim, concordamos em juntá-los e transformar a minha sugestão em um subtítulo.

Após decidirmos sobre um pseudônimo adequado (Clifford J. Brawnheart), Jeffrey embrulhou nosso original em papel pardo e concluiu que ali estava *o Grande Romance Australiano*.

– Mas como pode? – argumentei. – O livro não retrata nenhum australiano. E, além disso, para ser honesto, as coincidências parecem um pouco absurdas. Os críticos acabarão conosco.

A cabeça de Jeffrey caiu para trás e ele gemeu.

– Chuck, você é oficialmente um luddista. Ninguém vai acabar com a gente. Você não entende *nada* de literatura. Precisa entender que a verdade é mais *estranha* do que a ficção. Escute: as pessoas estão dispostas a engolir qualquer bobagem desde que você a diga sem vacilar. Elas *querem* que você lhes conte coisas. E não querem duvidar de você. É muito difícil. Portanto, se você diz como se realmente acreditasse ser verdade, você acerta. Convicção, Charles. Você aproveitaria um pouco. Veja Dickens! Ele se livrou de um assassinato! E nem vou entrar nessa história de *Cheeses* Cristo e toda aquela besteira de ressurreição zumbi. Agora, *essa* é uma virada final difícil de vender. Ele está morto, está morto, não, espere, quem é aquele saindo daquela pedra? Nããão, não é possível! Epa, espere, sim! Ele está vivo! Alô, Cristo zumbi! Ele voltou!

– Senhor, com todo o respeito, isso parece um pouco cínico.

– Não é cínico, se é factício.

– Factício? Isso não faz sentido. Nem é uma palavra.

Jeffrey apontou o cachimbo na minha direção.

– Charles, seu problema é que você não vale nada. Agora, se você gentilmente se abster de impedir meu progresso com sua impertinência, gostaria de lembrar que Clifford J. Brawnheart sempre está certo. Fim de papo.

E foi mesmo. Desde então, *Papa no papo* está guardado na minha mala e, embora seus méritos tenham sido frequentemente discutidos, ele nunca mais foi lido. Duvido que seja minha entrada na literatura, mas sei que um dia vou trabalhar em algo importante

e significativo. Vou surpreender essa cidade ignorante e estarei em Manhattan com um livro ostentando meu nome.

Muitas vezes me perguntei se meu pai trabalha para a mesma coisa na sua biblioteca. Há muito desconfio que ele escreve algo secretamente. Na maioria das noites, ele se recolhe e permanece ali durante horas. Às vezes, adormece em sua escrivaninha.

Ele *precisa* estar trabalhando em algo. Imagino sobre o que é. Imagino se está prestes a terminar. Imagino o tamanho, quantas páginas, quantas palavras. Faz anos desde que ele começou a ficar ali, sempre trancando a porta atrás de si, o que nunca entendi. Quero dizer, eu nunca entraria ali sem bater e faz oito anos que minha mãe não vai lá. Veja, a biblioteca do meu pai era um segundo quarto, pintado de lilás e decorado para a chegada da minha irmã mais nova, que morreu pouco antes de nascer. Isso quase custou a vida da minha mãe e roubou sua chance de algum dia tentar novamente.

Ainda assim, é estranho pensar em meu pai e eu, ambos escrevendo clandestinamente noite adentro, encadeando linhas e segredos debaixo do mesmo teto. Pergunto-me se, caso eu lhe contasse sobre minha escrita, ele me contaria sobre a dele. Ele deixaria que eu lesse alguma coisa?

Cuidadosamente, fecho a mala e tranco-a. Deslizo-a sob a cama. Então, ponho as mãos em concha nas têmporas e olho pela janela uma última vez. Jasper Jones não virá. Estou por minha conta essa noite.

Viro-me e me apoio no travesseiro. Olho para meu peito e minha barriga, franzindo a testa para meus braços magros e minhas costelas. Meus lábios se contraem. Desço para o chão e inicio uma série de flexões, cheio de determinação. Chego à décima antes de quase entrar em coma.

De volta à cama, respirando com dificuldade, enfio as mãos sob a cabeça e penso em Eliza Wishart.

Parece ridículo, mas quase consigo sentir seu cheiro. Fecho os olhos. Eu deveria ter falado com ela. Eu deveria ter atravessado aquele campo, transbordando todas as palavras certas. Quero tanto vê-la que quase dói.

Imagino o que está acontecendo, neste instante, na casa dela. Ela está dormindo ou está acordada e nervosa? Imagino seus pais. Especulando. Em pânico. Eles devem ter chamado a polícia. As autoridades. As pessoas cujo trabalho é localizar desaparecidos. Provavelmente estão lá. Dúzias deles. Especialistas. Provavelmente têm mapas, quadros-negros e mesas telefônicas. Estão se organizando. Estão tomando café puro. Estão falando depressa e alto, agitando dramaticamente seus cigarros. Colarinhos abertos, gravatas afrouxadas. Fazendo suposições e argumentando. Embarcando numa trilha fresca de migalhas e dicas quentes que os trarão diretamente a mim.

Esse temor é torpe. Quando ele bate, é como se alguém tivesse acionado o botão que controla a gravidade. Tudo mergulha pesada, dura e rapidamente. Isso exaure você. É aquela mesma sensação, aquele mesmo pânico triste que você enfrenta quando não consegue dormir, quando sua mente vagueia, e você se lembra, sem qualquer motivo, que vai morrer um dia. Que você chegará ao fim, será enterrado e esquecido. E tudo e todos que você conhece, tudo de que se lembra e tudo o que ama serão nada. E, nesse ato de compreensão, algo o ataca internamente e torce seu coração, e você não consegue respirar direito. A compreensão é um forno frio para esse tijolo. É um impedimento. Não vai a lugar algum. E você chega à conclusão de que, daqui a cem anos, todos que estão atualmente em Corrigan, na Austrália, no mundo, cada parente, cada criança, cada animal, todos terão morrido. É uma sensação estranha, triste e indescritível, que deixa você vazio, mas pesado.

É isso o que me assalta. Foi a isso que Jasper Jones me levou.

Então, rolo para o lado e penso em Eliza. E me lembro do seu cheiro, e meu temor se estende e explode em borboletas. E penso

em quão macias suas bochechas parecem e em como seria pressionar meus lábios contra elas. Como deve ser dizer coisas ao seu ouvido, que podem fazê-la rir ligeiramente, que podem acalmar seu coração nervoso e fazê-lo bater como o seguro tiquetaquear do relógio da torre do sindicato dos mineradores. Como deve ser envolver sua cintura com meus braços. Apertado. Quão morna ela pode ser. E estremeço.

Devo ter dormido como uma pedra, pois acordo na mesma posição, curvado para o lado. Sinto-me velho e lento, como se pudesse dormir toda aquela noite novamente.

Pisco. Duas vezes. E meus olhos se fixam na janela.

Há um marimbondo. Bem ali. Empoleirado na beira das ripas de vidro. Ele parece ocupado. Seu traseiro se move sinistra e lentamente.

Meu medo se espalha como uma colherada de melaço. Entorpecido, pareço contente em observá-lo, então subitamente salto da cama como se volts tivessem sido lançados no meu corpo. Nunca me movimenter tão depressa. Ninguém, jamais, se movimentou tão depressa. Sou uma confusão de membros e minha boca expele uma série de vogais. Tateio a mesinha de cabeceira e jogo um livro nele. *Os nus e os mortos* erra completamente o marimbondo, mas atinge a alavanca da janela, fechando-a com um estalo.

Pego minha toalha e saio. Não tenho certeza se tranquei o marimbondo dentro ou fora do quarto. O medo me diz que foi dentro. *E* – ele sussurra agourento atrás de uma das mãos – *eu o deixei irritado*. Meu coração se agita como um daqueles pequenos sacos de pancada.

No banheiro, molho o rosto com a água morna da torneira e tento me acalmar. Em vez de arriscar um encontro no meu quarto, apanho algumas roupas no cesto e visto-as.

É claro que sou atacado assim que entro na cozinha. Minha mãe nem se vira. É como se conseguisse sentir a terra e os amarrotados.

– Charlie! Tire essas roupas. Eu ainda não lavei!

Ela prepara uma xícara de café na minha frente e puxa minha camisa de algodão com listras. Esfrego os olhos e suspiro.

– Mas nem estão sujas. Estão boas – digo, bebendo um gole do café.

– Não, não estão *boas*, Charlie. Não vou pedir novamente.

Ela me encara com um olhar capaz de destruir um iceberg. Esta manhã, no entanto, simplesmente estou cagando.

Fico calado, o que, tenho certeza, ela traduz como uma concordância resiliente. Mastigo a torrada que ela me entrega e, desinteressadamente, folheio um dos jornais que meu pai não está lendo. Ele está especialmente calado esta manhã. Ele costuma ficar um pouco distante, de um jeito distraído, mas hoje parece um fantasma.

Minha mãe finge estar ocupada, limpando sua imaculada cozinha. Ela fala severamente comigo enquanto olha pela janela.

– Charlie, se você for hoje à casa de Jeffrey, gostaria que ficasse por lá ou na rua, onde eu possa vê-lo, por favor.

Paro e franzo a testa.

– Por quê?

– Porque sim. É por isso.

Olho para meu pai, mas, como sempre, ele não emite uma opinião do outro lado da mesa. Eu poderia estar sentado com um cão de caça bem-alimentado. Ergo as mãos, como se sustentasse uma tigela invisível cheia de perguntas.

– Como isso *pode* ser um motivo?

– Sou sua mãe. Não preciso de motivo.

– Isso nem faz *sentido*! – disparo.

Ela se vira. Sou novamente o alvo. O olhar voltou. Aqueles olhos são capazes de transformar Errol Flynn num eunuco. Você é

obrigado a franzir a testa e desviar a vista. É como tentar olhar para o sol.

– Você vai continuar me dando respostas malcriadas ou vai fazer o que eu mandei?

Detesto esse impasse teórico. Não posso vencer. Nunca venço. Nem posso forjar um empate. Tenho três portas vermelhas, com três etiquetas: *Silêncio*, *Afirmção* e *Surra Fatal*. Abrir qualquer uma delas é dar a vitória a minha mãe.

No momento, detesto os dois como detesto marimbondos: meu pai, por ser desnorteado e inútil, e minha mãe, por desfraldar a bandeira vermelha.

Abro a porta vermelha que diz *Silêncio*. A perda menos dolorida.

– Ótimo. – Minha mãe se vira para limpar sua bancada já limpa.

Silenciosamente enfurecido, termino minha torrada e espero o momento certo, com um olhar ocasional e óbvio para meu pai. Passo os olhos pelas manchetes e leio que os americanos estão salvando os vietnamitas e que mais tropas australianas podem ser enviadas em breve.

É confuso, porque meu pai odeia a guerra. Ele quis dirigir até a cidade e participar dos protestos, mas minha mãe não deixou. Ela disse que era uma perda de tempo e de dinheiro dirigir até a cidade só para caminhar com uma multidão. Eu quis que meu pai a desafiasse e dirigisse até lá, de qualquer modo. Talvez eu fosse com ele. Mas ele ficou.

Finalmente, minha mãe deixa a cozinha, falando alto sobre ter uma pilha de roupas para lavar. Escuto, para saber o quanto ela está ocupada. Então, me levanto e saio, fechando delicadamente a porta atrás de mim. A segunda vez que saio escondido em dois dias.

Caminho rapidamente até a casa de Jeffrey, olhando intermitentemente por cima do ombro. Imagino que minha mãe está abrindo a porta do meu quarto para um enxame tão denso de

insetos vorazes que cobrem todo o seu corpo como uma malha e zumbem mais alto do que uma serraria.

O medo da retaliação me impele, sem parar, através do jardim mortal de An Lu. Bato na porta de Jeffrey com certa urgência. Para minha surpresa, ele atende. Isso nunca aconteceu. Seu rosto é uma caricatura da decepção.

– Olá, senhor – digo-lhe. – Vim lhe falar sobre Cristo. Um momento do seu tempo, senhor, eu lhe imploro. Por *Cheeses* Cristo, nosso Senhorrr.

A cabeça de Jeffrey cai para trás como a tampa de um porta-balas Pez. Ele suspira, olhando para cima.

– Ninguém passará, Chuck.

– Mas, senhor! Por Cristo!

– Não, mesmo – diz Jeffrey, com a mão ainda na porta. – Você não pode entrar. E eu não posso sair.

– Você não precisa sair. Todos já sabem que você é veado. – Rio e insisto em entrar.

– *Cale* a boca, retardado. Estou falando sério. Estou de castigo.

– Sério? – Meu corpo se enrijece.

– Sério.

– Como? O que você fez? Ontem à noite, vi seu pai gritando com você.

– Bem... – Jeffrey ri em silêncio e cochicha: – Ontem, a Sra. Sparkman veio pegar algo emprestado e, assim que minha mãe atendeu a porta, o Presidente Uau assobiou e gritou: *Mãe! Vamos à cidade jogar a porra de uma partida de críquete! Vamos à cidade jogar a porra de uma partida de críquete!* Então, é claro, ela enrubesceu e contou à minha mãe o que significa e quão grosseiro é. O periquito idiota me dedurou.

Morro de rir. Jeffrey mantém o dedo diante dos lábios sorridentes.

– Eu *sei*. É hilário. Mas ela ficou louca. Parecia um furacão, Chuck. Um furacão de *fúria*. E eu me *ferrei*. Ela nem me deixou

ouvir o jogo. Estou *pirando* aqui dentro, Chuck. Você sabe o placar? Doug Walters já entrou?

– Não faço ideia.

– *Porra!* – Ele sibila e estala os dedos num movimento brusco, como um vilão contrariado. – Você é inútil para mim, Chuck.

– *Eu* sou inútil? O que *eu* devo fazer agora?

– Não sei. – Jeffrey sorri. – Vá procurar Eliza Wishart. Façam um piquenique no campo e montem grinaldas de margaridas e... como é a palavra? Vá fazer gracejos num prado.

– Acho que prefiro dissecar você. Com minhas mãos.

– Veado.

– O que isso pode ter a ver?

– Não sei. Mas é.

Atrás dele, sua mãe grita alguma coisa. Não entendo as palavras, mas o tom é claro.

– Preciso ir, Chuck – diz Jeffrey, emburrado, e suspiro e aceno enquanto ele fecha a porta.

Nossa rua silenciosa e limpa esconde seu peso opressor. O jardim de An, o calor que se espalha, meu quarto como uma colmeia de marimbondos, o tijolo no meu estômago, a diaba, em casa, esperando que eu ceda. Ando a esmo em direção à cidade. Talvez eu vá à biblioteca. Ou à livraria. Eu deveria ter trazido um pouco das minhas economias.

Ao passar pelo campo oval da escola, observo alguns garotos tentando soltar uma pipa. Aparentemente, eles mesmos a fizeram, com palitos, jornal e linha de pesca. Não gosto do jeito deles. O ar está imóvel como um forno e tão quente quanto. Mesmo assim, eles disparam em linha reta, com sua pipa correndo e saltitando atrás. Daqui, parece que ela os persegue.

Chego à biblioteca. Além da Sra. Harvey, a bibliotecária, o lugar está vazio.

Desde que comecei a devorar os livros do meu pai, passo cada vez menos tempo aqui, por isso parece um pouco como visitar uma

tia idosa. A biblioteca tem um cheiro forte familiar; sinto-me instantaneamente em casa.

Gasto algum tempo passando os olhos pelo corredor de ficção, mas apenas percorro as lombadas. Sigo em frente, vagarosamente. Somente quando chego à seção de livros policiais é que meu coração dispara, e eu me detenho e observo. Meu dedo pesca títulos e empilho os livros nos braços. Quando ficam pesados demais, carrego todos para uma mesa no canto. Coloco-os em cima dela e acendo o abajur. De repente, sinto-me empolgado e cheio de determinação. São todos livros sobre crimes reais, exibindo nas capas fotos 3 x 4 granuladas ou cenas urbanas assustadoras. A palavra "arrepiente" aparece na maioria das frases de capa. Checo quem pegou aqueles livros antes de mim, buscando nomes que se repetem. São vagos e, na maioria, ilegíveis. Nenhum Jack Lionel. Ninguém que eu reconheça.

É uma leitura compulsiva. Percorro atentamente os delitos de assassinos famosos e infames, fascinado pelas suas histórias. Descubro que Jack, o Estripador, nunca foi pego. Leio sobre Burke e Hare, que matavam por dinheiro, vendendo os corpos para faculdades de medicina. Absorvo as palavras furiosamente. Tudo parece gótico e surreal. Então, leio sobre Albert Fish, o homem a quem chamaram de Vampiro do Brooklyn, cujas confissões me deixam tão nauseado que nem consigo terminar. Fecho o livro com força. Olho à esquerda e à direita. Sinto-me amargurado e encantado. Abro-o novamente.

Sua fotografia me atordoa. O rosto de um monstro comedor de crianças. Seu rosto aquilino e assimétrico e seus olhos sinistros. Sou obrigado a desviar da imagem. É tudo o que eu imaginaria ser Mad Jack Lionel. Aquela expressão fria, cortante e volátil. Como se, a qualquer momento, ele pudesse rosnar e morder.

Passo os olhos pelos outros títulos. São curiosos e lancinantes. Curvo-me até perto das páginas, mas algo parece ligeiramente insuficiente. Nova York, Londres, Paris. Tudo parece tão distante e

antigo. Os casos parecem próximos demais da ficção, como se muito fosse deixado à imaginação.

É nesse momento que me lembro do Monstro de Nedlands, e sei que quero realmente ler sobre ele. Lembro-me bem do seu enforcamento no ano passado, que todo mundo, exceto meu pai, pareceu gostar. Não sei muito sobre o caso.

Então, afasto os livros sobre crimes e ando rapidamente até o arquivo de jornais. Gasto uma hora reunindo exemplares que o mencionam na primeira página, criando uma pilha pesada à minha direita. A Sra. Harvey me lembra severamente de que devo guardá-los na ordem certa, mas desconfio de que ela está secretamente feliz por alguém, finalmente, desfrutar de seu trabalho.

Arrasto-os para minha mesa e tento ler cronologicamente sobre o caso. Desde a sombra à espreita que massacrou cinco pessoas num único fim de semana quase três anos atrás até o calmo homem de lábio leporino que finalmente foi preso e enforcado. É macabro e inquietante, mais do que outras histórias, pois são lugares que reconheço e uma época da qual me lembro. A histeria das manchetes me inquieta mesmo que eu saiba como a história termina.

E, claramente, não sou apenas eu. Passo os olhos por editoriais e cartas, que aumentam em intensidade à medida que os crimes continuam. Uma febre de pânico contra um mal invisível, como se Perth fosse a própria Gotham City. Imagino habitantes preocupados apertando seus casacos e caminhando rapidamente enquanto um vento frio levanta folhas secas em volta dos seus tornozelos. Continuo lendo. Repórteres dizem às pessoas que tranquem suas portas, recomendam um toque de recolher e insistem em que as mulheres usem roupas compridas. Há páginas duplas sobre como proteger sua casa, repletas de especulações e preocupação. Nenhum lugar era seguro, ninguém estava livre. Você poderia ser o próximo.

E, então, pegaram-no. Eric Edgar Cooke, que, ao buscar seu rifle, foi emboscado pela polícia. Ele deve ter se perguntado por que demoraram tanto.

Encaro sua fotografia. O homem magro e encurvado que atormentou uma cidade. O homem que fez os habitantes quererem fugir, que os colocou uns contra os outros. Ele parece um pouco um Jack Dempsey acabado. Parece atormentado por demônios e pouco à vontade.

Há histórias gravadas naquele rosto, mas o que procuro realmente é um *porquê*. Por que ele esfaqueou uma mulher na própria cama? Por que atirou entre os olhos de um homem quando ele atendeu a porta? *Por quê?* Por que matou todas aquelas pessoas? Preciso saber por que ele queria que uma cidade inteira se fechasse em si mesma.

Balanço a cabeça lentamente e continuo a ler, já sem interesse pelos crimes em si. Acho estranho que mesmo após ter sido pego e preso, mesmo depois de ter se revelado uma figura tão magra e doente, o pânico nas matérias dos jornais não tenha diminuído. As pessoas ainda estavam agitadas.

Finalmente, começo a formar um retrato da sua vida e da sua infância. Leio sobre o violento *bullying* que sofria por causa da fenda no seu palato. Sobre sua solidão. Seu abandono por todos, menos por sua compassiva mãe. Sobre seu bêbado e abusivo pai, que o surrava violentamente com os punhos, às vezes com um cinturão. Que gastava o salário com bebidas e deixava a família passar fome, o que significava que Cooke tinha de roubar para sustentá-los.

É horrível e triste. Mas, ainda assim, não entendo. Foi esse realmente o *motivo*? São esses os ingredientes para um assassino? Apoio a cabeça nas mãos e penso em Jasper Jones. Um órfão, ou quase. Cujo pai ataca a bebida com tanta força quanto ataca seu único filho. Que também precisa roubar para comer. Não consigo nem começar a imaginar o que já aconteceu debaixo daquele teto.

Penso em Jeffrey Lu, humilhado todos os dias da sua vida. Penso em Sam Quinn, um menino da nossa escola com uma fenda no palato. Ou Prue Styles, uma menina solitária que tem uma marca de nascença vermelha no rosto, como uma mancha de sangue. E penso em Mad Jack Lionel. Imagino seu rosto como uma mistura de Albert Fish e variados vilões de filmes. Penso nele, sozinho na sua varanda na calada da noite. Sua cara torta, seus olhos malévolos. Inspeccionando sua propriedade iluminada pela lua. Vendo uma garota de camisola seguindo apressadamente para o rio.

Ajeito os óculos e observo Cooke novamente. E me ocorre, pela primeira vez, que as pessoas são capazes de fazer isso umas com as outras. As pessoas são realmente capazes. E me pergunto: quão tênue é a linha? É algo que carregamos dentro de nós? É apenas uma questão de fricção e pressão? É um puta azar e uma triste sina? É ocasião e oportunidade? Coço o couro cabeludo e fungo. Talvez Mark Twain saiba.

Para minha surpresa, o volume seguinte contém a resposta do próprio Cooke.

O papel está seco e quebra enquanto o manuseio. Cheira a mofo. Viro para a página certa. Há uma pequena marca de lágrima no canto inferior, e um arrepio frio percorre minha espinha quando penso em mais alguém conhecendo aquilo. Há uma foto diferente de Cooke. Dessa vez, ele parece mais patético. Quase resignado. Leio avidamente. Por fim, o repórter lhe pergunta *por quê*. Por que ele fez aquilo? Cooke respondeu: *Eu só queria machucar alguém*.

Suspiro e descanso o rosto sobre o punho. Olho pela janela por algum tempo. Não pode ser isso. Não pode ser tudo. Pego o jornal publicado no dia seguinte ao enforcamento de Cooke, mas não encontro reportagem alguma. Enrugo a testa e me inclino para a frente, analisando as folhas diante de mim. Somente quando estou mergulhado nas suas entranhas percebo meu engano: 27 de outubro de 1965. Estou um ano inteiro adiante.

Mas, abaixo da data, sou atraído por uma manchete que me congela. Paro e limpo os óculos com a camisa. Prendo a respiração e percorro o texto no quadro abaixo.

Leio sobre uma garota americana, chamada Sylvia Likens. A polícia a encontrou morta sobre um colchão sujo. Ela tinha dezesseis anos. A mesma idade de Laura Wishart. E me sinto seduzido a seguir por um caminho que não tenho certeza de que eu deveria trilhar. A história parece sombria e obscena. Sinto-me indisposto, com frio e vazio, mas ansioso por mais. Tanto que volto ao arquivo dos jornais para levar cada edição desde outubro para minha mesa. A Sra. Harvey me observa por cima dos seus óculos. Sento-me pesadamente. E leio, com o estômago afundando, juntando os pedaços da história de Sylvia Likens.

Os pais de Sylvia trabalhavam em parques de diversões e frequentemente se mudavam de cidade para cidade. Poucos meses antes, em julho, eles deveriam partir para outro trabalho. Eles não poderiam levar todos os filhos, portanto seu pai recorreu a uma recente conhecida, uma mulher chamada Gertrude Baniszewski, e lhe ofereceu vinte dólares por semana para que ela alojasse Sylvia e sua irmã mais nova, Jenny. Baniszewski, descrita como uma mulher severa e doente, aceitou a oferta, embora tivesse sete filhos e fosse separada do marido.

Aparentemente, assim que a porta se fechou atrás de Sylvia Likens, o pesadelo começou. Gertrude Baniszewski se tornou amarga e desconfiada; depois, ciumenta e sinistra. Antipatizou com as meninas de imediato, principalmente com Sylvia, e acusava-a falsamente de roubo para poder castigá-la.

Após a primeira semana, o pagamento prometido pelo pai não chegou. Enfurecida, Baniszewski surrou Sylvia com um bastão de madeira. Essa foi a primeira de muitas surras. A violência se tornou rotineira e cresceu em intensidade. Baniszewski era perversa e vingativa, convencida de que Sylvia era, de algum modo, *suja*. Sylvia devia estar aterrorizada. Após algumas semanas, ela

começou a urinar na cama. Mas não era apenas Baniszewski. Com a escalada dos abusos, Gertrude recrutava seus filhos e outras crianças da vizinhança para fazerem crueldades terríveis com Sylvia. Para mim, é difícil ler aquilo. Mais difícil ainda acreditar que era verdade. Eles a amarravam bem apertado. Cerca de uma dezena de crianças. E faziam coisas inimagináveis. Apagavam guimbas de cigarro na sua pele. Cortavam-na e surravam-na. Puxavam seus cabelos e cuspiam nela. Faziam-na tirar a roupa. Faziam-na dançar na frente deles. Obrigavam-na enfiar uma garrafa de Coca-Cola nas suas partes íntimas.

Quando leio, preciso desviar o olhar. Viro-me para a janela e mordo os lábios. Tento controlar minha imaginação. Mas ainda volto às páginas. Algo em mim é compelido a ler, embora eu saiba que não devo.

O tormento de Sylvia piorou. Todos os dias, ela era chutada, socada, golpeada e queimada. Os garotos praticavam golpes de judô em seu frágil corpo. Para eles, ela era apenas um terrível brinquedo. Torturavam-na metodicamente, tudo sob as ordens de Baniszewski. Começaram a mergulhar Sylvia em banheiras cheias de água escaldante e mantê-la no fundo, como uma medida para limpar seus pecados. Depois, esfregavam sal em suas feridas abertas.

Finalmente, Sylvia tentou fugir. Ela foi pega na saída da casa. Não conseguiu sequer chegar ao jardim. Baniszewski arrastou-a para dentro. Empurrou-a pela escada do porão. Então, ela foi forçada a viver no subsolo, com os cachorros. Baniszewski a tratava como um dos animais. Pior. Começaram a amarrá-la durante a noite. Deixavam-na passar fome, alimentando-a apenas com biscoitos de água e sal. Não permitiam que ela usasse roupas. Não deixavam que fosse ao banheiro. Forçavam-na a comer sua própria merda, sua urina e seu vômito.

Poucos dias antes de morrer, amarraram-na de barriga para cima enquanto Baniszewski aquecia uma agulha. Então, a mulher

começou a marcá-la, tatuando letras na sua barriga. Ela precisou parar porque o cheiro da carne queimada de Sylvia a deixava enjoada. Assim, ela entregou a agulha a um dos garotos mais velhos da vizinhança. Mandou que ele queimasse as palavras "*Sou prostituta e me orgulho*" na pele de Sylvia. Ele parou para perguntar como se escrevia *prostituta*. Baniszewski escreveu a palavra para ele. E o garoto terminou o trabalho.

Sylvia dissera a Jenny que morreria em breve. Ela disse que sabia. Ela devia sentir muito medo. Aquilo soou como se estivesse se entregando. Havia suportado muito. Estava desistindo.

O único ato de desafio de Sylvia foi passar uma noite batendo uma pá contra as paredes do porão. Mas ninguém apareceu. Ninguém a salvou.

Ela morreu na banheira. De fome e de colapso. Sylvia simplesmente se foi. Quando a descobriram, Baniszewski e suas filhas carregaram o corpo e jogaram-no sobre um colchão imundo ao lado do corredor. Cruzaram seus braços sobre o peito. Então, ela mandou o mesmo garoto da vizinhança chamar a polícia.

O que a polícia encontrou foi um minúsculo corpo arranhado, dilacerado e contundido, ainda úmido por causa da banheira. Ela tinha feridas abertas por causa da escaldadura. Estava pontilhada por inúmeras marcas de cigarros. Faltavam-lhe dentes. Tinha os olhos roxos. Suas unhas estavam quebradas. Ela havia mordido todo o lábio inferior.

Antes que a polícia fosse embora, Jenny Likens puxou silenciosamente a camisa de um policial e disse: *Se você me tirar daqui, eu conto tudo*. Mais tarde, naquele mesmo dia, Baniszewski foi presa.

Parei de ler.

Uma das coisas que tenho mais dificuldade em entender é por que Jenny esperou tanto para falar. Ela assistira a tudo, durante todos aqueles meses, esteve presente em cada ato de selvageria.

Ela teve chances. Jenny não frequentava a escola enquanto Sylvia ficava presa na casa? Ela poderia ter contado para alguém.

Mas não é apenas Jenny. É todo o coro de vozes mudas que põe um nó na minha garganta. Por que ninguém a ajudou? A vizinhança sabia. Ah, sabia. Os vizinhos, os Vermillion, eles estiveram na casa e viram a extensão dos ferimentos de Sylvia. Ouviram os gritos e a agitação. As batidas da pá. Mas, da parte deles, não veio qualquer som. Eles deixaram aquilo acontecer. Eles não ligavam? Grupos inteiros de pessoas. Montes de habitantes. Uma cidade toda. Famílias inteiras. Ninguém disse uma só palavra.

E como Gertrude Baniszewski pôde seduzir tantas crianças a cometerem tais atos? Como eles conseguiam, dia após dia, aparecer para fazer o indizível? E como conseguiam voltar para casa à noite sem que palavras de vergonha ou de remorso se despejassem das suas bocas? O que Sylvia Likens fez para merecer aquilo? Ou foi apenas um puta azar e a ocasião?

Tudo ferve em mim. Preciso agarrar e espremer antes que transborde.

Li demais. Vi demais. Estou num estranho torpor, irritado e aturdido. Não sei o que fazer comigo. Quero lavar minhas mãos trêmulas e me livrar disso. Quero limpar a cabeça. Gostaria de não saber tudo o que descobri. Exorcizar a lembrança de Eric Cooke e de Albert Fish e arrancar Sylvia Likens do meu coração. E Laura Wishart? Nesse momento, eu arrancaria tudo num segundo. Optaria por esquecer. Dormiria seguro na minha cúpula de gelo e fecharia a janela para Jasper Jones.

Saio da biblioteca sentindo-me exausto, deixando sobre a mesa a montanha de bagunça. Aperto os olhos diante da luz do sol e me pergunto aonde ir. Após uma manhã inteira de leitura, juntei mais perguntas do que respostas.

Decido voltar para casa passando pela livraria. Olho para meus pés enquanto caminho, com a cabeça rodando e evoluindo vertiginosamente por muitas avenidas de pensamento. Sinto

vontade de nadar. Quero mergulhar no rio Corrigan, enrugando meu corpo e eliminar o calor da minha pele morena. Imagino esfregar meu corpo com a areia do fundo do rio. Depois, deitar na superfície e flutuar com uma balsa. Ou um cadáver.

Enquanto minha mente vagueia, tropeço e cambaleio numa parte mais alta da calçada. Não caio, mas minha recuperação é igualmente espetacular. Sigo aos tropeções como um pato no gelo. Quando me endireito, ergo o olhar e vejo Eliza Wishart em frente à livraria. Ela parece igualmente divertida e preocupada.

– Você está bem, Charlie?

Eu suprimo um grito de dor e ponho as mãos nos quadris. Forço um sorriso e levanto a mão, o que deve parecer uma espécie de movimento involuntário estranho e desconfiado, como se eu tivesse engolido um copo com a urina de alguém e a recomendasse.

– Sim, não foi nada – digo, flexionando as costas. – Sim, olhe, estou bem. Não doeu. Nada, juro. Apenas. É. Maldito... Conselho Municipal e tudo isso. Essas calçadas são... perigosas.

Jesus Cristo. Estou com medo de olhar para baixo. Devo ter arrancado essa porra com o pé. Prendo a respiração. Quero morrer, chorar ou atacar essa calçada com uma britadeira.

Mas ela sorri, e tudo fica bem. Ela é linda. E parece um pouco com Audrey Hepburn hoje.

– Bem, sabe, vou avisar ao meu pai. Cuidarei para que seja o primeiro assunto na próxima reunião.

– Ah, não! – digo, percebendo o que aconteceu. – Não quis dizer, você sabe...

– Tudo bem, Charlie. Estou brincando.

– Ah.

– Onde está o Jeffrey? Jogando críquete?

– Não, está de castigo. Está preso em casa.

Os olhos dela se arregalam conspiratoriamente.

– Sério? O que ele fez? Está muito encrencado?

– Só uma besteira. Nada realmente, sabe, *ruim*.

Estou nervoso. Onde está a inteligência de um salão de baile que sempre imaginei que pontuaria esse momento? Minha perspicácia me abandonou. Justo quando preciso dela, não tenho nada.

– O que você está fazendo na cidade? – pergunta Eliza.

– Ah, nada – digo, e olho para baixo. – Estava na biblioteca.

Ela assente.

– É, sabe, *lendo*.

– Numa biblioteca?

Fico momentaneamente confuso e ela ri. Oh, ela está levando a melhor. Habilmente. Preciso melhorar meu jogo. Posso me sentir enrubescendo. Arrasto o calcanhar.

– É. Bem, é menos suspeito do que fingir folhear um livro na frente da livraria.

– O que isso quer dizer? – Ela muda o peso de uma perna para a outra e inclina a cabeça para o lado.

– Bem, você sabe, *parece* que você está apenas passando os olhos, mas sei que está lendo. O truque foi descoberto.

Ela sorri e revira os olhos.

– É, você me pegou. No flagra. Você seria um bom detetive, Charlie.

Isso me faz lembrar. Minha cabeça gira e os dedos do pé latejam. Sorrio vagamente, tentando estancar a náusea. Uma libélula passa a toda pela minha cintura e recuo como se tivesse levado um tiro.

Ela ergue as sobrancelhas.

– Preciso ir para casa, Charlie. Saí escondida.

– Ah, tudo bem. – Concordo excessivamente com a cabeça, como um pombo.

Eliza acena com o pequeno romance na mão e alisa o vestido.

– Preciso comprar isso antes – diz ela, rapidamente, então para, ao abrir a porta. – Quer me levar em casa?

Minha boca está aberta. Dou de ombros e continuo concordando com a cabeça.

O sininho da porta repica quando esta se fecha atrás dela. Certamente não há tempo suficiente para eu me recompor. Internamente, repreendo minha decisão de vestir roupas sujas. Espero que eu não esteja fedendo.

Estou cheirando meu sovaco quando Eliza volta, com o livro num saco de papel pardo. Baixo o braço com tanta força que bato em mim mesmo.

Partimos. Estou me cagando. Devo segurar a mão dela? Devo? Devo. Devo segurar a mão dela. Mas minhas palmas estão suando. Profusamente. Com certeza isso seria ruim. Repulsivo. Seria como dar a ela um invertebrado pegajoso para segurar. Portanto, não devo. Não devo.

Mas me aproximo quando estamos perto do campo de críquete. Espero que aqueles babacas agressivos estejam treinando nas redes, para me verem com ela. Mas não estão. O campo está vazio, exceto por um velho treinando sua tacada de golfe à sombra de uma figueira.

Finjo observá-lo com interesse. Estou em pânico. Eu deveria agradá-la com uma conversa. Eu deveria crescer os ombros, como Jasper Jones. Vasculho minha cabeça vazia e idiota à procura de falas inteligentes e respostas prontas.

– Que livro você comprou? – pergunto, gesticulando com a cabeça em direção ao saco pardo.

– Ah. – Eliza levanta-o com ambas as mãos. – *Bonequinha de luxo*.

Aceno com a cabeça e abro e fecho a boca como um peixe grande. Silenciosamente, censuro-me por não o ter lido. E decido ler. Essa noite.

– Eu vi o filme quatro vezes – diz ela. – Mas ainda não li o livro. Minha mãe diz que não posso, o que é uma bobagem, porque já sei

o que acontece. Mas vou ler assim mesmo. Mal posso esperar. Eu gostaria de morar em Manhattan.

– Eu também. Ou talvez no Brooklyn – digo.

– Bem, eu vou morar em Manhattan, e você pode morar no Brooklyn, e a gente se encontra no Plaza Hotel para um chá. E eu usarei um casaco de pele de raposa e sapatilhas e você, um cachecol de lã xadrez e um terno marrom risca de giz. E um cachimbo.

– Parece ótimo.

Passando o campo de críquete, seguimos nosso caminho pela rua de cascalho até sua casa. Essa é a parte antiga da cidade, onde são comuns casas de dois andares com grandes árvores na frente. É a única parte de Corrigan que sugere alguma divisão de classes. Hoje, porém, está sinistramente silenciosa. Não há carros passando, não há crianças ou animais de estimação por perto.

– Você gosta de Audrey Hepburn? – pergunto.

– Gosto. Demais. – Eliza parece se animar. – Eu acho que ela é *brilhante*. E bonita. Ela é tão... *digna*. Você gosta dela?

– Está brincando? – Estou feliz por ela se animar. – Quero dizer, ela é linda. Muito linda. Maravilhosa. É perfeita. É minha favorita, você sabe, *atriz*. Com certeza.

Ela sorri. Espero não estar sendo óbvio demais. Não consigo controlar minhas mãos. Elas se agitam como se eu não fosse dono delas. Devo parecer estar dessemaranhando minhas entranhas. Eu continuo.

– E talentosa. É claro. Obviamente. Quero dizer, ela não é apenas, você sabe, *bonita*. Também é inteligente. Gosto mesmo dela. Muito.

Eliza parece divertida.

– Você viu *Bonequinha de luxo*? – Ela ergue a vista e estreita os olhos quando pergunta.

– Bem, não. Ainda não.

– Sério? Você deveria ver. Quais filmes, então?

Merda. Estou ferrado. Quais filmes então, Charlie? Idiota.

– Ah, hum. Bem. Provavelmente, meu favorito é... Só pode ser...

O último. Com... – gaguejo.

– Rex Harrison?

– Sim! – Quase explodo de alívio. – Não sou bom com nomes.

– *Minha bela dama* – diz ela, e eu poderia beijá-la.

– Esse mesmo! – digo. – Ela estava maravilhosa. Mesmo.

– É porque o nome dela era Eliza?

– Ah. Ah, é claro – concordo, e enrubesço.

Eliza sorri e olha para baixo. Estou ansioso para me afastar dessa conversa. Ficamos calados por algum tempo.

Entramos na Sullivan Street, que parece significativamente mais movimentada. Os gramados são viçosos, densos e bem-cuidados, e duas fileiras de pés de hortelã-pimenta bem-podados percorrem toda a sua extensão. Eliza anda mais devagar.

– Você provavelmente já sabe – diz ela, suavemente.

Meu estômago se contorce e meu corpo se tensiona. Não tenho certeza do que dizer. Minha respiração falha e aquela tontura familiar retorna. Quero correr.

– Não. O quê?

– Minha irmã. Está desaparecida. Desde ontem. Não sabemos onde ela está.

Fico calado. Paramos e entramos embaixo de uma árvore poucas casas antes. Olhamos através das finas lacunas entre os galhos de hortelã-pimenta. Eliza parece pequenina na sombra mosqueada.

– Meus pais estão enlouquecendo. Bem, minha mãe está. Ela não para de tremer e de chorar. Meu pai tenta simplesmente permanecer normal, o que significa, você sabe, feder a cerveja e berrar bastante.

Não consigo falar. Minha boca está seca demais.

– A polícia passou a manhã na minha casa. Foi por isso que saí escondida. Detesto que estejam lá.

– Eles... – pigarreio. – Eles têm alguma ideia sobre onde ela possa estar? – pergunto. Há uma coceira formigando no meu pescoço, como se eu já tivesse sido pego.

– Não – diz ela. Seu tom é estranho. Como se falasse sobre outra família. Não há sinal de pânico. Não conseguimos nos olhar nos olhos. Eliza olha para baixo, eu olho por cima do ombro dela. – Não, eles não têm mesmo ideia. Logo começarão a procurar. Hoje à tarde. Acho que também estão organizando algumas pessoas daqui e virá uma equipe de polícia especial da cidade.

– Ah, certo. Meu Deus. Eliza, isso é terrível. Você deve estar... você está bem? Você imagina onde ela pode estar?

Eu deveria colocar a mão sobre seu ombro. Ou acariciar suas costas. Ou dizer algo reconfortante. Mas me sentiria banal e estúpido. E desonesto. Porque sei exatamente onde a irmã dela está. Porque Eliza Wishart está sofrendo, e estou simplesmente tentando me proteger. Sinto-me falso.

Antes que ela possa responder, um grito alto e agudo irrompe na rua. É a mãe de Eliza, vindo na nossa direção, não exatamente correndo. Seu rosto está vermelho e seus olhos, rosados e inchados. Ela tem um aspecto abatido e furioso. Recuo.

– O que você está *fazendo*? – grita ela para Eliza e se enfia sob nossa folhagem. Os cantos da sua boca estão virados firmemente para baixo. Eliza permanece passiva e calma enquanto sua mãe a sacode duramente pelos ombros, o que faz sua cabeça balançar loucamente para a frente e para trás. Eliza parece tão frágil, como se pudesse quebrar, mas permanece firme.

– O que você está *fazendo*? Sua menininha *estúpida*! Onde você foi? Por que você sairia de casa sem avisar a ninguém? Nós a procuramos por *todos* os cantos. Sua menininha estúpida, *estúpida*! O que você está tentando fazer comigo?

A mãe de Eliza treme, emocionada, e claramente tenta conter seus soluços. Ela continua segurando os ombros da filha.

Eliza parece subjugada, como se tivesse sido pega por uma ave de rapina. Sua voz é suave.

– Eu apenas descii a rua por um instante para ver Charlie. Não fui muito longe. Estive bem aqui. Eu avisei ao papai.

– Não *mint*a para mim!

– Não estou mentindo – diz Eliza, simplesmente com um dar de ombros.

Sua mãe a esbofeteia com força, apenas uma vez, no rosto. Sinto-me envergonhado e sem jeito. Eliza parece impassível.

– Então, mocinha, onde conseguiu isso? – A mãe de Eliza arranca o livro da sua mão e segura-o junto do seu rosto.

A calma de Eliza me impressiona.

– Charlie comprou para mim. Foi por isso que nos encontramos, porque ele queria me dar um presente. Foi só isso.

Sua mãe me olha pela primeira vez, perturbada e desconfiada. Está claro que ela pensa que é mentira. Meu rosto é um misto de medo e confirmação sincera.

– Bem, acho que está na hora de você ir para casa, se não se importa – diz ela sucintamente para mim antes de agarrar Eliza com força pelo braço e puxá-la bruscamente.

Eliza se vira e sorri levemente enquanto é carregada.

– Tchau, Charlie. Obrigada pelo livro.

– De nada – grito. Então, acrescento: – A gente se vê no Plaza. – Mas não creio que ela me ouça, e, assim, meu primeiro vestígio de perspicácia se perde nessa parede de folhas.

Afasto os feixes verdes e observo a mãe de Eliza se precipitar adiante e tremer enquanto elas caminham em direção à sua casa, soluçando, com as mãos no rosto. Noto que o equilíbrio mudou e agora é Eliza quem a conduz. O braço em volta da cintura dela. Apoiada.

Penso nos modos de Eliza. Tão secos e centrados. Tão prosaicos em meio ao pânico. Observo-a subir a escada do jardim para a porta principal, apoiando a mãe, que soluça. Há alguém ali para

recebê-las com a mão estendida e uma expressão preocupada. Encolho-me atrás dos galhos. Então, rápido como uma faca, algo me ocorre. Uma corrente de faíscas cobre minha pele. Meu coração quase salta do peito e meu tijolo desliza.

Eliza Wishart sabe alguma coisa.

•

Antes que eu possa fechar a porta, minha mãe me esbofeteia. Forte e bruscamente. Bem parecido com o que fez a Sra. Wishart com Eliza, mas consideravelmente com mais raiva. Arde um longo tempo. Toco meu rosto, chocado. Minha mãe grita para meu pai:

– É ele, Wesley! Está tudo bem!

É raro minha mãe me estapear. É ainda mais raro ela chamar meu pai de Wesley. Posso apenas deduzir que isso significa que estou no meio de uma grande encrenca. Enquanto voltava pela nossa rua deserta, eu tive a esperança de que ela tivesse esquecido minha saída sorrateira essa manhã.

Então, ela me esbofeteia novamente. Mais forte. Grito em protesto. Começa o interrogatório.

– O que, por *Cristo*, você pensa que está fazendo? Onde você esteve?

– Na casa de Jeffrey! – grito para ela e desvio o olhar, com a expressão fechada. Espero que meus olhos não estejam vidrados.

– Mentira, Charlie. Não *mint*a para mim. – Ela me esbofeteia novamente e me sacode pelo colarinho.

– Pare! É *verdade*! – Obviamente, não é. Sou um péssimo mentiroso.

– Estive lá, três horas atrás, à sua procura, mocinho! Você está mentindo! Onde você foi? Onde esteve?

– Eu só fui à biblioteca! Fique *calma*. Sinto muito!

– Fique calma? Fique *calma!* *Jesus Cristo*, você quer que as pessoas pensem que você não tem pais?

Quero dar um tapa na mão dela que segura meu colarinho. Quero chutar sua canela e correr para fora.

– O que isso *significa?* Eu só fui à biblioteca!

– Ah! Você *só* foi à biblioteca, não é? Depois de eu lhe *dizer* para não deixar a rua. Depois de eu lhe *dizer* para não sair de casa sem mudar essas roupas. Lá fora é *perigoso*, Charlie, entende? Você sabe disso? Há um maldito sequestrador nas ruas e você está andando por aí se achando o tal! Quem você pensa que é?

– O quê?

– Uma garota está *desaparecida*, Charlie – sussurra ela para mim, perto do meu rosto. Ela enfia as unhas no meu braço. – Laura Wishart. Ela está *desaparecida*. Entendeu?

– Desaparecida ou raptada? – pergunto. Quero saber o que ela ouviu.

– Não me *responda!* – vocifera ela, pronta para me esbofetear novamente. Eu me desvio, mas ela acerta minha orelha, o que faz meu cérebro retumbar. Por um momento, pareço estar debaixo da água. Sem pensar, afasto-a de mim com um empurrão. Ela parece atônita. – Vá para o seu quarto! – berra ela.

– Não posso! Tem um marimbondo lá!

– O quê?

– Tem um *marimbondo* lá! Por isso não pude trocar de roupa!

– Não me importo! – grita ela, apontando para os fundos da casa.

– Bem, isso está evidente há algum tempo.

– *Como é?* – Ela se inclina para a frente, agressiva, falando entre os dentes trincados.

– *Merda!* – grito. – Eu vou então levar a porra de uma ferroada!

E saio, com ela me seguindo. Não sei o que aconteceu comigo. Eu *xinguei* diante da minha mãe. É o mais perto de um haraquiri que você pode chegar sem uma espada. Bato a porta e calço-a com

um fino livro de bolso da Penguin antes que ela consiga invadir o quarto e me espancar até a morte.

Ela está berrando, mas minha preocupação imediata é o marimbondo que pode ou não estar preso no quarto. Rapidamente, vasculho as paredes e o teto. Apanho meu exemplar aberto de *Os nus e os mortos* na cama e recuo para um canto. Imagino o que Norman Mailer pensaria de mim nesse momento. Provavelmente sorriria ironicamente, balançaria a cabeça e me chamaria de veadinho fodido. Provavelmente viria para cima de mim com um canivete. Estou ardendo de raiva e de vergonha.

A gritaria acaba. Livro a postos, vasculho cada centímetro do meu quarto. Parece que, miraculosamente, o marimbondo se foi. Por enquanto. Mas, em outra parte, é claro, sacudi uma colmeia inteira de problemas.

Minha mãe irrompe quarto adentro como se fosse a Gestapo. O livro de bolso que servia como calço escorrega pelo chão. Ela me olha fixamente e acena com um dedo posicionado como um nodoso gancho de pendurar casacos. Ela segura uma pá. Não sei por quê. Espero que não seja uma arma.

– Venha comigo – diz ela.

Não discuto.

Sigo-a para fora da casa. É o meio da tarde e faz um calor insuportável. Estreito os olhos diante da claridade. Fico imóvel enquanto ela aponta e golpeia o chão repetidamente, com a ponta da lâmina, como se perseguisse algo que deseja matar. Ergo a cabeça quando ela para. Ela moldou o contorno de um círculo, com mais ou menos o diâmetro dos meus braços abertos. Franzo a testa.

Minha mãe empurra a pá para mim. Eu a seguro.

– O que é isso? – pergunto.

– Uma pá – diz ela, resumidamente. Não consigo decifrar seu tom de voz. Não sei se está magoada, zangada ou satisfeita consigo mesma. Talvez sinta tudo ao mesmo tempo.

– Isso eu sei – digo.

– Bem, então comece a cavar. Bem aqui. – Ela aponta um dedo para sua demarcação grosseira.

– O quê? Por quê? – pergunto, humildemente. Estou genuinamente confuso.

– Você vai descobrir depois. Quando estiver fundo o bastante, pode parar.

Balanço a cabeça.

– *O quê?* Não! Está muito quente!

Suas narinas se alargam enquanto seu dedo se ergue e bate no meu peito.

– Charlie, *não* vou falar novamente. Você vai cavar até que o buraco esteja fundo o bastante. Se não, passará o resto do verão no seu quarto, com ou sem marimbondos. Está entendendo? E confiscarei seus livros. Cada um deles. Essas são suas opções.

– O quê? Mas isso não é justo. Isso é ridículo!

– Não estou aqui para ser justa. Estou aqui para lhe ensinar a fazer o que mandam. – Minha mãe anda em direção à casa. Ela sabe que venceu. Ela sempre vence.

Agarro frouxamente a pá e olho para aquele pedaço de terra como se ele tivesse me traído. Como se fosse o portal do inferno.

Fecho a cara, corro a lâmina da pá pela terra, imaginando um corte perfeito no pescoço dela. Já estou suando. Mosquitos pairam à minha volta como se eu fosse o Santo Graal e me contraio, com medo, quando os sinto pousar na minha pele. Golpeio a terra, alavanco a pá e levanto-a, xingando minha mãe com os palavrões mais sujos em que consigo pensar. Esse é um novo grau de vingança. Talvez, quando eu terminar esse buraco, possa jogá-la dentro. A tarefa é um pouco facilitada pela minha raiva. No mínimo, ela é catártica por um curto tempo. Mas somente até que a camada superior de terra se transforme gradualmente num barro denso e uma bolha se forme na minha palma. Tiro a camisa úmida e joga-a no chão. Chuto um pouco de barro sobre ela, sabendo quem

precisará lavá-la. Estou com sede. Estou morrendo. Estou com tanto calor que sinto como se cavasse a minha própria sepultura.

Tento imaginar a qual propósito aquele buraco pode servir. Tenho a esperança, talvez por estar torrando aqui, de que acomodará a muda de uma árvore que dê sombra. Como um eucalipto ou um cajepute. Ou uma enorme amoreira, como tem o Sr. Malcolm no final da rua. Algo para se ler embaixo. Seria legal. Talvez até um pé de hortelã-pimenta, largo, lânguido e picante como aqueles alinhados na rua de Eliza.

Penso em Eliza e eu, parados à sombra. Seu cheiro de menina limpa, o viço do calor no seu rosto, seus olhos tristes voltados para baixo. O modo estranho e distraído como olhou na direção da sua casa quando me falou sobre Laura. Eu gostaria de ter segurado sua mão ou alisado seu rosto. Eu gostaria de ter lhe dito que tudo acabará bem. Que Laura não demorará a aparecer.

Mas Laura Wishart está morta. Eu sei. Vi Jasper Jones descê-la da árvore. Depois, nós a jogamos na água. E agora estão procurando por ela e, quando a encontrarem, virão atrás de mim.

Eu gostaria de ter lhe perguntado mais. Tenho tantas perguntas. Eliza pode não saber o que eu sei, mas acho que ela tem algo escondido na manga. Será que suspeita de alguém? Será que sabe sobre Laura e Jasper Jones? E sobre a clareira de Jasper? E que Laura costumava ir lá escondido à noite? Certamente, não.

Mas talvez.

Eliza Wishart possui as páginas do livro que levam àquele final terrível. Ou, pelo menos, algumas delas. Mas como espiá-las em seus dedos? Preciso vê-la novamente. E logo. Para que eu possa oferecer algo a Jasper quando ele vier à minha janela. Para que talvez possamos arrumar essa bagunça.

A bolha na minha mão estoura. Sugo o ar entre os dentes. E olho para baixo para ver uma centopeia cor de cobre a poucos centímetros do meu pé. É enorme. Certamente tão grande quanto uma serpente. Ela come morcegos? Poderia engolir um gato com

facilidade. Ou uma criança pequena. Engulo em seco, largo a pá e corro para a cerca.

É claro que, neste momento, minha mãe sai de casa como um fora da lei furioso saindo de um *saloon*. Nossa porta de tela bate contra a lateral da casa e estala quando volta ao seu lugar. Ela olha implacavelmente do buraco para mim.

– Desculpe-me, mas não me lembro de lhe ter dito para parar! Continue cavando, Charles Bucktin – diz ela, severamente.

Fecho os olhos e expiro.

– Tenho uma bolha.

– E eu tenho um filho preguiçoso. As duas coisas são um tormento. Eu coloco um pouco de iodo quando você terminar. Vamos! *Cave!* Aquilo é sua *camisa*? Tire-a da terra, seu menino imundo! Já! E mostre algum *respeito* pelas suas coisas!

Caminhando até o buraco, sorrio por dentro por tê-la irritado, mas é um consolo passageiro. Pego a pá e levanto-a bem alto como uma tábuca, mas a centopeia desapareceu. É pior quando não consigo vê-la e sei que está ali. Provavelmente está debaixo da terra, à espreita, esperando para atacar como um tentáculo alienígena maluco de *A guerra dos mundos*. Sinto minha coluna formigar. De repente, preciso mijar.

– *Cave!* – grita minha mãe, e eu cavo.

Minha mãe se tornou tão *rígida*. É desconcertante. Ela sempre foi seca e impaciente, mas havia afeto por trás. Não sei. Talvez ela finalmente tenha se enchido. É óbvio para todo mundo, exceto para meu pai, que ela detesta Corrigan. Desconfio que sempre detestou. É claro que posso apenas especular, mas o fato dos meus pais se casarem e se mudarem para cá seis meses antes do meu nascimento sugere que talvez a vergonha os tenha obrigado a fugir para se casar e a acabarem morando em um lugar longe da cidade. Ou talvez esse tenha sido o único lugar onde meu pai poderia arranjar trabalho. Talvez fosse uma sensação de aventura: um novo início numa cidade mineradora em expansão.

Parece improvável.

Veja, minha mãe pertence a uma família endinheirada. E escutei casualmente vários comentários maliciosos de que esperavam que ela se casasse com alguém ainda mais endinheirado.

Mas meu pai pertence a uma família sem grana alguma. Meu avô era operário e morreu cedo, de tuberculose. Pelo que consegui entender, os irmãos mais velhos do meu pai foram obrigados a abandonar a escola para sustentar a família. Sendo muito mais novo, foi mais fácil para meu pai, que pôde permanecer na escola, onde se destacou. Todos estavam convencidos de que ele se tornaria médico ou advogado. Queriam que ele tivesse as oportunidades que eles nunca tiveram. Por isso, acho que ele decepcionou a todos quando anunciou que estudaria literatura.

Meus pais se conheceram na universidade. É difícil pensar neles jovens, com cabelo saudável e pele brilhante. É mais difícil ainda imaginá-los apaixonados, às margens do Swan, animados por estarem juntos. Pergunto-me se, nessa época, meu pai já queria ser escritor. Pergunto-me se isso atraiu minha mãe. Não sei. Mas ele era muito diferente das pessoas com quem ela cresceu.

Quando ela engravidou de mim, houve apenas tempo suficiente para eles fugirem e para meu pai terminar seu curso antes que a barriga se tornasse muito pronunciada. Minha mãe nunca completou seus estudos, e meu pai nunca publicou um livro.

E, treze anos depois, uma caverna cheia de morcegos poderia ver que ela é amargamente infeliz aqui. Que está descontente com sua sorte e seu destino. Depois que minha irmã morreu, acho que ela desistiu por um tempo. Creio que foi a resignação que fez com que ela criasse um papel para si mesma. Entrou para a Associação de Mulheres de Corrigan, uniu-se às mulheres mais representativas da cidade, ajudou a cozinhar para eventos e entrou para todas as sociedades e comitês de esportes amadores que envolviam saias pregueadas. Participou de todos os eventos comunitários. Mas

agora? Agora está simplesmente furiosa. O verniz se embaçou. Ela não se importa com o retoque do brilho. Chegou ao seu limite.

Recentemente ela passou a visitar cada vez mais sua família, em particular neste verão. Se ela ia à cidade uma ou duas vezes por ano para uma estada prolongada, agora ela faz viagens mais frequentes nos fins de semana ou para passar apenas uma noite e raramente anuncia esses passeios. Apenas cuida para que meu pai e eu tenhamos refeições e roupas limpas e parte sem aviso, como se saísse para ir ao açougue.

Ela costumava voltar revigorada. Voltava mais leve. Trazia presentes e fofocas. Seu astral se elevava e ela se tornava menos severa comigo e mais amável com meu pai. Agora, porém, quando volta para casa, está amargurada e irritada, como se voltasse à sua cela após uma fuga frustrada.

E me ocorreu que, um dia, ela pode nem voltar. Pode simplesmente se recusar. Sei que sua família a pressiona. Sei que a alimentam com preocupações que servem aos seus próprios interesses e que constantemente lhe lembram das coisas que ela não tem e que eles acham que ela merece. E não a censuro realmente por ser seduzida. Ela foi criada assim, eu acho. Está bem ali, quase na superfície de quem ela é, a garota que sempre teve o que quis. Mas eu a censuro por sentir vergonha de nós. Tenho essa sensação incômoda todas as vezes que ela retorna: que ela não acha que somos bons o bastante. E isso não posso tolerar. Meu pai é exasperador, mas é uma pessoa boa e honesta. Sei como outros pais tratam seus filhos e sei que tenho sorte. E quanto a ter vindo quando vim, eu não tive escolha. Foi *timing* e oportunidade. Foi um puta azar. Mas não fiz nada errado.

Mergulho a pá no barro duro e penso no mundo em que minha mãe nasceu. Sua sorte e sua abundância. Como se houvesse outra diferença entre nós. Como isso *significa* alguma coisa? Não sei. Mas, e Eric Edgar Cooke? E *seu timing* e *sua* oportunidade? Se ele tivesse

nascido em Nedlands, como minha mãe, teria voltado ao lugar anos depois, como fez? Teria criado tanto terror naquelas ruas?

Paro e enxugo a testa. O suor encharca minha mão. Eu poderia lambê-lo, tamanha é a minha sede. Para *que* esse maldito buraco? Um lago de carpas? Um abrigo contra bombas? Sinto calor e estou imundo e de saco cheio. O barro é duro, denso e pesado. O monte de terra à minha direita atraiu uma dupla atrevida de daceiros, aos quais recebo com alívio. Os dois pássaros vasculham o monte de terra e se banqueteam com insetos. Paro para observar um deles engolir uma minhoca.

– De nada – digo.

Ele inclina a cabeça, olhando-me com o que parece pena. De repente seu amigo voa para longe, até uma árvore vizinha, para rir do meu infortúnio.

– Seu amigo é um ingrato – rosno. Ele me olha astutamente e, então, parece dar de ombros.

Balanço a cabeça e continuo erguendo pás de barro cor de caramelo. Algo que me impressiona é o silêncio da nossa rua. Normalmente, estaria agitada, mas está tão quieta quanto uma igreja.

Em poucas horas, cavei o comprimento das minhas coxas. Minha bolha estourada passou da fase da dor. Isso certamente não pode continuar por muito mais tempo. É como Dickens ou algo parecido. Certamente a Convenção de Genebra me protege de precisar cavar ainda mais.

Continuo.

E volto a pensar em Cooke e no seu motivo simples e amargo. Ele só queria *machucar* alguém. Soa tão vingativo. Mas era isso realmente? Ele estava por aí, transformando-se numa espécie de versão do seu pai? Estava reagindo através de outros meios? Mas por que, então, Cooke vitimou mulheres? Por que transformou inocentes em vítimas, como seu pai fez com ele? Não faz sentido. Então, talvez tenha sido a sensação de poder que ele queria. Após

uma vida engolindo merda, surras e imposições, ele quis virar o jogo. Talvez quisesse se *tornar* seu pai. Trocar os papéis. Finalmente estar por cima. Ele queria as pessoas à *sua* mercê. Queria *machucá-las*. Do mesmo modo como ele havia sido machucado. Talvez ele quisesse que uma cidade inteira conhecesse esse medo. Pode ter sido isso, realmente? Poderia ter sido o mesmo com Mad Jack Lionel?

Laura Wishart está morta. Alguém a matou. É tudo o que sei com certeza.

Preciso ver Jasper Jones. Preciso ver Eliza Wishart. Preciso saber mais sobre Mad Jack Lionel. Preciso saber mais sobre Laura. Sobre Corrigan. Sobre o que leva as pessoas a fazer o que fazem. Preciso restringir as coisas, podá-las. Até então, sou um carrossel de preocupações e pensamentos pela metade. Perturbado por clarões brilhantes e atordoantes e molestado por harpias.

Começo a cavar como se aquilo significasse algo. Tento me prender à tarefa. Não quero mais pensar. Parece haver um torniquete em volta da minha cabeça. Nunca pedi por isso.

No pôr do sol, o buraco chega até minhas costelas e sinto como se houvesse ácido correndo pelas veias dos meus braços e das minhas costas. Assim que largo a pá, sinto-me tenso e exausto. Apoio-me na parede do poço e inspeciono minha palma. Meus óculos estão imundos, mas não tenho nada limpo com o que os esfregar.

Como se sentisse minha falta de atividade, ouço minha mãe irromper pela porta dos fundos e marchar até mim. Não me viro. Ela para à beira do buraco, diante de mim, com as mãos nos quadris, assentindo lentamente. Gostaria de pensar que está, ainda que resistente, admirando minha perícia.

Espero para ouvir o motivo pelo qual passei toda a tarde trabalhando pesado. Olho para a colina de terra à minha direita e não consigo deixar de sentir um pouco de orgulho da minha obra. Há um ligeiro enrubescer por uma verdadeira façanha. E há outra

parte minha que anseia pela sua aprovação. Quero que ela admita que aquele é um puta de um buraco brilhante. Quero que reconheça meu esforço. Quero que me diga que fiz um bom trabalho. Que o buraco é perfeito para sua finalidade.

Mas não vou perguntar qual é.

Mantenho a cabeça baixada, massageando a palma da mão com o polegar. Talvez pareça insolente, mas não ligo.

– Muito bem, Charlie – diz ela, num tom ainda severo. – Pode parar de cavar.

Permaneço em silêncio, mas olho para cima quando ela aponta para o monte de terra.

– Agora, encha-o.

Leva um momento. Ela começa a se afastar. Olho, horrorizado, para a pilha de terra. Então, dou meia-volta.

– *O quê?*

– Encha-o – diz ela, de costas para mim.

– O que você quis *dizer* com “encha-o”? – berro, sentindo um volume na garganta e um calor no rosto.

Ela se vira. Posso ver que está satisfeita. De repente, ela se parece com seu pai. Como uma marmota arrogante.

– Eu quis dizer encha *esse* buraco com *aquela* terra, Charlie. Você não vai deixá-lo assim. Não quero um buraco enorme e sujo no meu quintal. Não vai demorar muito. E se lave com a mangueira antes de entrar. Obrigada.

Estou furioso. Ao longo da rua, ouço os dacos decolarem novamente. Balanço a cabeça.

– Não – digo, com firmeza.

– O quê? – Seus olhos se arregalam. – O que você disse?

– Eu disse não. Isso é ridículo. Estou exausto. Não vou enchê-lo. Se você não *queria* um buraco, não devia ter *pedido* um buraco. Esqueça.

– O que você acabou de dizer? – Ela se inclina para a frente.

– Você está surda? Eu disse que não vou encher! Isso é uma estupidez. Dei esse duro todo para nada!

– Bem, você não é o único, rapazinho. Essa é a vida!

– Não, não é – grito. Não ligo mais. – Pode ser a *sua* vida, mas não é a minha!

– Olhe como fala! – Ela também grita. Uma veia irada decora sua testa. – Charlie, volte e termine seu trabalho ou passará o resto do verão no seu quarto. Estou falando sério. E pode esquecer o Natal! Você quer um propósito para esse buraco, rapazinho? Por que não joga sua terrível atitude e a enterra? O que você prefere? A escolha é sua, Charles Bucktin.

Não é uma escolha. É como segurar um cocô em cada mão e escolher comer o da direita ou o da esquerda. Viro as costas para ela. Não quero lhe dar a satisfação de uma resposta nem encarar o olhar salgado filmando meus olhos. Quando acho que ela se foi, saio lentamente do buraco e fungo. Com peso no coração e nas pernas e um ar zangado, arrasto a terra para o buraco, xingando-a em voz baixa, murmurando que poderia enterrar sua maldita cabeça feia naquele poço de injustiça.

É claro que ela ainda não foi embora. E é claro que ela ouviu cada palavra ácida. Dou-me conta disso quando ela coloca a mão na minha nuca e aperta como se tentasse extrair minha coluna. Suas unhas são como lâminas. Ela sibila no meu ouvido:

– Você é um menino *muito* malcriado!

E me empurra no monte do qual senti tanto orgulho. A terra é macia, fria e dócil. Movo-me para me proteger, mas ela não me bate. Simplesmente apanha a pá no chão e marcha para casa, levando-a.

– *Agora*, encha-o!

•

Está quase escuro quando meu pai aparece no quintal. Estou quase acabando. Estou coberto em sujeira e tão exausto que não consigo conter um gemido sempre que derrubo mais terra com as mãos.

– Tudo bem. Já chega, Charlie. Venha.

Não ergo os olhos. Continuo trabalhando para mostrar minha raiva.

– Charlie! Não me ouviu? Venha, eu mandei parar. Depois a gente termina.

Quero prosseguir, mas não consigo. Descanso, apoiado nos joelhos.

– Cara, o que está acontecendo com você? – pergunta ele. Imediatamente, fico na defensiva.

– O quê? Nada. Não sei. Por quê?

– Bem – diz ele, com infinita paciência –, porque você é um menino inteligente e sensato.

– Não sou mais um menino. Vou fazer quatorze anos – interrompo. Não sei por quê.

– Bem. Tudo bem. Exatamente. Mesmo assim, eu *nunca* ouvi você dizer um palavrão, muito menos para sua mãe. Também nunca desobedeceu uma ordem. É estranho, não é?

Quero que ele continue falando comigo assim. Como um contemporâneo. Um colega. Como se eu fosse inteligente o bastante para acompanhar.

– Escute, Charlie – continua meu pai. – Se você precisava ir à cidade hoje, deveria ter pedido para um de nós. Certo? Teria poupado muitos problemas. Principalmente para você, ao que parece. – Ele gesticula em direção ao buraco cheio.

– Não é isso – explodo, mas me detenho. A ânsia para lhe contar tudo está ali. Deixar que ele cuide de tudo. Mas balanço rapidamente a cabeça. – Esqueça.

– Sua mãe está preocupada, Charlie. E você não pode culpá-la. De certo modo, nós dois estamos. Aconteceu algo muito perturbador. Você ouviu sobre Laura Wishart. Ninguém tem certeza

do que está acontecendo. Portanto, enquanto isso, estamos tentando fazer a coisa certa, mantendo você o mais seguro possível. Pode não ser nada, Charlie. Espero que não seja. Mas você entende por que queremos tomar cuidado por enquanto?

Por que ele tem de ser tão sensato? Por que ele precisa explicar as coisas tão bem? Ele deveria ter sido um advogado, como Atticus Finch. Mas aí ele teria de se levantar contra alguma coisa.

Olho para baixo. Não é nada justo. Mas não me importo. Estou com raiva. E dolorido.

Ele se ajoelha e suspira.

– O mundo parece estar mudando, Charlie. É diferente de quando eu cresci. Está realmente mudando. Até mesmo aqui.

– Nisso você tem razão – afirmo, amargurado.

– Muita gente está assustada. Principalmente agora, com o desaparecimento de Laura. Muita coisa está acontecendo.

É raro ele falar comigo assim. A última vez foi quando me ofereceu livre acesso à sua biblioteca. Sinto-me sem jeito e desanimado. Não sei como responder. Portanto, concordo com a cabeça.

– De qualquer modo – diz ele, levantando-se. Seus joelhos estalam. – Sua mãe declarou que você vai ficar sem jantar essa noite, e vai lhe avisar isso assim que você entrar. Mas sugiro que, em vez de discutir, você concorde e aceite numa boa. Tudo bem? Essa noite ela joga bridge, portanto você pode comer alguma coisa depois que ela sair. Acho que já foi castigado o bastante.

– Tem certeza? Quer dizer, se você quiser posso construir um barracão aqui e derrubá-lo.

Para minha surpresa, ele ri.

– Você é igual à sua mãe, Charlie.

– Absurdo – falo. – Não me diga uma coisa dessas.

Ele ri novamente.

– Ela faz muito por você, você sabe.

Levanto-me e limpo com palmadas a terra das minhas calças.

– É, uma criada também faria – falo, baixinho.

Ele franze a testa.

– O que isso quer dizer?

– Nada.

Ele expira pelo nariz e mantém sobre mim seus enormes olhos de corça, de um modo que faz com que eu me sinta imaturo e desconfortável.

– Escute, ela só quer se sentir respeitada. Eu sei que você está crescendo, Charlie, mas ela ainda é sua mãe. Ela quer o melhor para você. Mas, se você tem um problema em relação a alguma coisa, há maneiras mais inteligentes para contorná-lo. Só precisa ser um pouquinho mais habilidoso, certo? Mais diplomático. Vá por mim, meu rapaz, você se sairá melhor do que se tentar disputar com ela. Entende?

– Acho que sim – admito, emburrado.

– Concessão não necessariamente significa derrota, Charlie.

– Quem disse isso?

Ele sorri.

– Eu.

À fraca luz lilás, ficamos mais um pouco junto ao buraco cheio.

– Onde você esteve esta tarde, afinal? – pergunto.

Ele ergue as sobrancelhas.

– Na verdade, estive no Sindicato dos Mineradores, ajudando a organizar a busca. Eles começaram logo depois do almoço.

Meu peito se aperta e sinto os pelos se eriçarem na minha nuca. Essa é minha primeira chance verdadeira para obter respostas.

– Sério? O que eles acham? Onde ela está? Eles sabem? Onde estão procurando? O que vão fazer?

– Bem, essas coisas começam pequenas, Charlie, depois o perímetro é ampliado. Quanto mais tempo se passa, mais intensa e ampla é a busca. Mas, por enquanto, o melhor é manter a calma e procurar nas áreas prováveis.

– Quais áreas prováveis? – pergunto.

– Ao longo do rio e nas cercanias imediatas. E imagino que a família e os amigos estejam sendo interrogados. Então, eles começarão a juntar as peças para ter uma ideia do que pode ter acontecido. Mas estou com um pressentimento de que ela provavelmente aparecerá essa noite. Eu realmente espero.

– E se ela não aparecer? – Parece perigoso fazer essas perguntas. Há um pica-pau martelando meu peito. Mas meu pai rebate minha preocupação com o zelo que teria com qualquer outra.

– Bem, o perímetro será ampliado. Eles têm aviões de reconhecimento a postos para amanhã. Também pediram equipes de mergulhadores da cidade para uma busca no rio, mas rezo a Deus para que não sejam necessárias. Não tenho certeza, Charlie, até acontecer. Provavelmente os voluntários avançarão cada vez mais no mato e haverá reuniões e coisas parecidas na cidade, para reunir apoio e informações. A cada dia que ela continuar desaparecida, os esforços se tornarão mais desesperados.

– Mas e se mesmo assim eles não a encontrarem? E se ela continuar desaparecida? Eles não podem procurar para sempre, podem?

E se encontrarem a clareira de Jasper? E a represa? Quão óbvias são as pistas? Mandarão mergulhadores? Até o fundo escuro? Eles conseguiriam encontrá-la?

– Bem, não. É claro que não podem. Esses recursos estão disponíveis por certo tempo.

– Quanto tempo?

– Realmente não sei, amigo – diz ele. Meu interesse não levanta suspeita. Ele não estreita os olhos nem me faz perguntas.

– Tudo bem – digo. Ele dá um tapinha no meu ombro e depois passa o polegar pelo meu topete imundo. E me lança um sorriso tranquilizador.

– Escute, como eu disse, provavelmente não se chegará a tanto. Ela não demorará a aparecer. Meu palpite é que ela está com uma

amiga ou fugiu de casa. Algo desse tipo. Não esquente a cabeça, Charlie. As pessoas desaparecem e reaparecem o tempo todo por aí, mas em Corrigan esse tipo de acontecimento ganha grandes proporções simplesmente porque todos se conhecem, porque, fora isso, a cidade é muito tranquila.

Concordo com a cabeça.

– Você conhece bem Laura? – pergunta ele.

– Não. Não, mesmo. Conheço a irmã dela. Eliza.

– Certo. Eu não conheço Eliza. Mas há alguns anos dou aulas para Laura. Ela é uma garota tranquila. Muito inteligente. Muito independente. Mas, como disse àquelas pessoas hoje, há alguma coisa nela que parece perturbada e volátil. É como se ela mantivesse as pessoas a distância, por isso não a conheço tão bem quanto conheço os outros alunos. Mas dar o fora daqui sozinha me parece algo que ela poderia fazer.

– Sério?

– É minha suspeita, Charlie. Não sei como é a casa deles, nem pretendo saber o que acontece sob seu teto. Quer dizer, não é justo que eu especule *por que* ela desejaria fugir, mas sinto que há um traço no seu caráter que poderia levá-la a fazer algo assim. Partir sem comunicar a ninguém. Provavelmente a encontrarão em algum lugar por perto ou ela entrará em contato quando o dinheiro acabar.

– Você acha? – pergunto.

Ele coça o queixo e ajeita o cabelo.

– Sim, acho que é muito provável.

– É só você quem pensa assim?

– Todos têm o mesmo objetivo, Charlie; todos a querem em casa, em segurança. Mas eles precisam estar abertos a todas as possibilidades.

– Como sequestro? Ou assassinato? – digo, abruptamente. E então congelo, como se tivesse sido flagrado. Como se a segurasse sob os braços, encarando um refletor. Estou apavorado. Prendo a respiração.

Ele suspira e inclina a cabeça. E fala suavemente.

– Suponho que seja uma possibilidade, Charlie, mas é muito, muito improvável.

– É mesmo? Então por que eu precisava ficar em casa? Por que não tem ninguém brincando na rua?

Sua boca se abre e se fecha novamente. Eu o peguei.

– Eu disse que é improvável, mas não é impossível. Veja... – Ele faz uma pausa, escolhendo cuidadosamente as palavras. – Com coisas assim, quando as pessoas não entendem realmente o que está acontecendo, elas supõem o pior muito antes do necessário. É um pouco como ter medo do escuro. Geralmente, não é do escuro que as pessoas têm medo, mas de não saberem o que há nele. E porque não conseguem enxergar, porque não têm certeza, começam a imaginar que há ali coisas mais sinistras do que normalmente haveria. Isso faz sentido?

– Acho que sim.

– Tudo o que estou tentando lhe mostrar é quão rapidamente a razão pode ser esquecida quando coisas como pânico e medo começam a se infiltrar. Principalmente numa cidade como essa, onde as pessoas fofocam como se fossem malditos espiões. Portanto, por enquanto, não se preocupe muito com Laura. Ela vai aparecer, amigo.

Olho para baixo, para meus pés imundos. É ela aparecer o que mais me preocupa.

Encolho breve e involuntariamente os ombros, sentindo o calor da verdade de Laura e a frieza da minha mentira. As formigas invisíveis estão rastejando por todo o meu corpo novamente. Preciso de um banho. Cobrir-me com uma capa de água quente e furiosa. Quero esfregar a pele do meu corpo até sair, arrancar a sujeira.

Devo parecer impaciente, porque meu pai me dá um tapinha no meu braço e me manda entrar.

– Lembre-se – diz ele. – Nada de jantar por enquanto e apenas leve numa boa, tudo bem? E peça desculpas. Veja o quanto a vida pode ser mais fácil se você ceder um pouquinho.

Andamos para dentro da casa, com sua mão pousada sobre minhas costas nuas.

•

Mais tarde, após nossa porta se fechar atrás da minha mãe e da sua amiga Beverly, que veio buscá-la para o jogo de bridge, meu pai supervisiona minha construção de um sanduíche de carne enlatada.

– Guarde tudo onde encontrou – adverte ele. – E não corte um pedaço muito grande do pão. Caso contrário, ela descobrirá, e eu é que terei que cavar um buraco, para os nossos corpos.

– É uma questão sepulcral – digo, balançando a cabeça lenta e teatralmente. Meu humor está bem menos desagradável depois que tomei banho e ela saiu.

– Você é de matar. – Ele sorri. A chaleira assobia no fogão e meu pai leva sua caneca até ela. Ele me prepara um café com bastante leite condensado. Pressiono meu sanduíche com tanta força que o molho de cebola roxa escorre pelos lados. Pelo menos, hoje o trabalho me abençoou com a fome.

Quando nos separamos para nossos respectivos quartos, eu o detenho por um minuto.

– Você está escrevendo aí dentro? Quero dizer, um livro?

Ele para, surpreso. Olha-me intrigado.

– Por que está perguntando isso?

– Não sei. Só pensei que talvez seja isso o que você faz aí dentro.

Ele muda o peso do corpo de lado enquanto responde, virando a cabeça e inspecionando sua biblioteca.

– Não, não, na maior parte do tempo eu leio, Charlie. Também corrijo provas. É assim que passo meu tempo. É melhor deixar os romances para os romancistas.

– Você deve ter razão – falo, baixinho, desviando o olhar. Ambos seguimos em frente e fechamos nossas portas. Sento-me pesadamente, coloco o prato sobre a escrivaninha e penso no modo como ele hesitou e desviou os olhos quando lhe perguntei. E fico imaginando por que ele mentiu.

•

Jasper Jones não veio à minha janela.

Estou esperando há horas. Até removi as ripas de vidro das suas armações para ter uma saída mais rápida. Mas tudo o que fiz foi oferecer uma entrada para todos os tipos de insetos, que se mantêm ocupados em volta do meu abajur. Tento matá-los com as mãos, mas não adianta. Então, tento esmagá-los entre dois livros, que bato um no outro como címbalos.

Jasper Jones não está aqui e preciso que ele esteja. Pergunto-me onde ele está. O que está fazendo. Se está na dele ou se já investiga o crime. Pergunto-me quão perto ele está de encontrar uma resposta. Espero que não tenha voltado para sua clareira. E se o seguiram? E se estiverem procurando por ele?

Mas eu acho que ele é mais cauteloso. Imagino que provavelmente seja sua cautela que o mantém distante do meu quintal. As coisas precisam sossegar um pouco antes de nos reencontrarmos, antes de começarmos a investigar a verdade.

Mesmo assim, eu aproveitaria uma dose tranquilizadora da sua companhia, para não me sentir tão sozinho nisso.

Estou cansado, mas agitado. A noite é perfumada e refrescante, mas não há vento. Saio pela janela, apenas para ver se Jasper pode estar esperando que o restante das luzes se apaguem. Fico parado

no quintal. Está absurdamente silencioso. Penso na equipe de busca. Se eles se recolheram durante a noite ou se continuaram avançando pelo mato, carregando lanternas e chamando o nome de Laura.

Viro-me. Na lateral da nossa casa, a luz da biblioteca do meu pai projeta um vago losango amarelo. Sinto-me um pouco ressentido. Magoadado, por ele tão recentemente ter confiado em mim e, depois, puxado uma cortina que nos separa.

Uma parte cruel de mim quer ir sorratamente até aquela janela e bisbilhotar. Abrir a cortina como um mágico expondo um truque. Quero apanhá-lo em flagrante, revelar a mentira.

Talvez eu deva começar outro romance. Um menos ridículo. Provar a ele que sou suficientemente inteligente. Eu poderia escrever sobre Jasper Jones. E o livro poderia se sustentar sozinho como ele; ombros erguidos, coluna ereta. E, um dia, eu poderia jogá-lo sobre a escrivania do meu pai, após ter sido publicado e enquanto ele não fizesse a menor ideia. Casualmente, como se não fosse nada. E eu lhe diria que a vida pode ser mais fácil se você ceder um pouquinho, mas é melhor se você se agarrar a algo com tanta força que seja impossível desistir.

Um carro estaciona abruptamente em frente à nossa casa. Pressiono o corpo contra a parede de tábuas. Não é o carro de Beverly. Talvez seja a polícia. Talvez estejam esperando por Jasper. Uma tocaia. Talvez tenham vindo atrás de mim. Para um interrogatório.

O Hillman fica parado por uma eternidade, com o motor ligado. Então, finalmente, minha mãe salta, rindo. É uma visão estranha. Acho que talvez ela esteja um pouco bêbada. Ela se inclina de volta, parece procurar alguma coisa. Então, ela bate a porta e acena, recuando lentamente. O carro leva seu sorriso. Quando ela se vira para caminhar, seu rosto é tão inexpressivo como quando ela partiu.

De volta ao meu quarto, meus olhos estão pesados e meu corpo parece moído. Apesar dos insetos, do calor e do meu desejo de esperar por Jasper, começo a cochilar, com Mark Twain aberto sobre meu peito. E não protesto. Deixo-me ir facilmente. Estando, assim, de volta à sombra drapejada sob o pé de hortelã-pimenta com Eliza Wishart, com todas as palavras certas na ponta da língua, dizendo tudo o que eu deveria ter dito, fazendo tudo o que eu deveria ter feito.

Conto a Jeffrey que tive um pesadelo sobre o *O mágico de Oz*.

Mas não digo que eu estava vestido como Dorothy, com sapatos vermelhos, ou que minha mãe era a bruxa na clareira de Jasper.

– *O mágico de Oz?* – diz ele, franzindo o rosto. – Sério? Mas há tantas coisas mais legais com as quais ter um pesadelo. Tipo tubarões. Tubarões comunistas, com barbatanas afiadas como navalhas e capazes de andar em terra.

É o intervalo de uma partida de críquete. Arrastamos um caixote de madeira para o meio da rua, para usá-lo como um *wicket* improvisado. Jeffrey é o rebatedor.

– Sabe? – diz ele, pensativo –, poderia funcionar. Pense só. Em uma questão de sinopse.

– Pensar em quê?

– *O mágico de Oz*, idiota. Tudo bem. Escute. Uma garota chega num lugar estranho, onde descobre que matou alguém. Após roubar o cadáver e recrutar três amigos, ela viaja para outra cidade, onde comete seu segundo assassinato e rouba novamente. Então, ela foge. Tudo depende de como se conta a história, Chuck. Não se pode confiar em nada.

– Não é sobre anões cantores, é? – pergunto.

– Assassinato, Chuck. *Assassinaaaaato!*

– Não é surpresa que eu não consiga dormir.

– Ah! – diz Jeffrey, saltando e se inclinando para a frente. – E a irmã de Eliza? Como é o nome dela? *Laura*. Ela desapareceu. Já soube, não é? O que você acha que aconteceu?

– O quê? Como eu vou saber? – disparo.

Ele recua um pouco.

– Relaxa, *retardado*. Existe uma coisa chamada especulação. *Obviamente*, eu não espero que você *saiba*. A não ser que tenha sido você quem a raptou. Você a raptou, Chuck?

Fecho os olhos bem apertados e respiro profundamente.

– Sim. Fui eu. Você é um idiota.

– *Você* é um idiota. De qualquer modo, não acredito em você. No mínimo, você teria raptado Eliza, não Laura. Para levá-la ao seu antro imundo para uma sacanagem. Porque você *ama* ela.

– *Sacanagem?*

– Sacanagem, Chuck.

– O que isso *significa?*

– Ah, *você* sabe. – Jeffrey pisca para mim, com a boca aberta. É necessária toda a minha determinação para não o socar até ele quase morrer.

Resolvo mudar de assunto.

– O que aconteceu ontem no críquete?

– Nada. Não perdi nada. Choveu o dia todo. Portanto, tive sorte.

– Você tem sorte por não continuar de castigo. Como conseguiu se livrar?

– Ah, acho que minha mãe simplesmente não me quer tão perto. – Jeffrey encolhe os ombros e, com um deles, limpa a bochecha de modo estranho.

– Não a culpo. Eu faria você morar numa barraca fora de casa.

– *Pffft!* – Jeffrey ergue o rosto, batendo seu taco contra o pé. Eu arremesso bolas por quase meia hora. Como sempre, ele me vence em todas, sem sequer se esforçar.

A rua está quente e sinistramente silenciosa. Está tão vazia. Parece que ainda vigora esse curioso toque de recolher e a maioria das crianças é mantida em casa. Parece que fomos deixados para trás.

Lanço uma bola com efeito, com boa direção e profundidade. Jeffrey, mostrando sua habilidade, ajoelha-se e rebate com força e precisão. A bola cai no Jardim da Morte Certa de An Lu e enterra-se debaixo de uma florescência branca.

– Bang! – exclama Jeffrey. – Sabe, Chuck, alguns rebatedores simplesmente bloqueariam uma bola de profundidade, jogando com segurança, mas não Jeffrey Lu. Ele é cheio de classe. É agressão controlada, Chuck. Talento natural. Esse garoto vai longe.

– É, tipo ali, para pegar a bola.

– Nem vem! É a sua vez.

– Nem vem você. Você está mais perto. Vá buscar.

Daqui posso ver as abelhas. À minha espera.

– É a sua vez, babaca. Vá buscar a *bola*. Você não pode vir com essa para cima de Jeffrey Lu. – Ele recomeça os golpes de boxe com a própria sombra.

– Não enche. Se quiser que eu continue arremessando, vá buscar.

– Isso é um absurdo! Por que *eu* sou penalizado pela *sua* mediocridade? – Jeffrey joga as mãos para o alto, como se apelasse ao céu por respostas.

– Porque você é um idiota.

– Isso é discriminação.

– Não posso evitar, Jeffrey. Sou um fanático.

– Tudo bem. *Eu* vou buscar a bola. *Eu* vou enfrentar os insetos. – Jeffrey marcha forte, histrionicamente, divertindo-se. – Nosso intrépido herói voltará? Ou será derrotado pelas hordas de joaninhas perigosas?

– Cala a bola, retardado. Ela caiu à sua esquerda.

– Como é, Chucktin Bucktin? Chuck Buck-buck-buck-buck-baaarktin!

– Você nem está perto dela. E está esmagando essas flores cor-de-rosa. Seu pai vai te matar.

Nesse momento eu gelo ao ouvir o zumbido distante de dois aviões de reconhecimento. Ergo os olhos. O tijolo gelado. Eles estão vindo me buscar.

– Legal! Olhe! – diz Jeffrey, correndo na minha direção com a bola em uma das mãos. – Eles devem estar aqui por causa da busca. Queria ver eles pousarem.

Observo-os. Silenciosamente. Duas libélulas negras no céu.

– Vou entrar – anuncio.

Jeffrey dá um tapinha no seu enorme relógio de pulso.

– Na verdade, é uma boa. O segundo tempo vai começar.

– Não. Olhe. Eu só... Eu vou voltar para a minha casa – digo, distante, ainda olhando para cima. Estou aturdido. Sinto uma necessidade desesperada de me esconder.

– O quê? Mas há um jogo!

– É. Olhe, a gente se vê daqui a pouco. Eu preciso... – E saio, caminhando, com a cabeça inclinada.

– Tudo bem, perdedor – reclama Jeffrey. Ouço-o atrás de mim, arrastando o caixote. Apressado para não perder um só arremesso.

Quero perguntar ao meu pai sobre os aviões. Quero saber quão úteis são. Quão longe conseguem ver. Mas ele não está em casa. A porta da biblioteca está entreaberta. Ele deve ter saído para ajudar nas buscas. Gostaria de ter ido com ele. Sou um idiota. Amanhã, vou com ele, embora não goste das minhas chances.

Minha mãe pergunta se quero almoçar. Recuso educadamente.

– Você viu os aviões? – grita ela.

– Vi – respondo e fecho a porta do meu quarto suavemente.

•

Poucas horas depois, há batidas nervosas na minha janela. Quase explodo. Jasper Jones finalmente veio. Subo na cama e puxo a alavanca como se fosse um brinquedo de parque de diversões.

Minha janela se abre e revela um animado Jeffrey Lu. Franço a testa. Ele nunca veio à minha janela.

– Chuck! Chuck! Chuck! Chuck! – Ele sorri loucamente.

– O quê? – Não consigo esconder a minha decepção.

– Doug Walters!

– *O quê?*

– A porra do Doug Walters! Ele fez uma centena! Uma centena no jogo! Na *estrela*!

Não digo nada.

– Eu *falei*! – Sua alegria é um pouco contagiante. – Eu *falei*, Chuck! Ele é um campeão! É melhor do que Bradman.

– Jeffrey, é a primeira entrada dele.

– E ele já conseguiu uma média melhor!

– Você é um idiota.

– Posso entrar? Ficar um pouquinho? – pergunta ele, saltitante e ansioso.

Abro a porta dos fundos para ele.

– Quem é? – vocifera minha mãe na outra extremidade da casa.

– É o Jeffrey – grito.

– Nessa casa, entramos pela porta *principal*, muito obrigada! Lembre-se disso da próxima vez, por favor.

Balanço a cabeça e reviro os olhos para Jeffrey.

No meu quarto, ele apanha um livro na mesinha de cabeceira.

– *Trópico de câncer* – diz ele. – O que é isso? É bom?

– Tem muita sacanagem – digo.

– Sério?

– Sério.

Ele parece distraído. Agitado. Faz novamente aquela coisa de coçar o rosto com o ombro.

– Por que você tem toda aquela terra no seu quintal? – pergunta ele, olhando para fora. – Foi ali onde você enterrou Laura Wishart?

Fecho os olhos. Inspiro. Expiro.

– Foi, idiota.

– Não, sério, o que foi aquilo?

– Minha mãe me fez cavar um buraco enorme e, quando acabei, tive de enchê-lo novamente. Com as mãos.

– O quê? Por quê? – Jeffrey enrugou o rosto.

– Bem, você não foi o único que se ferrou por xingar sua mãe. Mas o meu caso foi um pouco mais direto.

– *O quê? Sério?* – Jeffrey morde o punho. – Como você não está *morto?*

– Porque assim seria mais fácil. Ela quis que eu sofresse. Ela quis que eu experimentasse toda a dor da morte sem chegar às vias de fato. Portanto, o buraco foi cavado.

– Chuck, isso é hilário. Ela é um *gênio* do mal.

Conversamos mais um pouco. Eu me sento à escrivaninha, ele se empoleira na minha cama. Noto que Jeffrey olha muitas vezes para baixo. De vez em quando, algo toma conta de seu rosto como um verniz. Pergunto-me se ele está doente.

Então, ele apenas diz. Simplesmente. Como uma frase qualquer.

– Pessoas da minha família foram assassinadas.

Jeffrey agita as pernas na beira da cama. Há uma longa pausa. Não sei o que dizer.

– Jeffrey, isso é horrível. Quando? *Quem?* O que aconteceu? Jeffrey, isso é horrível.

– Aconteceu ontem. Foi o irmão da minha mãe e a mulher dele. Meus tios. Eles não me dirão mais do que isso. Aconteceu na aldeia onde ela cresceu. Eu não sei. Acho que foi uma bomba.

– Uma *bomba?*

– É.

– Jeffrey, eu não... Isso é horrível. Você está bem?

Jeffrey não parece perturbado. Suas pernas mantêm o ritmo.

– Sim, estou bem, Chuck. Eu não conhecia meus tios nem nada. Nunca os vi. Mas é triste. Obviamente, é pior para a minha mãe. Eu apenas me sinto muito mal por ela. Minha mãe não está bem. Não para de chorar e, você sabe, de se *lamentar*.

– Sei.

Concordo lentamente com a cabeça e olho para meus pés.

O silêncio se espalha pelo quarto como uma neblina espessa e incômoda.

– Eles tinham filhos? – pergunto, depois de algum tempo.

– Sim. Tinham. Dois. Um menino e uma menina. O menino tem a minha idade e a menina, quatro anos, eu acho.

– Eles estão bem?

– Se foram bombardeados, é o que você quer saber?

– Bem, sim.

– Não. Estão vivos. E não acho que estão feridos ou qualquer coisa. Meus pais estão tentando trazê-los para ficar com a gente, mas acho que é difícil.

– Sério? Mas por quê? Eles são *órfãos*! Deveriam poder vir imediatamente!

Jeffrey dá de ombros.

– Então, o que vai acontecer com eles? – pressiono-o. Meu peito está mais apertado.

– Bem, acho que ficarão com outros parentes, na aldeia. Mas acho que é uma grande sobrecarga. Por isso, acho que meu pai vai mandar um bom dinheiro para eles. – Jeffrey esfrega o nariz com a palma da mão.

– Seus pais viajarão até lá? Para, você sabe, o enterro e essas coisas?

Jeffrey empina a cabeça.

– Bem, ouvi minha mãe falar a respeito ontem à noite, quando ela estava realmente chateada. Ela queria voltar imediatamente. Começou a fazer as malas e tudo. Mas meu pai a deteve.

– Por quê?

Jeffrey parece momentaneamente surpreso.

– Bem, porque há *bombas*, Chuck. É uma guerra. É muito perigoso. Mesmo para mim.

– Mas eles deveriam poder *fazer* alguma coisa – digo.

Mergulhamos novamente no silêncio. Jeffrey se balança de um lado para o outro em minha cama. Imagino no que ele está pensando. Pergunto-me se ele veio especialmente para falar a respeito ou para escapar da situação. Não sei realmente o que dizer ou se devo dizer alguma coisa. Nunca tenho as palavras certas. Acho que é costume dar os pêsames. É o que fazem nos livros e nos filmes.

– Eu sinto muito, Jeffrey.

– Não foi culpa sua.

– Você entendeu. Babaca – digo, com um leve sorriso. Baixo a cabeça. – Sinto muito mesmo pela sua mãe. Ela deve estar realmente arrasada.

– É. – Jeffrey concorda com a cabeça. – Ela também está furiosa. Gritando e tal. Até gritou “porra” ontem à noite. *Porra* isso. *Porra* aquilo.

– Sério?

– É, sério. – E Jeffrey sorri.

– Não consigo imaginar.

– Eu sei. É esquisito. Você devia ter visto meu pai. Ficou em estado de choque. Olhou diretamente para mim, como se a culpa fosse minha.

Nós rimos. De alívio. Então o riso nos contamina e caímos numa gargalhada longa e incontrolável. Não conseguimos evitar.

Então, voltamos a falar sobre Doug Walters. Jeffrey me garante que ele ainda não acabou, que tem certeza de que ele continuará no dia seguinte. Não tenho coragem de discordar. Discutimos por que homens têm mamilos, e decidimos que não há qualquer motivo para eles. Refletimos sobre como eles colocam listras na pasta de dentes.

Então pergunto a Jeffrey se ele acha que os animais, além dos humanos, sabem que vão morrer um dia ou se é uma surpresa para eles.

– É claro que não sabem – afirma ele. – São idiotas. Exceto os macacos. E os elefantes, que talvez saibam. Provavelmente é uma questão de comunicação. Por exemplo, se você fosse um filho indesejado de um pirata e tivesse sido abandonado numa ilha desabitada e nunca mais tivesse contato com outro humano, não acho que saberia sobre morrer e sei lá o quê.

– Um argumento sensato – concordo com a cabeça. – Ainda assim, é um dom curioso. Você *não* pode deixar de se sentir triste sabendo que você e todos os que conhece morrerão. Então, o que você preferiria? Não saber e ser surpreendido no final ou saber e temer sua chegada?

Jeffrey parece pensativo.

– Acho que a maioria das pessoas preferiria não saber. Acho que prefeririam não precisar pensar sobre o assunto. Mas acho que eu optaria por saber. É... Caso contrário, as pessoas seriam gordas e preguiçosas e deixariam tudo para outro século. Se alguém lhe dissesse que você morreria na semana seguinte, você provavelmente tentaria fazer o máximo possível, pular de paraquedas e sei lá mais o quê.

– É – concordo com a cabeça.

– Mas você não *consegue* deixar de saber. E provavelmente é por isso que criaram toda aquela baboseira de céu, para as pessoas se sentirem melhor. Quando *Cheeses* começou a dizer “Ah, você sabe, não se *preocupe*. Nem *tudo* está acabado. Depois daqui, você vai se sentar numa nuvem, aprender a tocar harpa e jogar voleibol nu, desde que você seja bom”, todo mundo simplesmente concordou, sorriu e se preocupou em se comportar bem.

– Acho que *Cheeses* detesta o seu tom.

– É claro que detesta, Chuck. Eu sou o porta-voz da verdade. Eu deveria iniciar um culto.

O céu agora tem um tom laranja brilhante. Posso ouvir pássaros cantando, no fresco. E a gritaria estridente das crianças do vizinho

brincando no balanço e sendo molhadas pelo regador automático do jardim. Jeffrey se levanta com um pulo.

– Muito bem. Preciso voltar, Chuck.

– Tudo bem.

Sua cabeça cai para trás e ele dá um tapa na testa.

– *Esqueci*. Meu pai está preparando o jantar porque a estúpida da minha mãe não sai do quarto. *Cheeses* Cristo, vai ser um *pesadelo*. Tudo o que ele cozinha parece catarro e tem gosto de pus encharcado em salmoura. Pus salgado, Chuck. É como se minha boca tentasse se virar do avesso. Ele se acha o melhor cozinheiro do mundo, mas é uma *droga*.

– Parece meu pai.

– Eles deveriam ser banidos. Deveria haver leis contra isso – diz Jeffrey enquanto sai.

– Moção aprovada, senhor.

Eu o acompanho até a porta dos fundos. Sei que devo dizer algo apropriado e consolador, mas não consigo pensar em nada. As palavras me falham. Como sempre que preciso delas. Eu simplesmente crispo os lábios e pareço impotente.

Jeffrey me cumprimenta.

– Chuck, ofereço-lhe um *bye-bye*.

– E eu lhe devo um *revoir* – digo, e observo-o ir embora. Ele anda rápido, com os ombros ligeiramente caídos de um modo que nunca vi antes.

•

Sento-me e assisto ao noticiário da TV com meu pai. Nosso ventilador de teto sacode e gira acima das nossas cabeças e nós dois temos um copo de limonada com gelo picado. Estou ansioso, esperando ouvir algo sobre os pais de Jeffrey. Algum tipo de protesto. Passeatas e palavras de ordem nas ruas, como já vi. Mas

não há nada sobre o Vietnã. Nenhuma reportagem. Nenhuma menção.

Em vez disso, fico chocado ao ver o Sindicato dos Mineradores na tela e pessoas se reunindo no centro de Corrigan. Bem ali, dentro da televisão. A princípio, não reconheço a cidade. Meu pai senta-se mais para a frente, na beira do seu assento quase derramando sua bebida. Ele chama minha mãe, que chega alvoroçada da cozinha, onde preparava o jantar, enxugando as mãos numa fina toalha xadrez. Rugas de preocupação abatem seu rosto. Ela fica parada, com as mãos nos quadris.

E ali está a fotografia de Laura. Em preto e branco. É um sorriso forçado, como se alguém o tivesse exigido. Falta algo em seus olhos.

O noticiário diz que é mais provável que ela tenha fugido e pede aos habitantes da cidade que procurem por ela. Que liguem para a polícia se souberem de alguma coisa, se a virem. O meu estômago se revira. E ali estão o Sr. e Sra. Wishart. Lado a lado, diante da sua casa. Pete Wishart permanece impassível. Uma calma desajeitada, decidida. A Sra. Wishart está um pouco menos serena. Seu rosto está abatido. Seus olhos estão inchados. Ela não fala. Apenas balança a cabeça, com a boca cerrada, enquanto o marido pede cordialmente que as pessoas ajudem como puderem. É horrível assistir. Pelo menos Eliza não está presente.

O noticiário muda para outro assunto. Meu pai se vira para mim.

– Eu não sabia sobre isso. A reportagem.

– O que isso significa? – pergunto.

– Bem, certamente significa que ela ainda não apareceu, amigo. Talvez ela tenha chegado à cidade. É preocupante. Admito isso, Charlie. Eu realmente tive um pressentimento de que ela apareceria hoje. Talvez ela tenha ido mais longe do que imaginamos.

Estou respirando depressa. Remexendo minha bebida.

– Então você ainda não acha que, sei lá, algo mais sinistro aconteceu?

Ele suspira e muda o peso do corpo na minha direção.

– Eu falei com você sobre isso.

– Eu sei, mas... – Aponto para a televisão.

– Escute. Ainda não existe nada que sugira isso, Charlie. Está bem? Laura Wishart estava em casa, na cama, na quinta-feira à noite. Seus pais verificaram. E não estava lá pela manhã. É tão simples e tão complexo quanto isso. Não há sinais de interferência, luta ou qualquer coisa dessa natureza. Tudo sugere que ela simplesmente fugiu pela janela e foi embora.

– Sozinha? – pergunto.

– Provavelmente. Aparentemente, descobri hoje, Laura tinha uma tendência de sair à noite para longas caminhadas, mas sempre voltava pela manhã.

– Eles sabem aonde ela ia? – Estou à beira do pânico. Há um mosquito na minha bebida.

– Não. Estranhamente, eles deixavam passar. Não falavam com ela. Mas isso abriu um leque de possibilidades. Agora estão achando que talvez ela se encontrasse com alguém no rio.

Engulo em seco.

– Eles sabem quem?

Minha mãe interrompe.

– Wes, não acho que devemos discutir isso. Não na frente de Charlie. Acho que já chega.

– O quê? Por que não? – protesto ruidosamente.

Meu pai ergue a mão, pedindo calma.

– Sua mãe tem razão.

– *O quê? Por quê? Por que* ela tem razão? Isso não faz sentido! É *claro* que preciso saber sobre isso!

– Charlie! – vocifera minha mãe.

– Charlie! – alerta meu pai.

Olho furiosamente para eles. Minha mãe agita seu pano de prato.

– Está *vendo*, Wesley? – Ela transborda de emoção. – Ele é igualzinho a você! Ele não *obedece*!

Ela sai enfurecida. Bate a porta.

Fico aturdido.

– O que foi *isso*? – sussurro, gesticulando em direção à porta.

Meu pai suspira novamente e inclina-se para a frente.

– Charlie, você se lembra do que eu disse? Sobre diplomacia?

– O quê? Sim. Mas...

– Escute, nós sempre podemos conversar *depois*. Certo? Seja mais esperto. Não a provoque. E, acredite, estou te contando mais do que o suficiente. Em outras famílias, você não ouviria uma palavra sobre isso; portanto, seja grato.

Ele tem razão. Ele sempre tem razão. Mas algo obstinado e irresoluto em mim ainda precisa insistir.

– Tudo bem. Eu entendo. Mas agora, por favor, enquanto estamos conversando, me responda: eles sabem com quem ela se encontrava?

Não posso evitar. Tenho de saber.

O rosto do meu pai anuncia impaciência. Estou abusando da minha sorte.

– Não. Não fazem ideia. E também não pude ajudá-los. Ela não namorava ninguém na escola, com certeza. Não tinha muitos amigos. Mas esses encontros não passam de conjecturas. É tão provável quanto ela andar sozinha.

– Então isso significa que vão parar de procurar aqui? Em Corrigan?

– *Charlie...* – Meu pai olha para a porta. Ainda cochichamos.

– O que foi? Ela não consegue ouvir. Eu *preciso* saber.

– Sei que está preocupado, amigo. – Meu pai faz uma pausa e me observa por um momento. – Está bem. Não. Não significa que vão parar de procurar aqui. Há muito mato por aí. Eles ainda têm os aviões de reconhecimento por algum tempo. Mais alguns dias, eu acho. E as equipes de mergulho virão amanhã. Os grupos de busca

vão atuar enquanto houver voluntários. Mas é uma verdadeira agulha num palheiro. Ela realmente desapareceu sem deixar vestígios. É difícil saber por onde começar. Na verdade, ela pode ter ido a qualquer lugar. Ela é uma garota inteligente. E se Laura não quiser ser encontrada, a coisa se torna ainda mais difícil. As pessoas estão fazendo o melhor com muito pouco. Portanto, eu não sei. Sinto muito pela família dela. Eles devem estar vivendo num inferno.

Ficamos em silêncio. Encaro o chão durante algum tempo. Então, o mais casualmente possível, pergunto:

– Posso ir com você amanhã? Para ajudar na busca?

Meu pai apenas franze a testa.

– É claro que não, Charlie. Não. De modo algum. Não. Fim de papo.

Ele dá um meio sorriso ao se levantar e passar o polegar pela linha do meu cabelo.

– Lembre-se também do que falei. – Ele aponta para a porta. – Você tem uma boa cabeça. Use-a.

Retribuo fracamente o sorriso e confirmo com a cabeça.

•

Mais tarde, quando penso em Jeffrey, desejo que tivesse tentado falar com meu pai sobre o Vietnã. Sobre a guerra, a família de Jeffrey e como eles foram mortos. Nada disso faz sentido. Quero que ele me explique como aquilo pôde simplesmente acontecer.

Estranhamente, entre todas as coisas horríveis que tenho encontrado e refletido a respeito recentemente, jogar uma bomba parece ser a menos violenta, embora claramente seja a pior. Não há um retrato 3 x 4 perverso, nem uma luva sangrenta. É difícil descobrir o culpado. Há algo limpo sobre toda a distância. Talvez quanto mais longe você se encontre, menos precise se importar,

menos seja responsável. Mas, para mim, parece errado. Deveria estar no noticiário. É errado que eles tenham morrido.

Se, porém, eles não fossem da família de Jeffrey, eu me importaria tanto? É difícil dizer. Provavelmente não, eu acho. Quer dizer, se você se preocupar demais com todo o mal que acontece no mundo, sua vida se transformará numa bagunça. Você passaria a vida chorando, pulando de uma tragédia para a outra. Você se acabaria. Talvez seja por isso que as pessoas permanecem em Corrigan e afundam seus chapéus na cabeça. Quanto menos souberem, quanto mais distantes estiverem, mais fácil é dar de ombros, mostrar a língua e seguir em frente. E, portanto, Corrigan continua sendo uma cidade de cracas. Um bando de carapaças duras se sugando, presas umas às outras, que se trancam totalmente e preferem não saber sobre morrer. E, pela maneira como me sinto agora, não as culpo.

Agito minha caneta para cima e para baixo entre os dedos até que ela pareça gelatina. Suspiro. Sinto que alguém está rasgando minhas entranhas. Como se uma espécie de cachorro vira-lata tivesse mordido meus intestinos e os puxasse e torcesse diante de mim, devagar e furiosamente. E, verdade seja dita, quero permitir. Quero que o cachorro me desfie como um velho suéter de lã até que eu fique vazio e leve.

Que tipo de mundo torpe é esse? Sempre foi assim ou seu fundo caiu nos últimos dois dias? Sempre foi tão injusto? O que faz a balança pender? Não entendo. Que tipo de mundo deixaria garotas bonitas serem espancadas e enforcadas? Que tipo de mundo gera pessoas como Fish e Cooke, permite que se corrompam e odeiem, permite que atormentem os inocentes e façam pessoas boas sentirem medo? Que tipo de mundo esmurra alguém por usar palavras grandes?

Verbosidade. Verbosidade. Verbosidade.

Um mundo que mata pais e deixa crianças órfãs, que chuta bolas de críquete para longe e mente entre os dentes afiados. Que

faz uma pessoa decente se sentir uma porcaria durante toda a vida porque é mais pobre, de pele mais escura e não tem mãe. Que acomoda três bilhões de pessoas, cada uma tão solitária quanto a outra. Um mundo que é três quartos água, nenhum dos quais pode matar sua sede.

Foda-se. Não há nada dirigindo essa peça idiota. Não pode haver. Se há, Ele é um desgraçado mais cruel do que Lhe creditam. É *timing* e oportunidade, não é? Um puta azar e muita sorte. Você escapa das balas ou é atingido.

Laura Wishart foi atingida. Está morta. Está, mesmo. Eu a afundei com Jasper Jones. Eu a toquei enquanto ainda estava morna, eu a carreguei. E eles estão à sua procura. Agora. A polícia, a imprensa, Corrigan. E receio que a encontrem. De algum modo. Então, eles nos encontrarão.

Apenas outra pessoa sabe o que aconteceu, e não sei como Jasper e eu conseguiremos descobrir quem é. Parece a mais impossível das tarefas.

E se não descobirmos? O que acontece então? Se a busca for abandonada e se Jasper e eu finalmente admitirmos a derrota. Quando Laura for apenas um monte de ossos solitários amarrados a uma pedra, deixaremos os Wishart agarrados à sua esperança surrada? Nós os deixaremos para uma vida de especulação e de oração? Pergunto-me se preservar a parte deles que acredita que ela fugiu para a cidade pode ser uma coisa boa. A parte deles que acredita que ela pode estar em algum lugar. Que há uma chance, não importa quão tênue, de que ela esteja fazendo sua vida. Que esteja se saindo bem. Pergunto-me se seria consolador ou torturante nunca saber ao certo, nunca esquecer o assunto.

Suponho que, com o tempo, você gostaria de proteger o brilho desse ouro de tolo, como se colocasse uma vela num pote para guardá-la dentro de uma caverna. E, por fim, essa esperança, essa fé, se tornaria uma espécie de verdade. *Ela vai aparecer. Ela vai aparecer.* Essas seriam mais do que palavras agridoces.

Mas você nunca conseguiria seguir em frente, conseguiria? Nunca acalmaria as coisas no seu coração. Você passaria a vida oscilando entre a centelha tremeluzente e o túnel escuro no qual você se encontra e procuraria consolo na sua mentirinha engarrafada em vez de seguir para a verdadeira luz no fim.

Acho que o consolo seria pouco e vazio. Acho que o nó de não saber seria o pior. Você estaria sob o comando da sua imaginação, sitiado por ela. Ela nunca cessaria. As possibilidades, os finais complicados, os fragmentos e os enredos. Para sempre fora do seu alcance. Mais do que tudo, você desejaria a verdade, não é? Não importa o que ela significasse. Mesmo que sua filha, sua irmã, esteja ancorada no fundo de uma represa. Que ela foi atacada, surrada e enforcada. Que ela foi tirada de você. Roubada. E enterrada sem sua presença, sem que você jogasse terra ou murmurasse um adeus.

Pouso a caneta. Cruzo os braços e apoio minha cabeça neles. E penso em Eliza. Sua face e seu cheiro. Preciso pensar nela. É o único modo de distrair esse cachorro faminto, o único modo de afastar os insetos ardendo meus olhos, o único modo de silenciar o furacão no meu globo de neve. "Que mundo!", disse a bruxa verde no meu sonho sobre *O mágico de Oz*. Aposto que ela ficou feliz em ir embora. Aposto que uma parte dela ficou aliviada ao se derreter em nada. Para algumas pessoas, deve ser bom saber sobre a morte. Deve ser um alívio. Que mundo. E durmo daquele modo, com minha mala escancarada aos meus pés, uma porção de páginas sob meus braços.

E Jasper Jones não vem.

Ele não vem, ele não vem, e, então, ele vem.

Jasper Jones veio à minha janela.

Faz uma semana desde que Laura foi morta. Faz uma semana desde que vi Jasper. Parece que foi minha vida toda.

•

Nada relevante aconteceu desde que tudo aconteceu. A série de Cinzas acabou empatado e nem mesmo Doug Walters conseguiu arrancar um resultado. Jeffrey não entrou para o time de críquete Countryweek, o que não foi uma surpresa. Minha mãe estava irritada; meu pai, silenciosamente preocupado e sereno. Eu dormia cada vez menos. Terminei *Pudd'nhead Wilson*. Comecei *A viagem dos inocentes*. Não tive de cavar mais buracos.

As libélulas negras se foram e os grupos de busca começaram a se dispersar. Restaram apenas alguns habitantes locais e poucas pessoas das cidades vizinhas para vasculhar o mato. As equipes de mergulho desceram e emergiram com as mãos vazias.

Novas cartas de convocação foram entregues. Soube que três rapazes de Corrigan foram chamados para o serviço militar. Meu pai balançou a cabeça quando me contou.

Passou-se uma semana desde que afundamos o corpo dela. E Laura Wishart continuava onde a deixamos.

Lentamente, Corrigan suspendia o toque de recolher para suas crianças, mas o pânico permaneceu. As crianças tiveram permissão para brincar na rua novamente, e a cor e o ruído retornaram. Mas as portas eram fechadas estrepitosamente e trancadas assim que anoitecia e os pais continuavam tensos e vigilantes.

Essa noite, no pôr do sol, houve uma reunião no Sindicato dos Mineradores. Não havia cadeiras vagas. Os Wishart não estavam presentes. Eu tinha a esperança de ver Eliza. Jeffrey compareceu com a mãe, mas chegaram atrasados e ficaram ao fundo, então não pude falar com ele. O capelão e alguns membros mais antigos do conselho municipal tomaram a palavra. Nenhum deles pôde responder qualquer pergunta com qualquer certeza. Eles tagarelaram, ajeitaram os colarinhos e repetiram as mesmas coisas várias vezes. É um mistério completo, disseram. Não há provas que sugiram qualquer coisa diferente. É como se ela tivesse simplesmente desaparecido. Disseram que a probabilidade era de que ela tivesse saído da cidade pegando caronas. Desse modo, a busca se estendeu a outros estados e foram divulgados comunicados por todo o país, pedindo informações. Inspirei longa e profundamente. O capelão, que todos chamam de reverendo Groselha, porque ele tem apenas um testículo, subiu à tribuna com gravidade teatral e presunção. Ele conduziu a assembleia numa oração e nos garantiu que Deus a traria em segurança. Ergui o olhar e vi meu pai estreitar os olhos e esfregar o queixo com o polegar. Antes que as pessoas começassem a se retirar, foram lembradas para que permanecessem vigilantes, para que mantivessem os olhos abertos. E se alguém tivesse alguma informação que pudesse ser útil, era urgente que se apresentasse imediatamente.

Lentamente, eu me permiti exalar.

Nunca me senti tão só quanto nessa ocasião, cercado e preso por todas as pessoas dessa cidade. Sentia-me como se fosse feito

de algum material diferente. Como se eu fosse de um lugar diferente. Como se falasse uma língua diferente.

Ali, entre a polícia local e os resolutos tiras da cidade, entre os voluntários, as mães histéricas e os pais compungidos, eu me vi no ninho dos marimbondos. E novamente o ato que cometi e meu conluio com Jasper Jones me assaltaram. O peso. Se alguma daquelas pessoas soubesse o que eu fiz, teriam cuspidos em mim e gritado comigo.

Mas elas não sabiam. Não faziam ideia. E ninguém em Melbourne, em Sydney ou em Adelaide poderia se apresentar para ajudar. Ninguém fora dessa cidade poderia saber o que eu vi.

Jasper e eu estávamos livres por enquanto. Laura não fora descoberta e ninguém nos vira nas ruas naquela noite. Eu me sinto grato por isso, é claro, mas ainda me desespero. Se aquele pessoal não conseguiu ir a lugar algum com seus grupos de busca, cães farejadores, aviões, mergulhadores e interrogatórios, se não conseguiram encontrar qualquer pista, que esperança nós tínhamos então?

Após a reunião, em um salão aberto, havia mesas cobertas por jarras e bandejas com pães, bolos e biscoitos montadas. Os pais saíram confusamente e desembocaram na entrada, onde davam tapas nas mãos dos seus filhos. Era uma chance para Corrigan fofocar em massa, para esposas assustadas deixarem boatos escorregarem dos seus lábios, que seriam refutados e escarnecidos por seus maridos.

Na frente, crianças brincavam de pegar entre as vielas e os carros estacionados. Garotos mais perto da minha idade se misturavam e passavam o tempo desafiando uns aos outros a surrupiar alguma coisa do banquete. Namorados de verão aproveitavam a chance para passar um tempo juntos, olhando em volta antes de se esconderem atrás do prédio ou do outro lado da rua, atrás da loja de ferragens, para uns beijos e uns amassos.

Encontrei Jeffrey rapidamente. Ele mastigava um biscoito de gengibre que roubara na saída.

– Mãos rápidas, Chuck – disse ele. – Tipo Menino Espertalhão. Eu poderia ter pego a travessa inteira e eles não teriam notado.

– Aí você seria o Menino Peidão.

Jeffrey sorriu com a boca cheia.

– Eles realmente não sabem nada, não é?

– O que quer dizer? – perguntei.

– A polícia. É idiotice. Convocaram uma grande reunião apenas para dizer a todo mundo que sabem tanto quanto nós. Acho que eles estavam com fome. – E ele enfiou o resto do biscoito de gengibre na boca.

– Provavelmente você tem razão – falei.

– Eu sempre tenho razão – disse ele, após mastigar por um longo tempo. – Sou um gênio. E estou entediado. Uma mente aguçada como a minha necessita de estímulo. Vá lá e diga a eles que foi você para que a gente possa voltar para casa.

Então, houve uma agitação. Ela cortou o ar e paralisou tudo. Da entrada do prédio, ouvi um único grito, uma louça se quebrar, o inspirar de uma multidão e então soluços e gritos de dor contidos. Eram altos e ininteligíveis. Cabeças se viraram.

Foi isso o que aconteceu:

Uma mulher chamada Sue Findlay, que eu não conhecia, saíra do centro do salão para ver a mãe de Jeffrey despejar tranquilamente água de uma das jarras em sua xícara de chá. Sue Findlay era uma mulher retangular com cabelos curtos e espessos e, pelo que soube depois, por meu pai, ela simplesmente explodiu. Seus olhos se iluminaram como se alguém tivesse enfiado uma moeda nela. Ela gritou até seu rosto ficar vermelho e marchou firmemente em direção à Sra. Lu. Deu um tapa na xícara de chá, que caiu no peito e no queixo da mãe de Jeffrey, manchando sua fina blusa de verão e esaldando sua pele. A xícara se quebrou. A Sra. Lu, aturdida, curvou ligeiramente a cabeça e recuou. Mas Sue

Findlay não tinha acabado. Com o dedo em riste, ela gritou as palavras mais terríveis, as coisas mais indecentes, com a voz desequilibrada pelas lágrimas e os olhos enlouquecidos. Aconteceu muito depressa. As pessoas ao redor apenas olharam. Não sei onde estava o marido dela. Foi somente quando ela se aproximou para agarrar os cabelos da Sra. Lu que o reverendo Groselha abriu caminho para segurá-la com firmeza pelos ombros e levá-la embora.

A Sra. Lu apenas estendeu a mão trêmula para pegar um guardanapo. Ninguém a segurou pelos ombros.

Então, Jeffrey atravessou as pessoas confusamente aglomeradas. Eu estava logo atrás dele. Ele andou direto até sua mãe e tocou em seu quadril enquanto ela enxugava o peito.

– Mãe, é melhor irmos.

Foi tudo o que ele disse. Simplesmente. Como se nada tivesse acontecido. A Sra. Lu assentiu. Ela devia sentir muita dor. Jeffrey a conduziu para fora com o queixo erguido. Como se tudo não passasse de um acidente infeliz. A Sra. Lu parecia abatida e constrangida. Lentamente, as pessoas abriam caminho. Em silêncio, eu os segui até o lado de fora.

Jeffrey abriu a porta para sua mãe enquanto as pessoas olhavam, observando-os como se fossem objetos em exposição. Quando o carro deles deu a partida, Jeffrey baixou a janela e acenou.

– Tchau, Chuck – disse ele.

As palavras me desertaram. Ergui debilmente a mão.

Depois, orbitei em torno dos meus pais. Ouvei meu pai expor as mesmas palavras banais para cada pai preocupado que cruzava nosso caminho. E observei minha mãe bajular e cacarejar de uma maneira excessivamente compassiva. Eu estava irritado. Ninguém falou sobre o que aconteceu. Nenhuma palavra.

Então, alguém mencionou Jasper Jones. Do mesmo modo que fizeram quando a agência dos correios sofreu um incêndio que a

deixou no chão. Com sobrancelhas enviesadas e desconfiança. E meu pai ouviu inexpressivamente, como se apenas os tolerasse, como se compreendesse mais do que os outros, mas nada disse em defesa de Jasper. Nenhuma das coisas que eu queria gritar. Então, suspirei, me virei e chutei, com toda força, uma noz caída de uma árvore. Ela atravessou a rua, quicando. Deixei-os e me sentei no banco traseiro do nosso carro. E ali fechei a cara e transpirei, observando essa cidade através das nossas janelas sujas. Eu estava tão cheio de tristeza e de ódio. Imaginei quantos deles mencionaram o nome de Jasper na semana anterior. Provavelmente, todos. Imaginei quantos estariam falando sobre ele naquele momento.

E então concluí que talvez realmente tivéssemos feito a coisa errada pelos motivos certos. Se deixássemos Laura Wishart onde ela estava, eles a encontrariam. Alguém, de algum modo, em algum momento, toparia com aquela clareira. E não demorariam a ligar Jasper àquele local. Ele tinha razão. Essa cidade procurava uma desculpa. E aquela coincidência seria mais do que suficiente.

Ele teria sido algemado e enjaulado como Eric Cooke. Teria sido espancado e linchado como Laura Wishart.

Olhei para meu colo. Subitamente, a ideia de estar em Nova York com Eliza pareceu a coisa mais maravilhosa no mundo. Encostei a cabeça na janela e pensei sobre isso. Imaginei encontrá-la em Manhattan para um chá, o que quer que isso significasse; tudo o que me importava era que estaríamos longe daqui, dessas pessoas. Imaginei segurar sua mão e lhe comprar coisas. Dar-lhe um beijo no rosto ao nos separarmos. Eu poderia viver com Jasper Jones. No Brooklyn. Estaríamos seguros. Ninguém conseguiria nos encontrar, ninguém desconfiaria. Jasper Jones tornaria Nova York sua cidade e eu caminharia ao seu lado, tendo minha namorada do outro lado da cidade.

Meu devaneio foi interrompido pelos holofotes da fachada do Sindicato dos Mineradores. O sol estava se pondo, e a espessa luz

amarela encheu o ar abruptamente. Como se fosse uma deixa, as mães começaram a reunir suas crianças e os homens a perambular para o pub para beberem seus salários. Vi Sue Findlay descer os degraus de madeira em frente ao prédio, segurando um lenço branco contra o rosto e sendo conduzida por um homem alto que não reconheci. Eu quis cuspir veneno nela. Observei-a com os lábios contraídos.

Meu pai se aproximou e me ofereceu o banco dianteiro, apontando-o. Minha mãe ficaria para ajudar na arrumação.

Na curta viagem para casa, ele me explicou o motivo da explosão de Sue Findlay.

Alguns meses atrás, seu marido, Ray, fora morto na guerra. Eles tinham um casamento instável, mas ela reagiu muito mal à morte dele. E ainda ontem seu filho mais velho anunciou sua convocação para o Vietnã. A isso, ela reagiu pior ainda.

– Isso não justifica – falei, indignado. – Não tem nada a ver com a Sra. Lu! Não é justo!

– Charlie... – Meu pai virou a cabeça para o lado e suspirou, exibindo suas covinhas.

– Ninguém a ajudou! – exclamei, alto. – Ninguém pensou em ajudá-la.

Meu pai ficou em silêncio.

•

Jasper Jones está à minha janela.

Minha boca se seca e meu coração tenta escapar enquanto subo na cama para abrir a janela.

– *Charlie!* – sussurra ele e bate novamente.

A primeira coisa que noto é seu rosto. Seu olho esquerdo parece uma bola de críquete. Um bulbo reluzente com uma única costura. Há um corte seco no seu lábio.

– O que aconteceu com seu rosto? – pergunto, urgente e em voz baixa.

– Depois eu conto – diz ele, vasculhando meu quarto. – Você pode sair?

É tarde. Meu pai está na biblioteca. Minha mãe ainda não voltou do sindicato. Avalio os riscos. Muito arriscado.

– Para onde? – sussurro. Mas ele voltou ao escuro. Olho para fora, mas não o vejo. Ouço um leve baque e um pequeno grunhido vindos de Jasper. O cachorro do vizinho começa a latir. Prendo a respiração.

Empilho as ripas de vidro o mais silenciosamente possível. Por algum motivo, escondo-as sob meu lençol. Encontro-me com Jasper no quintal.

– Quem cavou um buraco enorme no meio do seu quintal? – pergunta ele, limpando a terra da sua camisa.

– Fui eu. É uma longa história.

– Que merda, Charlie. Pelo menos, encha direito aquela porra.

– Por onde você andou? – pergunto. Quero lhe dizer quão aliviado estou em vê-lo. Mas não digo.

– Por todos os lugares e em nenhum – diz ele, e bagunça o próprio cabelo. – Você está pronto?

A onda de medo e de alegria me invade novamente. Não tenho escolha a não ser segui-lo. Antes correr o risco do que manter outra vigília, preocupado e especulando. Prefiro ir para a cadeia a ser deixado por minha conta.

Partimos, margeando a lateral da minha casa e chegando à rua. Sinto-me ansioso e importante.

– Podemos fazer isso? Não estão patrulhando?

– Não – responde Jasper, sem se virar para mim. – Eles pararam duas noites atrás. De qualquer modo, hoje todos estão tomando um porre no Sovereign.

– Sério?

– Sério.

Nós nos movimentamos rapidamente, com cautela e atenção. Mantemos distância das luzes das ruas e, quando possível, atravessamos terrenos vazios. Preciso parar várias vezes para arrancar espinhos das minhas sandálias. Jasper espera, impaciente. Na Clement Street, ouvimos um carro se aproximar e vemos o suave brilho dos seus faróis dobrar uma esquina. Jasper agarra minha camisa e me puxa para um jardim, e agachamos atrás de um largo arbusto. Reconheço a aderência áspera de uma teia de aranha e sinto algo rastejar pelo meu corpo. Quero choramingar. Jasper ainda me segura enquanto esperamos o carro passar. Estou suando. Cada músculo do meu corpo está retesado. Quero correr, gritar e estapear meu corpo.

É claro que o carro diminui a velocidade e entra na garagem da própria casa onde procuramos refúgio. Eu poderia explodir. Eu poderia entrar em combustão espontânea. O carro estremece e para. Apenas a metros de distância. A porta se escancara. É como um filme de terror.

Um homem salta. É velho. E está bêbado. Se nos pega, já era. Nós o observamos atravessar, cambaleante, o gramado para a frente da casa. Apoiando-se na cerca da varanda, ele para e tenta soltar o cinto. Eu o odeio. Puta merda, *alguma coisa rasteja em mim*. Quero tirar minhas roupas e rolar no chão como se eu estivesse pegando fogo.

Após algumas tentativas atrapalhadas o homem ergue a mão como uma marionete e olha-a com curiosidade, como se fosse algo que ele tentasse ler sem os óculos.

Após tentar novamente, ele desafivela o cinto, abre o zíper e libera uma torrente absurda de mijo no canteiro. Parece interminável. Ele deve ter uma bexiga do tamanho de um barril de carvalho. Já vi jorros menores saírem de uma mangueira de bombeiro. Tem alguma espécie de aranha nociva no meu pescoço, preparada para atacar com presas de dois centímetros, e aquele homem está esvaziando o Ganges com seu pau. Quero que ele

morra. Quero que ele seja atingido na cabeça. Nunca desejei uma intervenção divina com mais fervor. Observo-o, meu rosto vincado em agonia. Ele sacode os quadris e enterra o queixo no peito enquanto cantarola “It’s a Long Way to Tipperary”.

Finalmente, o homem cambaleia para dentro da casa. Assim que a porta se fecha, deixamos o nosso esconderijo. Corro como se meus membros pertencessem a outra pessoa. No final da rua, paro, agito freneticamente o cabelo e dou puxões na minha camisa. Esfrego o pescoço, esbofeteio o peito e bato os pés com força no chão. Devo parecer um demente.

– Charlie! O que está *fazendo*? – sussurra Jasper.

Paro, tendo tirado a camisa e sacudido ela.

– Hein? Ah, pensei que havia uma aranha em mim. Você sabe... Uma aranha mortal.

Jasper assente uma vez, lentamente. Então, balança a cabeça.

– Cristo, pensei que você estivesse morrendo.

– Eu também – digo e, cuidadosamente, visto a camisa. – Mas o que era aquele cara, um camelo?

Para minha surpresa, Jasper ri. É um sorriso largo e descarado. Noto que ele tem covinhas. Eu também sorrio, um pouco orgulhoso por ter inspirado aquilo. Após um instante, ele acena para seguirmos.

Não conversamos enquanto estamos no caminho para a clareira de Jasper. É estranho. Eu me sinto obrigado a ficar calado e a caminhar atrás dele.

Quando chegamos à cortina de folhagem e às acácias, me sinto inquieto. Como se estivesse prestes a ver Laura novamente, como ela estava. É uma sensação nauseante e revoltante. Pesa como chumbo nos meus calcanhares e amassa meu coração. Aquele enorme eucalipto se assoma grande e escuro. Não quero entrar.

– Está pronto? – pergunta Jasper Jones.

Olho-o, confuso.

Jasper não espera minha resposta. Ele afasta as acácias e mantém a abertura. Curvo-me e entro. Tenho de entrar.

Avanço com os olhos fechados. Quando os abro e olho em volta, parece sinistro, mas profundamente familiar. Embora tenha estado ali apenas uma vez, parece um lugar que visitei durante toda a vida e ao qual retorno após uma longa ausência.

Jasper está ao meu lado. Sua testa está franzida.

– Parece estranho – diz ele.

– É. Eu também acho. – Inclino a cabeça e olho em volta. Como se a estranheza pudesse se fazer presente nas árvores ao redor, como uma neblina verde pálida.

– Não, quero dizer que parece... diferente.

– Como?

– Não sei. É difícil explicar. É uma sensação arrepiante na nuca. É como se mais alguém tivesse estado aqui. É o que parece.

– Isso é possível? – pergunto.

– Claro que é *possível*. Mas não acho provável.

Jasper observa tudo cuidadosamente. Como se desconfiasse dos arredores. Ele caminha, com as costas curvadas, até a beira da represa e a tenda vazia formada pela árvore; então, some da minha vista. Permaneço onde estou.

Quando ele volta, para com uma das mãos no quadril e a outra apertando, apertando o queixo.

– Não – diz ele. – Eles não podem.

Parece que ele quer se convencer.

– Quem? A polícia? Por que não? Eles passaram a semana toda procurando por aqui, certo?

Jasper, porém, parece relutante em considerar essa possibilidade. De repente, ele dá de ombros e balança a cabeça, voltando à tona.

– Cigarro? – pergunta ele, exibindo um maço amassado de Lucky Strike. Recuso, após fingir decidir, e sigo Jasper até a água. Ele se senta, apoiando as costas na árvore, acende um fósforo e

protege-o com a mão. Seu rosto ferido irradia uma cor alaranjada e ilumina a noite por um momento. Sento-me próximo, com as pernas cruzadas, mas não tão perto da água.

– Você tem uísque? – pergunto.

Jasper ergue as sobrelanceias. Então, ri com um lado da boca cortada. Estende o braço e desenrola uma linha fina presa a uma raiz perto da sua perna. Na outra extremidade, há uma garrafa. As marolas da represa são irritantes. Desvio o olhar.

– Aqui vamos nós, Charlie. Black Bush. De primeira, amigo. Não é mesmo ruim. – Viro-me, e Jasper está me oferecendo a garrafa, limpando a boca com as costas da mão.

– Tome. Encha a cara.

E é o que faço. Bem, um pouco. Boto um gole na boca e é tão venenosamente escaldante quanto na primeira vez. Meus lábios tentam fugir do meu rosto. Não faço ideia de por que senti necessidade de pedir aquilo. Mas, agora, estou preso a essa garrafa e preciso dar alguma demonstração de redução do seu conteúdo. Expiro e aperto o gargalo. Então, bebo uma enorme golada. Meus olhos se arregalam e preciso combater cada impulso para manter a coisa abrasadora no meu estômago.

– Sim, Cristo. Isso é... melhor – bufo, e devolvo a garrafa. Mal consigo enxergar Jasper através das lágrimas. – Eu precisava mesmo disso.

Certamente não estou enganando ninguém. Mesmo assim, eu gosto da onda de calor que aquilo causa na minha barriga. Esmigalha e corrói o tijolo em meu estômago. Olho para Jasper, sentindo-me agora um pouco mais solto. Um pouco mais leve. Aquela poção terrível funciona. Aponto para ele.

– Foi seu pai quem fez isso? – pergunto.

Ele se senta um pouco mais ereto.

– Foi meu pai o quê?

Desenho um círculo em volta do rosto.

– Ah – diz ele, tocando o olho inchado com um dedo. – Não. Aliás, não o encontrei. Ele se mandou para a cidade na última sexta-feira. Não estava em casa quando eu voltei.

Na última sexta-feira. Enrugo a testa e deixo passar. Não sei. Talvez eu esteja sendo histérico, mas não consigo evitar a desconfiança. Se alguém deixa a cidade na manhã após um assassinato, isso não é suspeito? Jasper rapidamente percebe a ideia.

– E ele também não matou Laura, se é o que está pensando. Sem chance. Ele pode ser um bêbado inútil e desempregado, e pode chegar em casa cambaleando algumas noites, trocando as pernas, mas ele não tem *isso* dentro dele. Meu velho não conseguiria matar nem para fugir de um necrotério. No mínimo, seria muito esforço. E Laura teria acabado com ele antes. – Jasper sorri, tristemente.

– Então, quem *fez* isso no seu rosto?

Jasper traga com força e expele suavemente um perfeito anel prateado de fumaça. Ele franze a testa.

– Charlie, sério, parceiro... Quem você acha?

– Não faço a menor ideia. – Dou de ombros. Não faço, mesmo.

– O sargento. A polícia, Charlie.

– O que você quer dizer?

– Exatamente o que eu disse. Eles pediram que eu fosse lá e me prenderam durante todo o fim de semana.

– O quê? Por quê? Eles podem fazer isso?

– Eles não precisam de um motivo, cara. Além do mais, para quem eu vou reclamar?

– Então eles fizeram *isso*? – Gesticulo em direção ao seu rosto.

– Fizeram – Jasper cospe e apaga o cigarro. Ele guarda a guimba no bolso. Acende outro. Murmura com a nova fumaça entre os lábios. – Minhas costelas doem mais. Sapatos com ponteira de aço. Uma puta brutalidade.

– Mas *por quê*? Por que eles fariam isso?

– Merda – diz Jasper, sem ameaça. Ele mantém o uísque erguido para mim e eu cedo. – É óbvio, não é? Eles acham que tenho alguma coisa a ver com o desaparecimento de Laura e queriam que eu confirmasse.

– Eles queriam que você confessasse?

– Basicamente.

– E o que você disse? – Bebo o uísque e estremeço. Sinto o calor penetrar e percorrer meu corpo.

– Não disse nada, Charlie. Nenhuma palavra. O tempo todo, nenhuma palavra. Por isso eu não consegui respirar direito até ontem.

– Isso é horrível. – É tudo o que consigo dizer.

– É uma maneira de descrever – Jasper sorri. – Mas uma coisa boa é que eu fiquei sabendo o que eles sabem; ou seja, porra nenhuma. É bom para nós, parceiro. Significa que, por enquanto, estamos livres. Mas não nos ajuda a pegar o cara que realmente fez isso com ela.

Bebo outro gole e devolvo a garrafa. Ainda tem um sabor quente e revoltante, mas a sensação é boa. Começo a entender por que alguém desejaria entornar aquilo goela abaixo.

– Houve uma reunião da cidade hoje à noite. Todos parecem pensar que Laura fugiu. Dizem que ela pegou caronas. Também apareceu no noticiário. Da tevê. Pediam que as pessoas ajudassem.

Jasper assente lentamente.

– Ou estão mentindo ou são burros para cacete. Pense só, Charlie. Por que eles diriam isso? Eles *sabem* que Laura não pegou nenhuma roupa, não levou dinheiro algum, não deixou um bilhete, nem nada. Sabe o que eu acho? Acho que estão dizendo isso porque não encontraram nada. Estão tentando proteger seus próprios traseiros, tentando passar o problema adiante. Desviar a atenção.

– Eles fariam isso? Quero dizer, o pai de Laura apareceu no noticiário pedindo que as pessoas dessem informações, que a

cidade mantivesse os olhos abertos.

– Cara, o pai de Laura é o pior.

Sou surpreendido.

– Como assim?

– Digamos apenas que ele também esteve na delegacia – diz Jasper, amargurado.

– O quê? E ele sabia que estavam espancando você?

– *Sabia?* Ele não apenas *sabia* como me chutou quase o tempo todo. Puto como um rato e duas vezes mais irado. Gritando comigo, cuspendo. *Cadê ela? O que você fez?* Fedendo a bebida, pior do que o meu velho.

Não acredito no que estou ouvindo. Parece tão absurdo. Minha cabeça está girando, e não tenho certeza se é o Black Bush.

– Mas... mas ele é o *presidente* do condado.

– E daí?

– É... é difícil acreditar, só isso.

Mergulhamos no silêncio. O calor é espesso. Ouço os farfalhos e os rangidos do mato. As paredes da clareira parecem formidáveis. Fazem com que me sinta pequeno.

Observo Jasper soprar outro anel de fumaça. Grande. E, primorosamente, ele rasga, com o cigarro, exatamente a metade do anel. Por um momento, antes de se dissolver, ele tem a forma de um coração.

– É um truque legal – comento.

Ele concorda com a cabeça.

– Laura também gostava. Tentou por um tempão, mas nunca conseguiu.

– Você deve sentir a falta dela – falo, simplesmente, após algum tempo.

Jasper esmaga o cigarro e assente para si. Ele vira a garrafa de uísque e bebe uma boa golada.

– Sabe por que mais ela não teria ido embora, Charlie? – Ele faz uma pausa e balança a cabeça. – Porque a gente iria junto. A gente

ia fugir. Ela não iria sem mim. Tínhamos planejado e tudo. Eu estava trabalhando nos pomares para juntar algum dinheiro. Foi *onde* eu estive nas semanas anteriores. E, pouco antes de fugirmos, ela roubaria alguma grana do velho dela. A gente moraria na cidade grande. Ela estudaria. Faria um curso para entrar para a universidade.

– E o que você faria?

– Não sei. O que pintasse no meu caminho, eu acho. Qualquer coisa. Não sei. Eu tinha algumas ideias, sabe? Boxe. Futebol americano. Abrir um negócio. Isso nem era uma preocupação. Merda, o que eu quero dizer é que mesmo que eu tivesse de vir aqui num fim de semana para voltar com um saco cheio de lagostins, eu estaria feito por lá. É uma loucura, Charlie. É dinheiro por nada. Se você conhece as pessoas certas, se faz amizade com as pessoas que exportam lagostins, você fatura como um bandido. Pagam uma boa grana pelos grandes. E conheço todos os lugares por aqui aonde ninguém vai. E onde estão os grandes, no fundo, do tamanho do seu braço. Você passa a noite colocando armadilhas e pega os bichos fresquinhos. Dá para levar uma boa vida, com certeza. Então, como você vê, tenho coisas em vista.

Jasper suspira e seu corpo sobe e desce de forma brusca, como num único soluço.

– Também penso muito em pôquer.

– Pôquer?

– É. Nunca perdi dinheiro. Nenhuma vez. Tenho um dom, eu acho. Posso ter um trabalho qualquer durante a semana e então faturar dez vezes mais no fim de semana. É o que faço nos pomares. Trabalho duro durante o dia, embolso um dinheirinho e vou atrás de um jogo para faturar uma grana de verdade.

– Sério?

– Com certeza. Moleza. Olhe, pôquer não é uma questão de sorte, Charlie. Sorte não tem nada a ver. É tudo encenação. É tudo como você se comporta na mesa. Você não pode dar bandeira. Ou,

se *der* bandeira, precisa ser de propósito, você precisa enrolar eles. – Jasper faz uma pausa para riscar um fósforo e acender outro cigarro. – Mas, na maior parte, o pôquer é sobre ler as pessoas. E é o que eu faço melhor. Acho que tenho um dom. Verdade. Tipo um sexto sentido ou algo parecido. Veja, quando se trata de grana, não importa quem você é, em algum momento isso significa alguma coisa. E quando tem muita grana no meio, os caras dizem coisas com os olhos. É quase como se eu pudesse sentir quando eles estão mentindo.

– Eu também. É como se eu pudesse dizer antes mesmo que eles abram a boca. Principalmente meus pais.

– Então, você seria um bom jogador de pôquer.

– Não, não acredito. Não consigo mentir tão bem. Eu fico vermelho e me contorço bastante.

– Você não precisa mentir, Charlie. Basta fingir que está cagando para aquilo.

– Também não consigo. Eu gostaria.

Apanho novamente a garrafa. Então, abaixo a cabeça e passo a mão na nuca. Talvez seja assim que ele faz. Talvez seja assim que Jasper Jones navega por esse mundo e sai por cima, apesar das cartas de merda que ele recebe sem parar. Aquele olhar de pôquer, como uma máscara de super-herói. Ocultando sua desconfiança, entregando nada. Mas ainda é uma mentira, não é? É apenas um desvio. Esse é o truque dele. Aquele dar de ombros é simplesmente uma atuação. Um mito. É seu modo de ocultar suas cartas sem valor.

Como Laura, por exemplo. Como quando ele chorou, naquela noite, com as costas viradas e depois assentiu tão vagamente quando lhe perguntei, há pouco, se sentia a falta dela. A máscara está de volta, o alter ego.

Jasper Jones perdeu sua garota, talvez também sua melhor amiga. Sua única amiga. Parece tão infinitamente triste para mim, nem consigo imaginar. Perder alguém tão próximo, alguém em

quem ele depositava suas esperanças. Alguém com quem ele fugiria, começaria uma vida nova. E vê-la bem aqui, onde ela estava. Exatamente onde estou sentado. Uma série terrível de acontecimentos. Mas Jasper Jones precisa manter aquela expressão de pôquer. Precisa jogar aquela capa sobre seu coração. Imagino o quanto da vida de Jasper é gasta fingindo que ele está cagando para todos.

Deve ser um modo solitário de viver. Imagino se Jasper precisa realmente de mim para ajudar a solucionar isso ou apenas de companhia. Pergunto-me se ele me considera um amigo. Espero que sim. Imagino-o sentado aqui com Laura, jogando conversa fora. Pergunto-me se ele tem mais alguém com quem conversar. Creio que não.

Penso que talvez eu esteja bêbado. Estou bêbado? Não sei. Sinto-me um pouco tonto. Posso sentir meu pulso nas laterais da cabeça. Ponho o uísque ao meu lado.

– Então, você ainda vai? Quero dizer, para a cidade grande.

– Sim, provavelmente – Jasper funga. – Estou pensando. Depois que toda essa bagunça estiver ajeitada, eu me mando. Mas ainda não tenho certeza para onde.

– Mas não parece cedo demais? – pergunto. – Você é apenas um ano mais velho do que eu. Na realidade, ainda somos crianças. Não quer esperar?

– Esperar o quê? E nunca me senti como uma criança, Charlie. Você não entende. Eu cuido de mim desde que me lembro. Comida, roupa, onde dormir, tudo. Eu te disse que não *importa* sua idade. Todo mundo envelhece. Todo mundo pode aprender uma profissão, pagar impostos e ter uma família. Mas isso não é crescer. Crescer é sobre como você age quando as coisas estão complicadas, é quanto você enxerga à sua volta. É o que faz um homem. E, se consigo fazer isso aqui, nessa cidade, acho que posso fazer em qualquer lugar. O que tem aqui para mim, afinal? Não há motivo para eu ficar. É um beco sem saída.

– Estou começando a sentir o mesmo – digo. Jogo um graveto na represa.

– Então, você *entende*. E não se preocupe comigo, parceiro. Posso cuidar de mim mesmo.

– Ah, sim – digo. – Com certeza. Eu sei disso.

Jasper acende mais um cigarro.

– Mas acho que não será tão cedo, de qualquer maneira. Não até conseguirmos saber o bastante sobre Mad Jack Lionel.

– Então você tem certeza de que foi ele?

– Absoluta. Acho que sim, Charlie.

– Como? – Inclino-me para a frente, intrigado.

– Bem, é o que quero te dizer. Veja, passei pela casa dele todas as noites essa semana.

– A caminho daqui? – pergunto.

– É.

– Mas não é perigoso? Vir aqui enquanto fazem buscas?

– Não, não é. Só venho bem tarde. E é fácil passar pelas patrulhas. Não tem problema.

– Certo.

– Certo. Bem, eu te disse que sempre que eu passava por aquela casa, sem falhar, *sempre*, Lionel saía pela porta da frente e começava a gritar para mim. Acenando, chamando meu nome. Ou, pelo menos, eu acho. Nunca conseguia entender o que ele dizia, a casa fica longe demais.

– Tudo bem – concordo com a cabeça.

– Bem, aconteceu o mesmo que na semana passada, quando fomos até lá e esperamos perto do portão, lembra? Nada. Nenhuma palavra. Ele não saiu. Talvez tenha fugido da cidade, quem sabe? Não há qualquer sinal dele. E estive lá *todas* as noites, esperando.

– Mas para *quê*? O que você vai fazer?

– Entrar. Conversar com ele. Não é invasão, se ele sai pela porta gritando meu nome para todos os lados. – Jasper gesticula para eu lhe passar o uísque.

– Certamente você não entraria lá!
– É claro que entraria. Por que não? – Jasper franze a testa.
– Você é maluco? É Jack *Lionel*! Você não sabe o que pode acontecer!

– Bem, só tem uma maneira de descobrir, Charlie. Qual é o pior que pode acontecer? – Jasper bebe o uísque.

– O que você está *dizendo*? Sei lá, uma *bala*?

– Talvez. Mas preciso chegar a ele de qualquer maneira, certo? Preciso falar com ele.

– Mas ele sumir de repente pode ser apenas uma coincidência. Há uma grande chance de que ele não tenha nada a ver com isso.

Jasper concorda com a cabeça.

– Pode ser. Você tem razão. Mas não acho. Tenho um pressentimento, Charlie. É difícil explicar. *Alguma coisa* liga ele a isso. Eu simplesmente sei. E preciso falar com ele. Pense: há anos ele sai por aquela porta, chamando *meu* nome. E preciso descobrir *por quê*. Ele também viu Laura. E me viu com ela. E agora, desde aquela noite, não o vi uma única vez. Isso, por si só, vale uma investigação, muito mais o que sabemos sobre Mad Jack Lionel. Que ele já matou antes.

Jasper traga e sopra a fumaça pelo lado da boca. Mexo na fivela das minhas sandálias.

– Mas o que sabemos realmente sobre isso? – pergunto.

– Sabemos que é verdade.

– Sabemos, *mesmo*? Quem ele matou? E como? Quero dizer, eu não sei, ele foi condenado?

– É como se tivesse sido.

– O que *isso* quer dizer?

– Quer dizer que, pelo que ouvi do meu velho, ele teve sorte ao escapar da forca. Meu velho só falou sobre ele essa vez. Mas nunca o vi tão irritado com alguma coisa sem estar bêbado. Ele ficou enlouquecido. Disse que o cara deveria ter sido preso pelo que fez.

Disse que ele era um desperdício de uma alma viva e que o inferno era bom demais para ele.

– Cristo – digo. – Eu queria saber o que realmente aconteceu.

– Eu também, Charlie. E é o que pretendo descobrir, entre outras coisas. Não sei. Veja, estive pensando que é muito provável que, naquela noite Laura tenha passado *sozinha* pela propriedade de Lionel. Ela podia estar tentando encontrar o caminho para cá. E ele arriscou. É isso o que eu acho.

– Por que ela tentaria chegar aqui?

Jasper muda de posição desconfortavelmente. Dá uma longa tragada no seu cigarro.

– Bem, veja, o negócio é que ela normalmente esperaria que eu fosse até ela. Eu ia até a janela dela à noite, e vínhamos para cá. Ou então ela fugia e me encontrava sob um dos pés de hortelã-pimenta na rua dela. Mas, em algumas noites, ela se cansava de esperar. E ia até minha casa, procurando por mim. E recentemente, nos últimos meses, ela queria me ver *sempre*. Queria vir aqui quase todos os dias. Como se não quisesse ficar em casa de jeito nenhum, sabe?

Jasper esmaga e embolsa outro cigarro apagado. Ele coça o pescoço e mexe no nariz. Agitando-se, nervoso. Eu me inclino para a frente.

– Mas a verdade, Charlie, é que eu não via Laura fazia um tempo. Como eu disse, eu estava nos pomares, colhendo as primeiras frutas, tentando faturar uma grana para quando fugíssemos. O negócio é que eu nunca disse a ela, simplesmente fui. Eu sabia que ela não gostaria que eu a deixasse por tanto tempo, por isso eu simplesmente fui. Foi burrice, mas eu precisava ir. Não apenas porque não queria deixar a cidade sem nada nos bolsos, mas também porque queria ter um tempo para mim. Eu sentia falta de ficar aqui sozinho. Como era antes. E com nossos planos sobre fugir em breve e tudo o mais, não sei não, eu só queria ficar um pouco sozinho. – Ele dá de ombros.

– Tudo bem – digo. – Eu entendo. Também sinto isso.

Jasper balança a cabeça e ergue os olhos. Inspira profundamente.

– Mas o estranho é que, na última quinta-feira à noite, voltei para casa exausto e com dinheiro no bolso, e a primeira coisa que fiz foi procurar Laura. Eu estava preocupado com ela, para dizer a verdade. E eu *queria* ver ela, admito. Senti sua falta. Enquanto estive longe, pensei nela o tempo todo. Então, fui até a janela dela, como sempre, mas ela não estava lá. Vi que a janela estava aberta, então fechei-a e voltei à minha casa, para ver se ela estava esperando por mim. Mas não a encontrei. Procurei pela cidade, pelo rio, pelo mesmo caminho que a gente sempre seguia. Nada. Então, finalmente, cheguei aqui.

– E então você a encontrou – falei. Jasper assentiu lentamente.

– Veja, acho que ela talvez estivesse tentando chegar aqui ao mesmo tempo que eu procurava por ela. Talvez ela tenha se cansado de esperar e fugiu de casa para tentar chegar aqui. Foi então que ela deve ter passado pela casa de Lionel, entende? É o que eu acho, Charlie. Foi aí que tudo deu errado, parceiro. Não sei. Talvez você tenha razão. Talvez ela *soubesse* o caminho para cá ou fosse teimosa o suficiente para tentar. Talvez Lionel seguiu ela. Ou talvez Lionel tenha seguido nós dois, numa noite dessas, talvez *ele* soubesse o caminho.

Tento argumentar, como Atticus Finch faria. Mas é difícil quando Jasper parece tão decidido sobre esse roteiro, como se o aceitasse como verdade. Balanço a cabeça. É demais para mim.

Jasper tosse e cospe.

– E foi aí que ferrei tudo, Charlie. Fiquei longe por tempo demais; eu nunca deveria ter ido sem ter avisado a ela. Eu deveria ter procurado por ela antes, eu deveria pelo menos ter escrito. Veja, não importa quem fez isso... – Jasper aponta para o galho acima. – Porque foi *minha* culpa. Isso aconteceu por minha culpa.

– Mas, Jasper – apelo, abrindo os braços –, não *sabemos* o que aconteceu. Essa é a questão.

– Nós sabemos o que aconteceu, Charlie. Só não sabemos *como*. Ou *por quê*.

– Mesmo assim. – Balanço a cabeça. – Não há motivo para você se sentir culpado. É um absurdo. Não teve nada a ver com você. Não importa o que a gente descobrir. A culpa não foi sua. Você não fez isso. Jasper, nós não sabemos *nada*. Não sabemos se foi realmente Mad Jack Lionel. Nem sabemos se Laura deixou o quarto dela por conta própria. É apenas uma história que estamos contando para nós mesmos.

Jasper suspira.

– Você não está ouvindo, Charlie. Se eu estivesse com ela, como *deveria*, isso nunca teria acontecido.

– Sim, tudo bem. Mas não sabemos isso também. E essa não é a maneira de ver as coisas. A culpa não é sua. O fato é que você não saberia. Como poderia saber? Por essa lógica, cada acontecimento terrível no mundo seria sua culpa porque você não o impediu. Não sei. Você deveria ter avisado ao Kennedy para não andar num conversível.

Jasper abana a cabeça.

– É *diferente*. Não é minha culpa porque essas pessoas nunca confiaram em mim, como uma família. Portanto, não os decepcionei. Mas eu decepcionei Laura. Eu deveria ter voltado antes ou ter deixado uma carta para ela. Eu deveria ter adivinhado que ela viria aqui, à minha procura. E isso foi minha culpa, como tudo o que aconteceu depois. Eu tinha um... um *dever*. De proteger ela. De ajudar ela.

– Proteger ela? Do quê?

– Nada. Esquece. – Jasper funga e suspira, sugerindo que não está disposto a falar. Ele puxa outro cigarro e o acende, com a testa franzida.

É penoso. Tenho a sensação de que ele esconde algo. Estou sempre um passo atrás. Eliza, Jasper, meu pai. Posso caminhar no escuro, mas só consigo enxergar até onde a frágil vela me permite.

Tudo o que conheço é o fim, a parte onde entrei. Mas o resto da história, todas as partes anteriores, continua sendo apenas uma desordem de folhas rasgadas. Parece tão fadado e desesperado. Sou tão pequeno e fraco entre tudo isso, nas suas sinistras ondulações. Pergunto-me se algum dia realmente saberemos. Pergunto-me o quanto devo apostar em Jasper e nas suas afirmações. É claro que é uma ideia atraente, atribuir tudo ao recluso da cidade e sua história sombria. Mas parece tão cheia de coincidências e acaso. Parece conveniente demais. Por outro lado, talvez a resposta mais simples *seja* realmente a mais exata. Pergunto-me também se Jasper realmente precisa da minha ajuda. Se ele foi à minha janela à procura de Atticus Finch ou Tom Sawyer. Um cérebro ou um aliado. Talvez ambos.

Não sei.

Ficamos em silêncio por algum tempo. Não faço mais perguntas. Mas tomo um pouco mais de uísque.

Após um tempo, Jasper se mexe e ergue a vista.

– Você acha que conseguirão mandar um homem à Lua?

– Eles dizem que é possível.

– Parece impossível, não é?

– Com certeza – digo. – A gente nem consegue chegar ao fundo do oceano, quanto mais ir lá em cima na lua.

– Acho que eles podem, sabe? – diz Jasper, com um pequeno sorriso e um aceno de cabeça. – Acho que eles chegarão lá. Imagine.

– Seria incrível – concordo.

– Sabe, Charlie – diz Jasper, coçando a panturrilha. – Não entendo como as pessoas podem olhar para a Lua e ainda acharem que são o *centro* de tudo. Às vezes, quando me sento aqui e reflito, me sinto como o menor pedaço de poeira no universo. Como se eu

fosse nada. É um sentimento solitário, mas que também me faz feliz.

– O que você quer dizer com o centro de tudo?

– Uma vez, Laura me disse que eles calculam que mais de cem bilhões de pessoas já viveram e morreram na Terra durante toda a sua história. Cem *bilhões* já vieram e se foram antes mesmo de chegarmos aqui. Nem dá para imaginar. Mas, quando se pensa a respeito, a gente conclui que é burrice pensar que você é o único que encontrou esse espaço aqui, que esse é o seu pedaço de terra. A não ser que você seja o cara sortudo que vai pisar na Lua, acho que as pessoas são idiotas em reivindicar isso ou aquilo para si, delimitando linhas e territórios. Do mesmo jeito como são idiotas ao pensar que algum doido de barba comprida está ligando para quanto dinheiro elas jogam numa bandeja ou se comem peixe às sextas-feiras. É tudo besteira.

– Você está falando sobre os católicos?

– Não, não apenas sobre eles, Charlie. Mas, sim, eles estão incluídos.

Penso a respeito.

– Bem, veja, acho que a maioria das pessoas não gosta dessa sensação de solidão. As pessoas não gostam de olhar para cima e se sentirem pequenas ou perdidas. Acho que para isso serve a oração. Não importa em quais histórias acreditam, as pessoas estão sempre fazendo a mesma coisa e jogando uma linha para o espaço sideral, como se houvesse alguma coisa em que se prender, e as suas preocupações voltam em eco, consoladas por alguma coisa que sabe mais que elas. É como se as pessoas se tornassem parte de algo maior e, talvez, fiquem menos medrosas.

– Então, você faz isso? – Jasper me olha, intrigado.

– Eu? Não. É claro que não. Sou uma partícula de poeira, como você.

– Isso deixa *você* triste?

– Sabe a verdade? Às vezes, eu acho. Quer dizer, é triste pensar sobre isso.

– Como uma sensação vazia.

– Certo. Acho que deve ser reconfortante acreditar verdadeiramente em Deus e Jesus e essas coisas todas. Deve preencher todo esse espaço para você não precisar se preocupar. Mas é um pouco como fechar uma porta por onde passa uma corrente de ar frio, não é? Continua frio lá fora, mas você não nota porque está aquecido.

– Exatamente – concorda Jasper.

– Mas essa coisa toda nunca funcionou comigo. Tenho ouvido o Groselha e lido partes da Bíblia e tal. Mas há muitos furos e lacunas e partes duvidosas pelas quais não consigo passar, e não paro de pensar sobre elas. Tenho perguntas demais a fazer ao longo do caminho para me fixar em qualquer uma. Nunca fez sentido. Às vezes, gostaria que tivessem feito, porque eu não precisaria me sentir tão minúsculo.

– Mas isso não é tão ruim, Charlie. Eu, por exemplo. As pessoas me fizeram sentir pequeno toda a minha vida. Estou acostumado. E tudo o que aconteceu foi eu querer crescer, sabe? Querer fazer coisas importantes. É o bom em não se ter o que perder. Não adianta bancar o frouxo. E se isso é tudo no que você acredita, nesse tempo e nesse lugar aqui, então você não vai desperdiçar, vai?

– Faz sentido – digo.

Jasper assente, lentamente. Ele tosse, bate a cinza na represa e prossegue.

– Outra coisa que nunca entendi – diz ele – é como as pessoas, tempos atrás, podiam olhar para a lua e ainda achar que o mundo era achatado. *Achatado*, Charlie. Veja, é isso o que quero dizer sobre as pessoas acharem que são o centro das coisas. Tudo se reduz ao que elas podiam *ver*. Ninguém pensou que podia ser um pequeno dente numa engrenagem maior, apenas uma entre os

bilhões de bolinhas que giram no espaço. Todas estavam convencidas de que tudo orbitava em torno *delas*, não o contrário. É loucura. Como se elas vivessem nos seus globos de neve. Você sabe, como esses que a gente sacode.

Confirmo com a cabeça.

– Sim, eu sei.

– Entende o que estou dizendo? – pergunta Jasper.

– Sim. Sim, entendo. Sabe, na Índia acreditavam que o mundo era um enorme tabuleiro achatado, carregado nas costas de uma tartaruga.

Jasper sorri.

– Até parece – diz ele.

– Falo sério. Uma tartaruga.

– Besteira, Charlie, não acredito em você. É a bebida falando. Uma tartaruga espacial gigante? É isso o que você está me dizendo?

Nós rimos.

– É isso aí. A Terra é uma enorme bolacha e estamos nas costas de uma tartaruga. Tentando chegar à Lua.

– Isso é loucura. – Jasper balança a cabeça.

– Mas você tem razão. As pessoas se acostumam com o que veem à sua volta e criam teorias a partir daí. E não se pode realmente censurá-las por tentarem achar um sentido. Acho que o grande problema é quando você sabe que está sendo enganado e, mesmo assim, acredita. Você já ouviu falar da ilha de Páscoa?

Jasper bebe uma golada e tosse. Então, umedece os lábios.

– É aquela com as enormes cabeças de pedra?

– É, essa mesmo.

– E eles usaram todas as árvores para construí-las e, por causa disso, não puderam fazer canoas. Então, morreram todos, porque não conseguiam pescar.

– É, mais ou menos isso. De qualquer forma, eles foram a civilização mais isolada da história. Completamente afastada.

Estavam a milhares de quilômetros de qualquer outro lugar e tinham água até onde a vista alcançava. Portanto, você pode imaginar como *e/les* se sentiam o centro do universo. Tudo o que eles conheciam eram peixes, batatas e aves, que adoravam mais do que tudo. E, ao largo do promontório principal da ilha, havia partes rochosas menores, onde essas aves faziam seus ninhos. E, quando as aves começavam a pôr os ovos, eles interpretavam como um anúncio dos deuses sobre o nascimento do novo ano. Os ovos eram presentes.

– Certo.

– E passou a existir uma corrida. Os chefes dos diferentes clãs da ilha escolhiam seu homem mais capacitado para nadar até essas partes rochosas, cruzando águas infestadas de tubarões, para tentar roubar o primeiro ovo da temporada. Assim que tinha um ovo, ele precisava voltar, escalar um rochedo de uns *trezentos* metros, com o ovo preso à cabeça, e presenteá-lo ao seu chefe, que ficava à espera numa cabana de pedra. O chefe que primeiro recebesse o ovo se tornava o Homem-Pássaro.

– *Homem-Pássaro?*

– Bem, ele era como um líder espiritual. Tipo um embaixador ou representante dos deuses. Como o papa da ilha de Páscoa. E, durante aquele ano, seu clã possuía o domínio total da ilha. E ele também precisava se isolar de todos os demais. Pintava o rosto de vermelho e preto. Não tinha permissão para cortar o cabelo nem as unhas. E precisava manter uma ave morta presa nas costas.

– Uma ave morta presa nas costas? – Jasper ergue as sobrancelhas.

– Uma ave morta presa nas costas.

– Provavelmente era bom que ele ficasse isolado.

– Bom argumento.

– E boa sorte limpando o rabo com unhas de uns trinta centímetros. – Jasper sorri.

– Nunca pensei sobre isso. Mas tenho certeza de que havia alguém para essa tarefa.

– Agora, isso é uma profissão, Charlie.

– Fala sério. Era um honra, não um emprego.

– Você pode ter a honra de limpar meu rabo quando quiser, parceiro.

– Só se você mantiver um pelicano morto amarrado no seu pescoço durante doze meses.

Jasper ri ruidosamente. Parece que seu rosto dói quando se estica. Ele toca a lateral da boca com a língua.

– Fechado – diz ele. – Temos um acordo, Charlie, meu garoto. Eu apertaria sua mão, mas acabo de descobrir onde ela esteve!

Gargalhamos um pouco mais. Também bebemos mais uísque, que está muito mais perto do fundo da garrafa do que do gargalo.

– Ainda assim, é uma ideia fascinante, não é? Quando se pensa naquelas pessoas tentando responder a todas aquelas perguntas e usando apenas o que havia diante delas, num pedacinho do mundo.

– Bem, é isso aí, não é, Charlie? Tudo não passa de uma grande ilha de Páscoa. Um gigantesco globo de neve. Sejam homens-pássaros, deuses do sol, a porra da gigantesca tartaruga ou o próprio *Cheeses*. Mas o que eu quero saber é por que não conseguimos pensar assim sobre a Terra. Agora que aprendemos sobre outros planetas, astros e galáxias, agora que sabemos que ela é redonda, que gira e que está submetida ao sol, agora que a Terra não é tudo o que conhecemos. Por que estamos travados? E por que tudo precisa ser para *nós*? Por que *nós* somos tão especiais? Não existe esse negócio de Deus, Charlie, pelo menos não como eles dizem. Do mesmo modo que não existe esse negócio de Zeus, Apolo ou a porcaria de unicórnios. Você está por conta própria. E isso pode fazer você se sentir solitário ou poderoso. Quando você nasce, tem sorte ou não. É uma loteria. Uma merda ou uma boa. Mas, daí em diante, é com você. Não há nada lá em cima que está ligando se roubei um maço de cigarros ou uma lata

de carne. Eu sou deixado por minha própria conta e sei o que é certo e o que não é. Ninguém jamais me daria um emprego nessa cidade, por isso tive de fazer as coisas funcionarem quando pude. Assim que começa a andar e a falar, você faz sua própria sorte. E não preciso de nenhum espírito no céu para me ajudar. Consigo fazer isso sozinho. Mas, veja, é isso o que acho que é Deus realmente, Charlie. É a parte dentro de mim mais forte e mais dura do que qualquer outra coisa. E acho que rezar é simplesmente confiar, ter fé, simplesmente pedir a mim mesmo para ser duro. E é tudo o que você pode fazer. Não preciso de um monte de histórias cheias de besteiras sobre torres, arcas e dilúvio, nem de regras sobre o pecado. É tudo um meio complicado para alcançar aquele lugar em você, e não é *honesto*. Não preciso me enganar achando que alguém está me ouvindo ou se importando. Porque não importa. *Eu* importo. E sei que ficarei bem. Porque tenho um bom coração e que essa cidade se foda por tentar me fazer pensar o contrário. É com o que você chega e com o que você parte. E isso é tudo o que eu possuo.

Ficamos calados por uns instantes. Arranco o capim seco aos meus pés. Bebemos mais uísque. A garrafa solta um tinido úmido ao ser passada de um lado para o outro. O gosto já não é tão ruim. E aquele calor parece ter envolvido todo o meu corpo, principalmente a frente do meu cérebro. Quase sinto como se o mundo *estivesse* orbitando à minha volta. Há uma rotação lenta das árvores. Uma malha verde, uma mistura cinzenta.

E não penso, simplesmente pergunto.

– Você é metade aborígene, não é? Você sabe no que eles acreditam?

– Não, não mesmo, Charlie. Nunca conheci minha mãe, por isso não aprendi sobre essas coisas. E ela nem era dessa cidade; então nunca conheci pessoas da família dela.

– Você se lembra de alguma coisa sobre ela?

– Não, parceiro. Ela morreu quando eu ainda era bem novo. – Jasper pigarreia. Ele acende outro cigarro.

– O que aconteceu? – pergunto. Então, digo: – Desculpe. Eu não deveria perguntar.

– Não, tudo bem. Você é legal, parceiro. A verdade é que não sei muita coisa. Foi um acidente de carro. Muito feio, pelo que pude descobrir. Fazer meu velho falar sobre isso é como tentar que ele procure a porra de um trabalho.

– Talvez ele fique triste.

– Sem dúvida, Charlie. Mas isso não serve como desculpa. Ele está apenas desperdiçando sua vida e seu dinheiro. Ele é uma piada. Para dizer a verdade, sinto vergonha dele. Sabe, no clube de futebol falam dele como se fosse um rei. Acho que ele foi um campeão na sua época. O melhor jogador. Eles acham que, se tivesse continuado, ele poderia ter chegado a qualquer lugar. E eu olho para eles como se estivessem brincando. Nem consigo imaginar isso. Ele estragou tudo, Charlie. Sem piedade. Ele simplesmente desistiu. Sem mais nem menos. Ficou difícil demais. Então minha mãe engravidou desse seu amigo aqui, e isso foi o fim dele. Ele nunca voltou. Faz anos que ele não bota os pés lá.

– É uma pena – digo, mas estou ligeiramente distraído. Balanço brevemente a cabeça. O mundo está se embaçando e se agitando ainda mais e há um som tribal na minha cabeça, que martela cada vez mais alto. Acho que estou encrencado. Olho distraidamente para baixo e tento me recompor. Mas minha vista continua se alterando de maneira esquisita e meu estômago está se revirando. Minha boca está pastosa. Não sinto os braços.

Confusamente, levanto-me e cambaleio, como se fosse conduzido por rédeas invisíveis. Então, é como um exorcismo. Aquele espírito horrível salta do meu corpo numa precipitação acre e molhada. Paro e descanso as mãos nos joelhos enquanto aquela merda desprezível continua contorcendo minhas entranhas. Ela

escorre pelos meus lábios enquanto gemo. E aprendo que uísque não tem um gosto melhor nem na saída.

E, então, estou simplesmente me curvando com a boca aberta. Não resta mais Black Bush para expulsar. Sinto a mão de Jasper nas minhas costas, morna e reconfortante.

– Você está bem, Charlie?

– Não. Acho que vou morrer – falo, confusamente.

– Quase – diz Jasper –, mas não vai. Aqui, beba isso.

Ele segura uma jarra com água. Balanço a cabeça.

– Não dá. Não consigo beber nada – digo.

– Você precisa beber, parceiro. Vai se sentir melhor. Vamos só um pouquinho.

Contra todos os meus instintos, agarro a jarra e bebo desajeitadamente. Tento me endireitar, erguer os ombros e assumir o controle, mas me roubaram o equilíbrio. Estou novamente agachado. Tentando respirar profundamente.

Então, me dou conta de que é provável que a água tenha sido apanhada na represa, no fundo da qual Laura Wishart permanece presa, pálida e mole. É impossível não pensar nela, oscilando como um anjo na água, seu cabelo se movendo lentamente. Sedoso e sinuoso. Tão rapidamente, imagino que bebi pintas e escamas casuais da sua pele, pedacinhos do seu corpo. Vomito instantaneamente, grunhindo como um animal.

Meus joelhos estão fracos, mas Jasper me firma. Ele me conduz ao local onde estávamos antes, ajuda-me a sentar e coloca a jarra ao meu lado. Estou ofegando e minha barriga dói, porém não estou mais vomitando. A rotação passou. Não estou tão tonto. Mas ainda me sinto como se tivesse levado uma surra por dentro. Eu me sinto fraco e constrangido.

Aperto os joelhos contra o peito. Conversamos um pouco mais, falando bobagem, embora eu ouça e grunha em acordo consideravelmente mais. Jasper quebra gravetos nas mãos e eu me concentro em fazer o mundo parar de girar como uma roleta.

Melhorou lentamente, mas minha língua ainda parece um molusco morto e minha barriga, ter sido torcida como uma esponja.

Somente quando Jasper se levanta, enrugo a testa, inclino a cabeça e vejo. Ali. Baixo. No tronco da árvore. Ele estivera o tempo todo com as costas ali, escondendo-o completamente. Prendo a respiração e me questiono. Duvidando dos meus olhos. Certifico-me de que não é uma aparição provocada pelo uísque. Ou que não vi aquilo antes.

Não. Não, eu teria notado.

O que significa, é claro, que alguém colocou aquilo ali. Recentemente. Meu peito se aperta.

– Jasper? – chamo, hesitante. E ele aparece, saindo do interior do oco na base da árvore.

– O quê?

E eu aponto, ele olha e fica claro que ele também não tinha visto, que não foi ele, que aquilo não foi produzido pelo *seu* sentimento de culpa. Jasper anda com urgência até o tronco da árvore. Ajoelha-se. Toca-o. Passa ligeiramente os dedos por cima. Junto-me a ele ali e examinamos cuidadosamente.

Não falamos, apenas absorvemos aquilo. Bem ali, entalhada na árvore. Uma palavra.

Desculpe.

•

Mal nos falamos enquanto caminhamos penosamente. Imagino que a mente de Jasper está se revirando e se agitando como a minha. Imagino o que ele está sentindo.

Cambaleio um pouco atrás, com as pernas pesadas e desobedientes. Minhas entranhas continuam sensíveis e delicadas. Estou cansado e enjoado, mas ainda rumorejo em torno daquela palavra.

Desculpe.

Jasper tem razão. Alguém *esteve* lá. Essa noite, talvez. Alguém conseguiu, alguém invadiu aquela clareira. Mais alguém conhece o lugar dele.

Não apenas isso, mas alguém, em alguma medida, confessou. *Desculpe*. Uma confissão de culpa entalhada naquela árvore. Gravada no seu corpo, como uma tatuagem. Uma palavra com tanto peso. Uma palavra que, agora, não pode ser retirada.

Penso em *como* foi escrita. Qual foi sua natureza e seu propósito? Para desafiar as equipes de buscas, para arriscar ser apanhado, a palavra foi entalhada com um forte sentimento. Teria sido remorso? Arrependimento? Raiva? E para quem era o pedido de desculpas? Laura Wishart? Sua família? Jasper Jones? Deus?

Uma coisa é certa: eles estão aqui. Quem quer que seja, ainda está em Corrigan.

Também significa que voltaram lá e não a encontraram. Sumira. Levada de onde fora deixada, todos os vestígios removidos. Pergunto-me se suspeitam da polícia. Ou, se sabem a respeito de Jasper Jones, se supõem que foi ele. Pergunto-me se isso significa problemas para Jasper. E, se sim, pode significar problemas para mim.

Nós nos aproximamos da casa de Mad Jack Lionel. As luzes estão apagadas e tudo está sinistramente silencioso. Poderia ter sido *realmente* ele? Esteve fora apenas entalhando suas apreensões? Jasper para novamente no portão, olhando para a casa sombria e distante na propriedade. Insisto para que ele continue andando. Ainda está escuro, mas não por muito tempo. Precisamos nos apressar.

Quando chegamos ao centro da cidade, fico surpreso e preocupado com a atividade. Jasper também, porque se vira para mim enquanto nos abaixamos e deslizamos atrás de um prédio para nos esquivarmos das luzes de dois veículos que se aproximam.

– É estranho, Charlie. Os carros de patrulha voltaram. E, desde a primeira noite, não circulam até tão tarde. Talvez tenham uma pista. Talvez tenham saído para fazer uma prisão.

Meu peito martela enquanto pressionamos as costas contra a parede.

– Você tem certeza? Podem ser pessoas voltando para casa, vindas do Sovereign. Talvez o hotel tenha encerrado o expediente – sussurro.

– Tenho certeza absoluta, parceiro. Mineradores de porre não dirigem tão devagar. E já vi esses carros antes. É uma patrulha, Charlie. Com certeza. Precisamos tomar cuidado, tudo bem?

Confirmo com a cabeça. Seguimos em frente. Caminhando tão silenciosa e atentamente quanto possível, perto de arbustos e prédios. Pegamos atalhos através de propriedades e de terrenos vazios, passando atrás de áreas cobertas. Minhas pernas ainda parecem chumbo, mas minha mente está um pouco mais aguçada e a visão, um pouco mais clara. Há um gosto azedo na minha boca. Meu suor parece oleoso. Anseio por chegar em casa. Preferia nunca ter saído.

A parte mais perigosa surge no cruzamento entre as ruas Simpson e Bourke, onde a patrulha de veículos surge sem que a ouvíssemos. Vendo as luzes, Jasper me empurra com a força para o chão e rolamos para uma vala de drenagem à margem da rua. Prendo a respiração enquanto a cortina branca passa. Permanecemos abaixados. Jasper muda de posição e vira-se para mim.

– Não entendo, Charlie. É muito estranho. Nunca houve carros circulando assim. Principalmente tão tarde. E normalmente não passam por aqui. Não sei o que está acontecendo. Mas a gente devia voltar correndo, com certeza.

– Não estamos longe. Estou a apenas algumas ruas – digo depressa, aflito.

Faço uma pausa quando estou prestes a falar mais. Quero sugerir que a gente se separe. Quero dizer a Jasper para me deixar ali e ir para sua casa o mais depressa possível. Sei que seria a melhor ideia. Mas não consigo. Embora eu saiba o que significaria se Jasper for apanhado. Mas não consigo. Não consigo. A ideia de ficar ali, por conta própria, me deixa apavorado. E me odeio por causa disso. Pareço um pedaço imundo de merda. Egoísta e covarde.

Jasper não tem a mesma intenção. Ele sorri e pisca para mim.

– A gente vai ficar bem.

No momento em que nos levantaríamos, Jasper aperta habilidosamente a palma da mão sobre minhas costas e me empurra com força para baixo enquanto outro carro passa. Dessa vez, ele se dirige à preguiçosa colina que se estende em direção à minha rua.

– Merda. Essa foi por pouco – digo.

– Vamos, depressa. Vamos ficar desse lado – cochicha Jasper. Corremos abaixados, o mais suavemente possível. Cascalho e gravetos estalam sob nossos pés, o que, no tenso ar quente, soa tão alto quanto fogos de artifício. Felizmente, nenhum outro carro nos ameaça enquanto seguimos para a minha rua. Viramos a esquina. É praticamente uma sensação de triunfo.

Então, nós avistamos. Ambos paramos abruptamente.

Jasper xinga e afasta-se imediatamente, furtivo, e eu volto na sua direção. Ele agarra meu braço. Segura-me com firmeza. Ele me mantém onde estou. Eles não nos viram. Ainda.

– Charlie, não diga nada. *Nada*. Entendeu?

Concordo rapidamente com a cabeça. Engulo pesadamente.

– Mas o que eu faço? O que eu faço? – sussurro, em pânico. Meus olhos ardem.

– Continue andando. Invente qualquer coisa. Mas não diga *nada* sobre mim. Você vai ficar bem, Charlie. Está tudo bem, parceiro. Eles não vão desconfiar. Você não fez nada errado.

Expiro com força. Olho para a rua. Então, viro-me de costas. Não há escolha. Ele não pode seguir adiante comigo.

– Você tem de ir, Jasper. Depressa! Precisa dar o fora daqui.

Ele já está se afastando.

– Escute, eu voltarei em breve. Lembre-se: não diga nada. Boa sorte, parceiro.

E ele escapole.

Estou com um puta medo. O veneno goteja no meu peito e se apodera dele.

Estou numa verdadeira enrascada.

Olho para a rua, para a cena que me confronta. A cena que eu temia. Ali, iluminadas pelo brilho das fracas luzes cor de pêssego da nossa varanda, estão duas viaturas da polícia, dispostas em ângulo sobre nosso gramado. Outros dois carros estão atravessados na rua, com as luzes também acesas. E algumas pessoas estão paradas na frente. Reconheço nossos vizinhos. E An Lu, parado cautelosamente ao lado, com as mãos nas costas. Não sei por que, mas ver sua figura tranquila, digna, subitamente me constrange. Então, há minha mãe. Alguém a segura pelos ombros, inclinando seu corpo de maneira a confortá-la. Meu pai está acompanhado de um grupo de homens no nosso gramado. Ele assente e mexe no queixo.

Sou um morto ambulante. Paro. Não dá para escapar. Meu coração está acelerado. O tijolo voltou, e mais pesado do que nunca. É uma massa disforme de ferro fundido. Frio. Quero fugir. Ir sorratamente por trás, talvez, depois sair pela frente e perguntar que rebuliço é aquele. Mas não posso. É tarde demais. Tenho de ser corajoso. Tenho de caminhar diretamente para eles. Tenho de suportar isso como homem.

Mas estou prestes a ser esfolado vivo. Estou prestes a levar uma surra com tacos. Estou prestes a ser estripado. Nunca estive numa enrascada como essa.

E, assim que avanço, sou iluminado por trás, por um farol. Sinto um choque e congelo. Fui pego, culpado, coberto de branco. Mãos vermelhas. Rosto vermelho. É isso. É o momento. E é como num sonho, surreal, mas nada como eu imaginei. Minhas orelhas recuam como num animal amedrontado. É um carro de patrulha. E, antes que eu consiga pensar em reagir, a buzina dele soa, perfurando a noite. Vejo as pessoas que estão no meu gramado se virarem imediatamente na minha direção. Ouço a porta do carro bater atrás de mim. Meu primeiro pensamento é a esperança distante de que Jasper tenha conseguido fugir sem ser visto. Então, vejo minha mãe romper o frouxo abraço e correr confusamente para mim. Ela grita meu nome de uma forma que atravessa meu corpo e faz minha espinha se retesar. Ela está soluçando. Seu cabelo está bagunçado e suas roupas, bagunçadas. Os seios quicam e seu rosto se enruga enquanto ela corre para onde estou. Sequer noto o homem agarrando meus braços. Mas noto minha mãe se ajoelhar e bater no meu peito. E depois apertar meu rosto com força.

– Charlie! Nós estávamos com tanto medo! Com tanto *medo!* Onde você *esteve?* – Seu rosto está úmido e brilhante. Sua maquiagem escorre em colunas negras pelas faces, uma sombra das suas lágrimas. Ela segura minha cabeça e agita-a.

Agora entendo a verdadeira gravidade de estar desaparecido. De sumir. Agora sinto o gosto do que a ausência pode provocar. O nó furioso e retesado do desconhecimento.

Por algum motivo, minha mente se afasta e penso no outro lado da cidade. Penso em Eliza Wishart, que não sabe onde está sua irmã, vivendo com aquele botão de pânico no peito. E pensar que posso acabar com isso me magoa como nada jamais o fez.

E penso em Laura. A alma pesada. Tão horrivelmente vívida na minha mente. E penso naquela única palavra de remissão, de admissão e de arrependimento, tatuada no eucalipto de onde ela não pende mais. *Desculpe*. Olho para o rosto da minha mãe e tudo no que consigo pensar é em Laura, em Jasper e nos planos deles

para deixar essa cidade, recomeçar na cidade grande, aproveitar e viver bem e juntos. E acho que é uma grande *pena*. Ninguém merece que seus sonhos terminem assim. Então, penso na Sra. Lu e penso em Jeffrey, conduzindo-a para fora do salão apenas poucas horas atrás. E é demais. Decididamente demais. Toda essa mistura horrível de tristeza. E tudo transborda para fora de mim. A princípio, como um gaguejar, e então estou como minha mãe. A coisa toda me alcança. Desabo e choro. No pior dos momentos, quando estou à luz dos refletores e no centro do palco, quando toda a Corrigan olha para mim, eu choro como uma menina. E não consigo parar. Minha mãe aninha minha cabeça bruscamente. Ela cheira a vinho, a perfume e a algo azedo e suado. Não consigo distinguir. Meus ombros tremem. Ainda bem que Jasper se foi. Se ele estivesse aqui, eu morreria.

Pensar nele finalmente permite que eu endireite um pouco as costas. Fungo e consigo obter algum controle. Olho para nossa varanda, para aquela luz suave. Tenho de ser forte o bastante para enfrentar as perguntas deles.

Minha mãe agarra meu cabelo e me sacode novamente, falando vigorosamente por entre os dentes.

– Seu garoto estúpido, *estúpido!* Todos estavam com tanto medo. Todos estavam com tanto *medo*, Charlie. Aonde você foi? Onde você esteve? O que *aconteceu?*

A essa altura, meu pai e uma parte substancial da vizinhança já nos cercou. Sinto-me tão constrangido. Por tudo. Todos eles falando em volta de mim e sobre mim, como se eu nem estivesse aqui. Como se eu fosse uma criança idiota. Suas repreensões brandas e preocupações fajutas me deixam subitamente irritado. É como se eu estivesse cercado por pais cacarejadores. Quero chutar suas canelas, mandá-los à merda e correr para o meu quarto. Eles não sabem o que eu sei. As luzes atrás de mim atraíram insetos. Afasto algo do meu rosto com um tapa. Algum idiota se ajoelha, me agarra por baixo do queixo e coloca a palma no topo da minha

cabeça. É Keith Tostling. Ele inspeciona meu rosto, particularmente meus olhos. Como se fosse a porra de um médico, o que ele não é. Não sei quem ele está enganando ou impressionando, porque todo mundo sabe que ele vive de tosquiar ovelhas. Eu me agito para me livrar dele e dou um passo para trás, trombando com o homem que segurava meus ombros. Acidentalmente, piso no seu pé.

– Ohhh, calma, camarada.

Finalmente, meu pai abre caminho e coloca a mão no meu ombro. Ele faz aquela coisa de passar o polegar pelo meu topete. Nunca o amei tanto quanto agora.

O sargento inclina-se na direção do meu pai e diz que eles gostariam de falar comigo. Meu pai assente.

– É claro.

Entramos em casa. Ele me olha de modo estranho. Não consigo interpretar sua expressão. Confuso e preocupado, talvez. Ele não diz uma palavra.

Olho adiante, para An Lu, que está retornando para sua casa. As mãos nas costas, o queixo no peito. Imagino em que está pensando. Há algo na sua postura que me convence de que ele está fazendo um péssimo julgamento de mim. Sinto-me tão envergonhado. Sinto como se todos nessa cidade estivessem decepcionados comigo.

E é então que eu tomo a decisão, com a mão do meu pai nas minhas costas. Quando Jasper Jones for embora, quando ele deixar a cidade, depois que essa confusão terminar, eu irei com ele. Também vou embora. Deixarei Corrigan para trás. Para sempre.

Não fui assassinado.

Mas fui torturado. Fui jogado no buraco. Eles me mantiveram preso no meu quarto até essa manhã. Eu deveria ficar até depois do ano-novo, mas, após um breve interrogatório, fui agraciado com uma condicional por bom comportamento.

É o dia seguinte ao Boxing Day e início do campeonato de críquete do Countryweek. Jeffrey foi convocado como o décimo segundo jogador, mas não foi uma súbita admissão da sua capacidade: eles simplesmente precisam de alguém que resolva coisas simples sem reclamar. Pelo mesmo motivo, o time de seniores sempre dá uma camisa para Neville Schank, uma tragédia do críquete que tem síndrome de Down e executa pequenos serviços com orgulho e entusiasmo. Assim como Neville, Jeffrey é a personificação da empolgação. Ele veio aqui duas vezes essa manhã, com seu uniforme branco duro por causa da goma, implorando para que eu fosse ao campo. Em ambas as vezes, tive de lembrar a ele que estava de castigo. Mas, para minha surpresa, meus pais se apiedaram e me liberaram. Meu purgatório terminou. Posso sair ao sol. Foram duas longas semanas.

Naquela noite, depois que entramos em casa, eu esperava ser surrado até a morte. Em vez disso, nossa sala de estar se encheu de uma preocupação tensa e cautelosa. A casa cheirava a gordura de carneiro e a molho frio de carne. Ainda me sentia enjoado e embriagado, mas sóbrio o bastante para agir corretamente. A polícia ficou – dois tiras locais e um da cidade, que usava um terno

cinzento e boné. Minha mãe estava empoleirada na beira do nosso sofá. Ela havia chegado em casa e notado que meu abajur continuava aceso. Depois de bater na minha porta e não obter resposta, ela entrou e encontrou o quarto vazio e as ripas de vidro empilhadas debaixo do lençol. Então, ela entrou em pânico.

Meu pai ficou parado na porta da cozinha, observando, enquanto me faziam perguntas. Perguntaram-me se estive com Jasper Jones.

Fiquei apavorado, mas algo me tomou. Descubri um dom para mentiras. Olhei bem para eles e lhes ofereci a melhor história que consegui imaginar. Foi como se abrisse minha mala e começasse a tecer uma história na minha escrivania. Costurando entre o factual e o fictício. Foi factício. E Jeffrey tinha razão: tudo estava em como se fala. Eu os tinha na mão. Eu os enrolei. Todos assentiam, como se fosse verdade, anotando num bloco amarelo.

Comecei falando sobre Eliza Wishart.

Enrubescendo, contei-lhes que gostava muito dela. Disse-lhes que não consegui dormir naquela noite. Estava perturbado por pensamentos sobre ela, preocupado e sozinho. Disse-lhes que pensei nela, deitada e acordada também, imaginando onde estava sua irmã e se ela estava bem. Não consegui aguentar mais. Disse-lhes que tudo o que eu queria era consolá-la, porque sabia que ela estava triste. Por isso, fugi com a intenção de ir à casa dela, apenas para conversarmos, apenas para ver se ela estava bem. Para minha surpresa, eles concordaram com a cabeça, engolindo aquilo. Mais confiante, continuei com a mentira, dizendo que fui vê-la antes, no dia que eu disse ter ido à biblioteca, mas que, na ocasião, fiquei constrangido demais para admitir. Imaginei que essa declaração poderia dar crédito à mentira se eles a investigassem, já que a mãe de Eliza me viu com ela naquele dia.

Também disse que fracassei em ir até a casa dela naquela noite. Assim que notei os carros de patrulha, parei e me escondi no jardim de uma casa próxima. Não queria me encrencar, por isso demorei a voltar, pegando o caminho mais longo e esperando chegar sem ser

visto. Em nenhum momento pensei que aquelas viaturas estavam atrás de mim. O que era verdade.

Fiquei aliviado ao erguer os olhos e perceber que todos engoliram aquilo tudo. Jasper Jones estava livre. Laura Wishart continuava perdida. O policial da cidade fechou ruidosamente seu bloco de anotações. Eles assentiram entre si.

Então, o sargento se abaixou e falou comigo como falaria com Neville Schank. Lento, oficial e paternalista, com o que, considerando a situação, fiquei mais do que feliz. Ele me disse que eu era um garoto de sorte. Que Corrigan não era tão segura quanto antes. Que eu não podia simplesmente sair sozinho à noite para perambular. As ruas estavam perigosas. Disse que, embora minha intenção tivesse sido admirável, foi errado e imprudente sair sozinho. Que eu deveria ter usado o telefone ou ter ido visitá-la durante o dia, com a permissão dos meus pais. Ele deu uma piscada e lembrou-me de que *Romeu e Julieta* não tiveram um final feliz. Mas, se algum deles tivesse usado um pouco de bom senso e pensado com clareza, poderiam ter ficado bem.

O sargento podia ser um filisteu, e talvez seu conselho fosse banal e sem sentido, mas havia algo consolador no seu corpo largo e no seu tom de voz cheio de certeza. E, olhando de relance para minha mãe, que parecia uma cobra pronta para atacar, quase desejei que ele não fosse embora.

Endireitando o corpo, ele sorriu e bagunçou meu cabelo.

– Ele é um bom garoto – disse ele aos meus pais, piscando novamente para mim, como se ele estivesse ali para avaliar meu caráter. Então, assentiu mais uma vez e apanhou seu chapéu.

Lembro-me de pensar que, se não tivesse visto os cortes e os hematomas no rosto de Jasper, não teria imaginado nem por um segundo que aquele corpulento tira paternal era capaz de encarcerar um garoto inocente, sem acusação formal, e espancá-lo. Se Jasper Jones não tivesse me mostrado, poucas horas antes, as queimaduras feitas com cigarros em seus ombros, se eu não tivesse

tocado com as pontas dos dedos suas manchas feias e rosadas, eu não teria desconfiado de que aquele homem era um monstro. Meu lábio superior não teria se contraído quando ele se virou e saiu.

E ele jamais imaginaria que fui parcialmente responsável por jogar silenciosamente o corpo de Laura no fundo de uma represa serena. Ele jamais estreitaria os olhos e suspeitaria que sou um amigo leal e um aliado de Jasper Jones, o pobre desgraçado que toda a sua vida foi vítima de tais suposições.

Após saírem, a sala pareceu vazia e quente. Sentei-me, com a cabeça abaixada. Juntei as pontas dos dedos e esperei.

Então, começou.

Primeiro, minha mãe se levantou, apontou para mim e disse que eu estava de castigo até depois do ano-novo. Não deveria sair da sua vista por um segundo. Dessa vez, não respondi. Não reclamei. Sua voz era comedidamente acusadora.

Tudo começou civilizadamente e, de repente, estourou. O estranho foi que eu praticamente estava fora da briga. Minha mãe estava furiosa, mas não comigo. Ela começou, pior do que nunca, a berrar com meu pai. Ela gesticulava loucamente, chorando e jogando coisas. Fiquei sentado, aturdido. Ela o chamou de pai ruim, de marido inútil. Acusou-o de não cuidar de mim nem dela, de ninguém além de si mesmo. Disse que ele se trancava, noite após noite, no quarto do bebê, sem dar a mínima para o que ela ou eu sentíamos. Disse que ele se mantinha tão distante e absorto que seu próprio filho podia sair no meio da noite e ele nem saberia. Perguntou-lhe que tipo de *homem* ele achava que era. Perguntou-lhe o que achava sobre seu filho crescer com um pai que não amava sua família. Manteve os braços na minha direção, como se eu fosse um objeto de arte em exposição, e disse que não era uma surpresa que eu fosse tão insolente e desobediente e que provavelmente eu estava apenas buscando a atenção dele.

Fiquei sentado ali, com a testa enrugada. Em parte, minha mãe podia estar culpando meu pai por não me ouvir fugir, mas, na

verdade, parecia apenas uma oportunidade de vingança, de alguns disparos a esmo. Fiquei chocado com a injustiça, aturdido com a cena. Senti-me terrivelmente culpado e com muita pena do meu pai, por saber que fui eu quem lhe causou aquilo. A culpa era realmente minha. Quis interceder, gritar e dizer que ela estava errada, mas uma parte esperta de mim ficou aliviada por não ser o *meu* rabo que estava na reta.

Meu pai, em todo caso, parecia perplexo. Ele simplesmente permaneceu no vão da porta, impassível, encostado no caixilho. Não rebateu nada e aceitou tudo. Olhava para ela daquele modo levemente curioso e decepcionado, a mesma expressão com a qual me recebeu.

Ainda assim, eu queria que ele se ligasse. Queria que ele se aproximasse com um olhar ardente e penetrante. Queria que ele apresentasse seu caso. Firme e imparcialmente. Dizer-lhe que ela não sabia do que estava falando. Queria que ele se ressentisse por ela questionar sua afeição e sua lealdade. Mas ele não o fez. Engoliu tudo. E ela se safou após dizer todas aquelas coisas horríveis. E, novamente, fui deixado para imaginar se ele, alguma vez, lutaria pelo que acreditava ser certo.

Perto do fim, ela estava histérica, minha mãe. Descontrolada. Culpava Corrigan por tudo. A cidade estava causando danos à sua família. Não era segura. Disse que precisávamos ir embora, recomeçar em outro lugar. Então, entendi. Eu sabia o que ela estava fazendo.

E talvez meu pai também soubesse. Finalmente, ele se desencostou do vão da porta e ficou ereto. Ele estava tão calmo.

– Ruth, há coisas nesse mundo que você acha que eu não sei, mas eu sei. Por enquanto, acho que está na hora de você ir dormir. Você também, Charlie.

– Não comece agora a dizer a ele o que fazer! Nem a mim!

Meu pai apenas suspirou e fechou os olhos. Olhou para baixo e para mim.

– Você não deveria ter ouvido isso, Charlie. Mas nós conversaremos depois. Estou muito zangado com você.

– Ah, vão conversar depois! – Minha mãe se balançava, vacilante, sobre seus pés. Imaginei se ela tinha bebido tanto quanto eu. – Você vai falar pelas minhas costas e botar toda a culpa em mim! Eu *sei* o que você vai dizer a ele.

Então, ela gritou, frustrada. A palavra final. E disparou para o quarto deles, batendo a porta com força.

– Vá dormir – disse meu pai, simplesmente.

Concordei com a cabeça e saí. Ele parecia apenas triste e cansado. Eu suspirei. A coisa toda tinha dado merda.

•

Foram duas semanas estranhas no purgatório. Eu vasculhava os jornais em busca de notícias sobre Laura, mas as colunas se afinavam e encurtavam até desaparecerem. Ainda assim, coisas horríveis atraíram meus olhos. Acompanhei o caso Baniszewski. Li sobre um casal medonho na Inglaterra, que foi preso e acusado de matar crianças e enterrá-las nos pântanos de Yorkshire. Eles até fotografavam seus crimes. Li sobre *como* isso aconteceu e *como* aquilo aconteceu, mas nunca consegui encontrar o *por quê*. Por que alguma coisa assim precisava acontecer, por que aquelas pessoas fizeram o que fizeram. Mas os jornais pareciam sacudir os ombros para mim, contentes em afirmar que algumas pessoas simplesmente nascem depravadas.

Enquanto todos os garotos tinham permissão para sair novamente, eu podia apenas cuidar de tarefas no quintal. Mas li vários livros. Eles não podiam me proibir de visitar aqueles mundos. Meu favorito foi *Um estranho no ninho*. Achei lindo. Li duas vezes. Gostei demais de McMurphy. Lembrou-me Jasper Jones. Fez com que eu sentisse falta da sua companhia.

É claro que eu sentia mais saudades de Eliza. Frequentemente, devaneava sobre esperá-la na frente da livraria. Um encontro casual, para que eu pudesse vê-la e cheirá-la, perguntar como estava, conversar com ela sobre livros e arte.

Meu pai comprou um monte de livros novos quando fomos à cidade, no Natal. Folheei todos e levei alguns para o meu quarto. Ele não me impediu. Também não perguntou por eles depois. Na pilha, havia um livro novo de Truman Capote. Tentei lê-lo, mas não consegui. Simplesmente não consegui. Todas as vezes que o abria, sentia como se insetos rastejassem sobre meu couro cabeludo e descessem pelo meu pescoço.

A maior parte do tempo, passei escrevendo. Quase obsessivamente. Todos os dias e todas as noites. Era o que me fazia companhia. Juntamente com a leitura, era o que me tirava de casa sem que eles conseguissem me deter na porta.

Isso, porém, só parecia funcionar enquanto eu estava em atividade. Um pouco como espremer uma esponja num balde cheio de água: assim que você afrouxa o aperto, ela volta a se encher.

Às vezes, assim que eu pousava a caneta, exausto, fechava os olhos e me encontrava no meu salão de baile de Manhattan, suavemente iluminado. O braço de Eliza junto ao meu, um anel de noivado absurdamente grande adornando seu dedo enluvado. Navegávamos pela pista, assentindo aos eventuais conhecidos e recebendo os respeitosos acenos de mão da imprensa, com seus pedidos inoportunos por fotos exclusivas sendo recusados educadamente. Parávamos atrás de um grupo de homens bem-vestidos, ouvindo sua conversa. Eliza sorria timidamente, pois eles estavam comentando meu último romance. Um homem com ombros largos, de costas para mim, enaltecia minha obra. Eu ruborizava e tentava seguir adiante, mas o homem barbudo dava meia-volta, com as sobrancelhas erguidas. E era Ernest Hemingway. Tínhamos a mesma altura e a mesma cor dos olhos, e ele inclinava a cabeça respeitosa.

“Papá”, eu diria e, então, sorriria. Ele bateria as mãos nos meus ombros, correria o polegar pelo meu topete e me diria quão orgulhoso estava.

•

Meus chinelos novos estão ferindo meus dedos, mas não ligo. Estou feliz demais por ter aonde ir. E é uma sensação boa finalmente ter abandonado as sandálias afeminadas. Mantenho o rosto para fora da janela do carro, como um cachorro, sugando o ar quente e a liberdade. Estou vestindo minha nova camisa xadrez. Sinto-me limpo, revigorado e novo. Animado por estar fora de casa.

Olho à direita. Meu pai dirige com o braço apoiado na janela, cantarolando uma música. Nós nunca discutimos a noite em que fui pego na rua, mas seu comportamento em relação a mim mudou. Não sei. Talvez ele esteja um pouco mais duro, um pouco distante, um pouco menos clemente. Alguma coisa se afastou. Pergunto-me se ele ainda está zangado. Mas então me pergunto se ele pensa que *eu* estou me afastando e se me deixa ir. Pergunto-me, então, se isso é ser tratado como um adulto.

Saio do carro. Parte de mim deseja que ele pisque e passe o polegar pelo meu topete, mas ele não o faz. Afasto-me, curto aceno. O jogo já começou. Carros circundam o campo oval como um colar de pedras não polidas. Deve haver mais de cem pessoas assistindo ao jogo.

Desço o pequeno declive para o campo e, de repente, paro. Mal consigo acreditar. É ele? Forço a vista. É, sim. É Jeffrey. Ele está no campo. Perto da linha, mas está realmente jogando. Está mesmo.

Ando rapidamente. Meus joelhos solavancam enquanto corro. Vejo os jogadores pararem ao fim de uma série de arremessos, e Jeffrey parte numa linha reta até a extremidade mais distante do campo. Fazem com que ele corra toda a extensão do campo, de

uma posição até a outra do rebatedor. Ao partir, ele me vê e abre um sorriso. Acena para que eu passe para o outro lado. Ele corre com o queixo erguido e as costas eretas, batendo palmas de incentivo enquanto passa pelo meio do campo. Ele está radiante quando o alcanço. Meu coração está acelerado.

– Chuck, você *não* vai acreditar! – Ele aponta para mim com ambas as mãos imitando pistolas.

Então, vira-se subitamente e entra no campo, firme e concentrado, quando a bola é arremessada. Ela desliza para o apanhador. Ele se vira, novamente animado.

– Adivinhe quem se deu bem e está jogando *oficialmente* nessa partida?

– *O quê?*

Jeffrey sorri, gira os polegares na direção do seu pequeno peito e diz:

– Esse cara aqui!

– Não!

– Sim! É inacreditável, Chuck! Estou dentro.

– Dentro? Como?

– Jim Quincy! Ele está fora!

– O que você quer dizer com *fora*? Como?

– Fora! Fora do jogo! Começamos o aquecimento e, então, de repente, ele desabou como um balde cheio de merda! Soubemos depois que é o apêndice! Levaram o cara correndo para o hospital e ele precisa tirar aquilo!

– Fora?

– Fora, Chuck!

– Então você está entre os onze? Oficialmente, *oficialmente*?

– É, isso. Eles entregaram a lista do time e não podiam chamar ninguém. Por isso, estou jogando! O pessoal ficou *puto*, Chuck. Você precisava ter visto. Todos aqueles pais se aglomerando em volta dos juízes e dos treinadores e tentando incluir alguém. Mas os

juízes não arredaram o pé. Palmas para o protocolo! Bang! É a estreia de Jeffrey Lu!

Entre os arremessos, ele luta boxe com a própria sombra. Sua empolgação é contagiante.

– Não acredito. Você acha que vão deixar você arremessar?

– Não sei! – Jeffrey sorri. – Eles seriam praticamente uns retardados se *não* deixassem. Eu deveria ser o capitão do time. Esse campo é a *essência* da estupidez. Dá uma olhada! É um absurdo. É preciso um terceiro interceptador para aquele cara. É um convite para o batedor. Olhe para ele. É um lixo. Está todo errado. Ele não acertaria o traseiro de uma vaca com um banjo.

– Acertar quem com o quê?

Mas é novamente o fim de uma série de arremessos, e Jeffrey sai correndo. Sento-me no limite do campo e o observo. Estou aflito por ele.

Examino o outro lado do campo, analisando a atividade. Parece gente demais para um jogo júnior do Countryweek. É estranho. Há aglomerados e filas de pessoas dentro e em volta do pavilhão. Vejo membros do conselho municipal andando por ali, metidos em ternos, as costas eretas pela presunção e pela posição. Parecem firmes e orgulhosos. Há mesas dobráveis cobertas com comidas e bebidas, e mulheres, atrás delas, se agitam e tagarelam. Perto, um tecido preso entre estacas ostenta o emblema e o credo da cidade. A bandeira australiana pende frouxamente sobre a sede do clube.

Imagino o que motivou essa movimentação. Sei que jogamos contra Blackburn, um condado vizinho, o que torna o jogo cheio de ressentimentos. Mas, ainda assim, parece muita coisa para um evento relativamente pequeno. Pergunto a Jeffrey quando ele volta, com um andar afetado.

– É, sei lá – diz ele, dando de ombros. – Com certeza é coisa de veado, Charles. Como você.

– Você é um idiota.

– *Você* é um idiota.

Jeffrey anda adiante, agachado, e volta relaxado.

– Mas foi muito esquisito antes do jogo – começa ele. – Um dos conselheiros municipais falou a todos os jogadores como se ele fosse a porra do Winston Churchill ou sei lá quem, falando quão grande é Corrigan, como nossa história é rica e como nossas tradições são altivas, essa besteira toda. Eu não sabia o que estava acontecendo. Mas, ao final, as pessoas aplaudiram. Algumas mulheres chegaram a chorar e enxugaram o rosto com lenços. Foi uma loucura.

– Isso é estranho – digo.

– Seres humanos, Chuck. Nunca se sabe o que farão. A não ser esse batedor. Observe. Aposto como ele vai jogar a próxima bola por cima. Ele empatou nas três séries, está impaciente, é um lixo e segura o taco bem embaixo.

Dito e feito: a bola seguinte voou alto por cima do *wicket* central, quicou e ultrapassou a linha.

– Não falei? – diz Jeffrey, com as mãos nas costas. – Uma tacada de sorte. Mas a gente logo alcança esse cara. Ele vai mandar uma bola para o espaço. Ou para fora. Pode esperar. Eu sou o maior cérebro no jogo, Chuck. Sou praticamente um vidente.

– É mesmo? Você sabe no que estou pensando?

– Humm. Deixa eu ver. Sim. Sim, acho que sei. Você está maravilhado com minha mente criquética e não apenas sou *lindo* como tenho talentos incomparáveis em todos os aspectos do jogo.

– É. Uau. Na verdade, você chegou bem perto do *oposto* do que estou pensando.

– Ah, então você está pensando em si mesmo?

Não tenho resposta. O desgraçado me pegou. Ele ri.

Passam-se mais algumas séries de arremessos. Uma partida comum. Jeffrey apelidou o batedor cada vez mais frustrado como Macaco-Aranha, porque não consegue parar de se balançar. Ele começa a agitar o taco, procurando rebater a bola além do centro do campo, mas está sendo obstruído.

– Não vai demorar muito – diz Jeffrey.

E ele está certo. Na bola seguinte, a multidão contém o fôlego. Exatamente como Jeffrey previu, outro golpe violento através da linha produz um lance em que é quase impossível pegar a bola. Ela voa alto. Jeffrey se prepara para pegá-la exatamente quando percebo que essa é sua chance. Ele pode chegar. Jeffrey tem ritmo. Ele corre na direção dela, suas perninhas são como pistões. Todos observam. O mundo parou para aquele momento. Essa poderá ser a maior jogada de todos os tempos. Meu coração está na boca. Não sei se ele consegue. A bola descreve um arco e desce. Minha cabeça se vira para cima e para baixo. Ela cairá dentro dos limites. Jeffrey Lu salta e dá o bote. No alto, ele apanha a bola. Será que apanhou? Dou um salto. Acho que Sim! *Não!* Ela escorrega das suas mãos quando ele aterrissa. A bola desliza além da linha. São quatro pontos. Ele tinha a bola. Ele *tinha* a bola! Daqui, posso ouvir a decepção da multidão. Jeffrey não perde tempo. Corre atrás dela e joga-a de volta por cima das varetas.

Ao primeiro erro, Warwick Trent está furioso. Ele arranca o boné, arremessa-o no chão e chuta-o, como o enorme babaca petulante que é.

– Você *me* ferra, congue! – grita ele para Jeffrey, que corre de volta para onde estou, com uma mancha de grama embaixo do joelho. – Você é *inútil*. Mandei você ficar perto da *linha*! Agora *fique* lá! *Porra!*

Ele late e gesticula. Como se Jeffrey fosse um cão pastor desobediente. Então, ele se vira, com os braços cruzados e sacudindo a cabeça.

– Era difícil – digo, cautelosamente.

– É. Droga! – Jeffrey corre até seu lugar, contorcendo o rosto. Ele soca a palma da mão. – Eu *tinha* a bola, Chuck. Ela simplesmente escorregou.

– Teria sido uma jogada e tanto. – Tento sorrir, mas estou muito decepcionado por ele.

– Eu sei. Eu estava tão perto. Eu *tinha* a bola. – Jeffrey ergue a mão, como se ela o tivesse traído. – E esse cara, Trent, só pode ser clinicamente *retardado* se acha que me mandou ficar perto da linha. Ele me disse o *oposto*, aquela porra de *gorila* inchado. *Eu* fiquei perto da linha porque sabia o que aconteceria. Se eu tivesse ido para onde *ele* me colocou, eu não teria nem tocado na bola. – Jeffrey põe as mãos nos quadris.

– Eu não diria apenas clinicamente retardado. Tenho certeza de que teve uma morte cerebral oficial. Ou foi totalmente lobotomizado. Sabe? Como as baratas ainda conseguem viver por algum tempo sem a cabeça? Acho que com ele aconteceu coisa parecida.

– Galinhas também.

– Certo. Galinhas.

– Dizem que na aldeia da minha mãe houve uma galinha que viveu um ano inteiro depois de cortarem a cabeça dela com um machado. Eu já tinha te contado isso?

– Impossível – digo.

– Está chamando minha mãe de mentirosa?

– Não. Estou chamando *você* de mentiroso. Não posso confiar em *você* . Aliás, como ela está? – pergunto, após uma pausa.

– É, sabe como é, está bem. *Você* devia ter visto quando a bolha no pescoço dela estourou. Nojento, Chuck. Tudo cor-de-rosa e úmido. Agora ela está legal. Mas é meu pai quem está um pouco mal. Ele anda calado e esquisito. Mais do que o normal.

– Sérioo? Por causa da guerra e tudo o mais?

– Não, não é isso. Acho que algumas pessoas foram demitidas da mina antes do Natal e, apesar de não ter absolutamente nada a ver com ele, andam importunando meu pai o tempo todo, porque ele foi o único que teve permissão para morar aqui por causa de um contrato com a mina, blá-blá-blá. Como se ele fosse um vilão do James Bond e tudo fosse parte do seu plano para dominar o mundo.

Estou prestes a responder quando uma bola certeira passa sob o taco do Macaco-Aranha, derrubando suas varetas. A multidão vibra, e Jeffrey salta para comemorar. Sento-me enquanto bebidas são trazidas para o campo. Observo Jeffrey parado, separado, bebendo num copo plástico enquanto o resto do time forma um círculo que o exclui.

Não voltamos a falar sobre An Lu. Durante o resto dos turnos, falamos coisas desconexas e divagamos, como sempre. Jeffrey me pergunta se eu preferiria usar um chapéu feito de aranhas ou ter pênis no lugar dos dedos. Após um demorado preâmbulo, que explicita que as aranhas são venenosas e vivas, escolho os dedos de pênis. Jeffrey então sugere que talvez existam insetos que se entoqueem no seu cérebro através do canal auditivo e dominem sua consciência.

– Foi o que aconteceu com você? – pergunto-lhe.

Jeffrey não comenta por estarmos no final de uma série de arremessos. Quando volta, ele estala os dedos e aponta.

– Tenho uma para você, Chuck. Agora. Pense com cuidado. O besouro rola-bosta inventou a roda?

– Proposição interessante – admito. – Embora, tecnicamente, uma bola de bosta seja uma esfera, e uma esfera não é uma roda.

– Então, na verdade, a questão é se uma esfera é uma roda – diz Jeffrey, com o dedo na bochecha.

– Não, a questão é quem veio primeiro: o besouro ou o *Cheeses*?

Jeffrey ri.

– Está dizendo que *Cheeses* Cristo inventou a roda?

– Apenas a enorme roda em que você está nesse exato momento. Uma roda que chamamos de Terra. Ele também criou o queijo. Não literalmente, é claro, mas é um símbolo de respeito. Leve um pedaço de queijo ao Vaticano e veja se eles não se curvam e babam em reverência. Mas precisa que ser queijo suíço.

– Por quê?

– Porque é a Guarda Suíça que toma conta do Papa.

– Ah, não *fode!* – geme Jeffrey, saindo apressado ao fim de outra série de arremessos.

A animação diminui à medida que a partida prossegue. Blackburn começa a pontuar bem com a antiga bola, virando o jogo sem muito esforço, e demonstrando seu controle com eventuais rebatidas até o limite do campo. É óbvio que Corrigan deveria fazer lançamentos com efeito para tentar segurá-los, mas não importa o quanto Jeffrey aqueça os braços, para sugerir que está pronto e disposto, Warwick Trent não cede. Aliás, faltando seis séries de arremessos, o merda nojento resolve lançar uma série de bolas quicadas rapidinhas, que são devidamente despachadas para as cordas que marcam os limites do campo. Balanço a cabeça, irritado e decepcionado. Aquela era a chance de Jeffrey. Ele poderia ter deixado sua marca. Ele entrou no time por sorte, e eles sequer vão usá-lo. Daria no mesmo se ele carregasse as bebidas.

E, assim, no final dos primeiros turnos, Corrigan se vê com um problema. Posso sentir minha pele se bronzear. Os jogadores começam a arrastar os pés em direção ao pavilhão, sabendo que terão muito trabalho.

– Ei, me avise onde você vai rebater – peço, mesmo sabendo exatamente para onde ele será mandado.

– Pode deixar – diz Jeffrey, antes de se afastar. Então, ele olha por cima do meu ombro e sorri. – Ei, me avise onde *você* vai rebater.

– O que isso *significa?* – pergunto e, então, sigo seu olhar.

Eliza Wishart está sentada no alto do morro atrás de mim, à sombra de uma figueira da baía de Moreton. Ela me dá um pequeno sorriso e um aceno, que retribuo. Merda. Tomara que ela não tenha ouvido nossas besteiras. Subitamente, sinto-me como se pesasse duas vezes mais do que Warwick Trent. Volto-me para encarar Jeffrey.

Ele sorri.

– Hora da sacanagem, Chuck! – Ele dá uma gargalhada e corre, tendo as pernas como estacas.

– Boa sorte – murmuro atrás dele. Depois, me viro lentamente.

Tento me recompor. Olho para baixo. Não tenho certeza se minhas pernas me levarão morro acima. Estou despreparado. Estou em pânico. Preciso pensar numa abordagem inteligente.

No fim das contas, sou impelido após avistar uma abelha atrás de mim. Dou passos íngremes em direção a Eliza, enxugando o suor na testa. A sensação é que todo o meu corpo afundou para encher os pés, deixando minha cabeça completamente vazia.

– Oi, Charlie – diz ela. Pensei tanto na voz dela, durante as duas últimas semanas que me sinto um pouco atordoado ao ouvi-la. Minha coluna vibrar como um diapásão.

– Oi – falo. Fico de pé, sem jeito. Devo me sentar? Provavelmente. Mas onde? Tenho permissão? De qualquer maneira, não tenho certeza se minhas pernas vão se dobrar.

– Sente-se – diz ela, batendo na grama ao seu lado e se afastando ligeiramente.

– Claro.

A primeira coisa que noto é como ela está magra. Agora, parece quase quebradiça. Delicada. Sua pele é como a de uma boneca de porcelana. O cabelo é estranhamente parecido com o de Audrey Hepburn. E parece falar de um modo diferente. Um pouco mais inteligível e nítido nas consoantes. De um jeito próprio. Quase uma inflexão britânica, mas não exatamente.

Sento-me. O cheiro dela é incrível. Maravilhoso. Não sei como alguém pode cheirar assim. Todas as manhãs, ela deve mergulhar numa banheira de lavanda, pétalas de rosa e outros cheiros sortidos de mulher, depois se borrifar generosamente com um atomizador repleto do melhor perfume já feito. Provavelmente por algum francês. Não sei. De qualquer modo, fico desconfortável e nervoso, e a súbita imagem de Eliza imersa numa banheira me faz enrubescer e desviar os olhos.

Droga. Penso numa frase inteligente um minuto inteiro após ter precisado dela. Eu deveria ter dito: "Pode me dar seu autógrafo, Srta. Hepburn?" E então me sentaria despreocupadamente enquanto ela ria. Não, na verdade isso seria burrice. Não diga nada. É o conselho de Mark Twain. É melhor ficar calado e parecer burro do que abrir a boca e desfazer todas as dúvidas.

Então, ficamos sentados em silêncio. Partes do alfabeto rodopiam e se açoitam pelo meu cérebro como granizo, recusando-se a formar qualquer tipo de frase significativa. Eliza recosta-se, apoiando-se nas mãos. Relaxada e perfeita. Há um livro no seu colo, vindo à tona na abertura rasa entre suas pernas.

– O que você está lendo?

Ela ergue o livro.

– *Franny e Zooey*. – Leio o título em voz alta.

– Estou gostando – diz ela –, embora não tenha lido muito. Você já leu?

Gostaria de dizer que sim. Balanço a cabeça.

– *Nova York*, Charlie. Imagine. Não seria um sonho? Não soa como se o mundo todo tivesse sido comprimido numa única cidade?

– Bem, muito em breve nós viveremos lá, não é? Chá no Plaza Hotel e assim por diante?

Ela olha para mim como se eu tivesse dito algo em ucraniano. Entro em pânico. Eu imaginei toda aquela conversa? Mas, então, ela se lembra e ri, e meu coração volta a bater.

– É claro! Como eu poderia esquecer?

– Você quase me dá um bolo – digo.

– Isso teria sido trágico – diz ela, ainda sorrindo. – Eu me lembraria tarde demais, apareceria resfolegante no Plaza e encontraria nossa mesa vazia. O garçom me diria que você fora, mas já havia ido embora. Então, eu seguiria seu caminho de volta ao Brooklyn, procurando por todos os lados, para, finalmente, ver você de braços dados com uma outra beldade, que usaria um casaco de pele e chapeuzinho sem aba.

– Ah, não, isso não aconteceria – murmuro, então enrubesço e baixo os olhos. Cadê minha graça? Estou desgraçado. Minha cabeça foi infectada por um inseto? Nunca é assim quando devaneio essa cena. Eu gracejaria rapidamente algo sobre a importância de ser pontual, sobre minha conveniente condição de solteiro e sobre um montão de garotas da sociedade estarem esperando para ser apresentadas a mim.

– É mesmo? E por que, Sr. Bucktin?

– Porque eu teria esperado. O dia todo. Até eles fecharem.

Agora é ela quem enrubesce um pouco, porque lhe ofereci o equivalente verbal de um beijo desajeitado.

Ambos desviamos o olhar, em direção ao campo oval justamente quando o jogo recomeça. O time de Blackburn corre como se fosse um único feixe branco, parecendo confiante e intimidador. Seu lançador inicial é enorme. Parece velho o bastante para ter combatido em Galípoli. E também parece zangado. Deve ser o único adolescente careca no mundo. Ou trocou sua certidão de nascimento com um dos seus filhos.

Os turnos começam mal para Corrigan, mas brilhantes para mim. Warwick Trent é tirado cedo, sem alterar o placar. Das laterais, eu quase festejo aos berros. Sou invadido por uma alegria maliciosa enquanto ele se arrasta para fora do campo, batendo o taco nas caneleiras.

A parceria seguinte se consolida, mas a marcação de pontos é lenta. Olho na direção de Jeffrey, que está sentado com as pernas cruzadas, alguns metros afastado do restante do time e tendo sua bolsa de equipamentos fechada atrás de si. Não parece que vai entrar tão cedo.

Eliza diz que gosta da minha camisa. Ela toca na manga enrolada, o que transmite um arrepio pela minha coluna.

– Obrigado – digo. – Eu gosto do seu, você sabe, vestido.

Ela ri e também me agradece.

Pergunto, baixinho:

– Como está sua família? E como *você* está, diante de tudo?

Eliza passa o dedo na capa do seu livro. Ela encolhe os ombros e fala com aquele sotaque.

– Quase a mesma coisa, eu acho. Mas é tudo um pouco menos... Sei lá, *urgente*. É muito estranho. E triste. Ninguém sabe o que *fazer*. Minha mãe está destruída. Sabe, Charlie, nós ainda não conseguimos nos sentar à mesa e comer sem que ela note a cadeira vazia de Laura e chore.

– Isso é horrível – falo.

– É. Ao mesmo tempo, meu pai é completamente diferente. Primeiro, ele se recusou a admitir que ela havia sumido. Agora, é como se ele nunca tivesse tido outra filha. Ele bloqueou o fato. Na verdade, ele bloqueou tudo. O que deve ser fácil quando se está bêbado o tempo todo.

Ela diz isso com voz baixa. Talvez não queira falar mais. Mas prossegue.

– O Natal foi o mais difícil, é claro. Todos os meus primos e tios foram tão cuidadosos e gentis. Mas você podia perceber que todos evitavam o assunto. Minha mãe havia comprado os presentes de Laura quando ela sumiu, de modo que ela simplesmente embrulhou e os deu para mim. E disse que eu teria de dividi-los com Laura quando ela voltasse.

E, então, Eliza começa a chorar. Eu congelo. Seu rosto se enruga lentamente e há um momento em que tenta controlar o choro, mas as lágrimas são inevitáveis. Outro *wicket* é derrubado. Há consternação por toda parte. Caos. Minha boca está aberta. Não tenho ideia do que fazer. Por que perguntei sobre isso? Por que tive que trazer toda essa tristeza para a superfície? Sinto-me totalmente responsável. É difícil observar. O rosto dela fica vermelho. Sua face está laqueada de lágrimas. E é impossível não notar que suas covinhas a tornam ainda mais bonita.

Quero voltar no tempo, voltar àquela noite. Quero consertar tudo. Quero que alguém me diga o que fazer. Devo colocar o braço

sobre o ombro dela? Devo puxá-la para mim, como quero, e abraçá-la?

Lembro-me. Tenho um lenço, eu acho. Apalpo os bolsos. Sim. Espero que esteja limpo. Por favor, esteja limpo. Está. Sou útil. Entrego-o a ela.

– Obrigada, Charlie – diz Eliza, com um pequeno sorriso. Ela enxuga os olhos e assoa o nariz. Sua boca continua virada para baixo. Suas mãos caem pesadamente sobre o colo. – Sabe, todos estão esperando que Laura telefone ou escreva e diga que está bem. Ou esperam que ela volte para casa, mas... – Eliza simplesmente balança a cabeça e fecha os olhos, apertados. Seus lábios se viram ainda mais para baixo e ela recomeça a soluçar baixinho.

Admito que também estou perto. Sinto uma ardência nos olhos.

Dói não poder dizer as coisas que parecem certas, porque seria uma mentira imperdoável. Não posso lhe dar garantias nem consolo, porque sei que Laura Wishart está morta. Eu sei exatamente onde ela está. Porque, depois que ela morreu, eu a afoguei para salvar Jasper Jones. Eu fiz isso. Nós amarramos uma pedra aos seus pés e a observamos descer para o fundo de uma represa serena.

Suponho que, se algum dia souber o que fiz, Eliza me odiará pelo resto dos seus dias. E não a culpo. Mas ela entenderia a respeito de Jasper Jones? E se eu lhe dissesse que Laura o amava, que esse amor era correspondido e que eles planejavam fugir juntos para a cidade? Que se deixássemos Laura onde a encontramos ela seria descoberta e Jasper não teria uma chance? Que eu tentei fazer a coisa certa?

– Desculpe, Charlie – diz Eliza, fungando. Ela enxuga o rosto outra vez.

– Não, por favor – respondo, engolindo em seco.

Ela suspira e fecha os olhos. Aproveito a chance de olhar para ela bem perto. Quero prender seus cabelos atrás das orelhas e

enxugar seu rosto com as costas da minha mão. Ela parece tão fraca, tão pequena.

– Eu sei de algumas coisas, Charlie – diz ela, depois de algum tempo, abrindo os olhos. – Eu sei que não sou uma boa pessoa. Nem sei por que você fala comigo.

Olho para ela com a testa franzida. Pronto para defender sua virtude. Mas, antes que eu tenha essa chance, ela me dispensa com um gesto.

– Esqueça – diz ela. – Estamos todos indo bem, Charlie. Sério. Não se preocupe. Vamos conversar sobre outra coisa. Qualquer coisa. Diga alguma coisa engraçada. Me faça rir.

Rir? Agora preciso induzi-la ao riso após levá-la às lágrimas? É claro que entro em pânico.

Meu cérebro é um deserto vasto, estéril e sem graça, onde lobos uivam para a lua sobre saliências rochosas e o vento levanta redemoinhos de areia e de sarça. E palavras engraçadas se amontoam no fundo de covas rasas. Sem pensar, me ajoelho, alcanço a cova mais próxima e rapidamente saco alguma coisa. Sem pensar, estou citando Jeffrey Lu.

– Ok. Tenho uma. Você preferiria usar um chapéu feito de aranhas ou ter pênis como dedos?

Assim que percebo o que disse, quero rastejar para fora do meu corpo e me espancar até a morte. Mark Twain estava certo: desfiz todas as dúvidas. Desejo enfiar essas palavras de volta pelo seu buraco escuro e procurar outra coisa. Qualquer coisa. Idiota.

Mas, para minha surpresa, ela ri. Ela ri, mesmo. Ri e joga o corpo para trás. Suas narinas tremem. Quando ela se acalma, fico curiosamente feliz em vê-la respondendo ao dilema.

– É uma boa pergunta. Humm. Acredite se quiser, é bem difícil para mim, Charlie. Tenho verdadeiro pavor de insetos.

– Sério? – pergunto, quase saltando para cima dela.

– Ah, *muito* sério. Sou inútil num confronto com eles. Aliás, a maior parte do tempo nem é necessário um confronto. Às vezes,

procuro desculpas para ficar em casa, se sei que há uma abelha por perto. E *detesto* marimbondos. Até pensar neles me deixa enjoada.
– Ela treme.

– Sério? Sabe, sou exatamente... – começo, mas instantaneamente me silencio. Medo de insetos é admissível para garotas. Mas não para mim. Insisto para que ela dê uma resposta.

– Posso fazer perguntas?

– É claro – respondo.

– Muito bem. As aranhas ainda estão vivas?

– Receio que sim. Estão.

– E elas são...

– Venenosas? Certamente. Estão praticamente pingando veneno. Veneno verde-fluorescente. Como ácido.

– Meu Deus. Charlie, isso parece um *pesadelo*! – Eliza bate comicamente no queixo e, então, levanta as mãos. – Está bem. Sei que você não vai gostar, mas receio que meus dedos se tornarão pênis.

– Lamento muito – digo, com um sorriso.

– Eu *sei*. Estou tão envergonhada. Vou sentir falta dos meus dedos. Eu *amo* meus dedos. – Ela os abana diante do rosto.

– Tudo bem. Para ser honesto, foi o que eu escolhi também.

– É mesmo? – Ela ri. – Bem, acho que é um pouco menos ruim para você. Ao menos, você é um garoto.

– Ainda sou um garoto com pênis como dedos.

– É verdade. Você é uma aberração, Charlie. Nós somos aberrações. Somos párias. Mas, pelo menos, temos a companhia um do outro. Precisaremos nos mudar para as montanhas e viver em reclusão pelo resto das nossas vidas.

– A gente poderia entrar para o circo – sugiro.

Ela estala os dedos e se ilumina.

– Charlie, isso é perfeito! Sim! Vamos entrar para o circo. Imediatamente. No próximo circo que vier a Corrigan, embarcaremos como clandestinos nas carroças. Viajaremos pelo

mundo. Fugitivos! Talvez eu cultive uma barba. E você usará uma camisa creme, com suspensórios azul-marinho, e eu vestirei um avental cor de pêssego e terei um laço amarelo no cabelo. Ah, e botas pretas e práticas.

– E talvez a gente possa viver em Nova York durante o inverno e usaremos luvas ou mitenes para esconder nossos horríveis dedos de pênis – continuo, com as sobrelanceiras erguidas.

– Perfeito! – exclama Eliza e ri alto. Ela tem uma risada agradável. Um trinado agudo. Sinto-me alegre; consegui deixá-la mais feliz, como seu pedido. Ela inclina o topo da cabeça sobre meu ombro. Volts de eletricidade vibram através do meu corpo. Meu estômago se revira. Nunca senti uma náusea mais agradável em toda a minha vida.

Durante todo o tempo, o placar não para. A bola está um pouco mais gasta e o campo se alarga para acomodar rebatidas mais fortes. Há uma tensão no ar, uma sensação palpável de que estamos perto do final. Uma multidão ainda maior se formou no final da tarde. Uma fileira de homens observa, dos limites do campo, com os braços cruzados e canecas nas mãos, estendendo-as para indicar posições ou para oferecer seus comentários técnicos especializados.

Posso sentir o cheiro de madeira queimada para o churrasco após o jogo. Perto da sede, crianças rolam pelo íngreme morro enquanto outras exibem seus presentes de Natal. Jeffrey continua sentado onde estive em todos os turnos.

Bombardeio Eliza com mais hipóteses. Pergunto-lhe se preferiria vestir a mesma lingerie todos os dias pelo resto da vida ou morder a cabeça de um sapo e arrancá-la uma vez por semana. Espantosamente, ela escolhe o sapo. Ela diz que eu não entenderia porque sou um garoto imundo. Pergunto se ela preferiria não ter braços ou não ter pernas. Espertamente, ela escolhe não ter braços, pois acabaria sua obrigação de ter pênis como dedos. Ela parece se contentar com isso até eu lhe lembrar que ela não teria mãos para

apanhar o sapinho que concordou em decapitar com os dentes. Digo-lhe que será o mesmo que tentar pegar maçãs com os dentes num barril, mas haverá apenas uma maçã e ela poderá pular. Ela pergunta se eu a ajudaria, segurando o sapo para que pudesse mordê-lo corretamente. Respondo que, normalmente, eu ajudaria, mas, nesse caso, as regras proíbem. Eliza ri e diz que me odeia.

Então, o desastre se abate sobre o time de Corrigan. Perdemos quatro *wickets* em duas séries para um esperto arremessador destro, que lança a bola com efeito. Mal consigo acreditar. A multidão está em choque. E eu me torno intoleravelmente nervoso quando Jeffrey Lu afivela apressadamente suas caneleiras e corre animado para o campo, para sua rebatida de estreia. Essa é a sua chance. Ele parece tão pequeno ali, marchando para a linha branca. Jeffrey Lu, o último homem a entrar. Fortuna ou fracasso repousam sobre seus ombros. Mal consigo olhar.

O time de Corrigan age como se o jogo estivesse perdido. A maioria está sentada, com a cabeça entre os joelhos, alguns foram embora para os vestiários. O técnico está abaixado, arrumando a enorme bolsa de equipamentos. Nem está olhando.

Os últimos *wickets* caíram ao final da série anterior, portanto tenho de esperar que Jeffrey se posicione. Blackburn escolhe seu arremessador mais veloz, o veterano de Galípoli, para derrubar rapidamente os últimos *wickets*. Não parece nada bom. O outro jogador de Corrigan parece menos do que seguro na linha branca. Mas joga, arremessando e errando. Preocupo-me com a possibilidade de Jeffrey sequer conseguir enfrentar um arremesso.

Mas um desvio resulta num único ponto e é a vez de Jeffrey rebater. Inclino-me para a frente enquanto ele ajeita os ombros, pede a vareta central do *wicket* e se posiciona. Meu coração martela.

O capitão do Blackburn, desprezando o pequeno jogador na linha, colocou seus interceptadores em posições de ataque. São

quatro, estando um mais atrás e dois apanhadores próximos ao rebatedor.

O veterano entra. Jeffrey está bem-posicionado.

Há o arremesso. A primeira bola. A vareta do seu lado é derrubada numa cambalhota e meu coração se rompe. Eliza leva a mão à boca e solta um gemido de decepção. Blackburn explode. O time de Corrigan se move pelo campo para cumprimentar seus adversários. Mas, então, param. Todos olham na direção do juiz, cujo braço direito está esticado para o lado, como se fosse pegar um pêssigo. Não valeu! O veterano ultrapassou a linha! Jeffrey continua! Ele caminha até onde sua vareta caiu, pega-a e pessoalmente a recoloca no lugar. O time de Corrigan se arrasta até as laterais. O time de Blackburn está furioso. Eles retomam suas posições, aborrecidos e roubados. O jogo ainda está vivo, por um fio.

A primeira bola de Jeffrey exacerbou a tensão. Os jogadores de ambos os times estão parados, atentos. O veterano volta, furioso. Sua bola seguinte é curta e rápida e atinge em cheio o ombro de Jeffrey. Instintivamente, me levanto com um salto, cheio de indignação, mas Jeffrey não recua nem cai. Ele nem parece machucado. Posso ouvir o time de Corrigan gargalhando nas linhas divisórias.

O veterano anda pelo campo, com o dedo esticado como uma adaga, xingando Jeffrey em voz alta. Ele cospe, quase acertando o próprio taco, e se vira. Jeffrey aparenta indiferença.

A bola seguinte é novamente curta e veloz e, dessa vez, Jeffrey recua e acerta-a espertamente, atrás da posição original, com uma pancada ruidosa. São quatro pontos. A multidão está aturdida. Não há aplausos, apenas silêncio. Mal consigo acreditar. Mas a bola seguinte também é curta, mas ampla o bastante para Jeffrey fazê-la voar e conquistar mais quatro pontos. O veterano está pálido. Jeffrey está sereno.

Jeffrey rebate a bola seguinte para a vareta central do *wicket*, para garantir um ponto. É o fim da série. E percebo que Jeffrey tem o *strike*, está contando os pontos para garantir que será o rebatedor. Ele está ali para vencer o jogo. Ele realmente acha que é capaz.

Eliza aperta meu braço.

– Jeffrey é incrível! Eu não sabia que ele era tão bom!

– Ah, ele joga um pouco – digo, sentindo simultaneamente orgulho e inveja.

Jeffrey rebate as bolas de efeito com certa cautela. Ele está cercado pelos interceptadores, que formam um anel apertado à sua volta. Ele defende as duas primeiras bolas habilmente, contendo o giro com o taco reto. A terceira bola vem baixa – o suficiente para um anão como Jeffrey rebater por baixo e colocá-la para o lado. E a bola viaja. Ele a acerta bem. Após uma quicada, ela passa da linha.

O capitão do Blackburn tem as mãos na cabeça, parecendo perplexo e irritado. Mas, ainda assim, não coloca os rebatedores para protegerem as linhas divisórias; tentando pressionar o rebatedor do time oposto. E Jeffrey aproveita o convite. Ele manda a bola seguinte por cima dos laterais, com uma tacada firme o bastante para o próprio Kevin Douglas Walter. O estalo ecoa em volta daquele pequeno anfiteatro e todos os olhos observam a bola silvar através do centro do campo. Os entendidos que ocupam as laterais começam a assentir e a inclinar as cabeças. O time de Corrigan se aglomera em volta do treinador. E Jeffrey Lu, pela primeira vez, pode estar conquistando um respeito resistente.

Com a última bola da série, Jeffrey se garante novamente como rebatedor. E, durante a mudança de lados, um mensageiro chega com uma bebida e um recado. Para ele fechar o jogo. Vejo Jeffrey aceitar o copo e concordar com a cabeça. Mal consigo acreditar. Não apenas eles deram a Jeffrey Lu uma bebida, mas estão lhe passando informações como se ele fosse um verdadeiro jogador de equipe.

Jeffrey corre para a linha branca e, depois, anda de um lado ao outro da zona de rebatimento, sondando-a com seu taco. Ele cutuca seu protetor da virilha e passa os dedos pelas caneleiras. Parece até que joga críquete há vinte anos.

O campo é um pouco menos generoso. Outro pequeno sinal de respeito. E, desse modo, a série não produzirá muitos pontos. Mesmo assim, Jeffrey, com jogadas atrevidas, consegue uma pontuação para se manter como rebatedor. E também se livra do veterano, que esgotou sua cota de séries de lançamento.

Não tenho certeza do placar, nem de quantos arremessos restam, o que mantém meus nervos a ponto de ebulição. Mas Jeffrey não evidencia qualquer sinal de pânico ou de pressão. Ele joga com inteligência e segurança. E fica por ali, pelejando com aquele lançador. Rebate pacientemente, esperando qualquer chance para se manter como rebatedor. E, quando ela se apresenta, ele a aproveita. Perto do final da série seguinte, ele rebate habilmente uma bola reta, que passa por cima da linha. Ele repete a rebatida na última bola, mas não a atinge com perfeição. Felizmente, eles fazem três pontos, e Jeffrey mantém sua posição.

O arremessador que substitui o veterano parece igualmente irritado, mas menos consistente. Frustrado, ele dispara uma bola mais aberta, tentando que seja rápida demais, e Jeffrey aproveita. O campo foi ampliado consideravelmente, tornando quase impossível uma jogada além das linhas divisórias. Mesmo assim, Jeffrey tem espaço suficiente para jogadas de dois e de três pontos.

A série seguinte é a última do arremessador, e Jeffrey continua ali. Ele o arrasa em todas as jogadas, aproveitando as brechas com precisão espantosa. São rebatimentos arriscados, mas estão valendo a pena. Eu realmente não consigo acreditar. Eliza e eu sorrimos um para o outro, balançando a cabeça. Minha coluna formiga. Impressiona-me pensar que ele está ali. Jeffrey Lu tomou esse jogo na marra. Nessa cidade amedrontada, Jeffrey Lu, seu habitante mais baixo, o ocupante mais insignificante, é destemido.

Aquilo precisa estar acabando. Até crianças cansadas e entediadas são atraídas para as laterais. Até esposas que pouco se importam com o jogo sentem que algo significativo está acontecendo. É a última bola da série. O lançador ocupa sua posição, jogando a bola para o alto, enquanto o capitão do Blackburn berra e dirige seus defensores. Jeffrey, com o taco pousado sobre o ombro, entra em campo, assentindo para cada um deles enquanto conta quantos são.

Jeffrey rebate bem, mas uma interceptação acrobática nega-lhe a chance de continuar como rebatedor. A multidão suspira e se agita. E me dou conta de que a próxima série de arremessos deve ser a última. Não faço ideia de quantos pontos precisa. Observo o treinador, o desgraçado vermelho e arrogante, enquanto ele percorre a linha divisória com um cigarro entre os dedos gordos. Olho atrás, para Jeffrey, que conversa com seu companheiro de equipe na área de lançamento, apontando e gesticulando. Não consigo ficar sentado. Eliza aperta novamente meu braço, mas, dessa vez, eu mal noto. Toda a minha atenção está concentrada no jogo.

Restam seis bolas.

O capitão do Blackburn dá suas orientações finais. O arremessador vai para sua posição. Ele faz pressão. Eliza Wishart segura minha mão. Isso não é real. É demais.

O plano de Jeffrey é correr para a primeira bola da série, independente de onde ela caia. Ele começa a correr pouco antes do lançamento, mas a bola atinge o alto da perna do segundo rebatedor. O arremessador do Blackburn, analisando o movimento de Jeffrey, segue para a sua direita para acompanhar seu caminho, quase derrubando-o e retardando-o significativamente. Jeffrey desvia e mergulha na linha branca, mas o lançamento baixo passa miraculosamente longe das varetas. Jeffrey está salvo. Por pouco.

Os torcedores do Corrigan estão lívidos com a injustiça. Eles gritam e protestam nas laterais por causa do encontro injusto.

Sorrio. Não é a primeira vez nesse verão que o mundo virou de cabeça para baixo. Eles estão gritando a favor de Jeffrey. Eles o apoiam, estão do seu lado.

O juiz adverte severamente o arremessador, que apenas sacode os ombros e, petulantemente, volta para sua posição. A multidão o vaia, protestando.

O capitão do Blackburn impede o jogo um pouco mais, fazendo alguns ajustes. Há campo suficiente para pontuar, mas lançar a bola além dos limites do campo parece impossível. Jeffrey se posiciona.

A bola seguinte de Jeffrey é bem colocada, garantindo dois pontos. E é com completa incredulidade que ouço verdadeiros incentivos vindos das laterais. Seus companheiros de equipe. Em uníssono. Aqueles desgraçados beligerantes estão gritando “*Bate, congue!*” para o campo, transformando imediatamente o insulto num apelido. O peito de Jeffrey está cheio. Pela primeira vez, ele vira a cabeça na direção do pavilhão.

O arremessador corre para a linha. A bola passa facilmente pelo rebatedor, quicando baixo. Jeffrey a colocou muito bem e marca mais dois pontos. Há mais aplausos, mais tensão e frustração visíveis no time de Blackburn. Jeffrey limpa o suor com o pulso. A multidão o incentiva. Deve estar perto do final. Há pressão vinda das laterais. Aperto a mão de Eliza com força.

A bola seguinte é curta e rápida. Jeffrey avança e tenta golpear com força, mas falha diante da bola alta. O interceptador apanha a bola acima da sua cabeça. A multidão suspira. Nenhum ponto. O time de Blackburn aplaude e grita em apoio, entrando no campo lentamente, como lobos numa emboscada. O capitão corre para seu arremessador e lhe dá o que parece ser uma instrução muito clara; então, lhe dá um tapa na bunda e corre para seu lugar.

A bola seguinte é ainda mais alta, sendo quase impossível para Jeffrey encostar o taco nela. Assusto-me e protesto, como toda a multidão. Não parece justo. Deveria ser desqualificada como bola alta. Algumas pessoas começam a vaiar. O time de Blackburn

aplaude e grita mais alto, sentindo a vitória. É outra bola sem marcar ponto.

Resta um lançamento no turno. Não sei quantos pontos precisamos, mas o modo como a multidão discute, torce e aplaude sugere que ainda há uma chance. Jeffrey está na linha branca, inspecionando o campo. O perímetro está completamente protegido, o que sugere que quatro pontos serão suficientes para ganhar o jogo. Warwick Trent permanece imóvel ao lado do treinador, com os braços cruzados. O resto do time grita conselhos e apoia Jeffrey. Não há malícia ou zombaria. Eles estão realmente torcendo.

E, por algum motivo, é mais difícil para mim, assistir. Na próxima bola, há muito mais do que o encerramento do jogo. Nem quero pensar num fracasso. Nem quero pensar nessas pessoas serem decepcionadas.

– Não posso olhar! – diz Eliza, tapando os olhos com as mãos.

– Vamos lá, Jeffrey – falo, entre os dentes, incentivando-o várias vezes.

Está acontecendo.

Tudo se silencia quando o lançador avança. Todos os olhos estão no seu caminho, nas suas passadas pesadas, no seu arremesso; em seguida, estão na bola e, então, em Jeffrey Lu, para a mais importante fração de segundo da sua vida.

A bola, como as duas anteriores, é curta, rápida e direta. Jeffrey devia saber. Devia ter antecipado a tática. Porque antes de a bola ser arremessada, vejo ele se balançar ligeiramente, recuando para a lateral. Segurando o taco alto e preparado. Dando-se bastante espaço. E, enquanto a bola subia firmemente, pouco acima da sua cabeça, ele estava pronto para a tacada que premeditou.

Na verdade, nem é uma tacada. Jeffrey não gira o taco na direção da bola. Ele simplesmente ergue o taco em determinado ângulo para que a bola seja desviada para o alto, sem perder muita velocidade. A bola desliza sobre a cabeça do interceptador, a

poucos centímetros da sua mão enluvada esticada, e segue sua trajetória, cruzando a única parte do campo desprotegida e ultrapassando os dois jogadores que a perseguem com uma sensação de inutilidade.

Ele conseguiu.

Corrigan explode. Jeffrey Lu é um herói. Eliza e eu pulamos no alto do morro, gritando e nos abraçando. É espantoso. Minha coluna se arrepia e emite eletricidade pelo corpo, meus lábios tremem. E Jeffrey Lu, após observar a bola calmamente, se vira e joga os braços para o ar, segurando seu taco bem alto. Ele sorri como um louco. Ele fez o impensável. O time de Blackburn desaba, incrédulo. Os jogadores de Corrigan bagunçam o cabelo uns dos outros, riem e brincam. O arremessador vai até Jeffrey, dá um tapa nas suas costas e o envolve com o braço. Jeffrey é pouco mais alto do que sua cintura, o que aumenta a estranheza dessa demonstração de parabéns.

O que sinto, acho, é alegria. E faz algum tempo desde que senti essa corrente ilusória de felicidade. Esse pode ser um daqueles raros acontecimentos que duram, algo que será lembrado e relembrado por meses e anos. Um daqueles momentos doces e significativos que deixam uma marca na sua mente. Uma fotografia jamais conseguiria contar sua história. É algo que você precisa viver para entender. Uma daquelas excêntricas colisões de meteoros efervescentes, vultosos corpos celestiais, destroços flutuantes e uma única linda bola vermelha, que estoura na sua vida e através do seu corpo como um enorme fogo de artifício. Quando as coisas entram em foco por um momento e tudo faz sentido. E se torna uma daquelas coisas em você, uma pérola no meio da lama, uma daquelas lembranças exageradamente grandes que você pode invocar a qualquer momento para descascar uma pequena camada de como você se sentiu, como uma lambida num sorvete. O sabor do encanto. Uma dádiva inadvertida de um mito vinda de Jeffrey Lu. E, como para lacrá-lo numa arca de tesouro, eu o vejo me

procurar ao deixar o campo oval como o vencedor da partida, e ele se inclina e aponta o taco para mim, em triunfo. Meu braço se estende acima, numa saudação. Estou sorrindo como um idiota.

Jeffrey tem sua mão apertada e seu cabelo bagunçado por jogadores e espectadores. Até Warwick Trent lhe acena com a cabeça e lhe dá um tapinha. Percebo que ainda seguro a mão de Eliza. E me arrepio.

– Foi incrível! – comenta Eliza. – Estou tremendo!

– Não consigo acreditar – digo, ainda olhando para Jeffrey. – Simplesmente não consigo acreditar.

O grupo se dispersa; o time segue em direção ao pavilhão e aos vestiários. Alguém carrega a bolsa de Jeffrey para ele. O time de Blackburn está deprimido e se dispersa, com as mãos nos quadris. Lentamente, o campo se esvazia. O dia se esvai devagar em direção ao crepúsculo.

Eliza e eu nos sentamos. Não temos as mãos juntas, mas estou bastante ciente dos nossos ombros se tocando. Ficamos sentados em silêncio por algum tempo. Começo a ficar sem jeito novamente.

Mas, então, Eliza inclina-se ligeiramente para a frente enquanto o sol se dissolve.

– Posso te contar um segredo?

Tento ler seu rosto. É alguma coisa sobre Laura? Precisa ser. Com certeza. O que ela sabe? Quais páginas dessa história pesam sobre seu peito? O que ela sabe sobre aquela noite? Não tenho certeza se estou pronto para ouvir. Hoje, não. Agora, não.

– Pode – digo, cuidadosamente, assentindo uma vez.

– Bem – Eliza enrubesce e mexe no cabelo. – É bobagem. Mas... durante as duas últimas semanas esperei em frente à livraria, fingindo folhear os livros de bolso, com a esperança de ver você.

Meu estômago se transforma numa colmeia. Minha cabeça rodopia como um pião. Há pó na minha garganta. Novamente, não sei o que dizer. Nunca tenho as palavras certas. Engulo em seco e com força. Pisco muito.

– Ah, sim. Bem, eu estava de castigo. Não podia ir a lugar algum. Talvez tenha sido...

– Eu sei – diz ela. – Por isso, foi tão *bobo*, porque eu sabia que você estava de castigo e que não apareceria de repente, mas eu continuei indo à livraria.

– Espere, você *sabia*? Como você soube que eu estava de castigo?

– O sargento contou para a minha mãe no dia seguinte e, então, ela me contou. Sabe, como você fugiu para me ver.

– Ah – digo, atordoado.

Ficamos sentados em uma bolha de silêncio. É Eliza quem a rompe.

– Eu acho você muito legal, Charlie. E gostaria que tivesse ido à minha casa naquela noite.

Ela sorri e muda a posição do corpo, virando-se na minha direção. Sinto medo. E animação.

– Você tem covinhas lindas – fato. – Sabe, ali nas suas bochechas. – E aponto para a base das suas bochechas, como se ela exigisse que eu determinasse exatamente onde ficam as covinhas. Sou um idiota. Minha perspicácia, que brotou brevemente, desapareceu. A maré secou. Minha boca está ressecada, desajeitada e inútil.

Mas.

Então.

Mark Twain pode ter uma opinião sobre tudo. Pode ter sido favorecido pela perspicácia que não tenho e abençoado com frases das quais não consigo me lembrar. Pode ter escrito com ar de conhecimento adquirido, pode invocar risadas, tristeza ou raiva com seus rebanhos de palavras. Pode ter iludido e iluminado, frustrado e apaixonado. Pode ter oferecido mundos inteiros a penetrar e olhos bastante abertos através dos quais ver. Mas nem Mark Twain seria capaz de descrever exatamente quão macios são os lábios de uma garota quando são pressionados contra os seus.

Eliza Wishart me beijou. Está me beijando. Bem aqui, debaixo dessa árvore. E é adorável, emocionante e aterrorizante. Não há nada igual. Nem perto. Minha pele está tensa e comichando; meu pescoço está quente e coçando.

Nós nos separamos, e sinto-me aliviado e arrependido. Ela ri, acanhada. Acho que faço o mesmo.

– Foi legal – diz ela.

– Foi – repito.

Olhamos um para o outro. Trêmulos e incertos. Seus lábios são vermelhos e úmidos. Parecem um pouco inchados. Seu cheiro é incrível, nem sei como descrever. Nem Mark Twain saberia.

– Podemos repetir? – pergunta ela, mordendo o lábio.

Encolho os ombros, porque sou um idiota.

– Acho que sim. Quero dizer, bem, sim. Mas se você quiser. O que não quer dizer que não quero, é claro, porque quero.

Ela cala minha boca. Ainda bem. Ela se inclina, e eu faço o mesmo. E é mais fácil na segunda vez, porque você sabe o que vai acontecer. Nossos corpos não se mexem. Tudo está concentrado na parte macia onde nos tocamos.

Sinto-me um pouco constrangido, é claro. Estamos ao ar livre e aquilo parece muito pessoal.

Nós nos beijamos como se estivéssemos grudados um no outro. Como estátuas. E me preocupo em Eliza pensar que sou uma porcaria, que não estou fazendo aquilo direito. E, então, quando estou ligeiramente menos aturdido e mais à vontade, tento executar algumas manobras que vi na televisão e nos livros. Abro ligeiramente a boca, e ela também, o que me leva a acreditar que foi um risco que valeu a pena. É estranho e bom. Um pouco mais confiante, decido colocar a mão no seu rosto. Infelizmente, todos os tipos de grama e de terra se aderiram ao suor da minha palma, com o que lambuzo o rosto dela.

– Que sacanagem!

Abruptamente, nos separamos. Jeffrey Lu está subindo a encosta, radiante.

– Chega! Guardem seu amor para mim! Eu mereci!

– Oi, Jeffrey – diz Eliza, tranquila. – Parabéns! Você foi fantástico!

– Tem razão – concorda ele, assentindo com as mãos nos quadris. – Eu *fui* fantástico. Hein, Chuck? Você, hã, me viu? Hein? Deve ter notado meu desempenho decisivo, não? Provavelmente me viu marcar quarenta e três pontos na minha estreia, com perfeita segurança, como um jovem Douglas Walters? Simplesmente marcando quatro pontos para vencer na última bola do jogo? Você viu tudo isso, não viu?

– Não, para falar a verdade, perdi. Virei-me depois do seu fracasso na primeira bola.

Jeffrey ri.

– Ele está mentindo! – exclama Eliza. – Ele observou cada jogada como um falcão.

– Não me surpreende – rebate Jeffrey e, depois, funga. – Ele tem bom gosto. Aprecia um bom rebatedor em jogo. Quando você vê a perfeição à sua frente, não consegue desviar o olhar.

Faço uma careta, fingindo dor.

– Jeffrey, me dói mesmo dizer, mas aquilo foi realmente incrível. Você foi muito bom. Não consigo acreditar. Nem pensei que o deixariam dar uma tacada. E aquela última jogada foi simplesmente uma *loucura*.

– A tacada por cima da cabeça do interceptador para vencer o jogo na última bola?

Dou uma bufada.

– Sim, seu babaca.

– Humildemente, aceito sua devoção, Charles. Sabe, de certo modo, eu invejo você.

– Por quê?

– Bem, porque, como o herói em questão, não *vi* as jogadas. É meu único arrependimento. Devo ter parecido sensacional, visto daqui.

– Você é um idiota.

– A estreia de Jeffrey Lu! – Ele sorri e começa a boxear com a sombra, dando pequenos golpes diretos no queixo, que nada atingem. Eliza ri. Ele parece pronto para voltar ao campo e repetir tudo.

– É um conto de fadas, Chuck! Sou praticamente uma lenda do jogo. Provavelmente minha atuação vai sair no *Wisden* ou algo parecido. Ou na televisão. Definitivamente, no jornal.

– Você deveria se aposentar – digo. – Sair com um legado.

– Não posso, Chuck. Quero dizer, e os meus fãs? – Ele aponta para Eliza.

– Tenho certeza de que vocês dois ficariam bem.

– Dois? Chuck, você é um idiota. Nesse momento, o *mundo* inteiro está apaixonado por mim. É um fato. Sou mais famoso do que Bradman.

Eliza ri e apoia a cabeça no meu ombro. Fico tenso. Pergunto-me como ela pode ser tão despreocupada. Não sei. Talvez ela não seja tão tímida quanto sempre pensei. Talvez tenha mudado nesse verão. Suas roupas, seu cabelo, sua voz. Ou talvez eu nunca a conheci tão bem. Mas ela parece diferente. Está mais entusiasmada, mais esperta e mais ativa do que consigo me lembrar. Quero dizer, quando não está chorando. E aquele sotaque, aquele curioso tom aristocrático. Eu nunca tinha notado.

Sem dúvida notando meu desconforto, Jeffrey se exhibe, apontando o braço, bem esticado, de Eliza para mim e de volta para Eliza.

– Maneire aí. Isso é pecado. E *Cheeses*?

– Não se aplica a nós – diz Eliza, erguendo a mão. – Nós não contamos. Já fomos expulsos. Porque temos pênis no lugar dos dedos.

Jeffrey recua, chocado.

– *Não!* Você também escolheu os pênis?

– Receio que sim – diz Eliza, sorrindo.

– Mas você é uma *garota!* E agora tem *pênis*. Dez!

– Tudo bem. Charlie não se importa.

– É claro que não! Ele *adora* pênis!

– Jeffrey, eu vou matar você – anuncio, falando sério.

– Puta merda. Homossexuais! Os dois! É só um chapéu!

– Não é um chapéu qualquer! – protesta Eliza. – É um chapéu de *aranhas!*

– A acusação se encerra, Wisharrrrrt. Muito bem, Chuck. Vamos. Vocês podem dar um amasso depois. Que tal dar uma carona para um herói?

– Tudo bem. Mas meu pai ainda não chegou.

– Você é um idiota – diz Jeffrey, virando-se e apontando. – Ele está bem ali, no seu carro. Olhe. Está ali há séculos.

Sigo o braço de Jeffrey. Lá está ele. Do outro lado do campo oval. Eu não fazia ideia. Um peixe frio surge e avança pelas minhas entranhas. Mudo a posição do corpo, afastando-me de Eliza. O que ele viu? Estou enrascado? Isso é um problema? Nem sei.

– Há quanto tempo ele está ali?

Jeffrey encolhe os ombros.

– Como *eu* vou saber? Não sou Deus. Embora seja um engano fácil. Mas estive um pouco ocupado encenando umas incríveis reviravoltas e reescrevendo os livros de história.

– Ele está esperando. É melhor a gente ir.

Eliza aperta meu braço, segurando-o secretamente por trás. Pergunto-me se isso significa que ela não quer que eu vá.

Viro-me para ela.

– Você quer uma carona até em casa?

– Não, não. Tudo bem – diz ela.

Eu quero beijá-la novamente.

A falta de jeito retorna. É difícil saber o que fazer. Sinto como se precisasse dizer algo profundo, encenar algum ritual ou trocar alguma coisa para tornar aquilo oficial. Quero lhe dar alguma bugiganga, o que me permitiria dizer que ela é minha namorada, algum tipo de moeda que prove às pessoas que ela também gosta de mim. Alguma coisa que me permita pensar nela o tempo todo sem me sentir culpado, incapaz ou desesperadamente distante. Acho que estou tão empolgado que quero engaiolar essa coisa como se fosse um pequeno pássaro vermelho, para que não fuja, para que permaneça o mesmo, para que, na próxima vez, esteja no mesmo lugar. Com você, como uma moeda no seu bolso. Como um caroço de pêssego do pé de Mad Jack Lionel. Como palavras rabiscadas numa mala trancada. Um balão brilhante para amarrar no balaústre da sua cama. E você quer abraçá-lo e apertá-lo, mas não com muita força, para que ele não estoure.

Queria que Jeffrey se mandasse. Mas ele continua ali, sorrindo, esperando para irmos.

Viro-me ligeiramente.

– Certo. Bem...

– Depois nos vemos, Charlie.

– Em breve. Quero dizer, espero. Sim.

Eliza faz um movimento para me beijar no rosto. É claro que a interpreto inteiramente errado e miro nos seus lábios e consigo lhe dar uma bicada no olho com o nariz. Murmuro algo e me levanto.

– Tchau, Jeffrey! Parabéns! – diz ela e acena. Ela abre seu livro com o polegar. Sinto-me triste por partir.

Jeffrey acena para ela e vamos embora. Capto o olhar de Eliza e o mantenho por apenas um momento enquanto partimos, o que parece tão bom quanto qualquer troca de bugigangas, tão seguro quanto qualquer joia na minha mão.

Viro-me. Assim que estamos fora do alcance da voz, atravessando o campo, Jeffrey executa uma estranha dança no estilo *cakewalk*, com sua bolsa quicando nas costas.

– Sacanagem! Sacanagem!

– Jeffrey, eu *vou* matar você. Com minhas mãos. Não estou mentindo. Você está perigosamente próximo de um fim trágico para o seu dia perfeito.

Ele ri.

– Você *ama* ela! Chucktin Bucktin! Você aaaaaama ela! Espere. Quem sou eu? Quem sou eu? – Jeffrey ergue uma sobrancelha e projeta os lábios como um cantor. – Você, hã, quer uma carona para casa?

– Você é um idiota.

– *Você* é um idiota! Eu *vi* você! *Beijando!* Com sua *boca!* Que nojo!

Sou obrigado a sorrir.

– Você está com ciúme.

– *Ciúme?* Chuck, você é aproximadamente *doze* vezes mais idiota do que parece. Eu sou o herói da cidade! Fiz história! Ciúme? *Pffft!* Negativo, digo eu. Por que eu estaria? O Super-Homem não anda por aí agarrando a Lois; porque ele tem uma porrada de coisa para fazer! Como eu, que tenho jogos a salvar!

– Tenho certeza de que, se tivesse escolha, o Super-Homem preferiria um pouco de sacanagem com Lois em vez de uma criança presa num prédio em chamas. – Sorrio para mim.

– Chuck! – geme Jeffrey, insultado. – *Cheeses!* Você não está agindo como um ser humano. Nem sei por onde começar. Sinto-me ofendido. Você *realmente* me ofendeu. Você poderia me dar merda num copo e seria algo menos ofensivo do que o que disse. É tecnicamente uma blasfêmia. *Cheeses* odeia você, Charlie. Quero que saiba.

– Mas é verdade.

– Hein? O quê? Você é *mesmo* um comunista? Camarada, você teve seu cérebro sugado através dos lábios. Não está pensando. O Homem do *Amanhã* não liga para *garotas*. É um fato. A não ser que elas estejam em perigo mortal. E, mesmo assim, elas são apenas

chamarizes inúteis enquanto Luthor se prepara para dominar o Mundo Livre. E o Super-Homem mal se deixa distrair. Ele *sempre* escolhe salvar o mundo antes de Lois. E é como deve ser. Pessoalmente, eu nem me importaria em voltar para salvá-la.

– Mas você é um maníaco.

– Verdade. Mas sou um maníaco pragmático. Escute, Charles, e talvez você aprenda alguma coisa. Lois Lane significa mais encrenca do que ela vale. Quantas vezes ela colocou o mundo em perigo por causa da sua necessidade de ser salva? Eu digo que é preciso sacrificar um em benefício de todos. Deixe Lois Lane ir. Diga que Luthor está blefando. Na verdade, o próprio Super-Homem deveria matá-la. Dar-lhe uma descarga violenta dos seus raios de calor. Bang. Basta de dilemas morais idiotas.

– Você é louco. Por isso você não é um super-herói.

– Talvez, Chuck – concorda Jeffrey. – Mas ainda sou o Campeão do Povo.

Nós rimos e continuamos andando, desajeitados. Aproveito a oportunidade para me virar e olhar para Eliza. Ela continua lá. A garota com um livro, debaixo de uma árvore. Tenho a sensação mais estranha e desconfortável. Estou cheio de energia. Quero, ao mesmo tempo, correr em direção a ela e para longe dela.

Em cada ocasião da minha vida, senti o exato oposto do Super-Homem. Exceto dessa vez, nesse exato momento. Não me importo. Não me sinto como um covarde fraco e insípido. Porque, nesse momento, sei que eu salvaria a garota. Sei que preferiria colocar o planeta em perigo do que deixar que algum mal acontecesse a Eliza Wishart. Eu a salvaria num segundo. Porque consigo nos imaginar a salvo, abraçados, enquanto a Terra cai sob desígnios malignos, mas não consigo imaginar o mundo sem ela.

Sorrio para mim mesmo. Estou cagando se não sou o Super-Homem. Eu beijei Eliza Wishart.

•

Jeffrey se lança para o banco traseiro, se posicionando no centro. Eu me sento no banco da frente.

– Olá, Jeffrey – diz meu pai, vendo-o pelo espelho retrovisor.

– Você viu o jogo? – indaga Jeffrey.

– Não, sinto muito, amigo. – Meu pai abaixa a cabeça, simulando tristeza.

– Absurdo! – proclama Jeffrey. – Perdeu o evento da sua vida! Foi como Davi e Golias, mas, dessa vez, Davi era asiático e incrivelmente bonito. E não houve trapaça. Ligue o rádio, é provável que estejam falando sobre mim!

Saímos do estacionamento, levantando a poeira azul-acinzentada com os pneus traseiros. Olho, pela última vez, para Eliza, ainda debaixo da árvore. Acho que a vi acenar, por isso me viro e mostro minha mão o mais discretamente possível. Ouço Jeffrey sussurrar “Sacanagem”! no banco de trás. Quero jogá-lo para fora do carro. Mas, então, giro a cabeça para meu pai.

– Espere. Como você sabia que Jeffrey ganhou o jogo?

– Chuck, é praticamente impossível *não* ouvir a respeito – diz Jeffrey, inclinando-se para a frente.

– Sim, começo a ter essa sensação.

Meu pai ri sozinho.

– Na verdade, eu encontrei Pete Wishart a caminho de casa. Ele ficou muito impressionado com você, Jeffrey. Assistiu ao segundo turno, nas laterais, embora eu não saiba o quanto ele viu. Não acho que ele se afastou muito do bar. Ele estava bêbado. Mas cheio de superlativos.

Estou horrorizado.

– Espere, o *pai* de Eliza estava lá? Quero dizer, ele assistiu? Jeffrey?

– Exatamente – diz ele. – E está tudo bem, Charlie, ele não estava vendo outra coisa.

Jeffrey ri atrás de mim.

– O Campeão do Povo ainda pode ser empurrado de um carro em movimento, você sabe – anunciou, por cima do ombro. Mas ele ri mais alto. Viro-me para meu pai, ele pisca e sorri para mim como não fazia havia algum tempo. E, enquanto o vento joga um pouco de frescor pelas janelas de nosso Holden gasto, golpeando ridiculamente o cabelo que cobre a careca do meu pai e forçando meus lábios a um sorriso, digo a mim mesmo para relaxar um pouco. Acalme-se. Dê de ombros. Porque é verão. Porque meu pai ainda me ama. Porque Jeffrey Lu finalmente ganhou uma em cima dessa cidade. E porque Eliza Wishart se inclinou e me deu o que sempre sonhei.

•

Não consigo comer. Estou agitado e exaltado. Desatento, empurro a comida pelo prato e reconto a heroica história de Jeffrey, sem o drama e a tensão que ela merece. De todo modo, minha mãe não está escutando.

– Converse menos e coma mais, por favor. – Ela agita o dedo para meu purê de batatas frio e esculpido. Suspiro. Realmente não consigo comer. Olho para baixo, para a massa insípida e pastosa. Aquilo não é comida. É aquela mistura pálida com a qual se fazem reparos em paredes ou se vedam canos enferrujados. E, para meu arrependimento, já acabaram os itens com um sabor passável para misturar àquilo.

Olho para meu pai, que retribui meu olhar no mesmo nível. Ele ergue as sobrancelhas. Eu entendo. Descarrego uns condimentos no monte de massa e engulo-o o mais rápido que consigo, sem reclamar. Assim que acabo, percebo que ele tem razão. *É* realmente

mais fácil. Até elogio a comida da minha mãe. De certo modo, parece uma vitória.

Mais tarde, no meu quarto, com uma caneca de café, penso no meu pai. É como se estivéssemos novamente em pé de igualdade, como se algo tivesse voltado ao seu lugar.

Parece-me que talvez ele soubesse que eu estava mentindo naquela noite. Ele não é um idiota. Deve ter sentido o cheiro da bebida, deve ter sabido que eu estava bêbado. Deve ter visto minhas roupas sujas e meus olhos vermelhos. E ele já me vira mentir. Lembro-me do modo como franziu a testa para mim. Não acho que ele acreditou em mim por um segundo.

Por isso, quando me viu hoje, sentado com Eliza, acho que posso ter confirmado uma parte crucial da minha história ou o suficiente para que ele confie em mim novamente. Apenas o suficiente para saber que minha mentira não foi tão flagrante como ele talvez tenha pensado. Que posso não ter contado toda a verdade, mas o suficiente estava ali.

Gostaria que Jasper Jones aparecesse essa noite. Não sei por que, mas quero lhe contar sobre Eliza. Que a beijei. Que ela me beijou.

•

Ele veio duas vezes à minha janela enquanto estive de castigo. A primeira, poucos dias após aquilo ter acontecido. Ele apareceu tarde e cheio de desculpas. Cochichando, disse-lhe que eu estava de castigo e não poderia sair. Ele continuou se desculpando, dizendo que a culpa tinha sido dele. Disse que deveríamos ter voltado mais cedo. Fiz o possível para amenizar suas apreensões, mas sinto que, naquela noite, ele partiu mais triste do que quando chegou, arrasado pela culpa.

Quis segui-lo, garantir-lhe que eu estava enredado naquilo por escolha própria. Eu poderia ter me omitido, se quisesse, mas acreditei nele. Quis ajudar. Não que, de qualquer modo, eu tivesse feito muito por ele.

Também queria lhe dizer que decidira ir embora com ele, fugir da cidade assim que aquilo estivesse resolvido.

Pensei muito sobre o assunto. Principalmente quando estava mais amargurado por ser mantido dentro de casa. Minha determinação aumentava e diminuía, mas sempre me mantive fiel à ideia. É claro que a ideia de fugir me fazia cagar de medo, mas o pensamento de deixar Corrigan ao lado de Jasper Jones era suficientemente estimulante para eu acreditar que realmente era capaz.

A segunda vez que Jasper apareceu foi na véspera de Natal. Dessa vez, ele estava insistente, impaciente. Quase como na primeira noite em que bateu nas minhas ripas de vidro. Tinha a respiração pesada e suave como se tivesse corrido até aqui. Abri minha janela e o encontrei alternando sem peso entre os pés.

– Charlie, eu *sei* que foi ele. Posso provar. – Seus olhos estavam arregalados com sentimentos. Ele cheirava a terra e cigarro.

– Silêncio! – falei, colocando o dedo nos lábios. – As paredes são muito finas. Meus pais podem ouvir. O que aconteceu?

– Eu peguei ele, Charlie. Acho que peguei ele, porra – sussurrou Jasper.

– Quem? Jack Lionel?

– É.

– Como? O que você quer dizer?

Jasper contou que foi às escondidas à propriedade de Lionel naquele amanhecer, sabendo que ele estaria dormindo. Ele entrou pelos fundos, passando agachado sob a cerca de arame farpado e começou a investigar. Passou pelo pessegueiro e pela varanda, abrindo armários empoeirados e passando os olhos por prateleiras cheias, mas não havia nada além de latas de tinta vazias e

ferramentas. Sua coragem me impressionou. Se não fosse Jasper Jones, eu jamais teria acreditado.

Ele bisbilhotou até mesmo pelas janelas da casa, mas não descobriu muito. A cozinha também não era interessante: uma pequena chaleira no fogão, uma caneca de metal no secador de louças ao lado da pia. Uma mesa pequena com cadeiras de vinil. Dando a volta, sob o pessegueiro, outra janela revelou uma sala de estar marrom e arrumada. Uma única poltrona reclinável. Uma pequena televisão e um rádio estavam sobre uma mesa baixa. Pressionei Jasper por mais detalhes. Havia fotografias sobre o piano que fica contra uma parede mais distante, mas ele não conseguiu distingui-las. Um quadro com uma paisagem. Uma pilha de jornais. Uma lareira. Todas as demais janelas estavam ocultas atrás de persianas estreitas de cor bege. Não soou como a casa de um psicopata.

Foi somente quando desistiu e voltava pelo mesmo caminho que Jasper passou pelo banheiro externo, pelo galinheiro e pela horta e topou com aquilo. Depois do instável barracão de madeira coberto com zinco, ali, a céu aberto, entre espigas de capim seco e alto, estava a carcaça queimada e enferrujada de um carro. Jasper se aproximou dela sem muito interesse. A frente estava completamente amassada. Jasper andou em volta e examinou o interior. Teias de aranha pendiam de fendas, marcadas com gotas de orvalho. A carcaça cheirava a ferrugem e merda de rato. O pouco que restava do enchimento interno tinha apodrecido.

Jasper me contou que estava partindo, quando olhou para baixo e viu. Disse que congelou e que se sentiu enjoado até as entranhas. Ele pensou que estava sonhando. Ali. Bem ali. Dentro da porta do passageiro, gravada profundamente na ferrugem.

Uma única palavra.

DESCULPE.

Ele precisou tocá-la para se certificar. Sentiu dificuldade em dobrar os joelhos para se agachar e fazer uma inspeção mais

detalhada. Aquela palavra. Aquela mesma palavra, dessa vez escrita com letras maiúsculas. Bem mais antigas do que aquelas no eucalipto. Mal se notava, mas estavam ali.

– Eu precisei me sentar – disse ele. – E, então, simplesmente fiquei *furioso*. Foi tudo o que pude fazer para não entrar na casa e agarrar ele. Eu sabia. Eu *sabia* que foi ele. Apenas fiquei sentado ali, olhando para aquela palavra. Lendo-a, várias vezes.

Jasper parou para acender um cigarro enquanto meu cérebro remexia essa informação lentamente.

– Tem certeza de que se parecia com a palavra na árvore? As letras eram as mesmas? – perguntei-lhe.

– A palavra era a mesma – declarou ele, expirando.

– Fique longe da janela – sussurro, sentindo-me um veado. – Ou, eles pensarão que fumei e ficarei preso aqui até minhas bolas apodrecerem.

– Merda, foi mal, parceiro. – Jasper desviou seu bafejo prateado e sorriu.

No curto silêncio que se seguiu, tentei entender melhor a história. Certamente, era intrigante. Poderia ser realmente verdade? Isso realmente implicava Lionel? Talvez Jasper tivesse razão o tempo todo. Mas para quem era *esse* pedido de desculpa? Se a gravação era antiga, como Jasper afirmou, *precisava* ser para outra pessoa, não para Laura. Então, quem? Eu não conseguia entender. A coisa toda parecia tão enigmática e tênue.

– Não sei, Jasper. Pode ser uma coincidência.

– O quê? Charlie, escute, não existe essa *coisa* de coincidência. Pense. Pense em tudo o que *sabemos*. Sobre Jack Lionel sempre sair de casa e gritar comigo, acenar e xingar. Porque ele é um *desgraçado* velho e maluco. Sobre sabermos que ele matou antes. E agora essa coisa de rabiscar sua culpa por toda parte. Sem *essa*, Charlie. Foi ele. Ele matou Laura. Faz sentido. É o bom senso. É isso. É isso o que o liga ao caso, ao meu lugar, à Laura. Sabemos desde o início e agora podemos provar.

Pensei sobre esses dois pedidos de desculpas. Um sussurrado, outro gritado. Um gravado em madeira, outro arranhado em metal. Era instigante, eu precisava admitir. *Parecia* uma verdadeira pista. E a certeza de Jasper era tão sedutora. Fiquei extremamente tentado a concordar com ele, pegar meu forçado e correr, só para ter tudo resolvido e decidido.

Mas, para ser útil a Jasper, eu deveria ser imparcial e lógico, como Atticus, como meu pai. Crítico. Precisava combater aquilo com perguntas. Se continuasse a fazer sentido, seria o suficiente para mim.

– Mas, se ele é um criminoso tão perigoso – sussurrei –, por que a polícia não esteve na casa de Mad Jack Lionel? Por que ele ainda não foi interrogado ou preso? Se sua fama fosse verdadeira, ele seria a primeira pessoa com quem eu falaria se uma garota desaparecesse. Quero dizer, há uma chance de ele não ser quem pensamos?

– Primeiro, Charlie, nós já sabemos como a polícia dessa cidade é inteligente. Além disso, nós não sabemos se eles *não* foram falar com Lionel. Não mantenho a casa dele sob vigilância constante. Quem sabe? Talvez prenderam o cara. Talvez seja por isso que ele não saiu para gritar comigo enquanto esperei por lá todas aquelas noites.

– Então você acha que a polícia *falou* com ele?

– Estou dizendo que é *possível*. Mas o maior problema é que a polícia nem sabe o que está investigando. Entende? Tudo o que eles sabem é que Laura está desaparecida. Isso é tudo o que eles têm. Ainda pensam que ela sumiu por contra própria. Ainda acham que ela fugiu para a cidade ou sei lá o quê. Não se começa a procurar um assassino até se saber que alguém foi assassinado.

– É verdade – concordo. Sinto certa impaciência em Jasper, como se ele já tivesse discutido isso.

– De qualquer modo – prosseguiu –, ele me pegou.

– *O quê?*

Jasper assentiu lentamente e esmagou o cigarro na borda da janela.

– É. Veja, depois de ficar algum tempo sentado ali, resolvi dar uma olhada mais atenta antes de ir embora. Quando tive certeza de que foi ele. Mas voltei ao campo de visão da casa e lá estava ele, na escada dos fundos, olhando para mim.

– *Cristo*. O que ele fez?

– Nada, realmente. Não fiquei por muito tempo. Mas eu estava furioso. Apontei para ele e gritei “Eu sabia! Eu sabia que tinha sido você!”. E voltei correndo pelo mesmo caminho.

Abanei a cabeça e praguejei.

– Eu sei – disse Jasper, baixinho. – Foi o mais perto que já estive. Ele não é tão velho quanto eu pensava. Eu deveria ter ficado, mas estava com tanta raiva que poderia ter avançado contra ele.

– Ele gritou com você?

– Não, e aí é que está. Ele não disse uma palavra. Apenas ficou ali, na sua escada dos fundos.

Fiz uma pausa e olhei para baixo.

– Afinal, o que significa tudo isso?

– Significa que *sabemos* que foi ele, Charlie. Sabemos, com certeza.

– Mas *sabemos* mesmo? – Coço a cabeça. – Quero dizer, não sei, Jasper. Admito que é estranho. Mas não sabemos *com certeza*, sabemos? Precisamos de testemunhas e todo o tipo de coisa para convencer alguém. Alguma coisa que o ligue irrefutavelmente ao caso.

– Bem, é o que vamos conseguir – disse Jasper, simplesmente.

– Sim, mas *como*?

– Vamos fazer Jack Lionel confessar.

E, antes que eu pudesse deixar escapar minha pergunta seguinte, houve três batidas fortes na minha porta e minha mãe chamou rispidamente meu nome. Sacudi o ar com as costas da mão

e mandei Jasper ir embora. Ele sumiu. Ela irrompeu no quarto como se comandasse uma busca.

– Calma – falei. – Eu só estava tentando abrir a janela. A alavanca está emperrada.

Ela inspecionou o quarto como uma ave de rapina.

– Você andou fumando? Sinto cheiro de cigarro. É por isso que está abrindo a janela? – Ela se inclinou à procura de qualquer causa justificável para acabar comigo. Fazia duas semanas que ela fazia aquilo, entrando tensa, contida e desconfiada, como se eu estivesse cavando um túnel de fuga ou abrigando espiões comunistas. Ela estava mais agressiva comigo do que nunca. Minha mãe era tudo o que eu imaginava ser um agente carcerário, mas sem o uniforme, o cassetete ou as ocasionais demonstrações de humanidade.

– O quê? É claro que não – respondi, enrugando o rosto numa imagem de confusão e de afronta.

Ela fez uma expressão de dúvida, estreitou os olhos e saiu.

Pelo que soube, eu a constrangi na noite em que fui apanhado. Destruí a fachada e manchei o nome da família e a reputação dela. Línguas se agitaram. Calúnias foram lançadas como esporos de dentes-de-leão em ventos quentes e fofoqueiros. A brigada do clube das mulheres e as tagarelas do *badminton* fizeram “tscs” como abutres. Eu não era mais uma criança-modelo e ela não era mais uma mãe-modelo. E uma parte de mim, falsa e mesquinha, estava empolgada com isso, quase orgulhosa.

Após ela fechar a porta, encarei a janela. Esperei a noite toda por Jasper Jones, mas ele não voltou.

•

Já faz três noites que vi Jasper Jones e estou transbordando de perguntas e de novidades.

Por isso, essa noite tento escrever, para obter um sentido em tudo isso. Estou ansioso e empolgado depois de ter passado o dia com Eliza e visto o triunfo de Jeffrey. Mas tudo continua mitigado pelo peso nas minhas entranhas, pelo marimbondo vivendo no meu peito, pela garota na água.

Por algum motivo, começo a rabiscar aquela palavra no alto da página. Olho para ela. Desculpe. *Desculpe*. É uma palavra que assombra e machuca. Parece pedir perdão por estar na página. É uma palavra tão clara quanto esquiva.

Escrevo em volta dela. Tecendo e riscando. Dou-lhe história e diálogo. Dou-lhe nomes e lugares. Dou-lhe fôlego e voz. Minha redação é veloz e bagunçada. Mordo o interior da boca e mal noto quando sinto o gosto de sangue.

E se torna claro para mim que aquela é uma palavra boa, usada por pessoas boas. Ninguém é verdadeiramente virtuoso, ninguém evita a maldição rastejante. Todos os personagens, em todas as histórias, pelem entre o bem e o mal, entre o certo e o errado. Mas são as pessoas boas que sabem diferenciar, que sabem quando ultrapassaram a linha. E é um gesto difícil e humilde aceitar a culpa e admitir a falta. É preciso ser corajoso para dizer essa palavra e falar sério. *Desculpe*.

Desculpe.

“Desculpe” significa que você sente o latejar da dor do outro, como também sua própria dor, e que você assume parte dela. Portanto, isso nos une, nos assemelha. “Desculpe” é uma porção de coisas. É um buraco preenchido. Uma dívida paga. “Desculpe” é o acordar do delito. É a onda mutilada das consequências. “Desculpe” é tristeza, assim como saber é tristeza. “Desculpe”, às vezes, é autopiedade. Mas “Desculpe”, realmente, não é sobre você. Cabe a eles pegar ou largar.

“Desculpe” significa se abrir, para ser abraçado, ridicularizado ou vingado. “Desculpe” é uma pergunta que implora perdão, porque o metrônomo de um coração bom não se acomodará até as coisas se

tornarem certas e verdadeiras. "Desculpe" não aceita coisas velhas, mas as empurra adiante. Faz uma ponte sobre a lacuna. "Desculpe" é sacramento. É uma oferenda. Uma dádiva.

Sim. "Desculpe" é quando pessoas boas se sentem mal. E as pessoas que me preocupam são aquelas que, por alguma falha nos seus circuitos, por algum buraco nos seus corações, não conseguem sentir dizê-la, rabiscá-la em árvores, ou transmiti-la ao céu com as palmas unidas. Eric Edgar Cooke nunca a sussurrou. Albert Fish nunca a admitiu. O Estrangulador de Boston nunca a ofereceu. Gertrude Baniszewski nunca a queimou na pele de Sylvia Likens. E, por isso, parte de mim reluta em acreditar que foi o assassino de Laura o responsável por marcar aquela palavra na madeira. *Desculpe*. *Precisa* ser outra pessoa. Eu li sobre assassinos voltarem à cena do crime, mas nunca para um ato de contrição. Nunca para se entender com uma alma. Se você é capaz desse tipo de maldade, é capaz de uma cota igual de remorso?

Porém, quem mais pode ter sido? Quem mais sabia? Quem mais teria motivo para se desculpar? Talvez eu esteja sendo intencionalmente obtuso. Provavelmente estou errado. Sobre tudo. E talvez Jasper esteja certo. Talvez "*Desculpe*" não seja tão simples quanto penso. Ou tão honrado, romântico ou grandioso. Talvez seja apenas o refúgio do fraco. Talvez seja apenas o bálsamo calmante do mau e do cruel. Talvez seja pouca ou nenhuma recompensa para os destinatários. Talvez seja apenas uma promessa vazia, um presente em uma caixa vazia. Talvez seja para interesse próprio e sem amor. Talvez pegue o que necessita e não retribua. Talvez seja tão estúpido, torpe e sem sentido como todas essas fatias amarelas de rabiscos banais trancados em uma mala.

Penso em Eliza, e minha barriga se aperta e se revira. Passo para uma nova página e me precipito sobre ela, desesperado para prendê-la com palavras.

*Uma árvore
não sabe que é uma árvore.
Não sabe quão bonitas são suas flores,
ou quão seu cheiro é belo,
ou quão seu fruto é macio e doce.
Não sente quão aquecido estou com meus braços à sua volta.
Não consegue me ouvir quando lhe digo essas coisas.
Não sabe nada.
Ainda bem que você não é uma árvore.*

Leio, suspiro e arranco a página do bloco. Amasso-a até formar uma bola do tamanho de uma noz. Mas não a jogo fora. Coloco-a na minha gaveta, embora seja o pior poema já escrito.

Que se dane. O mundo está me espancando essa noite. Meu cérebro é um molusco cor-de-rosa enorme e lento. Jogo a caneta para o lado, frustrado. Descanso a cabeça nos antebraços cruzados e fecho os olhos. E me consolo no meu salão de baile em Manhattan.

Seguro a tribuna no palco, com meu troféu dourado pousado diante de mim. Os aplausos cessaram abruptamente e o que resta é um silêncio confuso, ligeiramente embaraçoso. Alguém tosse. Olho para baixo e noto a gravação na base dourada do prêmio. Não é meu. Nunca foi. Dois homens em ternos azuis e óculos escuros saem dos bastidores e agarram meus braços. Quando me levam, olho para a multidão e vejo Papá Hemingway balançando a cabeça para uma perplexa Harper Lee, como se sugerisse que ele não faz ideia de quem eu sou e o que faço no palco. Norman Mailer sorri presunçosamente. As pessoas me repreendem. Kerouac e Kesey estão sob um lustre, dando risadinhas um para o outro. Agora rugem, esses ficcionistas cruéis, todos tão espertos e confiantes. Sinto-me terrivelmente constrangido. Olho à esquerda e vejo Truman Capote segurando uma cópia do meu poema, encolhendo-

se e revirando os olhos. E os ternos azuis, felizmente, me levam da gargalhada cruel, para um lugar escuro e silencioso.

•

E então, os ruídos me trazem de volta a Corrigan.

Ergo a cabeça e franzo a testa. A princípio, noto um estrondo indistinto, longe. Em seguida, gritos. Ouço batidas de portas de carros. Então, um cachorro latindo. Imagino o motivo do tumulto e a quem ele pertence.

Quando persiste, sou forçado a descobrir. Escapo silenciosamente do meu quarto para a sala. Abro a cortina e inspeciono a rua. Algo está acontecendo em frente à casa de Jeffrey. Meu peito se afunda e engulo em seco. Vejo quatro homens destruindo o jardim de An Lu, iluminados pelos faróis de um carro. Não parece real através dessa vidraça. Eles estão arrancando suas flores, seus pequenos arbustos, desenraizando tudo e jogando as coisas mais pesadas na casa. Fico com medo: mais ainda quando a luz da varanda se acende e An Lu sai da casa. Não consigo ouvi-lo, mas sei que fala com eles. Mantém as mãos erguidas, como se pedisse calmamente uma explicação. Então, aponta para seu jardim. Mas eles não param até quase tudo estar arrasado. Ele desce lentamente seus degraus. Parece confuso. Estou tremendo.

E Lu não cai quando o atingem no rosto. Ele curva o corpo, mas permanece de pé. Estende os braços, mas eles o agarram, puxam-nos e continuam atingindo-o. No corpo e no rosto.

Somente quando vejo Jeffrey e a Sra. Lu no vão da porta volto à realidade e grito pelo meu pai, que sai às pressas da biblioteca. Ele apenas segue meu olhar. Minha mãe sai do quarto, usando uma fina camisola, com a testa franzida e perguntando o que está acontecendo. Meu pai olha pela janela.

Então, ele sai pela nossa porta principal, correndo para eles. Tenho muito medo, mas vou atrás dele. Também estou correndo. A rua ainda está morna debaixo dos meus pés descalços. A noite é quente e parada. A Sra. Lu está gritando. Ela contém Jeffrey; ele tenta se soltar, mas ela o segura com firmeza. An Lu está no chão. Encolhido sobre seu gramado. E eles continuam. Batem e cospem nele. Golpeando e chutando. Consigo ouvi-los gritar: "Rato comunista! Rato comunista desgraçado!" Meu pai também grita enquanto corre. Exigindo que eles parem. Mas eles não param. Também me vejo gritando, estridentemente. Outra luz de varanda se acende. Meu pai os alcança. Ele é muito alto. Ele é tão alto. E observo enquanto ele puxa um dos homens e empurra violentamente outro. Há grunhidos e sons de golpes em carne humana. Alguém tenta dar um soco no meu pai, mas ele é mais rápido. Salta para trás como um boxeador e deixa que o soco deslize à sua frente. Meu pai se coloca entre eles e An Lu, que, agachado, rasteja para a escada da sua casa. Consigo ouvi-lo resfolegar. Meu pai segura um dos homens pelo colarinho, um homem mais jovem, troncado e uma cabeça mais baixo do que ele. Segura-o à distância de um braço, apertando a camisa dele na altura da garganta. Meu pai range os dentes e manda-o ir embora. No meio daquilo, fico chocado ao notar que ele é o mais forte. Os homens têm um cachorro acorrentado à traseira do carro, branco e com uma mancha preta em volta do olho. Ele força a corrente, rangendo os dentes e latindo.

Um dos outros homens se aproxima do meu pai, e eu grito, mas, atrás de mim, Harry Rawlings, da casa vizinha, saltou sobre a cerca de amianto que divide os jardins e segurou o agressor. Harry é um motorista de caminhão largo e com cabelos ruivos, que já foi quatro vezes campeão regional de corte de lenha, e quando derruba o agressor no chão, ele permanece ali.

– Fique aí, seu desgraçado! – ordena Harry.

Os outros dois homens voltaram para o carro, mas outro vizinho, do outro lado da rua, Roy Sparkman, vestindo apenas uma bermuda cáqui, tirou a chave da ignição e caminha em direção à casa. Um silêncio estranho se segue ao desligamento do motor. O cachorro gane. Noto que quase todas as residências da rua têm as luzes acesas e que os casais observam dos degraus das varandas, mantendo seus curiosos filhos em casa.

Após uma pausa breve, o mais jovem dos quatro homens se solta e dispara pela rua. Ouço Maggie Sparkman gritar e censurá-lo, do outro lado da calçada, enquanto ele corre.

– Nós sabemos quem você é, James Trent! Você é uma maldita *desgraça*! Eu conheço sua *mãe*! Vocês *todos* deviam ter vergonha!

O homem troncudo agarrado por meu pai se solta subitamente, pronto para brigar, mas recua quando Harry Rawlings e Roy Sparkman se aproximam. Meu pai ajeita a camisa e anda até An Lu, que está sentado na escada. A Sra. Lu, percebendo que é seguro se aproximar, solta Jeffrey e se abaixa perto de An.

Jeffrey, com ódio e furioso como eu nunca vi, corre até o homem no chão, preparando-se para chutar seu rosto. A Sra. Lu grita para ele, estendendo o braço. Mas Harry Rawlings se movimenta com maior rapidez e impede Jeffrey antes que ele consiga chutar o homem, erguendo-o com facilidade e agarrando-o com força. Jeffrey arranha-o e se contorce como um gato furioso, para se livrar, mas Harry o segura com firmeza. Ele coloca Jeffrey na varanda, segurando seus ombros até ele se acalmar.

– Charlie, leve Jeffrey para dentro, por favor – pede meu pai, erguendo os olhos da sua inspeção do rosto de An Lu. Eu me aproximo de Jeffrey, hesitante, mas sei que jamais farei com que ele se afaste. Fico ao seu lado, pronto para contê-lo se ele recommear. Mas Jeffrey Lu, que foi o queridinho dessa cidade apenas poucas horas antes, permanece parado. Ele respira rápido e profundamente e mantém um olhar firme naqueles homens.

O homem mais velho volta, um pouco instável. Livra-se, com um tranco, de um pedaço de jasmim que grudou na sua bota. Desconfio de que ele está bêbado.

– Devolva as minhas chaves, Roy. Isso não é da sua conta.

– Quando você está na minha rua, é da minha conta.

– Você merece uma medalha comunista, seu babaca – desdenha ele.

– Vá se foder – diz Harry Rawlings. – Não é culpa dele se você desperdiçou seu emprego, seu desgraçado inútil. Não tem nada a ver com ele.

– Não tem? Ah, seu saco de merda. Escute o que está falando. Vocês não estão fazendo nada, *Jesus Cristo*. Ele está *envolvido*. Ele é comunista. *Ele é um comunista! Rato desgraçado!* – Ele se inclina para a frente e cospe essas palavras para An Lu. – Ele está escondendo alguma coisa. Eu sei. Ele provavelmente matou aquela garota. Voltem para Hanói, *ratos*.

Harry dá dois passos e desfere um soco rápido no seu queixo. O cachorro avança e late, enfurecido. Eu gelo. O homem, Mick, mantém a cabeça virada. Ele cospe sangue.

– Quer mais? – Harry se aproxima novamente.

– Deixe – alerta Roy Sparkman, que joga as chaves, acertando Mick no peito. – Tome. Dê o fora. Podemos cuidar dessa merda pela manhã.

Mick apanha as chaves no gramado. Não sinto mais medo. Os outros dois homens voltaram para o carro. Mick ergue o olhar para Harry Rawlings.

– É melhor você se cuidar, cara. Você não sabe nada. Nenhum de vocês. Vocês são tudo o que há de errado com esse país. Usem seus olhos! Os ratos estão aqui e estão se reproduzindo, anotem o que estou dizendo. Porra, eles estão se reproduzindo.

– *Vá embora!* – explode meu pai. Ele se impõe, alto e intimidador. Olha firme e com verdadeira ira. E não consigo deixar de sentir orgulho. Eu estava enganado a respeito dele.

O carro estremece ao ser ligado. O motor ronca. E eles arrancam pedaços do gramado com os pneus, que soam altos pela rua. Eles deixam para trás um silêncio muito estranho. As pessoas voltam para suas casas, conduzindo os filhos para a cama. Meu pai ajuda An Lu a se levantar.

– Sinto muito, An – diz ele.

An Lu balança a cabeça e gesticula para ele ir embora, dando-lhe um leve sorriso. Ele sobe a escada com dificuldade, com sua esposa segurando-o por baixo do braço. Ela está chorando. An parece abalado e machucado, mas permanece calmo e digno. Vê-lo sofrer me atinge em cheio. Meus olhos ardem e preciso desviar a vista. Meu pai segue-os até a porta. Ele se apoia no batente da porta e diz algumas palavras que não consigo ouvir, mas que parecem consoladoras. Sinto que deveria fazer o mesmo por Jeffrey, mas não sei o que dizer. Abro a boca, mas não sei nada. Não tenho as palavras certas.

Roy Sparkman está no gramado, junto a Harry Rawlings. Ele grita para Jeffrey:

– Bom jogo hoje, garoto. Não assisti, mas soube. Disseram que você foi o herói da última bola, certo? Quanto fez, quarenta e tantos?

Jeffrey assente distraidamente.

– Quarenta e três – digo. Não sei por que senti a necessidade de esclarecer aquilo. Talvez eu queira distrair Jeffrey com seu próprio sucesso.

– Quarenta e três! – exclama Roy, assobia e procura e mantém contato visual com Jeffrey. – Você deve estar muito orgulhoso. Mantenha a cabeça erguida, certo? Está me ouvindo? Hoje você fez uma coisa incrível. E ninguém pode tirar isso. Está entendendo?

Jeffrey confirma com a cabeça. Ele arrasta os pés. Permanece calado, seu rosto não denuncia nada. Ele me lembra An. Desligou algo dentro de si.

Sinto a mão do meu pai no meu ombro. Ele não fala, mas sei que é hora de irmos. Ele passa por mim, indo para o gramado.

Antes de partirmos, coloco a mão no ombro de Jeffrey, pressionando sua clavícula com o polegar, tentando transmitir as coisas reconfortantes que quero dizer. Ele assente e pressiona os lábios. Então, entra em casa.

A rua fechou suas portas. Desço ruidosamente os degraus e encontro meu pai, que está falando com Harry e Roy. Ele deseja-lhes boa-noite e, distraidamente, coloca o braço em volta do meu ombro. A sensação é de conforto e de proteção, e não me importo. Não, mesmo. E, assim, seguimos todo o caminho para casa. Atordoados. Para ser honesto, estou à beira das lágrimas, e há algo sobre minha proximidade com meu pai que parece apressá-las. Mas pisco, mandando-as embora, e inspiro.

Na nossa porta, meu pai para e me puxa para perto dele.

Primeiro, afasta-se um pouco e me olha nos olhos.

– Sinto muito por você ter visto isso, Charlie. Você está bem?

– Não sei. Não. Não, mesmo. – Encolho os ombros e desvio a vista.

– Bom, também não estou, se isso o faz se sentir melhor. Estou péssimo – diz.

Ficamos parados por um tempo.

– Por que isso *aconteceu*? Por que alguém faria isso com An?

Meu pai respira fundo, preparando cuidadosamente uma resposta, mas é interrompido por minha mãe, que abre a porta e nos manda entrar.

Nós nos sentamos à mesa da cozinha. É estranho. Ninguém está cansado. Ninguém sabe o que dizer.

Após algum tempo, meu pai se levanta e fuça as gavetas e os armários. Ele volta a se sentar com um baralho, uma garrafa de Porto e três copos. Minha mãe franze a testa para o terceiro copo, mas deixa passar.

Eu embaralho as cartas enquanto ele serve três doses cor de ameixa. Minha mãe apanha um bloco de papel e uma caneta. Eu entrego o baralho e meu pai dá as cartas. Ele não tinha respondido à minha pergunta, por isso eu lhe pergunto novamente.

Ele suspira.

– Mick Thompson é um covarde e um idiota. É um homem escravo da própria sarjeta. Veja, é novamente como aqueles tubarões no escuro, Charlie. Para alguns, é mais fácil condenar outra pessoa do que ter força para consertar seus próprios erros. Mas, um dia, ele receberá o que merece, porque para alguém como ele, há uma dúzia de Harry Rawlings prestes a se meter no seu caminho.

Concordo, com a cabeça abaixada, embora continue sem entender. Aquilo não parece absolutamente o bastante para explicar o que vi. Mas não quero pressioná-lo.

Minha mãe se inclina para a frente e toca meu braço.

– Não se preocupe com An, Charlie. Ele ficará bem. Ele é forte como um touro, e Jeffrey, também. – Ela bebe um gole do seu Porto. – Pelo amor de Deus, que semanas *tórridas*. Não sei o que está acontecendo com essa cidade.

Olho minha mão de cartas e espero que ela solte o seu “Tudo o Que Está Errado Com Corrigan”, mas ela não o faz. Ela examina suas cartas e solta um “tsc”.

– Mais uma vez, Wes, você me deu a pior mão imaginável.

– Não importa, querida. Você ainda construirá uma vitória inimaginável – observa ele.

– Creio que não, *querido*. Você não está sentado onde estou. Essas cartas são mais inúteis do que um bule feito de chocolate. Não posso fazer nada. Você não dará mais cartas. Está proibido.

E, assim, ficamos sentados ali, jogando canastra até tarde. Faz calor, e as coisas seguem espantosamente civilizadas. O ventilador da cozinha gira e se agita acima de nós. Bebo uns golinhos

experimentais do meu Porto, com a sensação de que estou me safando de alguma coisa.

Exatamente como meu pai previu, minha mãe nos arrasa. Ela é habilidosa e incansável nas cartas, principalmente no jogo de canastra. Meu pai sempre prostra suas cartas cedo demais, e eu nunca pareço ter as cartas certas. Minha mãe, porém, é sinistra. Sempre esconde o jogo, amaldiçoando sua sorte, não dando a menor bandeira até, repentinamente, mostrar suas colunas de cartas com um alvoroço satisfeito, sorrindo.

Meu pai e eu gememos quando ela abaixa caprichosamente sua última carta. Ela alcança a caneta e o bloco.

– Somem aí, rapazes – tripudia ela.

– Como ela faz isso com a gente, Charlie?

– Porque sou brilhante. E tenho bons instintos.

– Acho que ela trapaceia – diz meu pai para mim, protegendo a boca com a mão e piscando.

– Se essa dupla se tornasse uma ameaça, talvez eu levasse em conta trapacear. Mas não sinto necessidade de contornar as regras. É como atirar em peixes presos num barril.

– Sabem – falo, baixinho, erguendo meu copo de vinho do Porto –, nunca entendi porque alguém *atiraria* em peixes presos num barril. Eles já estão num *barril*, vocês já os apanharam. O trabalho difícil já foi feito e eles não podem escapar. Portanto, se os quiserem mortos, basta tirar a água. Por que usar armas?

Meu pai ri.

– Veja, Ruth, esse garoto vai longe. É uma boa questão. E vale a pena ser lembrada sempre que você encontrar um homem apontando um rifle para trutas presas num barril.

– Esvazie a água e poupe suas balas – digo, sacudindo os ombros.

– É uma *expressão* – alega minha mãe. – Vocês não são bons da cabeça. Bem, me passem seus pontos.

Contamos nossos pontos. Sei que meu pai aumentou seus pontos e sorriu em conluio. Quando minha mãe os anota, sua língua pressiona o lado da boca. Ela parece uma garota. Ela assobia, olhando para o bloco.

– Vocês estão num trem sem freio, cavalheiros.

– Vamos, Charlie – diz meu pai. – Precisamos acabar com esse absurdo. Ainda não terminou. O Expresso da Sorte precisa parar em breve.

– Sorte? – pergunta minha mãe. – É habilidade. Não seja tão rebelde.

– Rebelde?

– Rebelde.

Todos sorrimos. É legal, eu acho. É óbvio que estamos tentando fazer com que os outros se sintam melhor. Pergunto-me se estão planejando um jogo de canastra na casa de Jeffrey. Provavelmente, não. Espero que ele esteja bem. Quero bater na janela dele, como Jasper Jones.

Minha mãe ergue a cabeça, mordendo o lábio.

– Cavalheiros, tenho notícias *devastadoras*. – Ela começa a baixar suas colunas de cartas com um sorriso. Nós gememos e nos recostamos na cadeira.

– Já? Você é impiedosa como um saco de cobras.

– Vamos somar – diz ela, alcançando o bloco.

– Não acho que é necessário. – Meu pai joga suas cartas na mesa. – É o nosso fim, Charlie. Hora da rendição. Fomos pilhados. É melhor nos recolhermos.

Levanto-me e, enquanto isso, surgem barulhos repentinos de disparos de metralhadoras no nosso telhado. Todos recuamos e olhamos para cima. Está chovendo. Lentamente, mas com força, como fogos de artifício. Camadas grossas e prateadas. Posso ver pela janela da cozinha. Ficamos em silêncio por algum tempo.

– Caramba! – exclama meu pai. – Está realmente chovendo.

Minha mãe abre as janelas para o ar fresco entrar. O ruído da chuva aumenta, e uma camada branca cintila.

Logo, há um relâmpago que assusta minha mãe. Ela agarra as costas da cadeira do meu pai.

– Pelo *amor* de Deus – diz ela. – É isso! Já chega. Vou dormir. Boa noite, Charlie.

Meu pai limpa a mesa, e eu coloco minha cadeira no lugar.

– Você está bem? – pergunta ele, parando.

Confirmo com a cabeça, mas na verdade não estou. Não, mesmo.

Não sei como meus pais conseguem se distanciar tão facilmente do que aconteceu na rua. Como conseguem colocar uma tampa na afronta que sentem e fechá-la com um estrondo. Penso em An Lu, sendo apoiado por sua mulher, tentando se manter firme e digno. E em Jeffrey. Pela primeira vez, ele pareceu derrotado, e justo no primeiro dia em que ele, porra, *venceu*. Não sei. Talvez haja algo errado comigo. Precisa haver. Porque parece que alguma coisa aperta meu coração e não consigo respirar e quero apenas me deitar e pensar como Eliza parecia macia e quente hoje, mas isso também é substituído pelo seu rosto quando ela chorou, por suas covinhas úmidas, pelas rugas nos seus olhos. Ela me disse que não era uma pessoa boa, e eu não contestei. Porque sou um idiota. Não disse as coisas que sempre pretendi lhe dizer, as centenas de palavras que rabisquei em preparação. Eu fiquei calado. Não a defendi. Enquanto meu pai, essa noite, provou que eu estava errado. *Ele* defendeu alguma coisa. Realmente. E fiquei tão impressionado, tão abismado, ao vê-lo lidar com aquele tipo de agressão. Porém nem isso fica em mim incólume; há um cão com os dentes na minha camisa, perturbando-me, arrancando-a e puxando-me para baixo com a ideia insistente de que não foi o *suficiente*, de que nunca será o suficiente.

Porque Jeffrey Lu foi um herói hoje e, quando ele chegou ao topo, eles o arrastaram para o fundo. Eles lhe deram um banho com

merda. Fizeram com que ele se sentisse um lixo quando deveria estar nas alturas, como uma pipa.

Porque aqueles homens agrediram seu pai várias vezes e destruíram algo belo. E nada acontecerá com eles.

Porque uma garota sumiu nessa cidade e foi Jasper Jones a quem detiveram, ameaçaram e surraram durante dias, mas, de algum modo, aqueles monstros não levantarão suspeitas.

Porque agora Jasper Jones precisa deixar Corrigan antes que a cidade o esmague. E tenho de ir com ele, sabendo o que sei, tendo feito o que fiz, sentindo o que sinto.

Porque Laura Wishart está morta. Ela foi espancada e enforcada. Talvez por Jack Lionel. Talvez por aqueles homens. E tiramos a corda do seu pescoço e a amarramos em volta dos seus tornozelos. Nós a amarramos a uma pedra, jogamos seu corpo na água e o afundamos.

E porque Eliza Wishart vai me odiar se algum dia descobrir o que fiz com sua irmã. Ela nunca mais segurará o meu braço ou se apoiará no meu ombro. Eu a teria beijado pela última vez. Mas, ainda sinto a necessidade de lhe contar. De nos livrar desse peso. De lhe garantir que tentei fazer a coisa certa. De gravar aquela palavra.

Ah, eu me meti numa encrenca. Sei que estão vindo atrás de mim. Os uniformes azuis, as luzes no céu. A espera é o pior. Posso sentir algo se fechando, uma asfixia lenta. Uma emboscada. E não quero estar sozinho.

O céu está mijando agora, cobrindo nossa casa. E, pesado como estou, o globo de neve não se acalmará. Talvez nunca se acalme.

– Boa noite – digo.

No fim da manhã da véspera de ano-novo, Jeffrey Lu declara sua intenção de dominar o soco de uma plegada.

– Você tem uma plegada de quê?

– Você é um idiota. O soco de uma plegada. É *caratê*. É Bruce Lee. Ele o introduziu na mais importante comunidade das artes marciais. Jeffrey Lu tornará esse golpe famoso.

Nós arrastamos nossos caixotes de madeira para a rua. Jeffrey descansa seu taco sobre o ombro e mantém os olhos um pouco fechados por causa do sol.

– Veja, Chuck, enquanto você pensa em coisas inteligentes para dizer às garotas, alguns de nós treinam até um ponto de *imaculada* perfeição para sua proteção. Deve ser legal ter um cavalo como eu no seu estábulo. Você é um cidadão. Pode se dar ao luxo de descansar sobre seus louros. Porque você sabe que Jeffrey é um obstáculo no caminho da tirania.

– Senhor, seu sacrifício significa tudo para mim.

– Nem é um sacrifício. Prefiro afiar minhas habilidades superiores até serem infalíveis do que andar à toa, aos beijos com garotas.

– Porque você é veado?

– *Você é veado* – suspira Jeffrey. Sentindo sua impaciência, peço-lhe para revelar os segredos do soco de uma plegada. Jeffrey suspira novamente e pousa seu taco. – Para o ignorante e não iniciado, o soco de uma plegada é, *essencialmente*, a violenta concentração de energia em um único lugar do corpo, que pode ser

liberada num momento explosivo. Assim. – Jeffrey firma o corpo. Ele se agacha, com o punho à frente, então se move repentinamente e me toca levemente no ombro.

– Jeffrey, é a coisa mais idiota que já vi.

– *Você* é a coisa mais idiota que já vi.

– Mas como esse golpe pode ser útil? A não ser que você esteja lutando numa cabine telefônica, não há qualquer benefício. Apenas se movimente como uma pessoa normal.

Jeffrey geme.

– *Charles*, você não conhece *nada* do mundo. Não adianta eu tentar explicar os métodos da elite dos lutadores de artes marciais. Seu veado interior simplesmente estraga uma mensagem perfeitamente sensata. É como se eu falasse uma língua diferente. *Obviamente*, eu não quis atingir você com força. Minha mão teria atravessado seu corpo se eu soltasse toda a minha energia. E não preciso de um assassinato nas minhas mãos.

– Assassinato? Jeffrey, com todo o respeito, um golpe como esse não causaria desconforto num coelho recém-nascido que sofresse algum tipo de osteoporose.

Jeffrey balança a cabeça.

– Viu? É o que estou falando. Você é incapaz de entender os princípios fundamentais do combate físico. Sua veadagem gigantesca afoga a informação. Você é um idiota. Dedique-se exclusivamente a pular pedras, fazer buquês de margaridas, caçar arco-íris, redigir sonetos ridículos e sei lá mais o quê. – Jeffrey apanha o taco e balança a cabeça.

– Certo. – Eu rio. – E você se dedique exclusivamente a dar um leve toque educado nos seus inimigos.

– É um golpe *explosivo*, seu *babaca*!

– Quer um golpe explosivo? Prepare-se, baixinho.

Caminho para a minha posição. Jeffrey inspeciona seu campo imaginário. Eu começo.

É claro que ele rebate todas. Seu olho é bom demais. Ele inventa rebatidas, fazendo o que quer com a bola. E é frustrante, considerando que o trajeto e a distância das minhas bolas não estão tão ruins hoje. Tenho a sensação de que ele está se vingando do meu desrespeito.

Pela primeira vez, não tenho medo de buscar a bola no jardim deles, que está bagunçado e poeirento. Apenas um pedaço de terra granuloso e estéril. Os insetos estão no exílio.

Há, porém, uma grande quantidade de cores sob a varanda. Após saberem o que aconteceu, algumas pessoas da cidade enviaram mudas, enxertos e flores dos seus jardins para An Lu. É claro que não chegam perto da beleza ou do exotismo da coleção dele, mas foi legal. Parece um modo de pedirem desculpa pelo que aconteceu. Mas penso se eles trariam alguma coisa se o jardim não tivesse sido arrasado. Ninguém trouxe algo para a Sra. Lu após ela ter sido atacada por Sue Findlay. Talvez porque o jardim fosse algo belo que todos podiam compartilhar, eles acharam que também perderam alguma coisa.

Meu estômago se agita e ronca. Pulei o café da manhã. Não tenho comido muito ultimamente. Meu intestino é uma caverna onde se aninham borboletas. Jeffrey diz que estou sofrendo de Barrigamor, um conhecido efeito colateral de excessiva Sacanagem. Estou vivendo de ocasionais fatias de pão com manteiga e café com leite condensado. Até minha mãe desistiu. Agora ela apenas dá de ombros e me lembra de não botar a culpa nela quando eu falecer.

Disso, eu precisaria responsabilizar Eliza Wishart. Sempre que penso nela, o que é frequente, meu corpo fica tenso, o estômago se aperta e o sangue se enche com uma mistura estranha de alegria e de medo. À noite, penso em vê-la. Penso no que seria atravessar sorrateiramente seu quintal e bater na janela dela, como Jasper Jones. Olhar os girassóis no seu parapeito, vê-la lendo na cama. Sussurrar um cumprimento doce quando ela se aproximar, tomando cuidado para não sermos flagrados. Perguntar se ela está bem.

Passar o dedo no seu queixo, beijá-la novamente. E, dessa vez, talvez me inclinar à minha própria vontade. Talvez segurar sua mão. Ela dentro de casa e eu, fora.

Mas não posso. É claro. Eu sei. E isso me faz horrivelmente solitário. Isso me faz padecer.

Também não tenho visto Jasper, desde a última vez que ele esteve à minha janela. E estou preocupado; ele estava tão cheio de intensidade e de intento. Receio que ele tenha feito alguma coisa. Que ele tenha sido apanhado. Pela polícia. Pelo seu pai. Por Mad Jack Lionel.

Preciso vê-lo logo. Estranhamente, passar um tempo com Jasper sempre parece conter essa onda. De algum modo, ele põe as coisas no lugar, apesar de ter colocado as nuvens de tempestade acima da minha cabeça. Ele tem uma espécie de força contagiante e preciso de uma dose. Preciso mesmo.

Jeffrey se agacha, pronto. Lanço a bola novamente. Dessa vez, ela quica num cascalho solto, forçando uma batida com o taco virado para baixo. Cambaleio para a frente e apanho a bola como um urso capturando um salmão. Apesar de hesitante, o *wicket* permanece de pé. Jogo a bola novamente. Nesse verão, é a primeira vez que venço Jeffrey em um lance legítimo.

– Seu reinado acabou! Prevaleceu o puro talento!

– *Pffft!* Foi por pouco me tirar do jogo. Essa é para a Lei das Probabilidades. Ou a Teoria do Macaco Infinito. Ou ambas. Se um bando de macacos jogar bolas para seu dono por um longo período, eventualmente ele se cansará de rebatê-las e cometerá um erro estranho.

– Deve ser exaustivo.

– Rebater?

– Não, você não parar de puxar o próprio saco.

Jeffrey ri, enquanto trocamos de armas e de lugar. Ele joga a bola de uma das mãos para a outra enquanto o encaro.

– Está pronto?

Confirmo com um abaixar da cabeça.

Ele lança para mim. Primeira bola. A bola gira rapidamente perto das minhas pernas. Tento rebater, mas não adianta. O caixote retumba. É claro que Jeffrey morre de rir. Jogo o taco no chão, fingindo um acesso de raiva, e vou embora, o que faz Jeffrey rir mais alto. Ele arrasta o caixote pela rua. O jogo acabou. Já tive o bastante.

Nós nos sentamos na escadinha ao fundo da casa de Jeffrey, comendo fatias de melancia. Por estar com calor e com sede, consigo comer.

Fazemos uma competição para ver quem consegue cuspir os caroços mais longe. Eu lidero por uma margem intimidadora de cerca de sessenta centímetros.

– Suas habilidades ninja não são páreo para minha cuspidora superior.

– Besteira. Eu não tive boas sementes. Minhas sementes são horríveis.

– Um péssimo cuspidor sempre culpa sua melancia.

Jeffrey isola uma semente preta na ponta da língua. Levanta-se e recua como um arremessador de vara. Ele inspira ruidosamente, o que serve apenas para deslocar a semente e prendê-la no fundo da garganta. Ele expira forte, tosse e se inclina para a frente. Então, cospe, enviando a semente, numa gosma cor-de-rosa, além da escada. Rio enquanto ele se senta.

– Essa disputa é idiota – reclama ele.

– Parece que você foi “sementado”.

– *Charles*, o que eu te *disse* sobre trocadilhos? – Jeffrey pigarreja e joga a casca da sua melancia embaixo da varanda. Eu me viro e faço o mesmo, justo quando a Sra. Lu aparece com um cesto vazio para recolher a roupa de cama estendida no varal. Ela franze a testa para mim. Jeffrey, sabendo que transgredi uma regra da casa, piora a situação.

– Chuck, por *Cheeses!* Eu te disse para não jogar coisas debaixo da casa. É falta de respeito. E na frente da minha *mãe*. O que você é, um *comunista*? Vá pegar!

Resmungo e balanço a cabeça para ele. Jeffrey ergue as sobrancelhas e abre a boca, desafiando-me a dizer alguma coisa. Abaixo-me sob a varanda para recolher as cascas de melancia sujas de terra. Quando saio, ele está rindo um pouco, mas não o suficiente para se denunciar. Ficamos sentados em silêncio enquanto a Sra. Lu dobra os lençóis e cantarola para si. Tento mostrar as duas cascas na tentativa de incriminar Jeffrey, mas acho que ela supõe que sou um guloso duplamente errado.

Finalmente, ela vai embora, dando-me um aceno de satisfação, como se eu tivesse aprendido uma lição importante. Quando ela está fora do alcance da voz, Jeffrey morre de rir.

– Um dia, ainda vou acabar com a sua vida com as minhas mãos – ameaço.

Jeffrey dá de ombros. Nós nos esticamos e nos recostamos nos degraus, sentados na sombra, em silêncio.

– Sabe o que eu não entendo? – pergunto, finalmente.

– Sei lá, fundamentalmente tudo na história do mundo?

– Sereias.

– *Sereias*? O que quer dizer?

– O que eu quero dizer é por que elas são consideradas tão sedutoras?

– Fácil. Porque siiiim!

– Isso não é motivo.

– Do que você está falando? Você é tão *ignorante*. São os peitos. Obviamente.

– Obviamente. Mas elas são metade peixe! São aberrações! Têm uma cauda escamosa de peixe, com barbatanas e essas coisas. Certamente isso liquida a animação com os peitos.

– O quê? É claro que não. Chuck, não é fácil ser um pirata. É solitário. Em alto mar, você pega o que aparece.

– Tudo bem. É claro. Mas acho que estamos ignorando a questão central: elas são metade *peixe*. Você poderia fritar a parte inferior do corpo delas com batatas e seria delicioso. Se você *realmente* visse uma sereia, esquecendo-se dos peitos, ficaria perturbado ou até enjoado. Você as apanharia com um arpão para a ciência ou sei lá o quê.

Jeffrey faz que não.

– Incorreto, Chuck. Não é o peixe que atrai. Piratas veem peixes todos os dias. O macete é se fixar nos peitos e ignorar os pouquinhos que elas têm de peixe, o que é moleza com uma quantidade suficiente de rum. Como pirata, você pega os peitos, curte bastante, e não reclama. Piratas não são exigentes. É realmente uma daquelas coisas do copo meio cheio ou meio vazio.

Estendo as mãos.

– Novamente, com todo o respeito por seu *insight* na mente de um pirata, eu acredito firmemente que, independente do quanto você seja otimista ou do quanto esteja desesperado ou despreocupado, a questão permanece, senhor, pois, se você optar por um envolvimento romântico com uma sereia, chegará um momento no qual ela *ter* um esquisito corpo de peixe se tornará um problema. Você entende?

– Mas, Chuck, os *peitos*.

– Esqueça os peitos.

– Você não pode argumentar com um pirata.

– Ou com um idiota.

– Siiiiim!

Abano a cabeça. Jeffrey recosta-se novamente e boceja. Coça o peito.

– Estou a fim de uma cerveja gelada – diz ele.

– O quê? Por quê?

– Não sei. Sempre parece tão refrescante. Gostariiiiia de ser refrescaado por uma cerveja bem gelada.

– Mas você nunca *tomou* uma cerveja.

– E daí?

– E daí que como você pode estar a fim de uma coisa que nunca provou?

– Você nunca tinha beijado Eliza Wishart antes, mas queria.

Reviro os olhos.

– É muito diferente de uma cerveja.

– Você está dizendo isso para mim? Uma cerveja é muuuito superior. Você não precisa dar as mãos para a cerveja e dizer coisas bonitas sobre o cabelo dela.

– Jeffrey, você é uma erupção vulcânica de estupidez.

– Eu sou uma erupção vulcânica de *verdade*, e você sabe.

Sorrio e me levanto, limpando a mão grudenta no short.

– Você vai ao Sindicato dos Mineradores essa noite, para ver os fogos de artifício?

Jeffrey encolhe os ombros pesadamente e olha para baixo.

– Não sei. Acho que não. Acho que vamos ficar aqui. De qualquer jeito, eu soube que eles anteciparam umas duas horas; então nem será ano-novo.

– Eu também soube. Acho que os pais não querem seus filhos na rua tão tarde. Mas eu também não vou. Mamãe vai ajudar na cozinha, mas é provável que eu fique em casa com meu pai.

– Sério? Mas a E-leza não vai estar lá?

– Não sei. Talvez. – Dou de ombros.

– Não quer ir para ficarem de braços dados, terminarem as frases um do outro, compartilharem pedaços de comida, se beijarem sob a luz dos fogos e para você fazer uma serenata com flautas de Pã?

– Flautas de Pã?

– Flautas de Pã, Chuck. Foi comprovado por cientistas. Em Paris. Que é uma cidade cheia de veados como você. As garotas não resistem à sedução quando você sopra flautas de bambu. É um fato. Está na físico-logia delas.

– Você é um homenzinho muito estranho.

– Incorreto. Sou praticamente um visionário. Tenho tantas penas no meu boné que sou praticamente um chefe indígena. Por que você não vai para casa e esfrega uma foto de Eliza pelo corpo como se fosse um sabonete?

– Sério, você está realmente me desconcertando. Já pensou em fazer eletroterapia?

– Charles, estou chocado.

– Você não infringiu sua regra contra trocadilhos?

– Não. A regra se aplica a *você*. Meus trocadilhos são inteligentes e soberbos.

– Você é um idiota.

– Se você não for essa noite, passe aqui para tomar uma cerveja deliciosa e refrescante comigo.

– Mas você não *tem* cerveja – insisto.

– Não tenho? – diz Jeffrey, arqueando uma sobrancelha.

– Não, não tem.

– Tem razão. Não tenho. O que é melhor. Preciso manter meu corpo no auge. Preciso resistir ao vício e à tentação. Você não vê Bruce Lee com uma cerveja refrescante na mão. Talvez por isso ele seja tão alerta. Meu corpo é um templo, Chuck. Um templo de energia explosiva. Uma catedral de virtude. Meus punhos são como... martelos. Martelos de pedra. Como a justiça fria. Eu sangro integridade. É praticamente meu destino. – Jeffrey dá um salto e luta boxe com a sombra, bufando, baixinho, “Eu sou tão bonito, eu sou tão bonito”. Dou-lhe um tchau e deixo-o derrotando seu fantasma cinza.

Ao caminhar para casa, pergunto-me se eu conseguiria simplesmente deixar Jeffrey para trás quando eu der as costas para Corrigan. Com ele, sempre foi tão fácil. Nunca senti a necessidade de agir como se fosse mais forte ou mais inteligente do que sou. Nunca precisei tentar ser outra pessoa. Pergunto-me se consigo realmente. Por algum motivo, receio deixá-lo para trás mais do que aos meus pais.

Uma das coisas mais difíceis nessa bagunça tem sido não compartilhar a história com Jeffrey Lu. Não para discutir ou dissecar, apenas para contar a ele, colocar um pedaço dela no seu bolso. Parece tão esquisito e louco guardar tudo.

Deveria se tornar mais fácil; a maré da ansiedade deveria estar recuando. Mas, mesmo enquanto a febre sobre o desaparecimento de Laura diminui, aquela coluna vermelha de mercúrio sobe alto dentro de mim. Minha respiração fica mais curta, o nó no peito fica mais apertado. Eliza Wishart tirou meu apetite, Laura roubou meu sono. Troquei minhas sandálias por botas pesadas. Porque sei que, algum dia, eles virão atrás de mim. Os abutres sempre estarão me cercando.

E se Laura subisse à superfície? E se a corda puísse e eles a achassem boiando? E se alguém se apresentasse ou a descobrisse por acaso? Será que eles me colocariam algemas e bateriam em mim como em Jasper Jones?

E, se me pegassem, eu lhes contaria tudo?

Se eu me encontrar com Eliza, talvez. Embora eu anseie vê-la, para saber se ela está bem, temo o que pode derramar de mim. Está borbulhando cada vez mais perto da superfície. E me preocupo que eu possa eclodir. A tentação de pôr um fim ao mistério e à tristeza, de dar satisfações, de tentar explicar, de gravar aquela palavra. Mas isso mandará Jasper Jones para a cadeia. E, talvez, eu também.

Ela estará na cidade essa noite, para os fogos, e, portanto, eu preciso ficar em casa. Não posso me permitir vê-la, embora eu queira demais. Não posso arriscar minha promessa a Jasper Jones.

E sei que, se eu lhe contar, ela me odiará. Ela não entenderá. Não importa o quanto eu tente explicar que quis fazer a coisa certa.

E é por isso que preciso ir embora com Jasper Jones. Antes que eles nos descubram ou eu nos denunciem. Preciso deixar tudo para trás, com nosso segredo guardado numa trouxa bem-amarrada. Eu sei que jamais resolveremos o caso. Creio que sempre soube. Por

isso, preciso quebrar o globo de neve. Preciso sair, ser corajoso. E sei que ficarei bem se eu estiver com Jasper. Com ele, sinto como se pudéssemos realmente fugir. Poderíamos nos mudar para a cidade grande. Eu poderia ir à escola em outro lugar. Ou trabalhar com Jasper. Poderíamos ir para o norte. Viajar para lugares onde sempre é verão. Poderíamos ser empresários, sócios. Ombro a ombro. Passaríamos a perna em todos eles. Caloteiro e Charlie. Poderíamos voltar sorrateiramente a Corrigan e faturar uma nota com lagostins. Poderíamos trabalhar em pomares nas estações certas, colher pêssegos ao amanhecer e buscar jogos de pôquer à noite. Ostras. Pérolas. Ouro. Eu poderia frequentar uma universidade clandestinamente, aprender sem pagar. A gente trabalharia e levaria a vida. Eu poderia escrever nos meus blocos amarelos. Tudo e qualquer coisa. Cartas para Eliza. E, finalmente, teria as palavras certas em mim, todas as coisas que pretendi dizer a ela. Eu seria mais inteligente do que Wilde. Eu faria o coração dela se derreter a milhares de quilômetros de distância.

Seríamos como Kerouac e Cassady. Viajaríamos escondidos em vagões de trens, atravessaríamos todo o país. Melbourne, Sydney. Todas as cidades entre elas. Eu poderia documentar nossas aventuras. Talvez um dia conseguisse publicar nossa história sob pseudônimo. Eu me mudaria para Nova York. O famoso escritor que fugiu da sua cidade natal e evitou a notoriedade. E, a cada manhã, eu esperaria um pouco no Plaza, para ver se Eliza Wishart apareceria por acaso. E, um dia, ela apareceria. Pararia, surpresa, para se certificar de que era eu. Ela estaria envolta num casaco grosso, com o cabelo preso. Ela diria meu nome, largaria as malas e correria na minha direção. Nós nos beijaríamos novamente e nos abraçaríamos no frio. Ela limparia o batom dos meus lábios com o polegar. Então, entraríamos, tomaríamos chá e eu lhe contaria tudo sobre Jasper e Laura, eu desfaria o segredo, e ela entenderia, porque estaria mais velha e mais sábia e a ferida no seu coração já teria fechado um pouco. Talvez.

Não sei. É uma completa bagunça.

•

No início da tarde, meu pai bate na porta do meu quarto após minha mãe sair.

– Você vai à cidade ver os fogos?

Dou de ombros.

– Por que não? – pergunta ele.

– Não sei. Quero ficar aqui. Talvez vá à casa de Jeffrey depois.

Meu pai assente lentamente, com o lábio inferior para fora e as sobrancelhas erguidas. Ele parece confuso. É estranho para ele ficar ali daquele jeito.

– Escute, Charlie. Preciso te dizer que você estava certo, sabe?

– Sobre o quê?

– Sobre mim – diz ele, suavemente. – Eu *tenho* escrito. Na biblioteca.

Franzo a testa e me sento. Ele prossegue.

– Estou trabalhando em um romance. Há muito tempo. E, finalmente, terminei. Hoje. Queria lhe mostrar. Aliás, quero que você seja o primeiro a ler.

Ele abre mais a porta e revela um original na mão esquerda. Pergunto-me como nunca o ouvi datilografando. Não sei realmente o que dizer. Devo me sentir honrado e orgulhoso, devo me sentir cheio de felicitações, surpresa e apoio. Mas, quando ele pousa o pacote na minha escrivaninha, sinto-me apenas cansado e irritado. Olho para baixo como olharia para uma tigela fria de repolho cozido.

– É um pouco surpreendente, eu acho – diz ele, pairando sobre mim.

Apanho a primeira folha de papel e leio o título. Chama-se *Maldição de Patterson*.

– Bem – diz ele, balançando-se sobre os pés e enfiando as mãos nos bolsos. Ele parece timidamente animado. – Acho que vou deixar ele aqui. Não tenha pressa e reflita. Quem sabe, Charlie? Talvez algum dia eu tente publicá-lo. Um livro nas prateleiras, imagine!

Sorrio e aceno com a cabeça enquanto ele sai do quarto. Ele fecha a porta atrás de si. Olho para a pilha de papéis à minha frente, grossa como uma bíblia. Meu polegar dedilha as páginas, soprando o ar quente e bolorento no meu rosto. O nome do meu pai está sob o título. *Maldição de Patterson*. Meu lábio se ergue numa curva aborrecida. *Inveja de Bucktin*. Não consigo evitar. Minha vontade é rasgar aquilo e espalhar pelo quarto. Minha vontade é jogar aquilo no seu rosto bondoso e genial. Sempre pensei que aquilo seria algo maravilhoso que poderíamos compartilhar, mas a verdade é que simplesmente me sinto traído. Eu me sinto como se algo precioso tivesse sido arrancado do meu peito, o que me torna um babaca mesquinho e amargurado, mas não consigo afastar o pensamento. Não apenas porque sei que será brilhante, mas porque sempre imaginei que seria *eu* a entrar calmamente no seu escritório com um segredo e um maço de páginas arduamente conquistadas. Sempre imaginei que seriam *minhas* palavras, *minhas* pequenas impressões de tinta. Meu momento de realização. Meu nome sob o meu título.

Apoio-me nos cotovelos e coço o couro cabeludo, encarando o título na página. Minha curiosidade e meu ressentimento agem um contra o outro, como uma faca numa pedra de amolar. Não sei o que esperar. Meu coração está disparado.

Pego uma página. Agito-a. A primeira linha.

Jasper Jones veio à minha janela.

– *Charlie!*

Assusto-me e giro o corpo. Por algum motivo, sinto a necessidade de ocultar o original com meus braços.

– *Charlie!* – sussurra ele novamente.

– O que você está fazendo? Ainda está claro! – Subo na cama e abro a janela. Ele parece agitado. É estranho vê-lo com o sol ainda brilhando, embora a noite chegue rapidamente.

– Essa noite, Charlie. A gente vai fazer o que combinamos. Você está pronto?

– Essa noite a gente vai fazer *o quê?* O que quer dizer com *pronto?* Pronto para quê?

– Mad Jack. Vamos lá essa noite. Você e eu. Agora. Você está pronto?

– *O quê?* Espere. Ir à casa dele? Por que *agora?* E por que você precisa de *mim?* Não posso. É Mad Jack *Lionel*. Ele vai atirar antes de passarmos pela porra do portão. Não faz sentido.

– Eu já disse, Charlie. Vamos arrancar uma confissão dele. Vamos fazer ele pagar pelo que fez.

– Mas *como?* Como vamos falar com ele?

– O homem chama meu nome desde que eu me entendo por gente, Charlie. Essa noite, eu vou chamar o nome *dele*.

Suspiro, com os olhos bem fechados.

– Está bem. Olhe. Mesmo se a gente não levar um tiro, o cara não vai simplesmente pôr as mãos para cima e admitir que foi ele. Isso só acontece em filmes e em livros. Não acontece. Não podemos mandá-lo para a cadeia por conta própria.

Jasper balança a cabeça rapidamente.

– Você não precisa dizer nada, Charlie. Basta ficar lá. Eu falo. Vou imprensar ele. Vou dizer que a gente sabe que foi ele. Que a gente sabe como e onde. Que a gente estava lá quando ele fez aquilo, que a gente estava escondido e viu tudo. Vou dizer que a gente viu ele riscar aquela palavra na árvore, como no carro enferrujado no quintal dele. Então, vou dizer que se ele não se apresentar e se entregar, nós vamos à polícia. Vamos imprensar ele, Charlie. Ele vai *ter* que falar.

– Ele nunca vai acreditar em você – argumento.

– Só há uma maneira para descobrir.

– Por que então você precisa de mim? Você vai falar o tempo todo.

– Porque eu acho mais provável que ele acredite em mim se eu disser que nós o vimos. E também preciso de você como testemunha, Charlie. Você precisa confirmar minha história. Se ele confessar, e eu procurar sozinho o sargento, será minha palavra contra a de Lionel. Não terei chance. Mas, se você for também, eles *precisarão* acreditar em mim. Mas a gente precisa ir agora.

– Por quê? Por que *agora*? – Estou desconcertado e minha voz fica mais esganiçada. Não consigo pensar.

Jasper mata um mosquito no seu antebraço com um tapa e o limpa na bermuda.

– Porque a cidade inteira está a caminho do Sindicato dos Mineradores para o ano-novo. Não há toque de recolher essa noite, o que significa que ninguém vai fazer perguntas se estivermos andando para algum lugar. Mesmo assim, iremos separados enquanto houver luz. Portanto, diga aos seus pais que você vai ver os fogos e vá para a cidade pelo caminho principal. Encontro você na estação ferroviária. Ninguém desconfiará. E, de lá, iremos à casa de Lionel. Tudo bem?

Belisco meu nariz.

– Jasper, não vai dar certo! Isso é *ridículo*. Quero dizer, a gente nem *sabe* se foi ele.

Jasper balança a cabeça e move a mandíbula para a frente.

– Jesus *Cristo*, Charlie. Escuta. Você pode me ajudar ou não. A escolha é sua. Estou cagando. Você não me deve nada, é verdade. Mas você me disse que iria até o fim, Charlie, e acreditei na sua palavra. Mas acho que você só está com um puta medo. Só isso. Toda essa besteira agora é porque você está com medo. E o que eu te disse desde o início? Eu *prometi* que nada aconteceria com você. Eu disse que cuidaria da sua segurança, que você nunca teria com o que se preocupar. E isso vale para essa noite. Você é quem sabe se confia ou não em mim. Eu vou esperar por você na estação até

escurecer. Se você não estiver lá, é porque não foi. Sem ressentimentos. Tudo bem. Mas espero que vá, porque preciso da sua ajuda, Charlie. Preciso resolver isso, e não só por mim, lembre-se. Preciso fazer o que é certo. Preciso prender esse desgraçado.

Antes que eu consiga responder, Jasper dá o fora.

Estou confuso. Caminho pelo quarto por algum tempo. Olho, pela janela, o pôr do sol cor de pêssego que mancha tudo com seu brilho. Então, me ajoelho e calço os sapatos. Vou até a biblioteca do meu pai e bato na porta. Ele parece um pouco surpreso em me ver. Explico que mudei de ideia e que verei os fogos com Jeffrey. Quando ele reage com mais entusiasmo do que eu esperaria, percebo que o decepcionei por não ter sentado para ler seu romance. Um sórdido fragmento meu se alegra com a frustração dele.

Preciso deixar rapidamente nossa rua para que Jeffrey não me veja e decida me acompanhar. Desço o morro chutando cascalhos. A maioria das famílias está a caminho, bem-vestidas e se divertindo com brincadeiras. Gostaria de estar na pele deles.

O mundo está em chamas. O sol é uma gigantesca bola vermelha. E, quando passo pelos clubes de boliche e me aproximo dos jardins da assembleia, o céu tem um leve tom violeta, atordoante e claro. Não estou longe do centro da cidade. A rua principal foi bloqueada e as pessoas tagarelam e caminham por ali confusamente. Eu me mantenho à margem da rua, abaixando-me por trás de famílias que andam lentamente, preocupado que Eliza possa estar entre eles. A luz esmorece rapidamente e não sei se terei tempo suficiente para pegar o longo caminho em volta do campo oval. Não tenho certeza de por quanto tempo Jasper esperará. Uma forte parte de mim, aquela que torna minhas pernas pesadas e lentas, espera encontrar a escadaria da estação vazia.

Agora posso ouvir o barulho da multidão na rua e as melodias diluídas da banda que toca no *pub*. Decido acompanhar a família à

minha frente, que é, com certeza, grande o bastante para ser usada como camuflagem, e espero que Eliza não me veja.

Posso ouvir risos e conversas. As crianças organizaram turmas em cada lado da rua principal para brincar de um jogo de pegar e se desviam e deslizam em volta das pessoas como peixes escorregadios num riacho, se curvando para não serem pegas. Há barracas e atrações. Há um círculo ruidoso para um jogo de apostas em frente à loja de ferragens. Há uma fogueira enorme no estacionamento pedregoso do Sindicato dos Mineradores, uma pirâmide de pedaços de madeira velha retirados da ferrovia alimentam as chamas. Contra a parede do salão, há caixotes com fogos de artifício, alguns dos quais, sem dúvida, queimarão os dedos dos idiotas bêbados que se gabarão em acendê-los mais tarde.

Atrás do salão, encheram com carvão um buraco comprido, sobre o qual seis ovelhas giram e assam. O aroma é denso e atraente.

Pessoas transbordam do salão como abelhas numa colmeia, segurando pequenas bebidas. Abaixo a cabeça quando a multidão aumenta. Forma-se uma fila de dança diante da banda e os parceiros batem os pés e saltam ao som de uma polca *heel-toe*. Um alegre arco de observadores bate palmas ritmadas, rindo e vibrando. A barraca de cervejas no jardim se estendeu para a rua e são trazidos barris de cerveja em carrinhos para suprir a demanda.

Então, há um tapinha no meu ombro. Congelo e me viro. É claro que é Eliza Wishart, e ela está radiante, suas covinhas são como lindos botões, a pele como leite. Minha aparência deve ser de horror, porque sua expressão se desfaz imediatamente.

– Charlie, o que aconteceu?

– Ah, não, nada. Nada, mesmo – digo e balanço a cabeça. Tento sorrir, mas meu peso está sobre os calcanhares. Faltam palavras. O cheiro dela é maravilhoso.

– Procurei você por toda parte! Que bom que veio. Faz um tempo que não te vejo.

Abro e fecho a boca. Dou um passinho para trás. Ela olha por cima do meu ombro, franzindo a testa.

– Você está sozinho? Cadê Jeffrey?

– Ele não veio. Na verdade – começo, com a voz sufocada –, não posso ficar. Aqui, quero dizer. Preciso ir. Vou a... um lugar. Não posso dizer. Quero dizer, não é nenhum lugar realmente. É só que... não posso...

Minhas mãos estão tremendo. Estou estragando tudo.

– Bem, você vai voltar? Achei que a gente pudesse se ver essa noite. Preciso falar com você, Charlie. É importante. – Eliza parece aflita; seus olhos até se embaçam um pouco, o que me causa desconforto. Então, eu o faço. Coloco a mão sobre seu ombro e aperto. E cedo à sorradeira maldição. Prometo-lhe que voltarei. Que não vou demorar. Ela olha para o chão e assente. Acho que ela sabe que estou mentindo. De qualquer modo, está claro que a decepcionei. Gostaria de lhe contar tudo. Mas não posso. Tenho de ir. Tenho de desobedecer a cada impulso e deixá-la por Jasper Jones, por Jack Lionel, por essa terrível confusão.

Tudo é tão ruidoso e tumultuado à minha volta. Martelando através do meu cérebro. A luz está acabando. Mas já me esforcei o suficiente para cometer um espantoso ato de bravura. No meio da cidade, na frente de todos, eu me curvo, ali, e, então, beijo-a rapidamente nos lábios. E eles são tão macios quanto me lembro. Espero não ter empalado seus olhos com a armação dos meus óculos. Mas, quando ergue os olhos, ela parece mais leve, um pouco menos triste. Tento consolá-la.

– Eu... gosto muito. De você. Sinto muito – digo. Ela sorri. Digo-lhe que a verei em breve.

– Quando? – pergunta ela, ansiosamente. Parece impaciente. Seus olhos marejam, e isso me derrete. Imagino se aconteceu alguma coisa.

– Em breve – digo e me afasto. Sinto-me como lixo. Eliza aperta meus dedos enquanto me viro e puxa-os levemente. Eu nem tinha percebido que estávamos de mãos dadas. Deixo-a e caminho em direção ao cruzamento, concentrando-me arduamente para não olhar para trás, porque eu abandonaria completamente Jasper Jones.

Chego a tempo. Jasper está encostado numa coluna perto do quadro de cortiça com os horários, projetando uma longa sombra pelos azulejos sujos do chão da estação. Ele sorri, com os dentes brilhando brancos na penumbra.

– Eu sabia que você viria, Charlie. Eu sabia que faria a coisa certa.

Em silêncio, eu subo os degraus. Não consigo esquecer Eliza.

– Você está pronto? – pergunta ele, batendo um cigarro para fora do seu maço amassado. Oferece-me um. Recuso. Nem finjo interesse.

Jasper bate nos bolsos.

– Merda. Você tem fogo?

Olho-o inexpressivamente e balanço a cabeça.

– Porra – murmura. – Temos de ir, Charlie.

Partimos e, de repente, tudo se torna muito real. Caminhamos lado a lado e não falamos. As estrelas saem. Cascalhos se trituram sob nossos pés à medida que deixamos para trás o som da cidade. Parece tão diferente da primeira noite em que Jasper Jones veio à minha janela. Não há emoção para combater a apreensão, apenas uma onda escura de medo. Eu sei que estamos cometendo um erro. Apesar do calor, uma sensação de frio arrepia meus ombros.

Iremos à casa de Mad Jack Lionel. Estamos realmente indo. Vamos invadir a propriedade de um assassino. O recluso da cidade. O excêntrico desvairado. E não iremos sorrateiramente, pegar caroços de pêssegos. Não iremos apenas buscar provas de coragem. Iremos para bater na sua porta e acusá-lo de atos inomináveis.

E se ele for o culpado? E se realmente foi ele? E se todos os boatos forem verdadeiros? E se ele for realmente violento e desequilibrado? Essas pessoas existem. Albert Fish. Gertrude Baniszewski. Eric Edgar Cooke. São pessoas de verdade. Não são mitos. Eu li sobre elas. Nós nos aproximamos. Não posso. É impossível. Não posso bater na porta dele e o acusar. Tenho de me livrar dessa. É um atestado de óbito. Nem Jasper Jones pode deter balas. Quero fugir dessa cena e voltar para Eliza Wishart.

Converso com Jasper, porque estou nervoso.

– O que você acha que ele vai fazer?

Jasper coça a nuca.

– Honestamente? Não sei. Realmente não sei.

– Então *por quê?* Por que fazer isso?

– Simplesmente não saber como uma coisa terminará não é motivo para *desistir*. Se o mundo seguisse essa regra, nada seria feito. Mas a simples verdade é que a gente precisa fazer. A gente simplesmente *precisa* fazer.

Abano a mão e espalho um bando de mosquitos na frente dos meus olhos. Jasper enfia novamente um cigarro na boca. Ele bate nos bolsos, parecendo confuso.

– Jasper, você está sem fogo, lembra-se?

– O quê? Que merda. É mesmo. Você tem?

– Não. Não tenho. Já te disse.

Ele enfia o cigarro no bolso. E me ocorre que talvez Jasper Jones esteja com medo, o que reduz minha ansiedade. E aquele estranho reconhecimento de que ele não sabe o que esperar, de que ele não sabe o que acontecerá essa noite. É claro que ele não sabe. Como poderia? Mas Jasper é tão confiante e direto que me enerva vê-lo hesitar. Talvez eu consiga convencê-lo a voltar. Talvez possamos repensar essa ideia. Imaginar algo menos desesperado e perigoso.

Mas é tarde demais. Chegamos.

Paramos. Está inacreditavelmente silencioso. O portão de Mad Jack Lionel está fechado e, abaixo deles, há um mata-burro que

parece sinistro. Não olho para baixo.

O quintal, adiante, está sujo e deteriorado. Ao longo da margem próxima ao rio, onde o mato encontra a propriedade, um grupo denso de pés de amora-preta pressiona a cerca de arame enferrujada. Do outro lado, em direção à cabana, noto um bode deitado de lado, amarrado a uma estaca de metal. Se não fosse o círculo de capim mais curto no seu limite, eu acreditaria que estava morto. Corvos gemem em galhos cinzentos e desfolhados. Parecem silhuetas. Buracos em forma de corvos.

Jasper destranca o portão, que se abre ruidosamente. Estou me cagando.

– Espere! Vamos entrar pela frente?

– Sim – diz Jasper, bem alto, como se quisesse que Mad Jack o ouvisse. Sua audácia voltou. Jasper atravessa o acesso à casa com passadas largas. Eu o sigo enquanto ele fala sobre o ombro. – Pela frente, Charlie. Queremos ser diretos. Acho que é o jeito.

Observo-o caminhar. As costas eretas, o peito cheio de ar. E percebo o quanto sua confiança é simulada. É um alarde, um despistamento, um fingimento. É a capa do Batman, é o cabelo do meu pai sobre a careca. E uma bola se rompe em mim. Mesmo assim, marcho atrás dele como um exausto soldado de infantaria, amedrontado e resignado.

O bode levanta languidamente a cabeça, bale e volta a deitá-la. Interpreto o fato como um mau presságio. Adiante, um bando de cangurus salta preguiçosamente nos limites de um cercado. Avisto um moinho parado, que nunca havia notado. É intensa e onírica essa caminhada. Meu coração é uma bomba. O lugar está tão silencioso que consigo ouvir o estouro e o crepitar dos fogos a distância. Até penso que posso ver seus pequenos clarões coloridos. Gostaria de estar lá.

Há luzes dentro da casa. Ele está ali. Estamos perto. Jasper caminha depressa e agressivamente. Consigo ver o pessegueiro

pendendo, carregado, ao lado da cabana. Consigo sentir o cheiro dos frutos, doces, abundantes e excessivamente maduros.

A varanda range insuportavelmente alto à medida que Jasper caminha sobre as tábuas. Eu fico para trás, segurando uma coluna, enquanto ele respira profundamente e bate três vezes na porta com a lateral do punho.

– Lionel!

Minhas pernas são inúteis. Seguro a coluna como se estivesse num temporal. Ouço movimentos. Vejo uma sombra. Prendo a respiração.

E ali está ele.

Mad Jack Lionel.

Ele nem chega perto da altura que eu imaginava. Ou da largura. A primeira coisa que me impressiona, realmente, é como ele parece *velho*. Abatido, fatigado e curvado. Em nada, afinal, como Albert Fish. Ele usa calças cinza e sujas e uma camisa azul desbotada, com pequenos buracos nas laterais, onde traças se banquetearam. Seus pés estão descalços. O cabelo é branco e está penteado, cobrindo os ombros. Ele abre lentamente a porta de tela, confuso como um homem que não recebe muitas visitas. O que mais me surpreende, porém, é a expressão de Lionel ao ver Jasper Jones. Seu rosto inexpressivo se ilumina, encantado. E ele sorri, com uma fileira de dentes amarelos. Seus olhos verdes ficam embaçados. E, por um momento, ele o olha de cima a baixo.

– Jasper! Por Deus, é você! Quem diria! Caramba, que surpresa! Entre, entre.

Jasper não mentiu: ele sabe seu nome. Lionel estende a mão para conduzir Jasper pelo ombro. Jasper reage, recuando e retirando o próprio braço. Eu tremo.

– Não me toque, amigo. Não vou aceitar. Entendeu?

Lionel olha para ele. Então, assente uma vez.

– Entendo. Tudo bem. Mas, mesmo assim, entre. Por favor. Entrem.

Lionel vira-se desajeitadamente e acena para ele, caminhando pelo corredor à nossa frente. Ele tem um coxear pronunciado para o lado direito. Jasper olha-me de relance, com a testa enrugada. Está suando. Há gotas na sua testa. Meias-luas debaixo dos braços. Mantenho os ombros encolhidos. Jasper inspira profundamente. Seu peito incha. E seguimos Mad Jack Lionel dentro da sua casa.

O interior da cabana é sombrio. Há uma luz estranha, com cor de gema de ovo. O papel de parede está rasgado e desbotado. Tudo cheira a poeira e a aguarrás. À minha esquerda, há um quadro com borboletas presas por alfinetes. Não parecem muito coloridas. O aparador no corredor é cheio de fotografias, bugigangas e toalhinhas de renda, mas não tenho tempo para olhá-los com mais cuidado. Entramos na sala de estar de Lionel. Há um rifle montado sobre a parede. Dou um passo para trás. Ele ainda não me viu. Talvez, se eu permanecer invisível, saia dali com vida.

Lionel estende o braço.

– Sente-se, Jasper. Sente-se. Vamos.

– Não vou sentar – diz Jasper, com firmeza.

Lionel assente outra vez, lentamente, com os braços atrás das costas. Antes de responder, ele me vê pela primeira vez.

– Ah, quem é esse? Não o vi. É seu amigo? Olá, filho.

Jasper permanece recuado, com os braços cruzados.

– Esse é Charlie. É tudo o que você precisa saber. Mas, de qualquer maneira, isso não importa, porque a gente veio aqui para falar sobre o que a gente *sabe*. Sobre você.

Mad Jack arrasta os pés. Seu rosto se abate. Ele parece incomodado.

– Certo.

– A gente sabe que foi você. A gente sabe o que você fez.

Jack Lionel fixa Jasper com um olhar pensativo. Seus olhos parecem vermelhos, remelentos e tristes. Ele suspira.

– Por que vocês não se sentam, rapazes? Vamos, sentem-se, e eu vou pegar uma bebida. Não tenho muita coisa aqui, mas tenho

bastante chá.

Ele gesticula na direção de dois sofás gastos colocados perto da janela. Jasper sacode a cabeça.

– A gente não quer nada. E eu já disse que a gente não quer sentar. A gente não vai demorar. Eu quero falar sobre o que você fez. É isso o que eu quero.

Lionel assente lentamente.

– Está bem, Jasper. Bem, então me deixe sentar.

Ele segue para seu sofá e se instala vagarosamente.

Jasper estreita os olhos e se inclina para a frente. Sua respiração é ritmada.

– Então, você admite? Admite que foi você? Que você matou ela?

O silêncio é pesado e tenso. Olho de Jack Lionel para Jasper Jones, que encara agressivamente o outro lado da sala, com as mãos nas laterais do corpo, fechando os punhos e abrindo-os. Volto a olhar para Jack, que está sentado com os cotovelos pousados sobre os joelhos, massageando as palmas secas. Acho que ele procura palavras. Esfrega o nariz e, então, alcança o tabaco e as folhas de fumo no aparador. Ele franze a testa e se concentra na tarefa. A vala fina entre seus dedos, os flocos cor de cobre.

– Jasper, me escute, eu sei que você está chateado, eu sei. Mas, sabe, eu sempre achei que você tinha descoberto muito antes. Eu achava que por isso você nunca veio me ver. Quem, afinal, contou a você? Seu pai? Ou você soube o tempo todo?

Eu me encolho e engulo em seco, colidindo com a beira do piano. Isso está realmente acontecendo? Jasper estava certo? Minha pele se retesa e meus pulmões parecem se fechar. Olho para o rifle. Então, observo o queixo de Jasper endurecer e me preocupo com o que ele fará. Olho para Lionel, chocado e trêmulo. Nada faz sentido. Ele parece tão insignificante, frágil e lento. Seus modos, seu corpo, nada parece correto. Simplesmente não consigo imaginar. Ele não pode ter dominado Laura Wishart, muito menos

subido naquela árvore para soltar a corda. Não com aquela perna. Quero dizer isso a Jasper, rapidamente, antes de nos aprofundarmos. Quero puxar a camisa dele. Quero gritar e dizer que ele está errado. Quero dar o fora daqui, voltar para Eliza, voltar para meu pai, voltar para a polícia. Dizer-lhes que foi um terrível engano.

Mas por que Lionel admitiria tudo? Ele não é bom da cabeça. Ele é louco. É a única explicação.

Jasper tenta se controlar, mantendo-se no seu plano.

– Ninguém me disse.

Lionel parece incerto. Ele lambe cuidadosamente a beirada da folha de fumo, sem pressa.

– Ninguém te contou? Mas você deve ter descoberto de algum modo.

– Nós *vimos* você – diz Jasper, energicamente. Aquilo soa como a mentira que é. – Nós vimos você. Charlie e eu. A gente viu.

Isso faz Lionel se deter. Ele se move para trás, seus dedos param. Ele parece genuinamente perplexo.

– Jasper, como *viram*? Hein? O que vocês viram?

– Nós vimos tudo. E vimos você arranhar aquela palavra na árvore, dias depois. Portanto, você não pode negar o que fez. A gente viu. Porque aquele é o meu lugar. É o meu pedaço de mato, é para onde eu vou. Você sabe. Durante anos, você me viu ir para lá. E eu estava lá naquela noite. Nós. A gente viu.

– Jasper, do que *diabos* você está falando? – Lionel balança levemente a cabeça, mas fala pacientemente. – Não é possível. Você nem tinha dois anos quando aconteceu. Está entendendo? Não pode ter visto. Ninguém viu.

As paredes estão nos comprimindo. Jasper parece afrontado.

– Do que *você* está falando? Aconteceu há pouco tempo. Três semanas atrás. Não minta pra mim. Você não vai se safar. Eu vi você. Eu sei a *verdade*. Você tem ideia da merda que fez? Alguma ideia? – Jasper dá um passo ameaçador à frente.

Pergunto-me se devo intervir. Sinto-me como um espectador numa peça. Meu coração bate contra as costelas. Se Mad Jack Lionel se intimidou, ele está disfarçando bem. Eu queria ter sua compostura. Quero dar o fora dessa casa, mas minhas pernas não se mexem. Isso é um sonho ruim.

Lionel termina de enrolar seu cigarro, bate nos bolsos e procura fogo. Após encontrar, acende o cigarro e procura os olhos de Jasper.

– Ouça, Jasper. Olha, eu entendo. Eu entendo por que está... *hostil* comigo. Entendo, mesmo. Há muito tempo quero falar sobre isso com você.

– Bem, é a sua chance – diz Jasper.

– E essa história de vocês *verem*? Três semanas atrás? Amigo, sinto muito, mas *não entendo*. É impossível. Você *sabe* que não pode ser. O que está tentando me dizer? O que vocês viram?

– Nós vimos você matar Laura.

– Laura? Quem é Laura? Não era esse o nome dela.

– Nome de quem?

– Da sua mãe.

– Minha *mãe*? Se mencionar minha mãe novamente, eu acabo com você. Estou falando sério.

Agora, Jack Lionel parece completamente perdido. Eu também. Ele se senta empertigado, com a cabeça inclinada. Noto um leve tremor nas suas mãos.

– Jasper, ainda não entendo. Quem é Laura? Charlie, você pode me ajudar?

Ele olha para mim num apelo, e eu enrubesço e me esquivo, olhando para baixo, para as teclas empoeiradas do piano. Eu não deveria estar aqui. Isso é um erro.

– Quem? – pergunta ele, novamente. – Quem é Laura?

– A garota que você matou, seu velho babaca. Você nem sabe o *nome* dela? A garota que você espancou, enforcou e sabe-se lá o que mais! Eu sei que foi você. Eu sei.

– Espanquei e *enforquei*? Jasper, pelo amor de *Deus*! Do que *diabos* você está falando? De *quem* você está falando?

Ambos ergueram as vozes. Estou morrendo de medo. Preciso mijar urgentemente.

– De quem? De Laura Wishart. E não banque o confuso, como se não soubesse, porque eu *sei* que você via ela. Você sabe exatamente quem ela é! Você via quando ela passava comigo, lá na frente, quando você chamava meu nome, quase todas as noites, como um maluco, porra. Não sou burro, amigo. Não tente tapar o sol com uma peneira. Eu *sei* o que você fez! Acabou. Simplesmente admita.

Jasper agora está inclinado e apontando. Assomando-se. Lionel, porém, não demonstra se sentir ameaçado nem ter medo. Ele resmunga para si, balançando a cabeça, apertando os olhos enquanto traga o cigarro. Ele parece apenas um velho confuso. Receio que Jasper tenha jogado sua última carta.

– *Wishart?* Wishart, Wishart, Wishart... – De repente, ele ergue a vista. – Você está falando sobre essa jovem desaparecida? É esse o nome dela, não? Laura Wishart.

– É – diz Jasper, com impaciência. – Agora você está lembrando, então?

Lionel inclina-se para a frente, com o rosto franzido. Ele tosse. Um dos seus joelhos estala!

– Quer dizer que eles encontraram ela?

– *Nós* a encontramos. Charlie e eu. Naquela noite. É o que estou tentando dizer. Você foi pego.

– Pego? Jasper, eu...

– Escute. A gente não vai dedurar você. Vamos te dar a chance de se apresentar e contar o que você fez. Por isso viemos aqui. Acho que você já sacou. De qualquer modo, acabou. A gente *viu* você, entendeu?

– Um momento, filho. Espere. O que aconteceu? Está me dizendo que vocês a encontraram e que ela está *morta*? – Ele fala

com mais vigor, mais firmemente. Sinto uma mudança de forças no aposento.

– Não banque o idiota. Você sabe exatamente o que aconteceu. Nós *vimos* você. Quantas vezes preciso dizer?

– Ah, Jasper. Ah, meu Deus. – Lionel coloca a mão sobre coração. – Você acha que fui eu? Você acha que matei aquela pobre garota?

– Estou dizendo que a gente *sabe* que foi você.

Jasper está menos confiante. Menos seguro. O ódio abandonou sua voz. Agora, parece que ele está sendo pressionado. Estou preocupado.

– Jasper, é mentira. É uma *maldita...* mentira! Você está dizendo absurdos! Jesus *Cristo* do Céu! Ela está morta? Você tem *certeza*? Ou está fazendo algum jogo? O que aconteceu? E comece a falar a *verdade*! – diz Lionel, com firmeza.

– Ah, foi você, porra! – E Jasper soa como uma criança. Como uma criança chorosa, amedrontada, magoada. E, pela segunda vez essa noite, eu me sinto traído. Não deveríamos estar aqui. Não sei quem é esse homem, mas ele não matou ninguém. Eu fiz tudo errado. Mad Jack Lionel não é um criminoso. Provavelmente nem é louco. É apenas velho, triste, pobre e solitário.

– Por quê? Jasper, por que você *diz* isso? – A voz de Lionel está grossa e alta e seus olhos vermelhos e remelentos estão vidrados. Acho que vai começar a chorar. – É por causa do que aconteceu? Com sua mãe? É por isso?

A sala está cheia de uma neblina espessa, e estou completamente perdido nela. Quero me enroscar como uma bola.

Jasper fecha os olhos e balança a cabeça rapidamente. Ele estica um dedo.

– Eu disse que, se mencionasse ela novamente, eu acabaria com você. Estou cagando para o fato de você ser um velho. Por que você precisa falar nela? Ela está *morta*, seu idiota. Você sabia? E você não tem nenhum direito de falar da minha família.

Com isso, Jack Lionel volta a se recostar na cadeira. Fica parado e, depois, balança lentamente a cabeça. Observo a cinza do seu cigarro aumentar perigosamente, prestes a cair sobre o pé dele.

– Ah, meu Deus. Meu *Deus!* – diz ele, ainda balançando a cabeça, olhando nos olhos de Jasper. Ele parece incrédulo. – Você não sabe. De nada. Não sabe quem eu sou, não é? Não faz ideia. Você não sabe *porra* nenhuma.

– O quê? É claro que sei quem você é. Você é Jack Lionel.

– Não, mais do que isso. Sobre nós. Você e eu.

– Do que você está *falando*? O que quer dizer?

Lionel tosse novamente, mexe-se e apaga o cigarro num cinzeiro sobre um móvel. Ele engole em seco. Parece cansado e debilitado.

– Jasper, por que acha que sei o seu nome? Por que acha que falo com você dessa maneira?

– Eu me perguntei sobre isso. E por que grita comigo sempre que passo por aqui, todas as noites.

– Você não sabe realmente? Diga a verdade dessa vez.

Jasper faz que não com a cabeça.

Lionel murmura algo baixinho e, então, levanta-se lentamente. Meu calcanhar se pressiona contra o rodapé. Eu o observo atentamente enquanto ele coxeia pela sala, preparado para qualquer coisa. Mas ele apenas abana a mão, quase como se evitasse Jasper.

– Vire-se – diz ele.

– O quê? – Jasper recua. – Para quê?

– Apenas se vire. – Lionel está parado perto dele, apontando para algo em cima do aparador empoeirado. Cautelosamente, Jasper faz o que ele manda. Viro-me para olhar. Lionel acena na direção de três fotografias emolduradas. Jasper olha inexpressivamente e encolhe os ombros. Lionel lhe pergunta se reconhece alguém nas fotos. Olhando para eles, lado a lado, e para as pessoas nas fotos, acho que entendo antes de Jasper. Tudo se

encaixa, mas realmente não sei o que Jasper fará. Mas ele nem está olhando para as fotos. Encolhe novamente os ombros, sem mostrar interesse. Ele não vê. Então, Lionel aponta um dedo nodoso e diz: – Aquele ali. Aquele é seu pai. E aquela é sua mãe. – Em seguida, aponta para o bebê entre eles e diz: – É você.

Jasper escarnece, mas posso notar que está hesitante, pois fecha a cara e diz para Lionel se foder. Que ele está mentindo. Mas Jack Lionel, ainda paciente, manda Jasper olhar bem a fotografia e dizer se não é realmente seu pai. Jasper força a vista. Fica em silêncio por algum tempo. Então balança rapidamente a cabeça, como um cachorro tentando soltar alguma coisa da sua coleira. Dá um passo para trás. Diz que é mentira. Pergunta onde ele conseguiu aquilo. Mas Lionel aponta tranquilamente para outra foto, menor. Dessa vez, um homem mais velho segura o mesmo bebê, e então Lionel revela a Jasper o que eu já sabia. O homem é ele. Jack Lionel é o pai do seu pai. O avô de Jasper. E, quando as sobrancelhas de Jasper se juntam e sua mandíbula se contrai, Lionel pede novamente que ele se sente ao seu lado, como sempre quis. Porque precisa lhe falar sobre sua mãe. Jasper está aturdido. Aflige-me ver aquilo. Sinto pena dele. Agora em voz baixa, vacilante, Jasper diz que não há nada a dizer. Ela está morta. Sofreu um acidente de carro.

Então, Lionel diz suavemente:

– Eu sei. Eu estava dirigindo.

•

Quando estou no meu quarto, a sensação é que entrei nele pela primeira vez. Nada parece ser minha casa. Inclusive minha pele, minhas roupas, meu cheiro. Tudo parece diferente.

A volta da casa de Jack Lionel foi muito estranha. Caminhamos apressada e decididamente. Atravessamos o campo oval, passando

longe do centro da cidade. Ainda ouvimos no ar o pulsar da música e o bate-papo. Felizmente, não encontrei Eliza Wishart. Eu teria me derretido nos seus braços, eu teria lhe contado tudo. Jasper e eu não trocamos uma palavra. Minha cabeça era uma caixa vazia. Jasper parecia mergulhado em pensamentos. Cheio de perguntas sombrias e indignadas. E por que não estaria? Seu mundo inteiro foi erguido e virado de cabeça para baixo como um saco de lixo.

Quando ele me deixou em casa, disse apenas que iria em casa ver seu pai, que voltara naquela manhã das minas de ouro, não sem antes gastar em bebidas o dinheiro que ganhou. É um encontro que terei prazer em perder.

Olho para o maço de folhas que meu pai deixou para mim, como um cocô gigantesco e fumegante na minha escrivaninha. Tudo é demais. Como naquela primeira noite, quando toda essa bagunça tomou conta de mim. E, desde então, a pressão é cada vez maior. Ela me afivelou. Preciso dormir para afastar os pensamentos. Preciso acordar uma pessoa nova. Preciso partir com Jasper Jones.

Confrontamos Mad Jack Lionel pelo assassinato de Laura Wishart só para descobrir que ele dirigia o carro que matou a mãe de Jasper. Esse mundo não é justo. É pequeno, é sórdido e está infestado de tristeza. Debaixo de cada pedra, escondido em cada armário, sacudido de cada árvore, parece haver algo terrível que eu não quero ver. Não sei. Talvez seja por isso que essa cidade está tão contente em se voltar para si mesma, em manter tudo tão acomodado, agradável e sereno. E, nesse momento, não posso dizer que a censuro.

•

Jasper não se sentou. Também não olhou Lionel nos olhos, nem após o velho lhe apresentar álbuns esfarrapados cheios de fotografias e certidões de nascimento, nem após ele mostrar a

Jasper o antigo quarto do seu pai, que não fora tocado nem desfeito em anos. Ainda havia roupas pendendo das gavetas e um violão e um taco de críquete apoiados um no outro num canto do quarto. Troféus de futebol sobre um aparador. Bisbilhotei a gravação. *David Lionel.*

Jack Lionel disse a Jasper que jamais quis que ele nascesse.

Rosie Jones era de um condado vizinho. David e ela se conheceram num baile fora da cidade. Eles passaram a se encontrar secretamente, em geral perto do rio Corrigan, onde podiam ficar sozinhos. Quando ela engravidou, Jack Lionel se opôs firmemente. Exigiu que eles resolvessem a situação. Disse que não era direito, que David estava manchando o nome da família. Mas David se opôs ainda mais duramente. Disse-lhe que eles estavam apaixonados e que teriam o filho. Furioso, Jack Lionel expulsou o filho de casa. David apanhou alguns pertences e saiu imediatamente. Suas gavetas permaneceram abertas todos esses anos. Ele e Rosie alugaram uma casa na cidade. David conseguiu uma vaga como aprendiz na mina. Mas eles foram marginalizados. Até os amigos de David lhe viraram as costas após dizer o que pensavam. Finalmente, todos o abandonaram. O único lugar onde ainda o toleravam era no clube de futebol.

Eles se casaram três meses antes do nascimento de Jasper. Somente os dois, numa igreja da cidade grande. E foi ali que David aproveitou a oportunidade para mudar seu sobrenome para Jones. Jack disse que a troca lhe doeu mais do que tudo.

Após Jasper nascer, Rosie se aproximou de Jack. Começou a convidá-lo, todas as semanas, para o jantar de domingo, o que ele recusava rotineiramente. Após um ano inteiro de convites animados, ele finalmente cedeu. Jack apareceu, calado e hesitante, com o chapéu na mão. David passou apressado por ele e foi para o pub. Mas Lionel ficou, e Rosie e ele se sentaram e comeram.

Jack Lionel descobriu que estivera errado a respeito de Rosie. Ela era amável, franca e bonita, e cozinhava tão bem quanto sua

própria esposa. Ele aparecia todos os domingos, passando cada vez mais tempo na casa deles com Jasper e Rosie. David saía para o bar do Sovereign e somente voltava após o aviso de fechamento.

Lionel começou a aguardar ansiosamente a visita a Rosie, que se tornou o ponto alto da sua semana. Ele se vestia bem e com cuidado e penteava o cabelo. E Rosie, também, preparava comidas mais sofisticadas e usava suas melhores roupas. Lionel contou a Jasper que passou a adorar sua mãe como uma filha e que eles se tornaram excelentes amigos. E não era apenas nos domingos. Frequentemente, Rosie passava na casa de Jack para o chá da tarde, levando algo que ela havia assado, e ele desempacotava seus melhores pires e xícaras de porcelana. David, é claro, permanecia distante. Rosie culpava ambos igualmente por persistirem com sua rixa; David por ser teimoso demais para estender a mão e Jack, por ser orgulhoso demais para pedir desculpas.

Foi num domingo de um abril estranhamente frio que Rosie Jones pressionou um lado do corpo e ofegou. Ela insistiu que estava bem, mas, quando não conseguia ficar de pé e mal podia respirar, Lionel a carregou para o Hillman, dirigindo em direção à costa. Quando ela começou a gritar dentro do carro, Lionel temeu o pior. Os olhos de Rosie estavam desvairados e ela aspirava e soltava ar como se ele vazasse pelos pulmões. Lionel desceu velozmente o morro, com os olhos um pouco fechados diante do ofuscante pôr do sol. As costas de Rosie estavam completamente eretas e ela se jogava para a frente e para trás no assento como se estivesse numa cadeira de balanço. Rosie apertava a mão dele com tanta urgência que ele não teve coragem de recolhê-la.

Se ele tivesse, se tivesse aquela nesga de frio bom senso e segurasse o volante com as duas mãos, talvez reagisse melhor ao solavanco causado por um buraco fundo que o sol obscurecia. Jack Lionel freou violentamente e o carro passou à lateral da estrada coberta com cascalho. Eles deslizaram em direção a uma parede de

árvores. E isso bastou. Apenas um buraco no chão e um pneu. Um instante no tempo. Um momento de azar sob a luz brilhante e tudo se tornou escuro.

Quando Lionel voltou a si, estava coberto de sangue e de pedaços de vidro, e preso dentro do carro. O assento do carona estava vazio. Havia um silêncio denso e doentio, pontuado apenas pelos insetos. O para-brisa havia sumido. Antes de desmaiar outra vez, ele viu o vestido de Rosie alguns metros adiante e entendeu o que havia feito, sentindo tal pavor que acolheu a escuridão que se aproximava e turvava seus olhos.

Era o apêndice dela. Era uma bolha prestes a explodir. E o instinto de Lionel estivera correto em levá-la correndo para um médico. Mas, ainda assim, ele nunca se perdoou. Desejou que fosse ele a morrer, não Rosie Jones. Esse também foi o desejo de David, que o culpou violenta e inteiramente e que desconfiou de algo mais sinistro do que uma corrida urgente para o hospital. As últimas palavras que David disse ao pai foram pronunciadas naquela noite, à beira do seu leito no pronto-socorro. David lhe disse que, se Lionel aparecesse no enterro de Rosie, ele o mataria ali mesmo, tendo Deus como testemunha. E Jack Lionel acreditou nele.

O desastre estraçalhara a perna de Jack, deixando-a dolorida, inútil e virada para dentro. A morte de Rosie, porém, acometeu seu corpo todo. Pesando sobre ele como uma roupa de ferro. Porque, naquele curto espaço de tempo, ele passara a amá-la, e, de mãos dadas com aquele arrepio de responsabilidade, ele simplesmente sentia saudades da sua amiga. Sentia saudades da sua comida, da sua risada, do seu cheiro, do modo como ela se sentava, sempre tão ereta e digna na sua cadeira, e de como ela sempre parecia tão interessada no que ele tinha a dizer. Lionel guardou a porcelana, pendurou seu terno e nunca mais o usou. Nem sua perna nem o resto dele jamais sarou completamente.

Ele mandou rezar uma missa para Rosie. Quando o município devolveu a carcaça amassada do Hillman ao seu proprietário, ele

desabafou no lado do carona do carro. Chorou, rezou e, ajoelhado sob a chuva, usou uma moeda de centavo para gravar a palavra que queria que durasse mais do que ele poderia repeti-la nessa terra.

É claro que Corrigan foi cruel. Boatos se espalharam sobre as circunstâncias em que se viu Jack Lionel sair às pressas da cidade com Rosie Jones. Alguns diziam que ele a sequestrara. Que ele se apaixonara pela mulher do filho e a roubara, e uma confusão no carro causara a batida. Outros garantiam que eles planejaram fugir juntos e que havia sido a luxúria dentro do carro que os fizera sair da estrada. Havia quem sustentasse que ele a atraía até o carro, se protegera com o cinto e, propositalmente, dera uma guinada para fora da estrada, fazendo a morte dela parecer um acidente. Havia tantas tramas e reviravoltas entre si. Tantas fontes não confirmadas, e relatos pessoais e testemunhos de vizinhos. E eles se aproximavam tão firmemente que pareciam destinados a estrangular e obscurecer a verdade. Ninguém jamais mencionou a lateral rompida de Rosie. Isso parecia pertencer a outra história. E as mentiras e as suposições simplesmente eram acrescentadas ao monte. A história se tornou verdade. Tornou-se pedra. O retrato de Jack Lionel foi manchado de tinta e lambuzado de merda, e ele não fez qualquer esforço para limpá-lo. E, assim, ele se tornou o monstro e o assassino que todos dizem que é. Um homem degradado, um louco. Um pária. A cidade lhe virou as costas. A igreja perdeu o interesse pela sua alma. E Jack Lionel, que sempre desfrutara a solidão da sua propriedade, simplesmente se retraiu mais ainda. Separou-se de Corrigan. Comprava comida e suprimentos em outras cidades. Vivia muito simplesmente com sua pensão de guerra e plantou legumes e criou ovelhas e gado enquanto sua perna permitiu. Nos últimos anos, tem vivido de ovos, comida enlatada e chá, bebido em canecas de latão. E as únicas pessoas que vê são as poucas crianças que ousam roubar seus

pêssegos, e seu neto, que, durante anos, passa à margem da sua propriedade, atormentando seu coração.

Jack Lionel sempre achou que Jasper o ignorava, como um modo de evitá-lo. Um ato de ignorância raivoso e intencional. Nem por um momento ele imaginou que Jasper Jones pudesse não saber a verdade.

Lionel esperava que Jasper Jones tivesse sido envenenado pela mentira. Plantada por seu pai e fertilizada pela cidade. E por isso ele queria desesperadamente convidá-lo a entrar, para lhe contar a verdade, para arranhar aquela palavra no ar. Mas Jasper nunca parou... ele não parou nenhuma vez. E Lionel, debilitado demais para correr, encontrá-lo e defender seu caso, limitava-se a gritar da sua varanda sempre que Jasper passava ali.

Jasper Jones nunca fez ideia de por que Lionel chamava seu nome. Mas toda a sua vida ele fora visado, portanto não prestou atenção. Era apenas um velho desgraçado e maluco sem nada para dizer. Mas me pergunto como Jasper nunca descobriu. Para mim, faz sentido que seu pai nunca tenha mencionado o velho, mas Jasper foi tão excluído a ponto de ninguém, nem mesmo a mais insensível criança, despejar na sua cara o que sabia?

Talvez elas também não fizessem a menor ideia. Eu, certamente, não fazia. Talvez todos fossem como eu. Simplesmente temiam Mad Jack Lionel, sem conhecer a natureza da mentira que o alimentava. Mas, na sua sala de estar, observando-o fumar e contar sua terrível história, pareceu estranho que eu tivesse medo dele. Ele parecia tão pequeno, cansado e desgraçado, sentado ali, enrolando lentamente seus cigarros. Parecia apenas um homem decente que fora derrotado.

Não consegui decifrar o rosto de Jasper. Observei-o cuidadosamente enquanto ele escutava de pé. Jasper ajeitou o cabelo, moveu os pés e fungou. Olhou para o chão, abrindo e fechando os punhos, mas não tive a impressão de que fosse atacar.

Notei-o olhar para as fotografias em cima do piano. Eu me encolhi e escutei atentamente.

E não tenho certeza do motivo, mas quando Jasper Jones silenciosamente aceitou o cigarro oferecido por Jack Lionel, no momento em que ele pressionou os lábios e tragou-o agradecidamente, achei que ele havia abandonado a esperança de algum dia descobrir quem matou Laura Wishart. Achei que o jogo tinha acabado. Que ele desistira.

Mas, então, Jack Lionel nos contou o que vira naquela noite.

Ele se lembrava porque foi na véspera de ser atacado por um vírus que o manteria na cama por duas semanas. Ele notara a figura porque era uma visão estranha. Jack conhecia quem passava normalmente pela sua propriedade, conhecia os padrões. Por isso, sua atenção foi despertada quando ele reconheceu aquela garota, que ele vira muitas vezes acompanhando Jasper, que agora ele sabia ser Laura Wishart, que passou por ali sozinha. Então ele esperou, supondo que Jasper não estaria muito atrás. Talvez eles tivessem brigado, e ela caminhasse desafiadoramente adiante. Ou talvez fosse encontrá-lo em algum lugar. Mas Jasper não apareceu.

Jasper perguntou se ele tinha certeza de que ela estava sozinha.

Lionel tinha. Mas, então, sua testa se enrugou. E sua cabeça se inclinou. E ele nos disse que, embora não tivesse visto Jasper com ela, ele viu que alguém a seguia.

•

Estou sentado na minha cama, com os cotovelos sobre os joelhos, quando há uma leve batida na janela. Fecho os olhos e suspiro. Nem me viro. Deve ter sido um confronto rápido. Ou talvez o pai dele estivesse fora, bebendo. Mas nem tenho certeza de que quero ver Jasper novamente essa noite. Estou tão triste e cansado.

– Charlie!

Viro-me ao ouvir a voz. Abro a janela.

Eliza Wishart veio à minha janela.

Ela está aqui. De noite. É mesmo ela. Não digo nada. Apenas abro e fecho a boca.

– O que você estava fazendo com Jasper Jones? – exige ela.

Paro. Não tenho resposta. Ela deve ter me seguido até a estação. Eu devia ter me virado. Imagino até onde ela nos seguiu.

– Ah. Nada, na verdade. Ele é apenas meu amigo, eu acho. Não sei.

Eliza inclina a cabeça de um modo que sugere que ela sabe que estou mentindo.

– Charlie, por que você não voltou? Você disse que voltaria. Você *prometeu*. E eu esperei. Você disse que voltaria!

Não tenho nada a dizer. Não posso lhe contar a verdade e não quero mentir.

– Desculpe – concedo. – Desculpe, mesmo.

– Charlie, preciso muito falar com você.

– Eu sei.

– Quero dizer, *agora*. Você pode sair? É importante.

Eu posso. Estou razoavelmente certo de que meu pai não me ouviu voltar. Mas hesito, porque estou preocupado com o que eu posso dizer. Com o que ela pode perguntar.

Então, Eliza diz algo que me abala mais do que qualquer coisa que ouvi desde aquela primeira noite. Ela passa os dedos pela janela e toca minha mão. E diz:

– Charlie, eu sei onde Laura está.

•

Aturdido, saio de casa e caminho ao lado dela, correndo por um labirinto de pensamentos. Estou andando para o abismo. Não disse uma palavra do que sei, caso ela me conduza a algo diferente. Ela

está me levando à clareira de Jasper? Deve estar. Mas qual será o tamanho da sua peça para esse quebra-cabeças?

Se ela sabe alguma coisa sobre a clareira, a árvore e a corda, então ela esteve lá naquela noite. E deve saber de *alguma coisa* que aconteceu ou pelo menos como terminou. E esteve lá desde então? O que fará quando descobrir que Laura não está mais lá? Devo contar tudo agora?

Teria sido Eliza Wishart a figura que Jack Lionel não conseguiu identificar? Teria sido ela quem seguiu Laura naquela noite?

A cidade está se esvaziando. A expansão do Sovereign foi retirada e guardada. A banda ainda toca. A fogueira atrás do Sindicato dos Mineradores é um monte de brasas vermelhas. Cães circundam as carcaças das ovelhas assadas, esperando que o carvão esfrie para que possam roer os ossos. A maioria das famílias já se recolheu, mas algumas ainda permaneceram para ver o novo ano. Andamos rapidamente pelo centro da rua principal. Espero não ver minha mãe. O salão ainda está aberto, mas a movimentação já diminuiu. Como sempre, uma enfermeira cuida da mão queimada de alguém, na escadaria principal.

Alguns casais se agarram, no beco junto à loja de ferragens. Eles devem estar embriagados o suficiente para supor que ninguém os vê. Um homem grande vomita no canto da varanda do armazém, agarrando-se a uma viga e despejando suas entranhas numa vala. É o sargento.

Eliza me conduz além da estação. Não conversamos, mas eu sei que ela está chateada. Espero que não chore novamente. Quanto mais caminhamos, mais tenho certeza do nosso destino.

Estamos nos arredores da cidade, onde tudo está parado e silencioso. Nós nos movimentamos rapidamente, com passadas ritmadas. Não sei como, mas nossas mãos se juntaram novamente. Chegamos às margens largas do rio Corrigan e passamos aos capinzais após a ponte. Ainda tento pensar em coisas para dizer,

mas Eliza parece tão decidida que sinto que não devo interrompê-la.

Passamos por baixo dos cajeputes, que observam e se curvam, com as cascas pendendo dos seus galhos. A grama perto do rio é macia e pequenos brotos surgiram com a ajuda da chuva recente. Eliza se abaixa para arrancar um cacho de pequenas flores silvestres e brinca com elas nas mãos.

E, então, avisto nosso carro.

Está estacionado na beira da água, sob uma árvore. Está oculto pelas sombras, mas eu o reconheço facilmente. Paro e estreito os olhos. Eliza puxa minha mão, impelindo-me adiante, mas então ela segue meu olhar. Franzo a testa. E digo, distraidamente:

– É o nosso carro.

– Sério? – sussurra Eliza.

Confirmo com a cabeça e prendo a respiração. Não tenho certeza do que fazer. Após algum tempo, seguimos lentamente em direção a ele.

É uma terrível sensação de mau pressentimento. Levo um instante para juntar as peças, e, então, tudo faz sentido. Com dificuldade, engulo em seco. O tijolo no meu peito cai mais fundo do que nunca. Sinto-me como aquele homem da França sobre quem li, que tinha uma síndrome que o forçava a engolir moedas. Quando morreu, descobriram que seu estômago estava lotado como uma bolsa e de tão pesado, escorregara para a pélvis.

Sei exatamente o que estou prestes a ver, mas me aproximo. Gravetos se quebram, com estalidos abaixo dos meus pés. E estou perto o bastante para ver duas pessoas. No banco traseiro. O brilho de pele pálida, deslizando e mergulhando entre as sombras. Estou perto o bastante para tocar na janela traseira. Perto o bastante para ver minha mãe agarrando e apertando um homem que não reconheço. Para vê-los recuar e congelar após minha interrupção. Para ver minha mãe olhando pela janela, o rosto passando da raiva

para o horror. O arrastar-se e desvencilhar-se. Estou dormente. Assisto àquilo se desenrolar diante de mim, mas me sinto distante.

Recuo. Desajeitadamente, minha mãe coloca novamente o vestido. O homem se esconde no banco traseiro. A porta se escancara, e eu aperto a mão de Eliza.

– Charlie! O que você faz aqui? Você não deveria *estar* aqui! Do que está brincando? Você me *seguiu*? Você não deveria estar aqui! Por que não está em casa?

Ela está histérica e agressiva. Berrando como louca e agitando as mãos. Pergunto-me como ela tem o desplante de se irritar. Posso sentir o cheiro de suor azedo e de bebida vindo do carro, o que me enoja. O peito da minha mãe ofega. Ela está em pânico, irritada e bêbada. Ela continua esganiçando suas perguntas irascíveis, simplesmente preenchendo esse espaço com seu ultraje idiota.

As paredes podem estar desabando, mas me sinto calmo. De verdade. Mesmo quando ela bate a porta, agarra meus braços e me puxa, afastando-me de Eliza Wishart. E noto que seu vestido de algodão está pelo avesso e como ela parece feia e velha quando sua maquiagem está borrada.

Ela me puxa em direção ao carro. Ainda gritando.

– Você vai para casa! Você não deveria estar aqui! Vamos! Entre no carro!

Arranco minhas mãos do seu aperto com uma facilidade que me surpreende. Meus ombros estão erguidos. Dou um passo para trás e sinto o equilíbrio entre nós mudar. Desvio o olhar. Estou tão envergonhado. Não apenas porque ela está bêbada e descalça, não apenas porque a peguei transando com algum babaca velho e gordo enquanto meu pai está sentado em casa, mas porque tudo aconteceu diante de Eliza Wishart. Ela viu tudo. Quero cobrir essa cena com um cobertor, fechar uma cortina. Quero empurrar nosso carro para a água.

– Não – digo, firmemente.

– O que você disse?

– Eu disse que não.

– Como ousa? Não fale comigo desse jeito, Charles Bucktin. Entre no carro! Vou levar você para casa. Você não deveria estar aqui.

– Nem *você*. *Isso* – aponto para o banco traseiro do carro – significa que não preciso fazer o que você manda.

Dou um passo à frente. Não tenho medo dela.

– Como é? Você vai *fazer* sim, rapazinho! Agora, entre no carro. Não vou pedir novamente!

– Não! *Você* cavou esse buraco, *você* que o encha. Eu não vou com você.

Ela está perdida. Não consegue vencer. Não consegue vencer mais nada. Parece desprezível e sem graça. Branca como um fantasma contra o mosqueado cinza das árvores. Eu a odeio. Nesse instante, eu a odeio como se fosse veneno, mas também sinto pena. Ela parece uma criança. Amedrontada, perdida e infeliz. Ainda mais quando sua boca se vira para baixo e nos cantos, sua face se contorce e ela começa a chorar. Tão rapidamente quanto ascendeu, ela desaba.

– Você não entende – soluça ela. – Seu pai não me ama. Nunca amou. Você não sabe *nada*. Você não sabe absolutamente nada.

Ela tem razão. Não entendo nada nesse mundo: sobre as pessoas e por que elas fazem o que fazem. Quanto mais descubro, quanto mais desvendo, quanto mais sei, menos entendo. Minha mãe balança a cabeça e funga. Suas mãos estão caídas ao lado do seu corpo. O homem no carro não se mexe. Apenas fica sentado. Tudo é tão sujo e terrível.

Preciso ir embora.

– Vá para casa – falo, e me sinto poderoso. Pareço Jasper Jones. Sinto um choque elétrico na minha coluna. – Apenas vá para casa.

Viro-me e seguro a mão de Eliza. Entrelaço firmemente nossos dedos e aperto com força. Fui traído por meus pais numa única noite. Olho para minha mãe de cima a baixo e deixo-a parada ali,

com seus ombros caídos e trêmulos. Ela me chama, porém não há raiva. Não há nada. Nós a deixamos para trás.

Permaneço calado enquanto caminhamos. Distante, atrás de nós, ouvimos o carro engasgar para dar a partida e fugir da cena. Minha mãe e seu amante. Pergunto-me se ela vai voltar para casa e confessar para meu pai. Provavelmente, não.

Devo apertar a mão de Eliza com muita força, porque ela a move um pouco.

– Você está bem, Charlie?

Suspiro e coço a cabeça com a mão livre.

– Para dizer a verdade, não sei. Acho que sim. Talvez. Acho tudo uma loucura muito grande para que eu possa sentir alguma coisa.

Ela concorda com a cabeça.

– Acho que sei o que quer dizer. Aquilo foi realmente... *estranho*. Sua *mãe*. É apenas... Eu nunca pensei que ela. Sinto muito, Charlie – diz Eliza, baixinho.

E aquilo me conforta. É como se ela conseguisse tornar tudo dourado com um pedido de desculpas, embora ela esteja longe de ter alguma culpa.

Chuto o cascalho.

Chegamos à propriedade de Lionel. Ela parece tão diferente. Olhando-a, agora, é apenas um pedaço de terra desolado, quando antes costumava vibrar com ameaça e potência. Imagino se ele nos observa passar.

Jasper e eu saímos da sua casa tão abruptamente quanto entramos. Após arrancar de Lionel tudo o que ele viu naquela noite, Jasper afastou-se da parede na qual estivera apoiado. Fora o bastante para ele, que deslizou a mandíbula de um lado para o outro, deu uma última olhada em cima do piano e saiu da casa a passos largos. Eu o segui. Não nos despedimos, não olhamos para trás. Eu até me senti mal por Jack Lionel, por deixá-lo sozinho daquele modo no seu museu pequeno e triste.

Agora sei que estamos indo à clareira, mas minha certeza termina aí. Não sei o que esperar. Não sei o que ela tem a dizer, que luz ela lançará nessa bagunça escura.

O mato não a faz andar mais devagar. Seguimos as mesmas trilhas estreitas dos cangurus. Noto os mesmos pontos de referência. Minhas pernas são arranhadas por arbustos e matos baixos. Espero que Eliza conheça o caminho melhor do que eu. Marcho atrás dela, com nossas mãos ainda frouxamente unidas. Daqui, ainda consigo sentir o cheiro dela. Consigo respirá-la, o que me domina. Eu poderia seguir esse cheiro para sempre.

Entretanto, os chiados, os zumbidos e os estalidos à minha volta fazem minha pele se retesar. Não quero estar aqui. Sinto-me como se fosse habitado por uma metrópole fervilhante de insetos, que correm para cima e para baixo dos meus braços e por meu pescoço. Entocando-se sob minha pele. E não me livrarei deles me sacudindo ou arrancando minha pele.

Eliza Wishart está me levando ao local onde sua irmã foi morta. O tijolo está no seu ponto mais baixo. Não sei o quanto conseguirei absorver essa noite.

Aqui.

Aqui está. A larga coluna daquele enorme eucalipto, erguendo-se monumental e solitário. Sou atraído para sua órbita. Paramos aqui. As costas de Eliza estão viradas para a camada de acácias que se abre para a clareira de Jasper. Minha cabeça está um pouco abaixada e observo-a cuidadosamente. Ela abre seus braços finos e roça a folhagem almiscarada. Estou morto sobre meus pés. Mais pesado do que nunca.

– Você já esteve aqui – afirma ela, abertamente. Não é uma acusação. É uma simples constatação.

Confirmo com a cabeça, mas não consigo olhá-la nos olhos.

Então, Eliza Wishart ultrapassa as acácias e desaparece como um fantasma. Eu a sigo lentamente.

É sempre estranho andar ali. O ar é diferente. Tudo é completamente parado e atemporal.

Mas é mais estranho essa noite, estando aqui com Eliza. Estando aqui sem Jasper. Parece que estou invadindo. É tão quente, silencioso e sinistro. É mais vazio sem ele. Tenho a sensação de que somos vigiados.

Sigo Eliza através do denso capinzal até a água. Nós nos sentamos debaixo de uma árvore. Estou tremendo um pouco. Diretamente acima de mim está o lugar onde Laura morreu. O buraco no mundo em que ela caiu. Imagino se Eliza sabe.

Ficamos sentados em silêncio por um longo tempo. Não sei ao certo para onde olhar. A água, Eliza, a clareira. Há mentiras por toda parte.

Finalmente, Eliza encolhe as pernas para o peito e poussa o queixo nos joelhos. Ela olha para mim.

– Precisamos contar coisas um para o outro – diz ela.

Concordo.

– Quer ser o primeiro?

– Não. Não, mesmo. Se estiver tudo bem para você.

Eliza parece concordar com a cabeça sem se mexer. Então, ela tira algo do bolso da sua saia. É um pedaço de papel dobrado. Vira-o na mão.

– O que é isso? – pergunto, baixinho.

– Uma carta.

– Para quem?

– Jasper Jones.

Enrugo a testa.

– Sua?

– Não.

O silêncio volta a se instalar. Lentamente, Eliza desdobra o papel e volta a dobrá-lo.

– É de Laura – diz ela.

– Ela pediu que você entregasse a ele?

Eliza balança a cabeça e desvia o olhar.

– Você a encontrou?

Ela dá de ombros, ainda olhando para a represa. Ficamos novamente em silêncio. Então, faço mais uma pergunta, hesitante.

– O que diz a carta?

Ela não responde. Nem parece ouvir. Em vez disso, seu rosto parece se petrificar. Ela inclina a cabeça, vira-se e fala novamente com aquele estranho sotaque.

– Sabe aqueles dias, em que você está mau como o vermelho?

– O quê?

Eliza me olha um pouco decepcionada, como se eu a entendesse errado.

– Tipo “triste como o azul”.

– Ah – digo. – Quer saber se eu fico triste como o azul?

Ela se ergue um pouco.

– Não, esse azul é porque você está engordando ou está chovendo muito e você está apenas triste. O mau vermelho é horrível. De repente, você está com medo e não sabe por quê. **Você já teve essa sensação?***

– Na verdade, parece exatamente o que senti nas últimas semanas. O mau vermelho.

– Sério? – pergunta ela.

– Sério. E você?

Eliza olha novamente através da represa. Permanecemos sentados e ouvimos os insetos.

Então, ela se vira e me olha nos olhos. Parece mais velha sob a luz das estrelas, com o rosto cansado e marcado. Ela me encara por um tempo desconfortavelmente longo. Imagino se devo dizer alguma coisa. Mas, então, ela quebra o silêncio.

– Fui eu, Charlie.

– Você o quê? – Preciso segurar meus braços para minhas mãos pararem de tremer.

– Eu matei ela. A culpa é toda minha. Eu matei Laura.

•

É isso o que Eliza me conta.

Foi isso que aconteceu.

E preciso falar depressa. Preciso abrir a válvula e deixar escoar, efervescendo e se espalhando, porque é muito duro, muito pesado, é demais. Não consigo conter por muito mais tempo, porque vai queimar. Está entendendo? É o conhecimento. O conhecimento é sempre o pior. Gostaria de não saber. Quero a tranquilidade de volta. Mas não consigo. Nunca a consigo. Então. Foiissooqueaconteceu. Eliza sabia sobre Jasper Jones. Sabia que ele estava com sua irmã. Sabia que eles estavam apaixonados. E sabia que, à noite, eles iam a algum lugar. Da sua janela, exatamente ao lado da janela de Laura, Eliza observava a aproximação de Jasper. No início, ele era cauteloso. Escondia-se nas sombras, esperava e se movimentava lentamente. No fim, ele ficou mais imprudente. Simplesmente se aproximava em silêncio. Batia na janela. E Eliza podia ver Laura saindo, atravessando o quintal com ele, após ter descido pela janela do seu quarto. Acontecera durante o ano todo, até mesmo nas noites mais frias de Corrigan. Eles saltavam por cima da grama congelada e deixavam Eliza para trás, imaginando e especulando. Quando o clima esquentou, a frequência cresceu cada vez mais. Recentemente, eram quase todas as noites. Eliza sempre se perguntava aonde eles iam. Imaginava que fossem para o rio, talvez para debaixo da velha ponte. Tinha curiosidade e sentia inveja. Ansiava por segui-los, mas sabia que não devia. Para ela, era tudo absoluta e perfeitamente romântico. Como se fosse parte de um livro ou coisa assim. Um conto de fadas. Eles sempre andavam às escondidas, nas altas horas da noite, e Laura voltava pouco antes do amanhecer. A filha do presidente do condado com o marginal da cidade, o perigoso garoto com quem todas as garotas queriam estar. Às vezes, Laura e Jasper se abraçavam fortemente

antes de se separarem. E ele piscava para ela e ia embora. Eles pareciam se combinar perfeitamente. Mas, então, perto do fim de novembro, com o calor do verão se aproximando sorrateiramente, Jasper parou de ir. Eliza se perguntou se eles não estavam namorando. Parecia triste que não estivessem, embora parte dela se sentisse culpadamente satisfeita Laura não possuir algo que ela não podia ter. Escute. Foiissooqueaconteceu. Como um gêiser. Como o rompimento de uma represa, eu não consigo conter. Porque Eliza não sabia, nunca soube, que seu pai, o presidente do condado, também visitava o quarto de Laura. Mas ele não batia educadamente. Entrava sorrateiramente, bêbado. Sempre bêbado. Sempre discreto. Não havia fechadura. Está tudo na carta, sabe? Muito antes de Jasper Jones ir à janela dela. Desde que ela era uma garota. Da idade de Eliza. Foiissooqueaconteceu. Como a rolha de uma garrafa. Um trem sem freios. Naquela noite, enquanto eu lia, algo estava acontecendo. Formando-se, juntando-se e acumulando-se. Algo estava *em ação*. Havia dias que algo estava estranho no lar dos Wishart. Com tensão e mau humor. Baixara uma enfermidade. O transtorno fermentava. Eliza tentou ficar fora do caminho, como sempre que o clima ficava feio. Sua mãe parecia a mesma, serenamente inconsciente. Seu pai falava mais alto e com mais raiva, seu limite estava cada vez mais tênue. Agora, ele fedia o tempo todo a bebida e tabaco. E Laura, que tanto se retraía nesse ano, que não comia, que nunca falava ou ria como costumava com sua irmãzinha, estava mais pálida, consumida e silenciosa do que nunca. Era como se ela nem estivesse ali. Um fantasma numa casa assombrada. Laura só deixava seu quarto quando precisava cuidar dos seus trabalhos domésticos. Eliza achava que ela estava chateada com Jasper Jones, mas não podia perguntar, como gostaria. Foiissooqueaconteceu. Naquela noite, houve uma grande discussão. Foram pronunciadas palavras na cozinha que Eliza não teve permissão para ouvir. Ela foi mandada para seu quarto. De qualquer modo, ela não queria ouvir. Ela lia no

seu quarto, com o gato no colo. Ouvia Ella Fitzgerald e cantarolava baixinho. Tentava escavar um espaço para si mesma, um pequeno vácuo distante do mundo. E ali ela permaneceu. Mas não era suficientemente denso. Era quebradiço demais. Porque mais tarde, naquela noite, houve uma briga no quarto de Laura, ao lado do dela, e foi então que Eliza teve medo. Com a cabeça colada à parede, ela ouviu vozes, mas não conseguiu distinguir as palavras. Ela sabia que eram Laura e seu pai. A discussão rebentara novamente. Ela conseguia sentir o movimento. Conseguia ouvir guinchos estranhos e deslocamentos. Sons que Eliza traduziu como duas pessoas numa briga corpo a corpo. Mas, então, Laura começou a gritar, a berrar, o que logo foi amortecido por sons que fizeram Eliza se sentir mal. Isso nunca acontecera. Ela ouviu um estalido e um ganido. Sentiu algo através do assoalho. Algo se quebrou contra a parede e caiu no chão. Então, a porta bateu. Forte e alto como um tiro. Eliza se sobressaltou. A casa estremeceu, está entendendo? Lascas de reboco caíram do friso em volta da lâmpada encaixada no teto e foram espalhadas por todos os lados pelas pás do ventilador dela. Como confete. Como neve. Passos marchando. Então, o silêncio foi rápido, arrastando-se como uma contracorrente. Ela se perguntou se podia sair do seu quarto. Concluiu que não queria ir a lugar nenhum. Estava com medo. E onde estava sua mãe? Onde estava ela? Eliza ouviu o carro da família roncar ao dar a partida e abriu a cortina para ver seu pai sair da garagem e entrar na rua ziguezagueando perigosamente. Então, pôde ouvir Laura chorando através da parede que as separava. Mesmo assim, ela não deixou sua pequena bolha. Ela ficou. Segura. E não se agitou, embora estivesse inquieta e confusa. Achou que Laura mandaria que ela fosse embora com um aceno, furiosa. E a casa ficou em silêncio por algum tempo. Depois que as luzes dos vizinhos se apagaram, quando as pessoas se recolheram para a noite, Eliza ouviu o bater familiar na janela de Laura. Barulho, barulho e nada. Ela saltou da cama e pressionou o rosto

contra a vidraça. Laura estava saindo, arfando, mas ela não conseguiu ver Jasper em lugar algum. Laura vestia a camisola. Estava apressada. Estava sozinha. Mas estava descalça, por isso não poderia ir muito longe. Talvez até o fim da rua. Ainda assim, havia algo errado. Talvez ela fosse sonâmbula. Atraída por algo atrás dos seus olhos. Eliza ficou preocupada. E foi a preocupação que a impeliu para fora, para a noite quente, que a fez seguir sua irmã a uma distância segura. Era algo ilícito e emocionante. Ela nunca estivera sozinha na rua tão tarde. Seu corpo zunia, o coração martelava. As coisas cheiravam diferente, pareciam diferentes. As árvores tinham uma forma desalinhada. As coisas pareciam sinistras, ameaçadoras. Laura se encontraria com Jasper em algum lugar, foi o que ela deduziu. Mas o que tinha acontecido exatamente no quarto de Laura? Que tumulto fora aquele? Por que ela gritou? Sobre o que havia sido a discussão? Seu pai bateu em Laura? Era isso o que ela ouviu através da parede? Por que ele saía tão depressa, tão zangado? As coisas eram tão horríveis recentemente. Ela tentara ignorar tudo, mas o acúmulo tomara conta dela. Assomara-se até desabar. Agora ela tinha de saber. Se aquele passeio não revelasse nada, no dia seguinte ela interrogaria sua irmã. Finalmente, ela descobriria. Foiissoqueaconteceu. Eliza saltitava ligeiramente para não ficar para trás, ainda com a emoção de estar fora à noite pela primeira vez. Laura andava depressa, curvada para a frente, com os braços cruzados. E elas caminharam o que pareceu uma eternidade. Laura não olhou para trás uma só vez. Por todo o caminho através da cidade. Passou pela estação, passou pela margem mais densa do rio Corrigan, perto da ponte e da área onde se fazem piqueniques. Passou pelas antigas propriedades que deram início a Corrigan. Passou pela cabana decrépita de Mad Jack Lionel, que ainda tinha as luzes acesas. Eliza tremeu quando percebeu onde se encontrava. Pensou seriamente em voltar. Mas, agora, já estava envolvida. Mais ainda, quando elas chegaram à beira do mato e prosseguiram pela parte mais densa.

Ela ficou aterrorizada com a possibilidade de se perder de Laura, que sumira algumas vezes, e precisou parar e escutar atentamente e seguir pela trilha com a cabeça abaixada. Ela estava irritada e confusa. Era arranhada e furada por galhos e espinhos. Agora, estava arrependida do seu impulso. Aonde ela estava indo? Era para aquele lugar que Laura fora durante todo o ano? Onde estava Jasper Jones? Ele estaria no final dessa jornada? Ela não sabia nada. Sentia-se pequena e perdida, como uma criança. Quando Laura parou ao pé daquele gigantesco eucalipto e desapareceu tranquilamente através dos cachos de acácias, Eliza sentiu subitamente um arrepio. Quis desesperadamente voltar. Mas passou sorradeira pelas acácias e se escondeu na moita debaixo de uma árvore. Ela abriu a folhagem, que revelou aquela estranha pequena clareira. Acocorou-se e observou Laura cuidadosamente, aturdida com aquele lugar. Devia ser aonde eles foram todo aquele tempo. Parecia tão perfeito. Era tão bonito e sereno. Parecia etéreo. Uma pequena bolha atemporal. Um jardim secreto. Sua irmã caminhou na direção do eucalipto liso e cinzento em destaque perto da pequena represa, no lado mais distante, e penetrou no que parecia ser um espaço amplo na sua base. Quando emergiu, ela vasculhou a clareira, analisando-a atentamente. Eliza se encolheu para a sombra e prendeu a respiração. Mas Laura se virou, abaixou-se e sentou-se perto da água, com a cabeça sobre os joelhos. Eliza ansiava ir até ela, mas sabia que não escaparia de um castigo se o fizesse. De qualquer modo, parecia que Laura esperava por alguém. Por Jasper, ela concluiu. Portanto, ela provavelmente decepcionaria a irmã se simplesmente saísse do mato e se revelasse. Foiissooqueaconteceu. Laura se levantou e caminhou sob a árvore. Parecia aflita. Puxava o cabelo. Examinou o espaço oco na árvore mais duas vezes. Saiu dali com algo nas mãos. Então se sentou. E chorou. Abraçou a barriga e se sacudiu à beira da água. Era difícil para Eliza ver aquilo. Ela queria correr e colocar o braço à sua volta. E ela mesma chorou, baixinho, olhando tudo aquilo se

desenrolar. Precisou se morder. Precisou desviar os olhos. Quis desesperadamente saber o que aconteceu, mas estava presa pela própria indiscrição. Era muito difícil estar fora daquilo, assistindo como se fosse um filme granulado. Foiissooqueaconteceu. Laura abaixou a cabeça e se concentrou em alguma coisa no seu colo. Ela parecia escrever. Então se levantou, com os braços cruzados e a cabeça abaixada. Eliza podia ver seus ombros se sacudindo. Então, viu-a seguir em direção ao eucalipto. E, com uma força e uma facilidade que surpreenderam Eliza, sua irmã subiu pelo tronco, trepando verticalmente em algumas partes, usando apoios para os pés e içando-se. Lascas da casca foram arrancadas por seus pés descalços. A camisola pendia solta. Ela parava em alguns pontos, mas pareceu subir com facilidade. Aquilo nunca pareceu difícil. Eliza ficou silenciosamente impressionada. Ainda assim, parecia perigosamente alto. Eliza quis que ela descesse. Em qualquer outra circunstância, teria gritado muito, exigido que a irmã descesse. Laura, porém, sentou-se num galho grosso que chegava à margem da água. Eliza achou que ela poderia pular dali. Parecia perigoso. Ela estava inquieta. Mas Laura parecia descontraída. Balançando as pernas, segurando o galho com as mãos. Ela ficou sentada por um longo tempo. A mente de Eliza vagueou. Ela ajustou sua posição e pôs-se mais à vontade. Sentou-se com as pernas cruzadas, descansando o queixo na palma da mão. E esperou. Talvez Jasper estivesse a caminho. Talvez Laura quisesse apenas um lugar tranquilo onde se sentar. Fazia sentido. Ela teve um momento horrível antes. Talvez apenas precisasse de algum lugar tranquilo e bonito. Sua fortaleza. Seu castelo no ar. Foiissooqueaconteceu. E foi rápido. Rápido demais. Eliza não teve tempo para pensar nem para agir. Sua mente vagueara para outro lugar, estava muito afastada. Ela se sentia até um pouco sonolenta. Não notara a corda amarrada em volta do galho. Apenas a percebia como uma irregularidade natural na madeira, alguma estranha aglutinação de cascas. E, portanto, ela ficou ligeiramente confusa quando a corda foi pega e

desenrolada. Não preocupada. Não horrorizada. Rapidamente, rapidamente. Ela ainda estava um pouco desligada quando parte da corda caiu, está entendendo? Foiissooqueaconteceu. Laura, de costas para a irmã, de costas para a cidade, com as mãos no pescoço como seu pai apertando sua gravata. E então ela se balançou para trás e caiu. Eliza lembrou de ficar alarmada quando ela não atingiu o chão. Aquilo se tornou muito mais súbito quando ela parou, se sacudiu, se moveu e se torceu, com um vã entre ela e a terra. Então, o silêncio. Ruído branco. Ela não gritou, ela não correu. Ela congelou. Tudo parou. Tudo deixou de ser. Está entendendo? Era um engano. Certamente. Não aconteceu. Ela sonhou aquilo. Tinha caído no sono. Ela se assustara com um pesadelo. Mas, não. Ali estava ela. Ali estava ela. Sem se debater. Um saco pesado. Flutuando. Girando lentamente. Até parar, e, então, tudo girou ao contrário; Laura encarava Eliza Wishart, que saiu correndo do seu esconderijo e puxou sua irmã até perceber que não adiantaria. Ela se fora. Apagada como uma vela. Laura rejeitara a eterna segurança. Desaparecera. Engolida e tragada por algo enorme e invisível. Eliza entrou em pânico. Havia algo perto dos seus pés. Um pedaço de papel dobrado. Ela o apanhou. Colocou-o no bolso. Não sabia o que fazer. Tremia como se seus braços não fossem dela. Estava prestes a soluçar, a chorar, mas ouviu alguém se aproximar. Engoliu em seco. Correu para onde estivera escondida. Bem a tempo. Precisou morder o lábio com força para evitar que os dentes se batessem. Nunca sentira tanto medo. Aquilo tudo fora um engano horrível. Ela abraçou a si mesma, enfiou as unhas nas costelas e esperou. Respirava em curtos espaços trêmulos. Estava prestes a ter um colapso. E então Jasper Jones apareceu. Ele deslizou por entre as acácias. Alguns pedacinhos amarelos se aninharam no seu cabelo. E ele parou. Eliza observou-o, viu o momento exato em que ele compreendeu. E emitiu um ruído animal dissonante, como um gemido. Então ele correu para Laura, tentando levantá-la, tentando aliviar seu peso

para lhe dar ar. Mas ela estava morta. Independente da altura em que ele tentou erguê-la, independente do quanto ele gritou e apelou, com uma voz desesperada que arrepiou os pelos da nuca de Eliza. Ela observou o esforço desajeitado, respirando um milhão de vezes por minuto. Era uma macabra dança acrobática. Uma espécie de número horrendo num circo gótico. Ela tremeu. E teria gritado, berrado e guinchado ali mesmo se Jasper não tivesse subitamente recuado e disparado para fora da clareira. Ela ficou novamente sozinha. Saiu, sorratamente. Não tinha escolha. Precisava segui-lo. Não tinha outra maneira para voltar. Não sabia onde estava. Mas não queria deixar a irmã. Eliza Wishart olhou pela última vez para Laura e rapidamente penetrou nas acácias. Mas, é claro, Jasper caminhava muito rápido, muito rápido. Ele conhecia muito bem o caminho. Irrompeu através da mata e desapareceu. Eliza se viu quase imediatamente perdida. Tropeçou, cambaleou, cansada e sozinha. Seguiu as trilhas que pareciam mais gastas, irremediavelmente perdida. Mas isso não importava, por causa do que ela viu. O que acabaria de acontecer. Eliza parecia penetrar no mato cada vez mais. Quando chegou ao rio, uma larga veia de algo familiar, sentiu-se derrotada. Caiu, de joelhos, e chorou até vomitar na água, que carregou seu interior em fitas para o sul. Ela chorava porque estava com medo. Era cedo demais para o luto. Perto demais. Alguma coisa havia se rompido dentro dela, deixando um buraco negro que sugava e engolia tudo para o nada. Ela quis mergulhar na água. Afundar, nadar, ser carregada pela fraca corrente, não se importava. Mas permaneceu onde estava, enroscada e enrolada, até a primeira luz sangrar através do céu. Então, foi em frente. Seguiu o rio, na esperança de que ele pudesse levá-la à cidade. E levou. Quando chegou à velha ponte, sua camisola estava rasgada pelos arbustos de amora-preta e pelas samambaias, suas pernas estavam marcadas com linhas vermelhas. Os pés estavam inchados. Mas ela chegou em casa antes de Corrigan acordar, sem sua irmã. Eliza atravessou o jardim. O carro

da família não estava lá. As luzes estavam apagadas. Passarinhos trinavam em coro para o sol. E, exausta, ela entrou pela janela do seu quarto, que deixara aberta. E leu, em sua cama, com o gato no colo. Leu uma carta que não era para ela. Uma carta que era para Jasper Jones. Eram palavras bagunçadas, disformes e rápidas. Pequenas e rabiscadas. O que partiu seu coração, porque Laura tinha uma caligrafia tão bonita, tão cuidadosa. E aquilo a destruiu, aquela carta. Acabou com ela. Era a constelação de palavras mais triste e mais raivosa que ela já percorrera com os olhos. Foiissooqueaconteceu. Eles planejavam viver juntos, Laura e Jasper. Fugiriam da cidade. Começariam uma vida nova. E não contariam para ninguém. E nunca voltariam. Apesar de tudo, Eliza não pôde deixar de sentir uma fria pontada de traição. Toda aquela vida da qual ela não sabia. Todo aquele mundo, aquela bolha na qual ela não teve permissão para entrar. Mas, então, Jasper Jones sumiu. Laura ficou confusa e perturbada, achou que Jasper a deixara para trás. Embora eu soubesse que Jasper estivera trabalhando nos pomares naquelas duas semanas, Laura suspeitava o pior. Que ele a abandonara e fugira sozinho para a cidade. Que ele não a amava em absoluto. Que ele quebrara sua promessa. E tudo se confirmou para ela quando não encontrou sinais recentes dele na sua clareira. O lugar onde acendiam a fogueira se recuperara. O chão, no oco da árvore onde eles dormiam, estava intocado. Laura esperava vê-lo naquela noite. Se Jasper tivesse aparecido, ela teria lhe contado coisas. Tudo. E teria implorado para partirem antes do amanhecer. Porque ela estava Enrascada. Ela tinha de ir. Agora. Com urgência. Ela precisava dele. Porque ele era a coisa mais forte naquela cidade. Porque ela não poderia ir sozinha. Porque, supostamente, eles deveriam ir juntos. Porque havia algo insidioso crescendo dentro dela. Está entendendo? Algo estava muito errado. Uma quantidade de veneno leitoso se apoderara dela e a contaminara, e agora ela estava enrascada. Estava podre por dentro. Algo pior do que uma doença. E ela tinha de ir embora. Não sabia que outra

coisa fazer. Estava com medo. E desgraçada. Porque ela falara, finalmente ela apontara o dedo, tarde demais, tarde demais. Foi a noite em que ela reagiu. Estava na carta. Ela engoliu a vergonha e contou à mãe o que aconteceu todo esse tempo, debaixo do seu teto, o que fora deixado nela, a encrenca em que ela se encontrava. Contou-lhe por que precisou fugir tantas vezes para ver Jasper Jones, mesmo após ser pega e advertida. Contou-lhe por que não aguentava mais ficar naquela casa. O mal que lhe acontecia durante a noite. As coisas sombrias e sinistras que seu quarto tinha guardado. Por que ela precisava fugir para onde se sentia segura, mais e mais, sempre que podia. Mas sua mãe não acreditou nela, você pode imaginar? Em nenhuma palavra. Ela o defendeu. A mãe ficou ali e chamou Laura de mentirosa. Sua própria filha. E ele? Continuou sentado à mesa, calado e calmo. O presidente do condado. E, mais tarde, quando invadiu seu quarto, ele sussurrou, olhou-a com maldade e a ameaçou. Nem estava arrependido. Não havia amor nele. E ela cuspiu, berrou e agitou os braços finos com toda a coragem que lhe restava, e ele ergueu a mão e a atingiu no rosto, com força, algo que nunca havia feito. Derrubou-a com uma pancada para silenciá-la. E sacudiu-a novamente, duas vezes, bem no âmago dela, onde estava o problema. E, enquanto ela sofria para respirar, ele apertou seu rosto e avisou, com seu feio rosto vermelho e seu mau hálito rançoso, para que ela não dissesse mais uma palavra. Para ninguém. Virou-se para ir embora. Como seu último ato de desafio, Laura jogou seu peso de papel de vidro nas costas dele. Errou. O peso atingiu a parede e se espatifou. Seu pai bateu a porta. Foi o que aconteceu. E ela obedeceu. Nunca mais disse uma palavra. Sua coragem se esgotou. Cedeu lugar ao desalento. Mas ela escreveu. Escreveu muito. Extravasou tudo para Jasper Jones. Sentia-se abandonada, com o coração partido, amargurada e arruinada. Foi como se ela quisesse que doesse nele como doía nela. Nada restava nesse mundo para ela. E, então, ela caiu de

costas do galho, como um mergulhador na beira de um barco, com o papel no punho. Matou dois coelhos com uma cajadada. Quando saiu do quarto, ela sabia que seria a última vez, independente do que acontecesse. Está dito. Foi o que aconteceu..

•

Eliza lê a carta para mim com aquele sotaque curioso, sem hesitar. Como se a história não fosse dela e as palavras não fizessem sentido. Como se falasse sobre pessoas com as quais ela não se importa, pessoas fictícias que ela nunca conheceu. Como um sonho do qual acordou. As páginas que faltavam estão no lugar. Eliza Wishart resolveu a confusão num golpe só, mas não há alegria no que restou. Apenas a tristeza do conhecer.

É terrível. É atordoante e é trágico, porém faz mais sentido para mim do que condenar Jack Lionel ou outra figura estranha. Parece ser verdade. Laura poderia mesmo vir até aqui e conseguiria subir naquela árvore. Seu pai causou aquelas marcas no seu rosto, ele pôs o medo e o veneno na sua barriga. O desespero a manteve com roupa de dormir e sem sapatos. E tudo o mais conspirou para fazê-la cair.

Seu pai iniciou aquilo tudo, Laura acabou com aquilo tudo, e agora Eliza carrega a culpa, porque viu acontecer. Sinto-me tão mal por ela. Não consigo imaginar o que foi guardar esse segredo todo o tempo.

Laura Wishart não foi sequestrada por Mad Jack Lionel. Mas, aparentemente, foi arrebatada por algo infinitamente mais sinistro e aterrador. Pelo mesmo que, em primeiro lugar, nos fez perseguir Lionel. O mesmo que me roubou o apetite, me manteve acordado e me fez evitar as libélulas. O que faz essa cidade se fechar tão depressa e apontar seu dedo acusador, que a fez fechar suas portas

e chamar as crianças. Ela simplesmente não conseguia mais aguentar. Não tinha ninguém que a protegesse.

Sentei-me e ergui os olhos para o galho onde Laura se sentou. E uma parte fria em mim subitamente se enfureceu com Eliza por ela ter pego aquela carta. Tudo teria sido diferente se a carta tivesse chegado às mãos de Jasper naquela noite. Eu estaria livre. Eu teria ficado na segurança do meu quarto. Talvez eu tivesse lido um pouco mais. Teria dormido como costumava. Teria acordado normalmente. Não saberia mais. Estaria mais leve. Jamais teria conhecido Jasper Jones, jamais teria compartilhado sua história, jamais teria conhecimento desse peso terrível no meu estômago. Tristeza, melancolia e terror seriam apenas palavras que eu conhecia, como todas aquelas joias que colecionei na minha mala e das quais nunca soube a respeito. Eu nunca teria sido assombrado por Laura Wishart. Nunca teria ajudado a amarrar seu corpo a uma pedra e engolido o peso dessa pedra em tristeza. Nunca teria um segredo desses para guardar. Nunca seria soterrado por toda essa culpa idiota. *Desculpe, desculpe, desculpe*. Nós não teríamos acusado um velho solitário de assassinato. Eu nunca leria aquelas coisas horríveis que as pessoas fazem umas com as outras. Nunca flagraria minha mãe, nem mesmo *saberia*. E estaria livre para segurar a mão de Eliza Wishart sem temer que pudesse ser a última vez.

Ainda assim, talvez tenha sido melhor a carta não chegar a Jasper Jones. Não sei o que ele teria feito, mas duvido que seria a *minha* janela que ele visitaria. Meu palpite é que ele iria ao pai dela. E não dá para saber o que ele poderia ter feito quando chegasse. Talvez fosse o que Laura quisesse. Na cabeça dela, ambos traíram ela terrivelmente.

É fútil, de qualquer modo, esse pensamento. Não posso censurar Eliza por reunir aquele pacote de respostas muito mais do que posso reprovar Jasper Jones por chegar poucos minutos atrasado. Se Jasper estivesse na clareira naquela noite, Laura ainda estaria aqui. Ela ainda estaria viva.

Mas receio a reação de Jasper quando ele souber. Que ele realmente *poderia* detê-la. Ele nunca se perdoará. Isso me faz querer esconder a verdade dele. Enterrá-la, afogá-la, deixar que ele acredite em outra história.

Eliza inclina-se para a frente.

– Agora, é a sua vez. Você precisa me contar coisas, Charlie.

– Como o quê?

– Como conheceu Jasper Jones, por exemplo. Por que esteve aqui com ele.

– Como você sabe que estive aqui?

– Porque, certa noite, eu estava saindo daqui e ouvi alguém chegando no momento em que eu alcançava à estrada. E eram vocês. Você estava vindo para cá com Jasper.

– Você voltou aqui?

– Voltei.

– Como encontrou novamente esse lugar?

– Eu me lembrei, de algum modo. Não podia esquecer. E é sempre em frente, se você seguir o caminho e não entrar em pânico.

Fico calado por um momento; então, olho para a árvore além dela.

– Foi você quem entalhou aquela palavra.

Ela olha para trás e confirma com a cabeça.

– Usei um abridor de latas que estava no oco da árvore. Eu voltei para ver Laura. Afinal, todas as patrulhas e buscas tinham diminuído, e, depois que minha mãe parou de checar meu quarto a cada hora, saí às escondidas. Eu *precisava* vê-la novamente. Precisava lhe dizer coisas. Não sei o que eu estava esperando, Charlie, mas não imaginava que ela tivesse sumido.

Sinto seu olhar sobre mim. Não consigo olhá-la.

– O que Jasper fez com ela? Você sabe? Onde ela está?

Olho para meus pés e mordo o lábio. A maldição que se espalha. É tentador me absolver completamente. Eu poderia largar Jasper e

saltar, torná-lo novamente o bode expiatório. Eu poderia me apagar da história, livrar-me do envolvimento e do delito. Lavar minhas mãos. Ela jamais saberia e não teria razão para me odiar.

Mas não posso. Não posso. Não posso continuar guardando esse segredo. E sei que estou quebrando uma promessa, mas a coisa se acumulou e cresceu dentro de mim por muito tempo. Está dito. Para fora. Aponto para a represa.

– Ela está ali. No fundo.

– *Ali?*

– É.

– Ele a jogou na *água?*

Quase mordo meu lábio e atravesso-o.

– Nós jogamos. Nós jogamos. Eu também estava aqui. Ele me trouxe naquela noite. Na noite em que Laura... Sinto muito. Sinto muito.

– Você veio aqui naquela *noite?* Charlie, você *sabia?* E fez isso?

– Ela aponta para a represa.

Confirmo com a cabeça.

– Jasper foi até a minha janela depois que saiu daqui. Eu nunca tinha falado com ele. Ele disse que precisava da minha ajuda. Eu não sabia, juro. Simplesmente o segui até aqui. Então, eu a vi. Eu vi Laura. Do mesmo modo que você a viu.

– Você *sabia?* Você sabia esse tempo todo?

Confirmo novamente com a cabeça. Eu me sinto como merda, mas o enjoo está passando.

– Eu a vi ali em cima e foi horrível. Foi a coisa mais horrível que já vi na minha vida. E Jasper não sabia o que fazer. Nem por um momento ele acreditaria que ela pudesse ter feito tudo. Estava convencido de que havia mais alguém, por causa do rosto de Laura, por sua roupa estar rasgada, por ela ter arranhões e estar sem sapatos. E ele não imaginava que ela pudesse subir tão alto para pegar a corda, nem que conseguisse chegar aqui sozinha. Não sei. Agora, parece tão *estúpido*. Mas realmente acreditamos que, você

sabe, alguém a trouxe aqui e fez aquilo com ela. E Jasper ficou apavorado porque esse lugar é *dele* e, se a encontrassem aqui, como ela estava, diriam que tinha sido ele. Jasper seria preso sem que lhe fizessem perguntas. E, por isso, ele disse que precisávamos escondê-la. Para termos tempo suficiente para descobrir o que aconteceu. Então, ele subiu e a desceu. E nós a amarramos a uma pedra. E...

Balanço a cabeça. Eliza não fala.

– Por favor, não me odeie – digo, baixinho. Estou torcendo as mãos.

– Por que não me disse? Isso *realmente* dói, Charlie.

Estendo as mãos.

– Não consegui. Eu quis, eu quis, mesmo. Mas fiz uma promessa a Jasper. E não sabia que você sabia. Não sabia o que você faria se eu lhe contasse. Se você tivesse me contado semanas atrás... – diminuo a voz.

O silêncio se instala novamente. Arranco um pouco do capim e mantenho a cabeça abaixada. Eliza permanece firme e calma. Eu me sinto tão cansado.

– Por que Jasper parou de visitar minha irmã? Ele não a amava?

– Não, não foi isso. Ele ainda a amava. Muito. Jasper estava no sul. Colhendo pêssegos. Juntando algum dinheiro para quando fossem embora, o suficiente para recomeçarem. Foi o que ele me disse. Ele retornou naquela noite com todas as suas economias. Foi à casa de vocês, mas Laura não estava no seu quarto.

– Então, ele veio aqui. Tarde demais.

Concordo com a cabeça.

Um puta azar e a oportunidade. Não parece justo. Laura Wishart não fez nada errado. Não fez nada para merecer isso. E as duas pessoas que mais a amavam são quem mais sentem e abrigam a maior parte da culpa, por algo que não poderiam ter sabido. E o monstro que atritou essa situação até ela pegar fogo atrai a compaixão da cidade inteira. Não é justo.

– Por que você gravou aquela palavra na árvore? – pergunto.

– Porque a culpa é minha, Charlie.

– A culpa não é sua.

– É, sim. Eu poderia ter detido ela. Eu deveria ter dito alguma coisa. Eu deveria ter pulado e mandado que ela descesse. Mas não *fiz* nada. Fiquei sentada, simplesmente olhando, porque estava apavorada. Eu a matei, Charlie. É como você ver uma pessoa se afogando sem nadar para ajudá-la. Foi o que eu fiz. A culpa é minha.

– A culpa não é sua.

– É, sim. Você não estava aqui. Eu tive tempo para falar alguma coisa, mas não falei. Simplesmente fiquei sentada. Então, aconteceu. E ela se foi. Sem mais nem menos. E eu não fiz nada.

– Mas você não *sabia* o que aconteceria. Não sabia que alguém estava se afogando. Não poderia saber.

– Talvez. Mas sinto muito. Sinto, mesmo. Eu me sinto péssima, tenho saudades dela, quero falar com ela e me sinto infeliz. Eu me sinto horrível e podre. Nem consigo *respirar* direito. E eu apenas... *sinto muito*. – Eliza balança a cabeça e põe a mão no peito.

– Eu também sinto muito – digo. – Por tudo. Pelo que fizemos. Não sei. Eu sei que foi a coisa errada, mas Jasper tem todo um jeito de envolver a gente. Eu não queria que ele se metesse em encrenca. E ele teria se metido. Teria, mesmo.

– Tudo bem, Charlie. Acho que entendo. De qualquer modo, não importa. Laura se foi. Ela morreu. E não odeio você. Estou chateada por não ter me falado, mas não odeio você. De um modo esquisito, porém, quase me sinto um pouco melhor ao saber que você viu. Que talvez saiba como me sinto melhor do que qualquer um.

– Acho que sei – digo.

– Você gosta de mim, Charlie?

– Gosto – respondo, ansiosamente. – Muito.

Ela dá um sorriso largo e suas covinhas aparecem brevemente. Ela alisa o capim ao seu lado, um convite para eu me sentar perto.

Sento-me. Nossas pernas se tocam. Ela se inclina para a frente. Eu me inclino para trás e olho para cima.

– Por que *você* não disse nada? – deixo escapar, de repente. – Por que *você* não falou? Com todas as buscas, o toque de recolher, os repórteres, tudo. *Você* tinha a carta de Laura. *Você* sabia onde ela estava, sabia o que tinha acontecido. *Você* poderia ter parado tudo. Poderia ter terminado a coisa toda em um dia.

– Eu tive medo – diz ela, baixinho.

– De quê? – pergunto.

Eliza dá de ombros e se inclina ainda mais para a frente. Ela passa as mãos nas canelas.

– Do seu pai?

Ela fica calada. Parece confirmar.

Luto contra minha pergunta seguinte. Suspiro e mexo na minha orelha.

– Ele... ? Quero dizer, alguma vez ele...?

– Não, não – interrompe-me ela, com firmeza. – E não vai fazer. Nunca. Que *tarado* maldito. Que...

De repente, ela treme e balança rapidamente a cabeça, como se despedaçasse seus pensamentos em pedaços frágeis.

Eliza se levanta e limpa o capim preso ao vestido. Vira-se e me oferece a mão. Eu a seguro e ela me puxa. Ficamos muito próximos. Seus olhos parecem vidrados, como se ela fosse outra pessoa.

– *Você* sabe dançar valsa, Charlie?

Aquele curioso sotaque voltou. Ela segura meu ombro e minha mão, colocando minha palma no seu quadril.

– Não – respondo, olhando para baixo, para meus pés. – Não faço ideia de como se dança valsa. Eu danço qualquer coisa como um pinguim. Apenas balanço de um lado para o outro.

Para minha surpresa, ela recua a cabeça e ri teatralmente. Preciso apoiar a parte inferior das suas costas para evitar uma queda. Ela mantém o sorriso e, por um momento, esqueço-me de

tudo. Eliza tira sua mão do meu ombro e, divertidamente, belisca meu nariz.

– Sabe o que vai acontecer com você? Vou levá-lo ao zoológico e lhe dar de comer ao iaque.

– O iaque?

– O iaque.

– Não sabia que iaques eram tão ferozes – digo, enquanto nos balançamos sobre nossos pés.

– Ah, como você está enganado.

Sorrio para mim e descanso o queixo sobre a cabeça dela. Alegro-me por estarmos dançando, por mais estranho que pareça. É tão bom poder abraçá-la, sentir seu cheiro. Movimentar-se com um ritmo ausente.

Sinto como se houvesse algum refletor morno sobre nós e, dentro desse círculo brilhante, tudo pudesse ficar bem. Fecho os olhos e o refletor permanece em mim, lançando-me para a cena do meu salão de baile de Manhattan. Fixa-se em mim e permanece. As apresentações acabaram. O prêmio era para meu pai. Os elogios nunca foram para mim. Mas eis o que importa: eu ganhei a garota. Eu ganhei a garota do mesmo modo que uma bola saltitante numa roleta encontra seu número predestinado, que se mantém ali, parado e em segurança, enquanto o mundo gira. E nós nos movimentamos nessa esfera brilhante como uma única coisa. As pessoas pararam e nos observam. Elas formam um círculo à nossa volta, admirando quão perfeitamente nos movimentamos, quão graciosos são nossos passos. E não ligo para prêmios ou elogios, porque ganhei a garota, e é tudo o que interessa.

A bolha se rompe quando noto Eliza cantarolar. Abro os olhos e volto à clareira cinzenta. Agora, mal nos mexemos, apenas nos movemos de acordo com o compasso, pisoteando levemente a grama sob nossos pés.

– Você já pensou em ir embora daqui? Deixar Corrigan? – murmuro.

Ela faz que sim lentamente e suspira.

– O tempo todo. Não quero mais ficar. Detesto essa cidade.

– Bem, talvez a gente possa ir embora junto. Com Jasper, quando ele for. O que deve ser em breve. Quero dizer, talvez a gente possa ir também. Nós três.

Eliza para. Ela fica completamente imóvel, mas não se afasta.

– Sério? Você faria isso? Você iria embora?

– Talvez – digo. – Se você quiser. Eu iria com você.

Ela recua e segura meus ombros. Seus olhos vasculham os meus.

– Você fala *mesmo* sério? – Ela exige saber.

– Falo. Falo sério. Sério mesmo.

– Se eu quiser ir embora, você prometeria ir comigo?

Confirmo com a cabeça e sorrio brevemente.

Ela olha nos meus olhos por mais tempo, pousa novamente o rosto no meu peito e me aperta com força contra seu corpo, puxando a frente da minha camisa. Segura-me assim por um longo tempo. Não tenho certeza sobre onde pôr as mãos. Então, eu passo-as pelo seu cabelo. Beijo a fivela no seu cabelo. E acho que ela começa a chorar. Ela treme suavemente. Não é a primeira vez que estou sem palavras. Mas talvez não sejam necessárias. Pareço destinado a nunca ter em mim as palavras certas. Mas talvez eu não precise. Talvez seja isso. Talvez seja melhor ficar calado. Talvez apenas acariciar delicadamente suas omoplatas seja infinitamente mais útil do que dizer algo correto e banal ou recitar algum poema idiota. Talvez eu esteja finalmente fazendo a coisa certa.

Ficamos assim por um longo tempo. Eliza volta a ter uma respiração uniforme. Percebo estalidos e deslocamentos no mato como se fossem pequenas detonações no silêncio e não me inquieto. Tudo está desalocado, tudo está livre da sua ancoragem. Mas não quero pensar em nada além quão agradável é o cheiro do cabelo de Eliza Wishart, de quão cálido é seu corpo. Não quero que nada se intrometa. O que parece fácil naquele pequeno pedaço de

terra. É tão privativo e independente, tão atemporal, quieto e protegido que é fácil esquecer a inclemência fria da qual você saiu.

Partir parece ser a parte difícil. Voltar para aquilo. O que Laura não foi capaz. Ela não poderia voltar, por isso se certificou de que ficaria.

Eliza se separa. Ela segura minha mão e me conduz na direção da árvore. Abaixa-se e se ajoelha na parte oca. Curiosamente, nunca vi aquele interior. Jasper o fez para si. Escavou prateleiras nas suas paredes, onde mantém diversas coisas. Latas, material para fazer fogo, utensílios de cozinha, canecas e pratos esmaltados, baralhos, canetas, tabaco, chá e açúcar. Há até um pequeno violão pendendo de uma peça de ferro retirada da estrada acima de mim.

Ela se move para o interior, ainda segurando minha mão. Sigo-a, sentindo-me como se invadissem. Como se roubasse um espaço que não é meu.

Eliza se deita. Faço o mesmo. Nós nos aconchegamos. Estou ansioso e tenso, mas Eliza se move em direção a uma posição confortável. Ela põe a mão no meu peito, inclina a cabeça sobre meu ombro, e sussurra:

– Não vamos dizer nenhuma palavra. Durma.

Enrugo a testa. Dormir é a última coisa que posso fazer. E, de certo modo, não quero reduzir a velocidade do rodopio na minha mente para não precisar refletir sobre tudo o que aconteceu e que acontecerá. Não quero pensar no que faremos. A carta de Laura, o relato de Eliza. Certamente Jasper Jones está inocentado. Mas, se divulgarmos tudo, o que acontecerá comigo? O que acontecerá com Eliza? Jasper manterá sua palavra e me manterá a salvo? Eliza contará? E o que poderá acontecer com seu pai se ela o fizer?

E se permanecêssemos em silêncio? E se esse lugar mantivesse seu terrível segredo no fundo dessa represa? E se fôssemos embora com ele, mantendo-o trancado? Se nunca disséssemos uma palavra, alguma coisa mudaria? O mistério evoluiria para um monte de

mentiras que, de qualquer modo, se tornariam verdade. E ninguém jamais seria oprimido pelo fardo de saber.

O que meu pai teria feito? Ou Mark Twain? Ou Atticus Finch? Provavelmente não estariam nessa confusão. Mas não sou eles. Sou um idiota. E uma criança. E tudo o que fiz foi muito, muito errado.

Devo ter cochilado por algum tempo, porque acordo assustado ao ouvir passadas. Eliza está pesada sobre meu braço. Ela não se mexe. Mas congelo quando uma sombra cai sobre nós.

– Jasper? – sussurro.

– *Charlie?* O que *ela* está fazendo aqui? O que você fez? O que falou?

Eliza se sobressalta. Ela agarra meu braço e se move para trás, agitando os pés. Algo cai da prateleira fazendo barulho. Uma lanterna de pesca. Jasper ergue a mão e diz para ela se acalmar. Sinto-me como se tivesse sido flagrado. A aparência de Jasper é hostil.

Saio do espaço oco.

– Você quebrou sua promessa – diz Jasper com franqueza, de pé e mais alto do que eu.

Quando vou responder, Eliza sai e intervém.

– Não, não quebrou. *Eu* trouxe *ele* aqui.

– *Você?* Que besteira. Como?

– Jasper, ela sabe algumas coisas – digo.

– Coisas? Que *coisas?* O que você contou para ela, Charlie? – Sua mandíbula está ressaltada.

– Eu, nada – digo, com a mão no coração. – Ela sabe, Jasper. O que aconteceu. Ela *sabe*.

– O quê? E você não disse nada? – Ele olha para Eliza, irritado.

– Bem, não. Não precisei.

Jasper dá um passo para trás, ainda olhando para Eliza, incerto.

– O que você quer dizer? O que significa isso? Por que ela está aqui, Charlie? Você não deveria ter trazido ela aqui.

– Você não está ouvindo – diz Eliza. – Ele não me trouxe aqui. Eu conheço o caminho. Já estive aqui antes. Eu segui você.

– Você me seguiu? Quando? – Jasper parece desconfiado e olha para mim. Meu coração pegou no tranco e se acelera. Tudo será revivido novamente. Receio o que Jasper pode fazer. Eliza enfia a mão no bolso. Ela estende a mão. Inexpressivamente, diz-lhe que sente muito. Pegou algo que não era dela. Era para os olhos dele.

Jasper muda o apoio do corpo de um lado para o outro, como um boxeador. Ele olha para o papel dobrado em forma de quadrado, mas não o apanha.

– O que é isso?

– Uma carta. De Laura.

Ele levanta o rosto e cruza os braços.

– O que ela diz? Não posso ler. Está escuro demais.

Fico calado. Olho para Eliza. Ela parece ser a mais forte aqui. Mantém o olhar nos olhos dele. Inspira profundamente. Mantém o papel dobrado. E conta para Jasper tudo o que me contou. É pior quando se sabe o que vem pela frente, como a história termina.

E Eliza não contém sua amargura. Não esconde nada. Está claro que continua zangada com Jasper Jones, apesar do que eu disse. Mas ela coloca tudo para fora, até a dor e a traição sentidas por Laura. Jasper absorve tudo, imóvel e calado.

Ele não reage, sem piscar nem se contrair, até Eliza contar o horrível momento em que Laura balançou para trás e caiu. Então, ele se mexe. Arrasta os pés e inclina-se para trás. E seus ombros, largos por tanto tempo, caem e se arredondam, e cobre a boca e o nariz, como se fosse prender um espirro, e recua lentamente, pigarreando, gemendo e encarando Eliza Wishart. Olho para ele como olharia para um animal acuado. Não consigo evitar me contrair ligeiramente. Então, ele explode. Como numa armadilha. Ele corre e eu me afasto quando passa veloz por nós e mergulha na represa, com um impacto violento, e desaparece, deixando apenas marolas na superfície.

Eliza e eu ficamos imóveis. Observamos a superfície se acalmar. Ele não voltou. O que está fazendo? Em que profundidade estará? Ele não está voltando, ele não está voltando. Por um momento, penso nele amarrando a própria perna naquela corda e entro em pânico. O que ele fez? Olho para Eliza. Depois, para a água. Frenético, arranco minha camisa, me livro dos sapatos e tiro os óculos. O chão é frio quando o atravesso, e mergulho na escuridão, sigo Jasper Jones. Agito e bato os pés, movendo os braços na água turva, mas não chego a lugar algum. Não consigo enxergar. Meu fôlego se esgotou. Quando me apronto para subir, sou golpeado no queixo por algo invisível. Bato os pés para me afastar, com medo. Mas a coisa me agarra pelos braços e me arrasta para cima. E, quando chegamos à superfície, Jasper Jones arfa, ofega por ar e me segura com força. Seguramos um ao outro, batendo os pés sob a superfície, agitando a água. Tusso forte, rouco e convulsivo. Jasper puxa o cabelo da minha nuca, agarra-o no seu punho e puxa minha cabeça na sua direção com tanta força que acho que ele tenta me afogar. E ele morde meu ombro e enfio minhas unhas nas suas costas escorregadias. E eu o conheço. Eu o *conheço*, e é a coisa mais triste. Como o garoto perdido que perdeu tudo. E, por mais que eu sempre soubesse que ele era Randall McMurphy, e eu, qualquer porcaria chorosa e amedrontada que se grudou nele para obter sua cota de falsa coragem, agora sei que ele também precisou de mim. Não porque sou inteligente, confiável, leal ou bom, mas porque ele precisava de alguém, qualquer um, para não ficar sozinho com aquilo. Ele me procurou, foi à minha janela naquela noite, porque estava se cagando e não tinha a menor ideia do que fazer. Só isso. Acho que viu minha luz acesa e foi atraído para ela como um inseto para uma lâmpada. Ele precisava compartilhar aquilo, despejar parte sobre alguém em quem achava que podia confiar. Não conseguiria segurar tudo sozinho, não conseguiria fazer tudo sozinho. Não conseguiria afundar Laura sozinho, não conseguiria enfrentar Jack Lionel sozinho.

E se Jasper Jones está tão apavorado quanto nós, imagino se algum dia eu deixarei de ter medo. Mas, então, penso em Jeffrey Lu e na nossa discussão sobre o Batman e a luz que Mark Twain jogou sobre ela. Talvez não seja se livrar do medo. Talvez seja como seguir em frente com o peso. Isso, agora, faz sentido para mim. Isso é coragem. Bruce Wayne ainda sente medo, mas faz as coisas porque ele é a porra do Batman. Mas quanto ao resto de nós, precisamos bolar um caminho honesto, esse é o truque.

Mas como? Como equilibrar o triste como o azul e o mau vermelho? Veja, me parece que há uma encruzilhada familiar: você pode saber e ser triste e inquieto ou pode enfiar a cabeça na areia e sentir medo. Mas, talvez, seja aí que entra Eliza Wishart, para equilibrar tudo com amor. E, olhe. Ela está aqui, agora, parada na beira da represa.

Minhas pernas estão cansadas enquanto nadamos em direção à árvore. Sinto como se tivesse engolido meu peso em água. Calado, Jasper ergue-se da água e me ajuda. Seguro sua mão, ficamos pingando e ofegando. Meu corpo é feito de gravetos e pedaços de madeira, o dele é esculpido em madeira. Eu me inclino e forço a vista em busca dos meus óculos. E, quando me levanto, estamos alinhados na beira da represa, olhando para baixo, olhando para ela.

– Ela está no fundo para sempre – diz Eliza.

•

Mais tarde, estamos deitados, olhando as estrelas. Jasper apoia a cabeça numa raiz mais alta e fuma um cigarro. Ele achou alguns fósforos no oco da árvore. Seu peito sobe e desce como se fosse um relógio. Eliza repousa a cabeça na minha barriga.

É estranho estarmos juntos daquela maneira. Há muito a dizer, mas, de algum modo, parece ser o momento errado. Quero

perguntar a Jasper como foi a conversa com seu pai, se a história de Lionel é verdadeira, o que aconteceu com sua mãe. Mas parece errado perguntar na frente de Eliza Wishart. Do mesmo modo, quero passar delicadamente meu polegar pelo rosto de Eliza e talvez afastar dos seus olhos o cabelo que escapou da fivela, mas esse parece um gesto muito íntimo.

Entretanto, se deixarmos essa cidade para trás, seremos nós três juntos, ligados firmemente. De alguma maneira, teríamos de fazer isso funcionar. Eu me viro para Jasper.

– Escute, Jasper. Quando você for embora de Corrigan, acho que iremos com você. Acho que nós também vamos embora.

A princípio, ele parece não ouvir, mas, quando estou prestes a repetir, ele se senta. Ele fala monotonamente. Parece cansado.

– Vocês vão o quê?

– Nós também vamos embora. Eliza e eu. Com você. Não sei. Talvez para a cidade grande. Ou qualquer lugar. Nós vamos dar um jeito. Podemos conseguir. Eu sei que podemos.

– Vocês? Porra, Charlie, vocês estão malucos. É impossível. Nem sei por onde começar. Vocês não estão pensando.

– Por que não? Por que não podemos ir embora? – Irritado, apoio-me nos cotovelos, perturbando Eliza. Jasper apaga o cigarro na terra e guarda-o. Ele acende outro, sem pressa.

– Parceiro, pense bem. Se vocês forem embora sem avisar ninguém, o que acha que vai acontecer? Você viu o que aconteceu com Laura: a polícia, as patrulhas, os jornais, tudo. Não acha que o circo voltará à cidade? E será ainda pior se forem vocês *dois*. Eles vão arrastar seus traseiros para cá antes mesmo de saírem do condado. E se estiverem *comigo*? Porra. Provavelmente me acusarão de sequestro.

– Tudo bem, mas...

Jasper ergue o dedo.

– Supondo, é claro, que não digam a ninguém que estão indo embora. Porque, se disserem, aposto que não terão uma chance no

inferno dos seus pais permitirem que saíam. Principalmente você. – Ele gesticula com a cabeça para Eliza.

– Bem, e quanto a você? – pergunto.

– Eu? E quanto a mim? – escarnece Jasper.

– Se você simplesmente for embora. O que *você* acha que aconteceria?

Jasper sorri e traga o cigarro demoradamente.

– Charlie, você verá quando eu for. Apenas espere e veja. Confie em mim.

– O quê? O que acontecerá?

– Apenas confie em mim. Você entenderá o que quero dizer. Charlie, você precisa entender que é uma coisa que eu *preciso* fazer. Você, não. E não é nada pessoal. Apenas não é uma boa ideia, parceiro. Você deve ficar. Vocês devem ficar aqui. Sinto muito.

E, assim, fui recusado. Senti-me ligeiramente ridículo e humilhado, talvez até um pouco traído. Eu pensei que éramos amigos. Parceiros.

Eliza toca meu braço.

– Charlie, ele tem razão.

Olho para ela e enrugo a testa.

– Não podemos ir embora daqui, você e eu.

– Mas pensei que você queria – digo. Ela suspira.

– Eu queria saber se você *iria* comigo. Só isso. É o bastante. Mas não podemos. Pelo menos, não agora.

Balanço lentamente a cabeça e desvio o olhar. O silêncio cai novamente. Eu não percebi quanto seria necessário para que eu pudesse dar o fora de Corrigan. Aparentemente, aquilo atarraxava muitos problemas, e a ideia de ficar me deixou subitamente muito aflito. Sinto como se tudo estivesse no meu colo, e não devesse estar. Jasper não poderia deixar esse saco de tijolos comigo.

– E o que faremos agora? Sabendo tudo? O que acontece?

Jasper puxa sua orelha.

– Não sei, Charlie. Não sei, mesmo. Deixe comigo. Estou pensando. Vou dar algum jeito.

Eliza se senta e arranca um pouco da grama.

– Vou contar para eles – diz ela.

Jasper se senta.

– Para quem?

– Para todos – diz ela. – A polícia. A cidade. Todos. É o certo. As pessoas ainda estão procurando por ela e estão cada vez mais distantes. Porque ela está aqui, no fundo dessa represa. Nós sabemos a verdade.

– E o que você vai dizer? – A voz de Jasper é insegura.

– A verdade! Vou contar toda a verdade!

Jasper fecha os olhos. Ele parece resignado.

– Você não pode – digo.

– Eu preciso! Por que não?

– Porque tudo terá sido por nada. Porque você não pode *contar* o que ele fez. O que *nós* fizemos. Não se pode afundar um corpo na água. Vão prendê-lo. Ele vai para a cadeia. Por isso você não pode contar.

– E daí? – diz Eliza, desafiadoramente. Eu a encaro.

– O que está dizendo? – pergunto.

– Estou dizendo que devemos fazer o certo, Charlie.

– Mas como isso pode ser certo? A culpa não foi dele, e você quer castigá-lo. E a mim também. Você entende isso, não entende? Se contar tudo a eles, eu vou estar num sério problema. Eu estava *aqui*. Eu fiz as mesmas coisas que Jasper. E você. Você também vai estar envolvida.

– Eu não vou contar sobre você – diz Eliza, baixinho. Eu suspiro.

– Então não é a verdade, é? E, se você pode fazer isso por mim, se pode me proteger, pode fazer o mesmo por Jasper.

É claro que estou lhe pedindo para mentir. Estou lhe pedindo para encobrir partes dessa história. Que a penteie sobre a careca, que mude sua cor e sua aparência. Apenas para que eu possa

permanecer limpo. Para que Jasper tenha uma suspensão temporária da sua sentença. Estou lhe pedindo que mantenha sua irmã escondida. E me sinto péssimo. Mas, afinal, o que é certo, justo e verdadeiro aqui?

Não sei.

Mas também desconfio de que Eliza está menos preocupada com o que é certo e em encobrir a verdade do que com garantir que ela, Jasper Jones e, talvez, seu pai enfrentem a penitência que acredita que cada um merece. Acho que ela quer fazer alguma coisa com toda a culpa e a dor. Acho que ela simplesmente quer amarrar pedras nesses pés.

Eliza não responde. Ela continua a desenraizar a grama e rasgá-la.

– Você culpa Jasper, não culpa? – pergunto, baixinho.

Ela encolhe os ombros. Eu balanço a cabeça.

– A culpa *não* é dele. Nem sua. Como poderia ser? Ouça, você não o conhece como eu. Como Laura conhecia. E eu já te disse onde ele estava naquelas duas semanas em que sumiu. Você *sabe* o que aconteceu naquela noite. Você viu. E tudo o que ele tentou foi fazer a coisa certa. Eu acho que você quer causar problemas para ele, quer castigá-lo e fazer com que sofra, como Laura quis. E acho que quer o mesmo para si. Mas a diferença é que você sabe mais, conhece mais.

Eliza pisca e desvia o olhar.

Jasper se levanta. Ele parece esgotado. Vira-se para Eliza, mas não a olha nos olhos.

– Escute, você faz o que achar certo. Só isso.

Ele encolhe ligeiramente os ombros na minha direção, arrasta os pés para seu espaço oco e se deita. Não emite som algum.

Sonolento, noto faixas tênues de luz azul sangrando entre as árvores. Temos de voltar. Mas estou tão cansado e abatido e, de qualquer modo, não há nada em voltar além de problemas. Quase involuntariamente, descanso a cabeça no chão; Eliza se aproxima e

se enrosca nos meus braços. Ainda estou molhado, mas ela não se importa. Ela cheira tão bem. Aperto-a contra mim. E ela assente com a cabeça. Lentamente. Mas está ali. Seu nariz roça para cima e para baixo do meu pescoço. Então, vem o sono. E é pesado e sem sonhos, como não foi durante semanas.

•

Jasper Jones nos acorda com uma sacudida.

– Vamos. É melhor irmos – diz ele.

Demoro algum tempo para entender onde estou e por quê. Há picadas de insetos nas minhas pernas e meu braço está pesado e formigando onde Eliza pousou a cabeça. Os acontecimentos da noite passada escorrem pela minha mente como melado; uma série de cenas tremeluzentes que me oprimem com uma incredulidade terrível.

Levanto-me, desequilibrado. Já está quente. Deve ser o final da manhã. A clareira parece tão diferente à luz do dia. Parece sem graça e ominosamente calma. Desapareceram a sensação de proteção, o calor das paredes.

Ando até a represa e coloco um pouco de água na boca. Ela enche a barriga, mas faz pouco pela minha sede. Eliza e Jasper estão de pé, silenciosamente separados. Consigo ouvir passarinhos trinando a quilômetros de distância. Ninguém fala.

Em fila, caminhamos com dificuldade pela trilha. Jasper, Eliza, eu. Imagino o que eles estão pensando. Tento entrar nas suas cabeças, analisar suas preocupações. Para mim, é mais fácil adiar as minhas. Todas aquelas que me esperam em casa.

A menor entre elas é ser flagrado voltando às escondidas, considerando que minha mãe renunciou a todos os seus poderes punitivos ontem à noite, no banco traseiro do nosso carro. E tenho a sensação de que meu pai terá problemas mais sérios na sua

mente. Ah, está se formando uma tempestade de merda. Isso é certo. E preciso entrar novamente nela. Coço a parte interna do braço. A pele parece vermelha e inflamada. O mato é uma mesa telefônica secreta de cliques e toques de ocupado e estou voltando para a casa de marimbondos. Eu conheço a triste verdade. Sobre tudo. Jasper, Laura, minha mãe. Tudo se mostrou, tudo foi exposto, e curvou tanto meus ombros que estou cansado demais para sentir medo.

Quero me deitar com Eliza. Quero beber pequenos goles de uísque com Jasper Jones, até para apenas colocar a garrafa sobre meus lábios fechados e fingir que estou bebendo. Quero aceitar os cigarros e conversar sobre como o mundo é grande, como somos pequenos e quão fácil é virar essa situação simplesmente sendo corajoso e vivendo à larga. Quero essa facilidade. Quero que ele encha meu peito com essa conversa, como se me enchesse de vida, e quero usar esse papo para dizer coisas sensatas e reconfortantes para Eliza Wishart durante o tempo que ela deixar.

Permanecemos na mesma formação quando chegamos à estrada. Acho que cada um está sozinho com seus pensamentos. Caminhamos como se fôssemos soldados carregando mochilas nas costas.

Curiosamente, paramos em frente ao portão de Jack Lionel. Eliza franze a testa e afugenta uma mosca. Jasper pousa o polegar no trinco e coça a nuca. Ele olha para a cabana.

– Fico por aqui. Acho que vou entrar. Preciso falar novamente com o velho. Para saber o que é verdade e o que não é. Preciso ver tudo novamente com meus próprios olhos.

Concordo com a cabeça.

– Continuem andando. Mas sigam pelo caminho mais longo, a não ser que queiram ser pegos. Provavelmente já estão procurando por vocês.

Eliza pende a cabeça.

– Espere, você vai entrar aí? Por quê? Você sabe de quem é essa casa?

– Sei.

Eliza balança a cabeça, confusa.

– Escute – digo –, você chegou a falar com seu... ?

– Não – diz Jasper. – Ele nem estava. Parece que saiu da cidade novamente. Nem desfez a mala. Não faço ideia de aonde foi. Nenhuma pista.

– Então por que ele voltou?

– Não sei mesmo.

Jasper dá de ombros. Nós nos demoramos ali. Ele empurra o portão, que geme como uma sirene. Nós o observamos se abrir e parar. Então, Jasper marcha até mim. Ele põe a mão no meu ombro e me olha nos olhos. Fixa seu olhar no meu, para eu não o desviar. Ele cheira a tabaco e a suor.

– Obrigado, Charlie.

– Tudo bem. – Enrubesco.

Ele enfia a mão no bolso e pega um cigarro. Acende-o e observa Eliza com os olhos apertados. E, novamente, pede desculpas a ela, em voz baixa, mas se pode perceber que o pedido é cheio de significado. Então, Jasper Jones aperta minha mão. Com firmeza. E pisca para mim.

– Se cuida – murmura ele, com o cigarro entre os lábios.

É tudo o que ele diz. Então, se vira. Limpo o pólen das minhas lentes e, por cima do ombro de Jasper, vejo que Lionel está à espera na varanda. Ele veste bermuda azul-marinho e uma camisa branca. Suas costas estão eretas.

– Aquele é Mad Jack Lionel? – pergunta Eliza.

– O próprio – digo. E observo Jasper esmagar os cascalhos do acesso, com a mão aberta arrastando as pontas de ervas altas, enviando sementes para o ar. E não consigo deixar de sentir que é a última vez que o verei.

•

Dos pastos baixos e úmidos, onde o ombro do rio se curva na direção da cidade, debaixo das árvores, onde minha mãe virou as costas para meu pai e para mim, podemos ver, entre as árvores, carros correrem. Vemos apenas os clarões brancos onde o sol atinge suas janelas, mas me surpreendo por haver mais tráfego do que eu esperaria para um dia de ano-novo.

Ao pararmos na encruzilhada que leva à ponte, um carro azul enferrujado desliza lentamente até nós e, então, para ao nosso lado. O motorista se inclina sobre seu cão para abaixar o vidro no lado do passageiro. Ele meneia a cabeça uma vez para Eliza.

– Você é a filha de Pete Wishart?

Ela faz que não com a cabeça. O homem e o cachorro olham-na, desconfiados.

– Certo – diz ele, engatando a marcha. – Mas continuem procurando. Ela vai aparecer.

Ele pisca e sai barulhentemente, deixando uma fumaça de diesel insalubre. Coloco a mão no ombro de Eliza.

– Precisamos manter a cabeça abaixada. Vamos seguir pela sombra e dar a volta no campo oval – sugiro, mas ela parece não escutar nem se importar. Sua aparência é imperturbável.

Aliás, ela mal reage quando, minutos depois, uma buzina soa atrás de nós e uma voz rouca rompe a manhã.

– Ei, vocês! Venham aqui! *Agora!*

Viro-me. Meu coração para. É o sargento. E ele não parece impressionado. Ele deixa o carro funcionando e salta. Ele parece perturbado, de ressaca e muito irritado.

Ele aponta para mim e depois para o chão.

– Entre! *Agora.*

Toco o braço de Eliza. Acabou. Obedecemos.

Sento-me no banco traseiro enquanto o sargento nos repreende, com o bigode se contorcendo e os olhos vermelhos e desvairados. Eliza olha inexpressivamente pela janela.

– *Jesus Cristo*, porra! Vocês fazem alguma ideia da confusão que me arranjaram essa manhã? Tenho patrulhas da cidade a caminho daqui, voluntários abrindo mão do feriado e policiais de outros condados vindo para cá. Estou pedindo favores e para quê, mocinha? Sua mãe está acabada. Está entendendo?

Sua voz se eleva constantemente. O carro cheira a graxa, álcool e sujeira. Fico calado, mantendo as mãos entre os joelhos.

– Nunca é o bastante, não é? O que você estava *pensando* quando saiu de casa sem avisar à mamãe e ao papai? Eu estou me lixando para o que você fez, mas não importa. Não depois do que vocês passaram. Hein? Você consegue imaginar sua mãe encontrando seu quarto vazio essa manhã? *Eu* consigo, porque fui à sua casa na mesma hora, tentando acalmá-la, o que não foi fácil, considerando que sua irmã mais velha continua desaparecida. Eu pensaria que você seria mais inteligente. Vocês *dois*! Estão me ouvindo? – Ele cospe pela janela, fecha a cara e balança a cabeça para si.

Chegamos ao posto policial. O estacionamento com chão de cascalho está lotado. O sargento conduz Eliza até a entrada, com a mão nas suas costas. Ela ainda não murmurou uma palavra. Caminho atrás. Quando chegamos à porta, o sargento conduz Eliza para o interior. Ela desaparece. Ouço um coro de vozes. Não quero que a levem. Tento entrar, mas sou barrado por um antebraço semelhante ao de um urso. O sargento se vira para mim.

Ele se assoma sobre mim.

– Se manda para casa. Esse é seu último aviso. Se me sacanear mais uma vez, vai desejar não ter feito. Estou sendo claro? Você tem sorte por ainda ter a cabeça sobre os ombros. Mais um episódio como esse e você terá medo demais para limpar o traseiro quando eu acabar com você. Entendeu?

Concordo prontamente. Eu entendi. Sinto o peso da sua ameaça e tenho uma sensação nítida do que ele é capaz.

Mas não vou embora. Além de ainda não querer, sinto que preciso ficar por Eliza. Sento-me ao sol, afugentando meus pensamentos. Ocupo-me em recolher pontas de cigarros, limpando o jardim. Sequer noto as abelhas rondando as árvores. Gostaria que Jeffrey estivesse aqui.

No meio da tarde, estou grudento, sujo e faminto. Minha língua desenvolveu um casaco de pele. Minha preocupação aumenta. Imagino o que ela está dizendo, o quanto está contando, quão intenso é o interrogatório. Talvez seja perigoso ficar aqui. E se eles estiverem redigindo meu mandado de prisão? E se já estiverem à procura de Jasper Jones? Eu ocultei um corpo. Eu fiz isso. Talvez eu deva me entregar antes que tenham a oportunidade de me prender. Eu contarei tudo e implorarei clemência.

Não sei.

Mas ali está ela. Eliza Wishart. Livre para ir. Sendo conduzida por seus pais. Um em cada lado. O rosto da sua mãe está vermelho e aflito, seu pai parece pálido. Eliza caminha solenemente. Tento fazer contato visual, mas ela somente me concede quando abaixa a cabeça para entrar no carro. E creio que ela me dá uma fração de sorriso, mas não tenho certeza. De qualquer modo, é muito pouco para amenizar minha preocupação.

O carro se vai, impelindo uma nuvem de poeira para cima. Observo-os passar. Estou prestes a tombar para a frente. Passo um longo tempo contemplando a entrada do posto policial e, então, decido ir para casa. Quero nadar no rio e não sair dele. Quero uma bebida de lichia e uma suposição idiota.

Passo pelo campo oval da escola e noto que os garotos que vi duas semanas atrás finalmente conseguiram empinar sua pipa malfeita. Paro para observar.

É fácil imaginá-la como um pássaro circulando no céu. Como se eles tivessem amarrado um longo barbante na pata de um falcão,

mantendo-o ligeiramente atrelado para sentirem o que é voar. E você quer deixá-lo voar mais alto, quer desenrolar sua linha e segurá-la, só pela emoção, para ver a distância que ele alcança. Mas, assim que ele some, você quer que ele volte, não é? Porque você continua preso aqui e não pode segui-lo. Mas é legal saber que você teve peso suficiente para mantê-lo encaixado e poder admirá-lo por algum tempo. Como algo precioso que você pode pegar e olhar. Uma joia. Um poema, uma canção. E você quer prendê-lo a algo permanente, colocá-lo numa gaiola à noite. Tê-lo para sempre apesar da sua natureza. Como pessoas que colocam anéis nos dedos apenas para que não possam ir embora. Mas, é claro, você não pode. Segurar uma coisa não a torna sua. Você se dá conta, em determinado ponto, que apenas a segura para si, pois ela puxa com força igual. Você precisa cortar o barbante do seu dedo e largar aquele fio insignificante, como um filhote de aranha na brisa.

Desvio o olhar e mantenho os olhos fechados por um longo tempo, concentrando-me como se faz quando um espirro vai se formando dentro de você. Mas minha garganta desaba em si mesma e minha boca se vira para baixo. E corro para casa antes que alguém me veja chorar.

* Trecho de diálogo do livro *Bonequinha de luxo*, de Truman Capote. (N. do T.)

Não deixo Corrigan. Não saio sorrateiramente à noite com Eliza Wishart ou com Jasper Jones. Não há saltos em vagões de carga nem polegares sendo agitados em estradas vazias. Não há trouxas nas costas ou sono pesado sob um cobertor de céu. Permaneço exatamente onde estou.

Minha mãe, porém, foi embora.

Partiu naquela noite. Juntou suas coisas e saiu dirigindo nosso carro, ziguezagueando loucamente rua abaixo enquanto os vizinhos curiosos formavam uma vaga guarda de honra nos seus gramados. Eles ouviram tudo se desenrolar. E, em questão de horas, a cidade inteira já sabia. Num instante, ela arrancou do seu nome qualquer que fosse o cuidadoso verniz com o qual o lustrou durante muitos anos. Numa única cena, revelou-se feia, escandalosa e má. E eles ouviram tudo.

Ela partiu naquela noite, mas não sem despejar fúria e violência. Não sem procurar uma briga e, como sempre, não encontrar. Meu pai simplesmente a deixou ir embora. Foi como gritar para uma estátua. Ele a deixou gritar e esbravejar, deixou que lhe batesse e que chorasse. Ele não a consolou nem cedeu a qualquer acesso de cólera.

Ela partiu, mas não sem invadir meu quarto, esperando que eu estivesse ali. Derrubou coisas, quebrou coisas, rasgou coisas. Arremessou-as e quebrou-as. Encontrou o original do meu pai sobre a escrivaninha e o destroçou. Jogou-o pelo quarto. Foi embora, mas não sem encontrar minha mala e abri-la. A única vez que eu a

deixei destrancada. Esvaziou seu conteúdo sobre minha cama e examinou aquelas páginas adoradas, procurando em vão pelo seu nome. E arrastou a mala vazia para sua penteadeira. Roubou-a de mim, mas não tinha algo precioso para colocar nela. Apenas jogou ali seus vestidos, suas joias, seus perfumes. Apanhou as chaves onde elas pararam, após tê-las jogado no meu pai. E anunciou suas intenções com a porta principal aberta. Finalmente, disse ao meu pai o que pensava. Sem dicas gastas ou metáforas pobres. Finalmente, disse o que pretendia dizer.

É claro que não foi uma surpresa para meu pai. Ele sabia que ela era infeliz aqui, sabia até que ela mantinha outra companhia. Sabia todos os seus pequenos segredos, os buracos que ela cavou para si. Não tenho certeza de quando ele sacou. Talvez sempre soubesse. Embora eu frequentemente me pergunte por que guardou isso para si, por que deixou que tudo continuasse. Talvez achasse que isso a fazia feliz. Ou talvez fosse mais fácil dar de ombros, varrer para debaixo do tapete e fingir que era outra coisa. Talvez ele quisesse me proteger do rompimento e da dor. Não sei. Talvez tivesse a esperança de que ela parasse por vontade própria. Que ela criasse juízo e admitisse suas transgressões, e eles recomeçassem. Ou talvez ele ainda acreditasse no compromisso, na santidade da lealdade, e assim se manteve firme enquanto ela se desgarrava e fazia dele um corno.

Não sei.

Mas ele não interveio quando ela arrastou minha mala até o carro. Não implorou para que ficasse. Manteve-se na nossa varanda e assistiu friamente. Deixou-a ir. Cortou o barbante do seu dedo. E observou-a sair, costurando pela rua, e ir embora para sempre. Ela estava livre de qualquer laço, cortara as amarras com a cidade que odiara desde o momento da sua chegada.

E não voltou. Fazem duas semanas. Mudou-se para a cidade grande para ser paparicada por sua família. Voltou a ser a garota mimada. Eles lhe deram uma casa cheia de mobília, bugigangas e

quadros, e uma faxineira que trabalha às sextas-feiras. Talvez ela achasse que iríamos atrás dela, que pagaríamos para ver seu blefe.

Ela falou com meu pai somente uma vez depois daquela noite, ao telefone. Disse que não voltaria. Ele disse que não lhe pediu que voltasse. Mas insistiu para que ela falasse comigo, tentasse consertar a situação. Mas ela se recusou. Não disse por quê. Talvez estivesse muito envergonhada. Ou talvez fizesse parte de ter sido libertada. Ela também me soltou. Um punhado de pipas deixadas por conta própria para se espalharem no céu.

Por isso, agora é estranho na minha casa. Eu oscilo entre desejar sua volta, porque algo familiar parece estar faltando, e me acostumar com esse novo arranjo. Meu pai e eu aprendemos a nos virar sozinhos. É claro que a comida feita por meu pai é uma merda, portanto eu ajudo. Cozinhar é reger, saber quando cada parte entra e com que força. É uma questão de *timing*. E eu gosto. De verdade.

E parece que meu pai gosta de manter as coisas limpas e arrumadas, e, então, cuida dos pratos, de espanar o pó e das roupas. Ele gosta da satisfação simples em remover a sujeira das coisas, devolvendo-lhes seu frescor.

Eu nunca soube que o penteado para esconder a careca não fora ideia dele. Poucos dias após minha mãe ir embora, ele cortou o cabelo e deixou sua cabeça brilhar livremente. Até deixou crescer uma barba imponente. Parece um dignitário, um homem influente e poderoso. Jeffrey diz que ele parece um comunista.

Ele ainda não teve resposta das editoras, embora me assegure que essas coisas demoram. É claro que ele tinha outra cópia na gaveta da sua escrivaninha, portanto tudo o que minha mãe destruiu foi minha chance de ler o romance imediatamente. Terminei o *Maldição de Patterson* dois dias atrás. Não tive pressa. Li com toda a atenção, pegando pequenas porções e mastigando-as, saboreando.

É tão inteligente, triste e belo que nem estou com ciúmes. E tenho uma sensação cálida na barriga que me diz que alguém

importante vai acreditar nele. Que um dia, muito em breve, verei o nome do meu pai numa lombada, na estante de uma livraria, posicionando-se orgulhoso, forte e brilhante.

•

Eliza Wishart não disse uma palavra à polícia. Nenhuma. Mas ficou claro para eles, como ficara para mim, que ela tinha uma peça importante do quebra-cabeça. Ela sabia *alguma coisa*. Então, pressionaram-na durante horas. Porém, ela simplesmente ficou sentada dentro do posto policial, brincando com sua fivela de cabelo e dando de ombros com os lábios apertados. Permaneceu firme quando a assediaram com doces e limonada e falaram suavemente, e ainda mais firme quando a ameaçaram e sussurraram ao seu ouvido que ela estava traindo as pessoas a quem amava.

Quando voltaram para casa, não houve castigo. Nem lhe perguntaram onde ela esteve.

Foi depois que seu pai saiu para o Sovereign que ela finalmente falou. Eliza preparou um bule de chá e sentou sua sensível mãe. No quarto, ela fizera uma cópia da carta de Laura, que deslizou sobre a mesa. E disse que o problema de Laura nunca foi mentira, mas uma terrível verdade. Contou-lhe que, naquela noite, seguira Laura, mas não disse aonde. Disse-lhe que se agachara, se escondera naquele lugar secreto e observara sua irmã. Disse-lhe que sabia onde Laura estava. E que ela nunca voltaria porque tirara a própria vida naquele lugar. Duas vidas. A outra que estava dentro dela como uma craca. E sua mãe inclinou-se para a frente, pôs a mão na nuca e chorou silenciosamente enquanto o sol sangrava ao se pôr e o chá esfriava. E Eliza não lhe ofereceu consolo nem amor, porque aquela mulher traíra sua irmã mais velha. Virara as costas para a verdade e, agora, Laura estava morta.

Mas Eliza prometeu isto: se sua mãe quisesse se apresentar, declarar a verdade e acertar as coisas, então ela a levaria ao local onde Laura estava. Até esse dia, jurou permanecer calada.

Até agora, nenhuma delas falou. O segredo permanece com os Wishart, lacrado num pote, trancado num armário empoeirado. E Eliza acha que ali ele vai permanecer. Em certa ocasião, perguntei-lhe se queria ver seu pai ser castigado. Ela estreitou os olhos e, baixinho, me garantiu: ele já foi castigado. E foi tudo o que ela disse a respeito.

Tenho me encontrado bastante com Eliza Wishart. Ela esteve recolhida nas últimas duas semanas, mas está voltando. Está devolvendo alguma carne aos seus ossos. Assim como eu, lentamente.

Ela e eu vamos à clareira à noite, como Jasper Jones e Laura faziam. Bolei um caminho até a janela dela, o que significa que é improvável que eu seja pego. É a segunda melhor coisa além de cavar um túnel por baixo de Corrigan até a rua dela. Bato na vidraça com o nó de um dedo, como sempre sonhei, e ela abre a cortina, feliz em me ver. Ela até têm girassóis no parapeito. E caminhamos juntos, de mãos dadas, para aquela ilha no mato, e já não parece que estamos invadindo o lugar. Às vezes, Eliza leva flores e se senta na beira da água, com as pernas cruzadas, e fico um pouco distante enquanto ela sussurra coisas. Às vezes ela leva presentes para a irmã e joga-os para o fundo, como num poço dos desejos. Às vezes, fica calada e rígida, e é melhor deixá-la em paz. Às vezes, ficamos de bobeira, rimos, dançamos e nos divertimos. Nunca nadamos na represa. Ficamos deitados, bebemos sob as estrelas e conversamos sobre livros, cidades e coisas importantes para nós. Aquilo que desejamos. Quem queremos ser. Eu confio nela. Conto-lhe sobre o romance do meu pai. Até mesmo lhe entrego uma cópia, escondido, que ela lê num único dia, e sentimos euforia sobre as partes de que gostamos. Conversamos sobre quão

famoso meu pai será e como, um dia, eu talvez tenha um livro ao lado do dele na estante.

Dormimos no oco da árvore, abraçados e seguros. Eliza e eu nos seguramos como se agarraria a um poste durante uma nevasca. Coloco a mão sobre seu coração de beija-flor e acalmo-o.

E nos beijamos, deitados sob a tenda espessa daquele eucalipto. Nem estou nervoso. É a melhor coisa no mundo. Pressiono minha boca no seu pescoço e cheiro-a, e nossas mãos passeiam. Toco sua barriga, suas costelas e a palpitação cálida dos seus seios. Eu estava errado quando declarei que não há nada mais macio do que os lábios de uma garota.

É o nosso segredo. E esse vale a pena guardar. E não sinto a necessidade de compartilhá-lo ou descartá-lo. Ele me mantém leve. De certo modo, ele me ajuda a desatar os nós dos outros. A coisa silenciosa nos nossos peitos parece zunir e se dissolver quando juntamos nossos corações e os pressionamos. Anseio tanto vê-la.

Visitar a clareira acalmou nossa conversa sobre fugir e dissolveu a urgência que havia nela. Nós somos mais desejosos e ansiosos. Podemos não tomar o elegante chá do Plaza, mas uma caneca de chá na clareira de Jasper também é legal.

De vez em quando, quando ela está particularmente deprimida ou triste, ou se está pensando em coisas horríveis, aquele curioso sotaque retorna. Mas creio que, agora, entendo. Eu assisti ao filme. Conheço os modos irreverentes e frívolos, os pedaços das cenas. A voz de Golightly é um vício ardiloso. Eliza Wishart. Portanto, nunca digo nada. Deixo passar.

Principalmente, porém, a clareira de Jasper enche nossos pulmões e nos alivia. E a sensação é de amor. É, mesmo. Parece espelhar tudo o que li a respeito. E, se não por isso, é algo terrivelmente perto. Quero pedir a ela que se case comigo. Não desejo mais ninguém. Ela é a melhor coisa dessa cidade. E não quero ficar sem ela. Ela é o único pedaço de alguma coisa boa que já tive nas minhas mãos. E quero enrolá-la ao redor do dedo e fazer

dela um anel. Algum dia, quando houver coragem suficiente em mim, eu lhe direi. Direi as palavras certas. E talvez ela até as retribua.

Hoje é o primeiro dia de aulas. Como se esperaria, os acontecimentos do verão estão nas mentes e nas bocas de todos. O desaparecimento de Laura Wishart é fofocado durante horas, junto ao sequestro das crianças Beaumont, em Adelaide, que acrescenta ingredientes frescos ao mistério. Ninguém mais a salvo. O ar zune com os rumores.

As meninas se agrupam e ficam caladas quando Eliza aparece. Os meninos se aglomeram, riem e dão cotoveladas uns nos outros.

Jasper Jones não aparece atrasado para confirmar seu nome para o time de futebol.

Jeffrey Lu tornou-se uma espécie de pequena celebridade, o que não o incomoda nem um pouco. Após receber seus primeiros fragmentos de elogio, ele passa a maior parte da manhã recordando seu ato heroico para qualquer um que o escute, mapeando seus feitos bola a bola e com mais do que um pouco de liberdade em relação à verdade.

O dia está estranho. Sinto como se tudo houvesse mudado, mas nada mudou realmente. Warwick Trent voltou a usar seu uniforme. Após um preguiçoso verão de bebida e depravação, ele não conseguiu aprender um ofício, mas conseguiu engravidar Sharon Noonan. Por isso, sem opções, voltou a assombrar os corredores.

E é por esse motivo, o reaparecimento de Warwick Trent, que neste momento me encontro caminhando para a propriedade de Jack Lionel com uma turma de colegas de classe. O último sinal já bateu. Está quente e seco. E fiz uma aposta com Warwick Trent.

Se eu for até o pessegueiro de Mad Jack Lionel nessa tarde, em plena luz do dia, e roubar mais de quatro dos seus pêssegos, garanto imunidade por um ano escolar inteiro. Isso me livraria de surras e torturas variadas, até eventuais menosprezos. Não importa quão fundo eu procure no meu vocabulário, não importa até onde eu provoque, não importa quão tentador seja mencionar minha mãe: porque agora todos já sabem. Eu terei imunidade. Jeffrey Lu também deve jogar o resto da temporada de críquete, e não como o décimo segundo jogador. Ele também deve ter permissão para rebater e lançar pelo menos uma vez.

Trent está convencido de que nunca conseguirei. Acha que ficarei aleijado pelo medo assim que chegar. Ele não acredita que eu sequer passarei pelo mata-burro do portão, coisa que muitos tentaram e fracassaram.

Concordei com um castigo desumanamente cruel caso eu fracasse, porque sei que posso conseguir o que prometi. Se, de algum modo, eu retornar com nada menos do que cinco pêssegos, meu destino é claro e devastador. Não apenas serei o pária alvo desse ano como Warwick e seus amigos prometem me deixar nu e me acorrentar na porta do Sindicato dos Mineradores por uma noite, não sem antes me bombardearem com ovos, farinha, açúcar e água. Em suma, tenho a promessa de algumas horas de dor e de vergonha, seguidas por uma vida de lembranças humilhantes.

É um acordo. Mãos foram apertadas. Testemunhas assentiram sabiamente.

Há, provavelmente, vinte garotos que foram convocados e reunidos após o sinal para o trajeto até a propriedade de Mad Jack Lionel. Tenho absoluta certeza de que todos se enfileiraram para curtir meu fracasso, mas que há um sussurro de esperança de uma volta por cima dada pelo perdedor: eu posso ser quem dará o troco a Warwick Trent.

Atravesso calmamente o campo oval, com Jeffrey Lu ao meu lado. No momento, me sinto como Clark Kent num duelo a bala.

Não tenho o que perder. Sinto-me invencível porque escondo algo poderoso. Finalmente, tenho uma mão de ases.

Eliza Wishart atravessa a multidão. Quero beijá-la, mas não posso, estando na frente de todos. Ela me puxa para o lado.

– Então, é verdade?

– É. Eu acho. – Sorrio e dou de ombros.

Ela não retribui o sorriso. Parece pálida e distante. Toco sua mão. Ela para de andar.

– Você virá? – pergunto.

– Não. Não posso. Preciso ir a outro lugar.

– Onde?

– Apenas outro lugar. – Ela olha por cima do meu ombro.

– Verei você essa noite?

Ela desvia seu olhar para o meu.

– Não sei. Talvez. Você pode me ver antes.

– O quê? Onde?

– Você vai ver.

Franzo a testa e seguro seu braço.

– Vou ver o quê?

Ela se contorce para se livrar.

– Preciso ir, Charlie. A gente se vê depois.

E ela sai sozinha, apressada, deixando duas amigas para trás. Depressa e segura demais para que eu a chame. Algo está errado. Quero segui-la, mas estou preso nessa procissão.

Jeffrey desliza para o meu lado. Ele suspira.

– Mulheres – diz ele, sacudindo a cabeça. – Não há fúria no inferno como a de uma mulher. Elas nunca entenderão, Chuck.

– Acho que sou eu quem nunca entenderá.

– Estou feliz em te conceder isso, porque você é um idiota. Mas as melhores mentes no mundo ainda não fazem ideia qual é a das mulheres, portanto você está em boa companhia.

– Não sei. Minha companhia parece absolutamente pobre.

– Então, qual é o seu plano? – pergunta Jeffrey, aflito quando nos viramos e encontramos o grupo.

– O que você quer dizer?

– Exatamente o que perguntei. Qual é o seu plano? Você deve ter um plano. Como vai se infiltrar? Dará a volta por trás? Preparou alguma armadilha que desconheço? Um buraco? Você cavou um buraco? Ou criou um despistamento? Preparou algum explosivo? Está escondendo uma arma?

– Eu gostaria, Jeffrey, mas isso não adianta com Jack Lionel. Você está maluco? Explosivos? É claro que não. Não há nenhum plano, a não ser uma corrida rápida pela sua entrada para apanhar cinco frutos e uma calma volta.

– Simples assim.

– É isso.

– *Charles*, você é um bat-merda louco. Você vai morrer. Será *estrapalhado*, seu lunático. Provavelmente, ele tem, sei lá, *tigres*. Ou criou espécies híbridas de animais selvagens, como o Doutor Moreau. Como um tubarão com pernas de crocodilo. Provavelmente, ele te atacará com um alfanje.

– Jeffrey, ele não é um pirata.

– Você também não.

– O quê?

– Exatamente. Ouça, não roube os pêssegos de um comunista psicopata. É a primeira regra de ouro. Entende? E, se você roubar, se for imprudente o suficiente para tentar, então bole a porra de um plano que garanta que não será estripado por ursos-lobos ou sei lá o quê. Você não está equipado. Nem tem um conhecimento básico de artes marciais.

– Não vou precisar de artes marciais.

– A gente *sempre* precisa de artes marciais, idiota. Essa é a questão. Se quer bancar o corajoso, precisa ser esperto, estar preparado e *conhecer* coisas. Tudo bem. Olhe. Não temos muito

tempo. Vou te orientar da melhor maneira possível. Há um golpe infalível, caso você encontre um adversário. Está me escutando?

– Não.

– Ótimo. Um dia, isso vai salvar sua vida. É o golpe mais fácil do livro. Chama-se “Macaco Rouba o Pêssego”. Juro. É apropriado, não?

– Jeffrey, você está inventando.

– Não estou! Muito bem. O que você faz, se for atacado, é abaixar, se apoiar num joelho e dar um golpe certo nos colhões do agressor, com a mão aberta, como se fosse um *uppercut* ou um lance raivoso de boliche na grama, e então você corre e arranca os pêssegos. Bang. Fim de luta. Estou falando sério, Chuck. Pessoas que não fazem parte da comunidade das artes marciais dizem que é covardia atacar os ovos. Eu digo que é inteligente – Jeffrey dá um tapinha na cabeça.

– Bem, *eu* digo que não será necessário. Vou pegar os pêssegos na árvore, não entre suas pernas. Vou ficar bem. Confie em mim.

– *Cheeses* Cristo, Chuck! Qual é o seu *problema*? O homem é um *mentalista*. Sua cabeça está enfiada na areia. Você é como a porra de um... *ave-estruz*. Você é o rei da porra das *ave-estruzes*. Isso é *perigoso*, será que não entende? Não faça isso, retardado. Não vale a pena.

– Vale, *sim*.

– Por quê?

– Simplesmente vale.

– Não *faça* isso.

– Estou *fazendo*!

Jeffrey puxa sua orelha e balança a cabeça.

– Porra. Então, me deixe ir com você. Se você se ferrar, iremos juntos.

– Jeffrey, não.

– Eu vou, Chuck. Vou com você – diz ele, decidido.

Ele realmente iria. Embora não saiba o que sei. Eu não tenho motivo para ter medo, mas ele tem. Jeffrey Lu está tomado pelo mito de Jack Lionel, como qualquer um nessa cidade, mas, mesmo assim, está disposto a cuidar da minha segurança. Ele é a pessoa mais corajosa que já conheci.

– Não precisa, Jeffrey. Sério. E, se você for comigo, eu vou perder a aposta.

– Você vai perder muito mais se eu *não* for. Charles, você não está *equipado*.

– Estou. Confie em mim, eu estou equipado.

– Não, você é um *ignorante*, lembra? Não sabe nada sobre um combate. Não conseguiria chegar ao chão se fosse derrubado. Mesmo assim, aqui está você, numa missão pêssego, sem qualquer preparação ou reconhecimento, sem um entendimento fundamental de artes marciais e sem a porra de um *plano*. Você precisa de mim. Caso contrário, jamais conseguirá.

– Você não pode ir comigo, Jeffrey.

– Bem, *merda*. Então, se deite e pense na Inglaterra, Chuck Bucktin, porque está prestes a ser *fodido*, de um jeito ou outro. Foi bom conhecer você, em algumas ocasiões. Acho que mencionei isso antes, mas, dessa vez, falo *realmente* sério: você é um idiota.

Ponho a mão no seu ombro e o aperto.

– Jeffrey, você é o melhor amigo que já tive. É como um irmão para mim. Quero que saiba.

– O quê? Por que essa veedagem de repente?

– Porque eu amo você, baixinho. E isso é algo que tenho de fazer. Entende? E, confie em mim, será a coisa mais simples do mundo. Todos nessa cidade verão que não há nada a temer. E, então, conseguiremos nossos benefícios.

Ele balança a cabeça, resignado e um pouco desgostoso. Após um instante, pergunta:

– Pode me arrumar um caroco de pêssego?

– Jeffrey, você poderá ter todos. Você merece.

Percorremos o restante do caminho em silêncio.

Na propriedade de Lionel, forma-se um semicírculo diante do portão. Alguns garotos até se mantêm na estrada, a distância. É tenso. Warwick Trent me olha com um riso de escárnio, como se houvesse ganho a aposta.

– E então? Vá lá, seu merda – diz ele, meneando a cabeça na direção da cabana. – A gente não veio aqui à toa.

Eles esperam que eu dê para trás. Que eu me arrepie e trema ao observar a paisagem suja e a arquitetura assombrada. Achrom que vou recuar e dizer que não consigo. Há uma sensação de fascínio e de agouro nesse grupo. Todos os olhos estão sobre mim, sobre o que vou fazer. Mas eu já estive ali. Conheço a verdade. Então, olho nos olhos de Warwick Trent, abro o trinco do portão e lhe dou um único empurrão. Passo pelo mata-burro. Penso em me virar e dizer algo expressivo ou profundo, mas não o faço. Paro, endireito as costas e olho diretamente à frente.

– Ele está se cagando – diz alguém. Provavelmente estão surpresos por eu ter chegado tão longe.

Caminho pelo acesso à cabana. Completamente à mostra. Não me escondo na vegetação. Não rastejo nem ando na ponta dos pés. Ando em frente como nenhum ladrão de pêssegos antes. Descaradamente. Com atrevimento. Estou fazendo história. Ouço a mesma voz atrás de mim, sugerindo que serei assassinado, e sorrio enquanto a cabana surge à minha frente e vejo o pessegueiro, a varanda e a carcaça enferrujada do carro após o barracão de ferro corrugado e o galinheiro.

Penetro tanto que não consigo escutá-los, sequer sentir sua presença. E, mesmo sabendo que não haverá ameaça, ainda é uma peregrinação sinistra e intimidadora. Ando mais devagar à medida que me aproximo. De modo que, se saísse de casa, Lionel teria motivos para desconfiar. Pergunto-me se ele me observa. Ouço os estalidos curtos dos grilos, pequenos deslocamentos na grama. Respiro profundamente.

Traço um caminho entre o capim alto e prossigo até alcançar o pessegueiro alto e nodoso. Ele tem um cheiro doce e bolorento. No entanto, quando olho para sua folhagem, meu coração para e o medo se espalha. Não há um pêsego para ser colhido. O pé está sem frutos. A época passou. É claro. *Merda*. O que significa que eu também já era. Talvez, Warwick soubesse. Talvez por isso estivesse tão convencido e confiante. Chego mais perto para observar os galhos mais altos, com a esperança de ver um cacho atrasado que talvez tenha nascido depois do Natal. Não há, porém, nenhum laranja-escuro, nenhum vermelho-rosado. Estou enrascado.

Encaro a árvore tão furiosamente que não noto a sombra de Jack Lionel preenchendo a janela aberta da sua sala de estar. Ele se curva e analisa a paisagem. Assusto-me ao ouvir sua voz.

– Charlie! Como vai, meu rapaz?

Dou um pulo para trás. Meus braços se acotovelam.

– Sr. Lionel. Oi. Desculpe. Sinto muito.

– Charlie, me chame de Jack, me chame de Jack. – Ele abana a mão, sorrindo. – Receio que não vá encontrar nenhum bom tão tarde, amigo. Os últimos caíram, eu acho, duas semanas atrás. Esse ano foram muitos e, além do mais, estive doente, então deixei que ficassem onde caíram.

Olho para baixo. Aos meus pés, há um tapete de pêsegos se decompondo. É uma sorte inesperada, mas é pouco para dissolver minha preocupação. Porque, pairando sobre ele, há dezenas e dezenas de insetos. A maioria, abelhas. Sigo seu voo e avisto uma colmeia sob uma calha da casa. Há formigas negras formando trilhas, bichos e minhocas se entocando na mistura macia dos frutos. Mutucas, varejeiras e moscas domésticas. É a essência de um pesadelo. Fico rijo e frio. Isso não é mais uma moleza. Tremo e recuo. Preciso mijar.

Lionel apoia os cotovelos na moldura da janela e move-se para se inclinar além do peitoril, mas eu o impeço.

– Não! Fique aí ou eles verão você – sussurro, erguendo a mão e ainda olhando para baixo.

– Quem?

– Os garotos da escola – sussurro, alto. – Eles estão me observando. Não posso explicar agora. Mas eles não podem ver que eu conheço você, Jack. Preciso pegar alguns desses pêssegos. Tudo bem?

– À vontade, filho – Jack ri. – Quer uma sacola ou um saco de papel? Eu tenho um balde na lavanderia. O que vocês estão aprontando? Uma armadilha para porcos? Esses desgraçados adoram meus pêssegos. Eles vêm até a casa. Posso ouvir eles remexendo a noite toda, e eu fico louco.

– Não. Não preciso de sacos. Mesmo assim, obrigado.

– Fique à vontade. Leve o que quiser, amigo. São todos seus.

Olho para baixo. Minha respiração é curta. Há uma metrópole fervilhante de insetos. É pior do que o jardim de An Lu, mas Jeffrey não está aqui para buscar a bola. Minha pele se retesa. Sinto-me coberto por eles. Como se rastejassem por todo o meu corpo, roçando e deslizando. Junto as mãos e esfrego as palmas.

– Tem muitas abelhas – digo.

Jack Lionel acende um cigarro e balança a cabeça.

– Ah, não ligue para elas. São praticamente inofensivas. Olhe para elas. Estão meio bêbadas. Voando por toda parte.

– Sério?

– Sim, olhe para elas. Quase inúteis. As frutas apodreceram e fermentaram sob o sol. Então as abelhas estão cheias até as sobrancelhas. Elas não vão incomodar você, amigo. Nada com o que se preocupar.

– Tem certeza?

– Tanta certeza quanto de que um ovo é um ovo.

Olho para o chão. Ele pode estar certo. Elas parecem lentas. Desregradas e desajeitadas. Talvez estejam mesmo bêbadas. De qualquer modo, não tenho escolha. Preciso ser corajoso.

Também percebo que estou parado por tempo demais ali. Aquilo não está acontecendo como imaginei. Falta a essa cena a calma arrogante, a presunção casual que eu esperava. E me preocupo que eles estejam enfileirados ali atrás, prontos para me acusar de covardia quando eu aparecer com um punhado de pêssegos podres parecendo merda. Exigirão saber por que demorei tanto após ver que não havia perigo. Ou talvez desconfiem de que eu saiba algo que eles não sabem. Talvez pensem que eu sabia que Lionel nem estava em casa.

Olho além dele, para sua sala escura, exatamente para a parede, e acho que sei o que fazer. Vejo um modo para immortalizar aquilo. Olho nos seus olhos.

– Jack, escute. Preciso de um pequeno favor. O que acha de eu vir no domingo e lhe preparar um jantar?

Ele se ilumina.

•

Isso está destinado a ser uma lenda, e apenas Jack Lionel e eu saberemos a verdade. Com o tempo, sem dúvida, a lenda crescerá e se fortalecerá. Os acontecimentos aumentarão em importância e ousadia, a história seguirá seu caminho e, com ela, meu nome. Será transformada em mito. Mas o que nenhum espectador daquele dia jamais saberá, nem ninguém que posteriormente preste atenção ao relato, é que preciso de mais coragem para me abaixar, hesitante, e apanhar aquelas frutas apodrecidas entre o mar de abelhas. Minhas mãos tremem. Mal consigo mexer os dedos. Mas eu apanho os pêssegos, os cinco, e coloco-os na curva do braço, quentes, macios e polpudos, e a sensação é inacreditável, como se alguma coisa tivesse se encaixado com um clique, como quando finalmente se anda de bicicleta ou se obtém confiança para nadar

na parte mais funda do rio. Mantenho os pêssegos contra meu peito palpitante. Tenho coragem.

E me viro para ir embora, para caminhar vitoriosamente a passos largos para o portão e para a multidão à espera. Mas, de repente, Jack Lionel irrompe por sua porta de tela, berrando para os céus e agitando aquele enorme rifle descarregado como o louco que acreditam que ele é. Posso ouvir a consternação vinda do grupo na estrada. Estourando num coro uníssono. Posso ouvir Jeffrey Lu acima de todos, gritando e em pânico, dizendo-me para tomar cuidado. Viro-me. Largo meus pêssegos. E corro para Jack Lionel, que encontro na extremidade da varanda e, rapidamente, arranco seu rifle com um golpe heroico. É mais pesado do que imaginei. Jogo-o para o lado e empurro o peito de Jack, e ele sorri e pisca para mim enquanto cambaleia para trás e cai como se eu o tivesse baleado no coração no cenário de um filme de banguê-banguê. É um bom teatro. E fico acima dele, apontando e gesticulando furtivamente, enquanto ele se move para trás, mas tudo o que digo realmente é: "Obrigado, Jack. A gente se vê no domingo". E ele ri, finge rolar em agonia e despede-se de mim com um simples movimento da cabeça.

Recolho as frutas, que agora estão sujas, e corro pelo acesso. Tento agir corajosamente, respirando pesadamente e mantendo os ombros erguidos, como se tivesse realmente me metido numa briga e saído vitorioso. Jeffrey Lu me encontra no meio do caminho. Ele correu para a cabana assim que avistou Lionel, mas parou quando me viu derrubá-lo com um empurrão. Ele não consegue ficar parado.

– Puta *merda*! Puta merda, *Chuck*! Puta merda! Você matou ele!
– Seus olhos estão perturbados. Sua voz é aguda.

– Não matei ele, idiota – anuncio, calmamente. – Só dei um empurrão. Ele vai ficar bem.

– Cacete, *Chuck*! Ele foi para cima de você! Com a porra de uma *espingarda*! Foi incrível. Puta merda! Puta *merda*! Você deveria

estar morto! Não acredito! *Não* acredito!

Caminhamos lado a lado. E sou recebido, a princípio, com silêncio e reverência. Mas logo eles se aproximam. Há exclamações de admiração e de choque. Alguém, independentemente, verifica que ganhei a aposta, mas agora a história é muito maior. Eu fui atacado pelo homem que eles adoravam temer e eles o viram em carne e osso pela primeira vez. Melhor ainda, eles o viram tão raivoso e mortífero como foram levados a acreditar. Tiveram a confirmação do mito. Era verdade. E eu o derrubara. Sem um momento de hesitação. Eu abati o dragão. Eu era o herói.

O amontoado se aproxima ainda mais. Os meninos mais novos tocam os pêssegos aninhados no meu braço como se fossem barras redondas de ouro. O restante é como um grupo de jornalistas, me perseguindo por informações. Como ele é? Ele tem uma cicatriz comprida no rosto? A tatuagem de uma caveira no braço?

Na verdade, não é tão satisfatório como pensei. Finalmente tenho um pêssego, mas minha vitória parece um pouco vazia. Ainda assim, há uma verdadeira realização em ver Warwick Trent recuado, com os braços cruzados. Ele não diz uma palavra. Eu o derrotei.

E os pêssegos fazem com que eu me sinta bem. Sinto-me orgulhoso em segurá-los, porque sei o que custaram e tive a sensação de que um peso foi aliviado, assim que os peguei. Decido guardar um caroço para mim, apenas uma única pedra de todo esse horrendo verão. E talvez um para Eliza. Então, darei o resto para Jeffrey.

A multidão se aproxima um pouco mais antes do meu momento ser interrompido por um garoto na extremidade, que, de repente, aponta na direção da cidade e diz, simplesmente:

– Olhem.

Todos ficamos em silêncio e erguemos os olhos. Há um problema.

Uma coluna de fumaça, densa e escura. Um vulcão em erupção. Está distante, mas não muito. Parece perigosamente próximo do centro da cidade. E há um momento em que todos, silenciosamente, prestamos atenção àquela única coluna, que sobe e se contorce. Não há um sopro de vento. E prestamos o devido respeito. Todos em Corrigan sabem que ali há algo real, que é algo a temer realmente, que esse tipo de fumaça guarda fogo no seu coração.

Forço a vista e tento localizar exatamente onde está, imaginando o que poderia ter subido rapidamente. Então, derrubo as frutas nos meus braços e corro.

•

Sinto uma pontada. Um pedaço de ferro com dentes enfiado na lateral do meu corpo. Tento não imaginar meus músculos sendo arrancados dos ossos a cada solavanco dos meus pés. Dói, mas continuo correndo com toda a energia do pânico do mau pressentimento, perto o bastante para sentir o cheiro da fumaça no ar, perto o bastante para ouvir as sirenes. Espero estar errado. Ah, meu Deus. Ah, Jesus Cristo, espero estar errado. Estou sem fôlego, exausto, mas preciso avançar. Passando o rio, a ponte e a estação, atravessando a cidade, passando o Sindicato dos Mineradores, minha preocupação borbulha cada vez mais próxima à superfície. Minha camisa gruda ao peito e o suor escorre pelo meu queixo e pinga. Minha respiração é alta e fraca. Não consigo ir muito além.

Desço pesadamente e aos solavancos o declive do campo oval e, a distância, avisto pessoas seguindo em direção ao fogo; julgando pela sua localização, minhas suspeitas são confirmadas e minhas pernas quase cedem aqui e ali. Mas preciso continuar. Através da grama, para a rua. Meus passos são desordenados, meus braços se agitam como se não tivessem ossos. Posso ouvir

vozes e agitação. Estou na rua dela. Os pés de hortelã-pimenta estendem seus braços de guarda-sol. E é o caos. É uma loucura. Disparo pelo caminho. Vejo uma ambulância e minha garganta se fecha. Um único carro de bombeiros está parado em diagonal no jardim de Eliza. Vizinhos molham a rua com suas mangueiras de jardim. Uma corrente de pessoas passa baldes de água de mão em mão até o local. Espectadores que não estão ajudando são empurrados para trás. E corro para encontrá-los, contorcendo-me entre eles até a frente. E ali, diante de mim, a casa dos Wishart crepita furiosamente de dentro para fora. É uma única caixa de chamas. Tiras vermelhas e laranja lambem as janelas quebradas. Mas elas parecem contê-las. É sufocante. Não dá para acreditar. Um homem barbudo vestido em cáqui grita para mim, mas permaneço onde estou, vasculhando a multidão. É uma parede de calor. Para enxergar em meio à fumaça, preciso estreitar os olhos. Mas ali está ela! *Ali!* Puta que pariu, ah, Deus, ali está ela, e quase desmaio porque ela está bem. Sou arrastado para trás por alguém que passa por mim firmemente em direção às labaredas. Ele diz algo ríspido por cima do ombro, mas não escuto. Eliza está parada, com as costas eretas, ao lado da mãe, que chora tendo um lenço no rosto. Observo a Sra. Wishart olhar brevemente para sua casa, contrair o rosto, virá-lo. Eliza olha desapaixonadamente, como se fosse a casa de outra pessoa.

E ali está o presidente do condado, deitado sobre a grama, sendo atendido pelos médicos da ambulância. Está claro que foi resgatado do interior da casa. Há uma máscara de oxigênio presa ao seu rosto. Observo enquanto o sentam cuidadosamente. Ele descansa os braços sobre os joelhos. Uma bandagem cobre sua perna direita. Seu cabelo está arrepiado e ele não usa uma camisa. Sua barriga é como uma bola. A pele está encardida e suada. Alguém lhe pergunta algo e ele balança debilmente a cabeça.

Há uma forte explosão, e a multidão se assusta. Ouço o estilhaçar de vidros. Todos se retraem, menos Eliza. Os voluntários

gritam instruções e se movimentam com mais urgência. Mais pessoas apareceram para ajudar ou observar. Algumas se posicionam como toureiros, com cobertores molhados, prontas caso focos de incêndio estoure, rezando para o vento não aumentar.

Meus olhos lacrimejam e tusso com a boca voltada para a axila. Está cada vez mais difícil respirar. O céu está vermelho e salpicado com flocos de cinza. O globo de neve antípoda.

Enxugo os olhos na camisa e olho novamente para Eliza Wishart, tentando um contato visual. Mas ela simplesmente olha para a frente. Não consigo ver seu rosto. Uma mulher lhe oferece água e algumas palavras gentis, mas Eliza as ignora, livrando-se da mão dela ao sacudir o ombro.

E, por algum motivo, lembro-me de Eric Cooke, perturbado e furioso, no momento em que finalmente lhe fizeram a pergunta. "Eu só queria machucar alguém", respondeu ele. Mas essa nunca foi a história completa, foi? Somente ele poderia saber e manteve seus segredos apertados no punho, no peito. E sempre há mais o que saber. Sempre. O mistério simplesmente é encoberto pela história. Ou o contrário? É torcido e enfiado em outro enigma. E penso em Jenny Likens, que também viu sua irmã morrer, que nada disse até o fim, que foi corajosa tarde demais. Que deve ter sido perturbada e atormentada cada dia depois, cujo coração deve ter se tornado mais doente do que suas pernas, que deve ter desejado rasgar e queimar aquela palavra na própria pele como uma tatuagem. *Desculpe*. E não duvido que ela quisesse ver aquela casa horrível ser consumida pelas chamas, exorcizada e arrasada, talvez com Gertrude Baniszewski no seu interior.

As chamas são dominadas mais ou menos uma hora depois. A casa está destripada, o telhado desaba. É apenas uma casca preta vazia. A fumaça diminui e o pôr do sol de Corrigan é um vermelho sem descrição. Parece que metade da cidade está aqui. Eliza não se mexeu. Permanece sozinha. Seu pai foi levado pela ambulância. A

mãe está sendo consolada por um grupo de mulheres que a abarrotam de lenços de papel e de preocupação.

As pessoas atrás de mim murmuram sobre como o incêndio deve ter começado. Tampos de fogão, vazamentos de gás, fios defeituosos, lareiras abertas, cigarros. Cada possibilidade é levantada e ponderada com um assentir. Ninguém lança sequer um olhar apressado à garota carrancuda, sozinha ali, encarando o que restou da sua casa sem choque ou pena.

E, então, alguém diz, como eu sabia que diriam. E falam sobre a agência dos correios, como eu sabia que falaria. E, é claro, recebe mais crédito do que poderia merecer. Quando ouço seu nome, surge novamente aquele caroço na minha garganta e a pressão no meu peito em ardência. Faz com que eu queira ceder, mesmo.

Porque eu sei a verdade. Sei o momento exato em que Jasper Jones abandonou Corrigan para sempre. Foi duas semanas atrás. Eu estava na minha rua, arremessando para Jeffrey, caminhando para a minha posição debaixo do calor seco. E não tenho certeza de como, mas parei e olhei para cima e, naquele momento, soube que ele tinha ido. Tive a confirmação mais tarde, naquela noite, quando encontrei uma garrafa de uísque, um maço de cigarros e uma caneta-tinteiro no meu parapeito. Mas, naquele momento, eu *senti* ele ir. Eu *soube*. E vasculhei a rua silenciosa, os gramados bem-arrumados, as portas fechadas e o sol tremeluzindo branco nos para-brisas, onde o único som era a cacofonia dos insetos. Sem aviões de reconhecimento. Sem buscas. Nada se moveu. Jasper Jones caiu para fora do mundo e ninguém notou. Ninguém se importou. E entendi. Eu soube exatamente o que ele quis dizer naquela noite. E tive de fechar os olhos depressa antes que Jeffrey pudesse ver.

E, agora, eles notarão, porque algo foi incendiado. Agora, procurarão por Jasper Jones. Mas, como Laura Wishart, nunca o encontrarão. Jasper é esperto e veloz demais para eles. É astuto e sagaz demais.

Viro as costas e me afasto deles. Atravesso o gramado até Eliza, que se vira com minha aproximação e curva os lábios num sorriso curto e triste quando coloco a mão no seu ombro. Finalmente, tenho as palavras certas em mim. E me inclino e sussurro-as no ouvido dela enquanto flocos de cinzas caem à nossa volta.

AGRADECIMENTOS

A equipe Silvey é abençoada com um número de sócios maravilhoso, leal e largamente não recompensado. Portanto, como uma simples recompensa, eis aqui uma saudação sincera e amorosa:

Aos meus pais, Rocket e Chris, sócios tão generosos quanto é possível encontrar. Todo esse empreendimento é simplesmente impossível sem sua disposição em ajudar.

À Dra. Wendy Were, que sendo a mulher mais inteligente no mundo:

a) me garantiu que seria uma boa ideia a compra de um Morris Minor 1978

e

b) ainda está para descobrir que sou um completo charlatão.

Ainda bem, ela continua a exercitar seu pobre julgamento ao dar seu apoio constante, sábio e sensato.

A Glyn Parry, que sempre se contorceu para ajudar meus rabiscos.

A Brooke May, que me veste e me faz parecer melhor e maior do que todos.

A Jane Palfreyman, pelo seu incrível entusiasmo e convicção, e a todo o pessoal da A&U, cuja boa vontade em apoiar esse livro foi sensacional.

A Ali Lavau, pelos seus métodos muito gentis para me alertar quando meu texto estava uma merda.

A Lou e Zoe, da Sleepers, obrigado por serem incríveis.

Aos livreiros e bibliotecários que apoiam meus livros e que nunca parecem receber o devido crédito nessas listas, muito obrigado.

A Benytron Goldfield, o santo padroeiro do beisebol, cujas convicção e confiança foram firmes e fantásticas, que consegue fazer tudo o que eu não consigo. Muito obrigado, senhor.

À minha rocha: minha amada Nancy Sikes e a todos próximos dela.

A Adam Caporn, o Keiffy do meu Migget. Muito bem.

À Srta. Michela Faith Cleary, ministra encarregada de exatidão botânica, pelo seu apoio permanente e crença teimosa e pelas velas de Carnac acesas para escritores exaustos.

A W. H. Arnden, que finalmente se tornou homem num chuveiro húngaro após um banho turco quente, cujo amor aos fatos é superado somente por sua afeição àquilo que não faz sentido.

A qualquer um tolo o bastante para morder a isca quando fiz a pergunta sobre o Batman.

E, finalmente, graças aos céus por Betsy, meu irmão, pelo inverno do "Vamos Acabar", por reduzir seus cartões de crédito a finos pedaços de plástico para levar Jasper adiante e por ser uma presença firme e constante em todo esse passeio ridículo.

Sobre o autor



CRAIG SILVEY nasceu em 1982. Escritor e músico australiano, ele cresceu em um pomar na cidade de Dwellingup, na Austrália Ocidental, e atualmente vive em Fremantle. *O segredo de Jasper Jones*, seu segundo romance, foi publicado em mais de 30 países e recebeu diversos prêmios literários.

Sumário

[Capa](#)

[Folha de Rosto](#)

[Créditos](#)

[Mídias sociais](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre o autor](#)